

MERGULHANDO NO REINO DAS PALAVRAS

ATIVIDADES DIDÁTICAS DE LITERATURA

SAULO GOMES THIAMÓTEO
(ORGANIZADOR)

Pibid

PROGRAMA INSTITUCIONAL DE
BOLSA DE INICIAÇÃO À DOCÊNCIA

 **CAPES**

 **UNIVERSIDADE
FEDERAL DA
FRONTEIRA SUL**
CAMPUS REALEZA

APRESENTAÇÃO

Diversos avanços foram feitos no trabalho com o texto literário em sala de aula. O mero copiar de informações do texto (em uma espécie de pesca-palavras) ou o biografismo isolado dos autores é algo que, se ainda for praticado, pretende ser de modo pontual e como etapa de uma leitura múltipla da literatura.

Porém, ainda subsiste uma visão de que há autores que “não se podem trabalhar” com os alunos, determinando, nos casos mais radicais, a idade com a qual os alunos poderiam ler algum autor. O que essas atividades, desenvolvidas ao longo de 2018 e 2019 pelo subprojeto PIBID – Letras, da Universidade Federal da Fronteira Sul, campus Realeza/PR, vinculado ao Núcleo de Letras: Língua Portuguesa e Língua Espanhola, buscam é mostrar que os autores clássicos não se restringem aos “adultos”, mas é possível ler Jorge Amado, Clarice Lispector ou Mia Couto desde o 6º ano do Ensino Fundamental. Por certo que raras serão as crianças de 12 anos que leem *Tieta do agreste*, *Perto do coração selvagem* ou *Terra sonâmbula*, mas, para que sejam futuros leitores dessas e outras obras, é preciso começar por alguma parte.

Nesse sentido, as atividades estão divididas por ano, indo desde o 6º ano do Ensino Fundamental até o 3º ano do Ensino Médio, em ordem alfabética de autores. Vale ressaltar que tais atividades são apenas propostas iniciais, sugestões para trabalho, de modo que se pretendem ser ideias a serem utilizadas e remanejadas pelos professores da maneira que julgarem mais proveitosa.

Abaixo, seguem os nomes dos autores e os respectivos acadêmicos responsáveis:

Adélia Prado	Márcia Lucia Finantes Binsfeld
Ariano Suassuna	Thaís Mendes da Purificação
Cecília Meireles	Karoline Glayra Gonçalves
Clarice Lispector	Amanda Dezan Barbosa
Fernando Sabino	Larissa de Vargas
Florbela Espanca	Atena Suiane Peter
Jorge Amado	Ana Maria Rodrigues
José Saramago	Adierfeson Nazareno Oliveira da Silva
Lygia Fagundes Telles	Angélica Brites de Miranda
Machado de Assis	Ingrid Vitoria Dias Freire
Mia Couto	Elisa Maria Ficanha Furlan
Miguel Torga	Fernanda Imaculada Milla
Millôr Fernandes	Hillary Keity de Gois
Monteiro Lobato	Elen Cristina Finger
Paulo Leminski	Flayra de Oliveira
Rachel de Queiroz	Iara Maria Adriano
Vinícius de Moraes	Carine da Silva
Vitorino Nemésio	Lais da Silva Ortega

Desejamos boa leitura e boas ideias!

Equipe do PIBID – Letras: Língua Portuguesa e Língua Espanhola

Prof. Dr. Saulo Gomes Thimóteo

Prof^a. Dr^a. Mariane Inês Ohlweiler

Prof^a Dr^a Andreia Cristina de Souza

A decorative graphic featuring several circles of various colors and sizes. The largest circle is blue and contains the text '6º ANO'. Other circles are green, red, yellow, light blue, purple, and pink, scattered across the white background.

6º ANO

6

Adélia Prado



Adélia Luiza Prado Freitas nasceu dia 13 de Dezembro de 1935 em Divinópolis, Minas Gerais, filha de Joao do Prado Filho e de Clotilde Correa. Conhecida como uma poetisa, professora, filósofa e contista Brasileira ligada ao Modernismo. Seu livro de estreia muito elogiado por Carlos Drummond de Andrade, que a definia como “Fenomenal”. Os textos literários versam sobre o cotidiano, fé Cristã, alegria e sobre a figura da mulher.

ADELIA PRADO.

Quando eu era Pequena.

Eu me chamo Carmela.

É um nome que não se usa mais, um nome antigo. Quando eu nasci, os nomes das meninas eram Luzia, Conceição, Clotilde, Rita, Aparecida e Ana. Ângela foi um nome diferente que apareceu. Queria muito me chamar Ângela ou Lucinha. Lucinha quer dizer luz pequenina. Não é lindo?

Nossos pais escolhem para nós os nomes que acham bonitos. Às vezes não gostamos. Meu pai costumava me chamar de Melona ou Melanita. Não me importava. 'Melona, me traz a binga', 'Melanita, me traz um gole de café'. Só me chamava assim quando estava muito alegre, por isso não me importava. A coisa mais boa é ver pai e mãe com cara alegre....

Cidade de Divinópolis-MG ,onde Adelia nasceu.



A autora Adélia Prado traz semelhanças entre ela e Carmela durante o texto “Quando Eu era pequena”. Como ser filha de um ferroviário, o hobby do pai em fazer pequenos móveis em ferro para ela brincar, caracterizando Carmela como religiosa, sendo que a escritora registra suas lembranças com o avô, quando ela e seus pais e irmãos moravam por algum tempo, registrando as dificuldades financeiras da família e as primeiras poesias declamadas para as visitas.

Com o texto “Quando eu era pequena”, o trabalho é “Resgatar Memórias”.Primeiramente fazendo a leitura para que os alunos revivam as suas memórias, lembrando de fatos que ocorreram em sua vida.

PROPOSTA PARA AULA :

Resgatando memórias.

* A proposta é de forma prática e criativa, fazer com que os alunos valorizem as histórias de seus familiares e da comunidade através de relatos pessoais, de fatos vivenciados que foi marcante em sua infância?

* Problematizar; O que são memórias? Qual a importância de suas memórias? Qual a importância de resgatar e valorizar a história de seus pais e avós?

* Após fazer a introdução do texto e fazer as perguntas. Inicia-se a contação de história. Onde cada um faz o relato oralmente da história marcante da sua infância. No próximo momento é feita a escrita desses relatos, por meio de cartas. Pedindo aos alunos que tenha um destinatário .

* Matérias: Diálogo e texto de memória, papel (o envelope caso não tenha fazer com a folha A4)

Quadro e giz, ou pincel.

6

Ariano Suassuna

O Santo e a Porca é uma comédia, escrita em 1964, do gênero dramático. Ariano Suassuna, por meio dessa criação, retrata a região do Nordeste brasileiro.

Ariano consegue transmitir, com maestria, a sabedoria popular e, também, é capaz de ambientar a narrativa para que os leitores consigam estar em contato com a cultura nordestina, pois a história representa essa manifestação cultural, trazendo consigo uma linguagem popular.

O Santo e a Porca é uma peça que trata da temática avareza em tom de humor. Através da singela história, podemos atentar para desdobramentos mais complexos, como a relação do homem com o divino e com o mundo material.

O mundo material é simbolizado pela porca de madeira. Neste sentido, a avareza é o sentimento que representa o apego do personagem Euricão aos bens materiais. A importância que dá à porca é tanta que, ao receber uma carta dizendo que seria tirado seu mais valioso bem, ele pensa na porca e não em sua filha.

Apesar da avareza, Euricão é ligado ao mundo espiritual por ser devoto de Santo Antônio. Na peça, o santo, além de casamenteiro, teria a função de proteger a fortuna do personagem.

O livro apresenta uma influência barroca, pois é marcado por antíteses, tais como:

- ⇒ Rico x Pobre
- ⇒ Dinheiro x Fé
- ⇒ Religião x Mundo Físico
- ⇒ Extravagância x Simplicidade
- ⇒ Avareza x Generosidade



Sugere-se que o docente trabalhe com uma adaptação da história. Disponível na íntegra em: SUASSUNA, Ariano. **O santo e a porca**/Ariano Suassuna; ilustrações Zélia Suassuna. – 25ª ed. – Rio de Janeiro: José Olympio, 2011.

Aqui se encontra um trecho correspondente ao terceiro ato.

EURICÃO — Ah, Santo Antônio poderoso! Até que enfim você se compadeceu de seu velhinho, de seu devoto de todos os momentos e de todas as horas! Pensei que estava obrigado a escolher entre o santo e a porca! Mas Santo Antônio não podia me exigir esse absurdo! Ai, minha porquinha, que alegria apertá-la de novo contra o meu coração! Que alegria beijá-la! Ó minha esperança, ó minha vida! Agora que encontrei não a largarei um só instante! Afastem-se, saiam de perto de mim. Agora é assim, minha porca e eu!

Afastam-se todos. A cena deve dar ideia da solidão de EURICÃO, solidão que vai crescendo até o fim.

EUDORO — Mas espere...

EURICÃO — Afaste-se! Saia de junto de mim!

EUDORO — Eurico, você guardou esse dinheiro muito tempo, não foi?

EURICÃO — Guardei, toda a minha vida! Quase toda a minha vida! Desde que minha mulher me deixou. Agora, posso falar nisso, pois tudo perdeu a importância diante da porca!

EUDORO — Eurico, o dinheiro não é tudo nesse mundo. Você tem sua filha, tem a todos nós que agora somos a sua família. Deixe de depositar toda a sua vida nesse dinheiro! Não dê tanta importância ao que não vale nada! Porque...

EURICÃO — Por que o quê? Que é que você quer dizer? Diga, termine!

EUDORO — Será melhor dizer mesmo, Eurico?

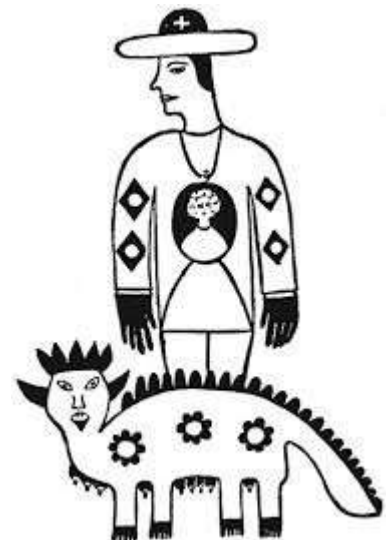
EURICÃO — Dizer o quê? Diga logo, é melhor do que me esconder alguma coisa grave. Que é?

EUDORO — Esse dinheiro está todo recolhido, Eurico! Tudo o que você tem aí não vale nem um tostão!

EURICÃO — Nossa Senhora, Santo Antônio! Você jura pelos ossos de sua mãe como é verdade?

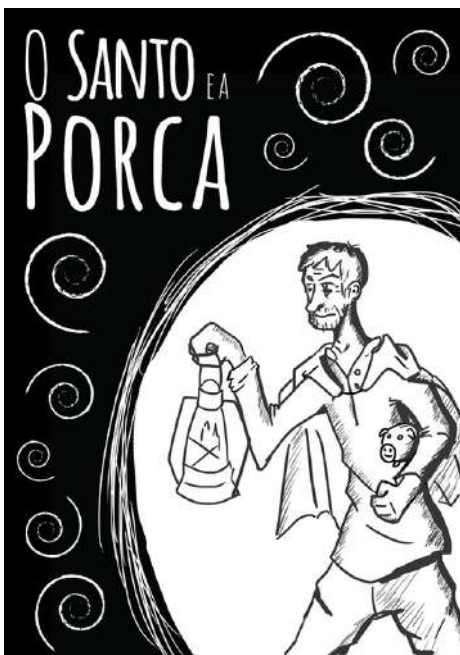
EUDORO — Juro.

EURICÃO — Está bem, eu acredito. Foi uma cilada de Santo Antônio, para eu ficar novamente com ele. Vou então ficar sozinho, novamente. E já que tem de ser assim, quero ficar aqui. Trancarei a porta e não abrirei mais para ninguém. Porque não quero mais ficar num mundo em que acontecem estas coisas impossíveis de prever.



PROPOSTA DE ATIVIDADE

Com base nas discussões, em sala de aula, acerca da moralidade apresentada nessa obra, sugere-se que os alunos criem suas próprias histórias em quadrinhos (HQ's).



Tais histórias devem se basear na sabedoria popular de sua comunidade de fala. Sendo assim, os estudantes precisam recorrer ao conjunto de moralidades aprendidas por meio do convívio social, para que, então, criem suas próprias HQ's representando a sua região geográfica.



Propõe-se que a linguagem utilizada seja informal, apresentando as variedades utilizadas, no dia a dia dos falantes, na localidade que o estudante se encontra.

Dodó: A culpa foi minha. Fui eu que causei sua desgraça e vim confessar tudo!

O santo e a porca



6

Cecília Meireles

O Menino Azul

O menino quer um burrinho
para passear.
Um burrinho manso,
que não corra nem pule,
mas que saiba conversar.

O menino quer um burrinho
que saiba dizer
o nome dos rios,
das montanhas, das flores,
— de tudo o que aparecer.

O menino quer um burrinho
que saiba inventar histórias bonitas
com pessoas e bichos
e com barquinhos no mar.

E os dois sairão pelo mundo
que é como um jardim
apenas mais largo
e talvez mais comprido
e que não tenha fim.

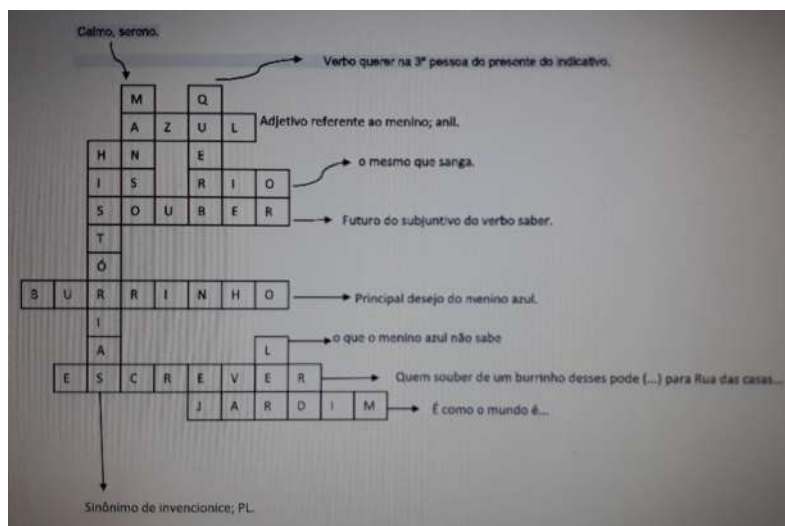
(Quem souber de um burrinho desses,
pode escrever
para a Ruas das Casas,
Número das Portas,
ao Menino Azul que não sabe ler.)

(Cecília Meireles)



Atividade

Após ler o poema, resolva a cruzadinha:





Sonhos da Menina

A flor com que a menina sonha
está no sonho?
ou na fronha?

Sonho
risonho:

O vento sozinho
no seu carrinho.

De que tamanho
seria o rebanho?

A vizinha
apanha
a sombrinha de teia de aranha...

Na lua há um ninho
de passarinho.

A lua com que a menina sonha
é o linho do sonho
ou a lua da fronha?

(Cecília Meireles)

1) O poema Sonhos de menina, de Cecília Meireles, fala sobre os sonhos que uma menina tem com os mais diversos sentidos. Pensando nisso, resolva a cruzadinha.

→ com o que a menina sonha

F									
L									
O	S								
F	R	O	N	H	A				
		N							
		H							
		C	A	R	R	I	N	H	O
						E			
						B	T		
						A	E		
						N	I		
						V	I	Z	I
						N	H	A	
						N	I	N	H
						O			

→ o que a menina faz

→ adorno de travesseiro

→ coletivo deovelhos

→ onde o vento está.

→ De que a sombrinha é feita

Quem apanha a sombrinha;
que mora ao lado
(quem?)

→ O que há na
lua

6

Clarice Lispector

Clarice Lispector criou várias histórias infantis, dentre elas, o livro *Quase de Verdade* onde quem narra o conto é Ulisses, o cachorro da autora, enquanto essa mesma, que entende tudo o que o animal fala, escreve essa história sobre corajosas galinhas que enfrentaram a figueira que as invejava por não conseguir dar figos.

Pela história ser narrada por um animal, pode despertar mais interesse nos alunos com relação aos conceitos de narrador, personagens, protagonistas, antagonistas.

Segue abaixo um recorte da história:



Era uma vez... Era uma vez: eu! Mas aposto que você não sabe quem eu sou. Prepare-se para uma surpresa que você nem adivinha.

Sabe quem eu sou? Sou um cachorro chamado Ulisses e minha dona é Clarice. Eu fico latindo para Clarice e ela — que entende o significado de meus latidos — escreve o que eu lhe conto. Por exemplo, eu fiz uma viagem para o quintal de outra casa e contei a Clarice uma história bem latida: daqui a pouco você vai saber dela: é o resultado de uma observação minha sobre essa casa.

Antes de tudo quero me apresentar melhor. Dizem que sou muito bonito e sabido. Bonito, parece que sou. Tenho um pelo castanho cor de guaraná. Mas sobretudo tenho olhos que todos admiram: são dourados. Minha dona não quis cortar meu rabo porque acha que cortar seria contra a natureza.

Dizem assim: “Ulisses tem olhar de gente”. Gosto muito de me deitar de costas para coçarem minha barriga. Mas sabido sou apenas na hora de latir palavras.

Sou um pouco malcriado, não obedeco sempre, gosto de fazer o que eu quero, faço xixi na sala de Clarice.

Fora disso, sou um cachorro quase normal. Ah, esqueci de dizer que sou um cachorro mágico: adivinho tudo pelo cheiro. Isto se chama ter faro. No quintal onde estive hospedado cheirei tudo: figueira, galo, galinha etc.

Se você chamar: “Ulisses, vem cá” — eu vou correndo e latindo para o seu lado porque gosto muito de criança e só mordo quando me batem. Pois não é que vou latir uma história que até parece de mentira e até parece de verdade? Só é verdade no mundo de quem gosta de inventar, como você e eu. O que vou contar também parece coisa de gente, embora se passe no reino em que bichos falam. Falam à moda deles, é claro.

Mas antes de começar, pergunto a você bem baixo para só você ouvir:

— Está ouvindo agora mesmo um passarinho cantando? Se não está, faz-de-conta que está. É um passarinho que parece de ouro, tem bico vermelho- vivo e está muito feliz da vida. Para ajudar você a inventar a sua pequena cantiga, vou lhe dizer como ele canta. Canta assim: piri-lim-pim-pim, piri-lim-pim-pim, piri-lim-pim-pim. Esse é um pássaro de alegria. Quando eu contar a minha história vou interrompê-la às vezes quando ouvir o passarinho.

E a história?

Bem, ela se inicia no enorme quintal de uma senhora chamada Oniria.



ATIVIDADES

Após a leitura do texto, se pode aplicar um questionário, oral ou escrito. As possíveis questões levantadas podem ser:


- 1- Quem é o narrador da história?
 - 2- Quem é a dona do Ulisses?
 - 3- Quem são os personagens principais da história?
 - 4- Todos os personagens são “do bem”? Se houver algum personagem malvado, escreva seu nome.
 - 5- Em sua opinião, esse personagem malvado é um dos personagens principais?
 - 6- Porque Oníria e as outras galinhas brigaram com a Figueira?
 - 7- Que letra as galinhas tinham antes de seus nomes? Porque?
-

Em um segundo momento se pode dividir a sala em duplas e sortear a imagem, ou o nome de um dos personagens do conto, para cada uma delas. Os alunos, então, terão que classificar conforme sua função na história.


Exemplo:



Nome: Ulisses
Função: Narrador
Características: Bonito, sabido e gosta de contar histórias. Tem o pelo castanho cor de guaraná e os olhos dourados



Nome:
Função:
Características:



Nome:
Função:
Características:

6

Fernando Sabino

O gênero textual crônica é uma narrativa curta, em que, na maioria das vezes, retrata algo do cotidiano das pessoas. Aparecem, geralmente, em revista e jornais e carregam fatos que ocorrem recorrentemente no ambiente urbano, sendo assuntos leves e de tom humorístico.

UMA LAGARTIXA

Ao acender a luz, dei com ela no teto do quarto. Eu morava sozinho e chegava em casa geralmente às duas, três da manhã, para enfrentar a solidão que, por mais amarga que fosse, não queria dividi-la na cama com uma lagartixa.

E era exatamente o que acabaria acontecendo, pouco importa esteja estabelecido que tal jamais acontece: consta que elas têm nas patas uma espécie de ventosa que as impede de cair, mesmo quando ficam assim, de cabeça para baixo. Pois para mim o bichinho podia muito bem acabar despregando do teto e caindo em cima da cama. No momento, ela se achava justamente na parte do teto perpendicular ao travesseiro.

Ora, devido a uma rinite alérgica que me persegue há anos, volta e meia estou de nariz entupido, o que em geral me força a dormir de boca aberta. E eu sentia minha pele se arrepiar, só de imaginar uma situação na qual, por uma dessas absurdas coincidências que só acontecem nas comédias do Gordo e o Magro, ela caísse diretamente na minha boca.

Meu primeiro impulso foi de dar meia-volta, apagar a luz, sair de casa e ir dormir num hotel. Logo me ocorreu que teria de fazer das tripas coração e enfrentá-la de qualquer maneira, pois, se fugisse, não saberia jamais se ela acabara indo embora ou instalara-se definitivamente no meu quarto, para me fazer companhia. A verdade é que se eu saísse, seja homem! Não poderia voltar ali nunca mais.

Ela permanecia imóvel e tive a impressão de que também tomara consciência da minha presença. Cheguei a achar, mesmo, que me olhava lá de cima com o rabo dos olhos – se é que se pode usar esta expressão em relação ao olhar de uma lagartixa.

Foi quando, por artes do demônio, a luz se apagou.

Uma das fatalidades que me perseguem é a peculiaridade que têm as lâmpadas e aparelhos elétricos em geral de proceder segundo misteriosos desígnios, ligando e desligando por



se mesmos, sem nenhuma interferência de minha parte. Alguns nem sempre obedecem ao comando dos comutadores, senão o de um tapa ou um simples sacolejo adequadamente aplicados. Assim era a luz do meu quarto, que se acendia e se apagava por conta própria. Muitas vezes eu dormia de luz apagada e acordava com ela acesa, ou vice-versa – o que me dava a inquietante impressão de ter alguém vivendo comigo naquele quarto.

Mas não uma lagartixa. Tornei a acender a luz, que desta vez obedeceu ao comutador, e verifiquei, apreensivo, que a bichinha havia desaparecido.

O que, em vez de resolver o problema, complicava-o ainda mais: onde haveria se metido? Não tivera tempo de sair pela janela, como seria ideal que acontecesse, muito menos pela porta, cujo desvão eu ocupava. De preferência talvez tivesse descido pela parede, ocultando-se atrás da gravura do Calasans, ou do desenho do Bruno Giorgi, quem sabe atrás do armário, do outro lado?

De subido senti meu corpo gelar: ali estava ela, a pouco mais de meio metro da minha cabeça e a menos de um palmo do comutador de luz que minha mão havia tocado segundos antes. Tivesse eu no escuro roçado com a ponta dos dedos naquela matéria úmida e fria, mas latejante de vida, certamente daria um berro capaz de acordar o quarteirão inteiro.

Desta vez ela me olhava, um olhar a um tempo amigo e cauteloso, cabecinha levantada, com ar encabulado de alguém apanhado em flagrante. Certamente fora surpreendida quando pretendia valer-se da escuridão para deslizar parede abaixo, ganhar o chão e se esconder em algum lugar, meu Deus, até mesmo debaixo da cama.

E ali ficamos os dois, anos olharmos, como que fascinados um com o outro, sem fazer o menor movimento. Numa espécie de alucinação nascida da repugnância, por um instante a vi sob uma perspectiva deformada, que a colocava não ali no meu nariz mas à distância, e era enorme como um réptil antediluviano. Logo a realidade se refez e me enchi de coragem, respirando fundo: era agora ou nunca. Tivesse eu ao alcance da mão algum objeto contundente, um pedaço de pau, uma vassoura, e acabaria com ela num só golpe. Mas se fosse buscar uma vassoura na cozinha, ao voltar ela já estaria em lugar incerto e não sabido.

Então me ocorreu descalçar o sapato, e o fiz sorratamente, para que ela não percebesse, embora não tirasse os olhos de mim; empunhei-o firmemente e desferi com o salto uma violenta pancada na parede. Apenas na parede – porque ela, num prodígio de agilidade, havia escapado ao golpe mortal, deixando-se cair ao chão e fugindo para debaixo da cama.

O instinto de luta se acendeu em mim. O corpo tenso, os dentes cerrados, eu me transformara num animal feroz, pronto a estabelecer o seu domínio, impor a lei do mais forte, como numa disputa pela sobrevivência entre as duas espécies – ou ela, ou eu. A expectativa do combate de vida ou morte prestes a ser travado me levava ao auge da excitação, transformando-me num monstro de bravura: eu matava, eu esmigalhava, eu reduzia a nada aquela miserável intrusa.

Tomei cuidadosamente a lâmpada de cabeceira e coloquei-a no chão. Depois me abaixei para olhar debaixo da cama. Quando acendi a lâmpada, ela foi apanhada em cheio no foco de luz, encolhida junto ao rodapé, imóvel, os olhinhos brilhando, à espera. Ergui-me de supetão, puxei com força a cama para o meio do quarto, de um salto estava do outro lado, onde ela se refugiara.

É agora! Saí desferindo com o sapato furiosos golpes contra o chão, e ela se deslocava desesperadamente de um lado para o outro, requebrando-se numa dança frenética. O desesperado agora era eu, dando sapatadas a esmo sem conseguir alcançá-la. Houve um momento em que ela, desatinada, agitando o rabo, acabou vindo em minha direção, embaraçou-se no meu pé descalço como se pretendesse subir pela perna acima... Minha aflição chegou ao máximo, e eu simplesmente a esmigalhei com o calcanhar. Depois dois a náusea ao remover a meia empapada naquela massas viscosa e repelente... E então eu vi.

Vi a cauda, separada do corpo, sair se mexendo pelo chão do quarto, fremente de vida. E tive a sensação, pungente como um remorso, de ter cometido um crime.

ATIVIDADE

1) Esta é uma crônica de Fernando Sabino que retrata um acontecimento banal do cotidiano, que podem ocorrer com todos nós. Por meio da leitura, vamos realizar um conversa sobre o texto.

Como é uma lagartixa?

(Falar sobre as características de uma lagartixa, ex: Réptil pequeno, nojento, pode ser das cores verde, amarela, marrom e preta, escalam paredes e possuem um rabo grande em relação a seu corpo.)

O que aconteceu na história? Algo parecido já aconteceu com vocês?

(Fazer uma breve retomada do texto de forma que instigue os alunos a contarem alguma história semelhante.)

O que você imagina que passou na cabeça da lagartixa?

(Incitar o uso da imaginação e despertar a criatividade dos alunos.)

2) Vamos nos imaginar agora no lugar de nosso animal de estimação.

Vocês têm algum bichinho em casa?

(Resposta pessoal.)

Você acredita que os animais tem sentimento e entendem o que vocês falam?

(Resposta pessoal.)

3) Cada um agora, pode contar uma história sobre seu animal preferido. Imaginem-se como sendo esse animal: Será que ele pensa? O que ele sente? Ele entende o que nós falamos? Como é a comunicação entre eles?

(Estimular os alunos para que dentro da historinha sobre seu animal, eles possam se imaginar no lugar desse animal e pensar se eles teriam as mesmas reações desse animal, se eles entendem, se comunicam, etc.)

6

Florbela Espanca

Florbela Espanca, nasceu em 8 de dezembro de 1895, em Vila Viçosa, foi uma poetisa portuguesa a qual deixou suas marcas no mundo através de versos e obras repletas de nostalgia, dor e um desejo de alcançar a felicidade. Sua saudade teve inspiração na realidade de seus matrimônios fracassados, na perda de seus entes queridos e em sua saúde frágil, acompanhada da depressão. Foi precursora do movimento de emancipação feminina de seu país, escreveu em seu último ano um diário no qual se despede, assim, se suicidando no dia de seu aniversário, em 8 de dezembro de 1930.

A seguinte poesia foi retirada da sua primeira obra poética editada, na qual declara e expõe suas mágoas e saudades para seu pai e irmão.

Desejos Vãos

Eu queria ser o Mar de altivo porte
Que ri e canta, a vastidão imensa!
Eu queria ser a Pedra que não pensa,
A pedra do caminho, rude e forte!

Eu queria ser o Sol, a luz imensa,
O bem do que é humilde e não tem sorte!
Eu queria ser a árvore tosca e densa
Que ri do mundo vão e até a morte!

Mas o Mar também chora de tristeza ...
As árvores também, como quem reza,
Abrem, aos Céus, os braços, como um crente!

E o Sol altivo e forte, ao fim de um dia,
Tem lágrimas de sangue na agonia!
E as Pedras ... essas ... pisa-as toda a gente! ...

Florbela Espanca, em "Livro de Mágoas"

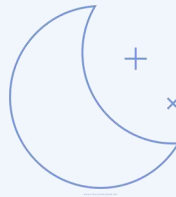
A seguinte atividade tem como objetivo avaliar a capacidade de um aluno do 6º ano de compreender um texto e expressar uma escrita criativa. Sendo esta, produzida em quantas aulas o professor desejar.

1. Como primeira parte da atividade sugere-se que o professor apresente a definição do que é poema, para uma maior compreensão do aluno (ou que a atividade seja desenvolvida quando o aluno já possui conhecimento prévio do assunto). Logo, o poema “Desejos Vãos” deve ser apresentado aos alunos de uma forma que os faça identificar com sua realidade, como, por exemplo: o que os alunos gostariam de ser na natureza e porque?

2. Por segundo, sugere-se sejam feitas perguntas sobre o texto, como:

- A) Sobre o que o poema fala?
- B) Como a pessoa do poema gostaria de ser e porque?
- C) Quais as características da pedra e da árvore?

3. Por fim, o pedido de reescrita do poema pode ser feito com base na pergunta “o que você quer ser?”, feita aos alunos. Como sugestão, as regras poéticas de métrica não precisam ser aplicadas nas escritas dos alunos. Sendo que, o objetivo da atividade seria analisar a capacidade de compreensão e criação do aluno.



6

Jorge Amado

“A bola e o goleiro”

Vou contar a quem queira ouvir a história da bola Fura-Redes e do goleiro Bilô-Bilô, o Cerca-Frango, uma historinha para ninguém botar defeito, breve e louca como a vida.

O destino das bolas de futebol é fazer gols e a bola Fura-Redes, como o nome indica, era a maior especialista do país na quantidade e na qualidade dos tentos assinalados. Gols olímpicos, e do efeito, de folha-seca, de letra, de bicicleta, de placa, incomparáveis.

Por isso mesmo tornou-se conhecida e aclamada como Esfera Mágica, Goleadora Genial, Pelota Invencível e Redonda Infernal, pelos locutores enlouquecidos ao microfone, quando a viam atravessar o campo, de passe em passe, de finta em finta, para marcar mais um tento sensacional.

A bola Fura-Redes era o pavor dos goleiros, a paixão dos pontas-de-lança e dos comandantes de ataque, a bem-amada da torcida. Nascera para cruzar o arco, bater-se alegre contra as redes, provocar o grito de guerra e de vitórias da galera.

Lustrosa, leve e atrevida, a mais redonda das pelotas, apesar de muito jovem, logo se tornou popularíssima devido ao número de tentos já marcados, cerca de seiscentos; muitos em cada partida. Vários para a equipe A e vários para a equipe Z, pois Fura-Redes mantinha-se absolutamente imparcial quando se exibia no gramado.

Marcava gols para as duas equipes, não protegia qualquer delas, era correta e justa. Assinalaria maior número de tentos o time que mais procurasse o ataque, buscando encurralar o adversário. Com ela, os artilheiros não erravam os chutes, não desperdiçavam bolas nas traves. Mas, sendo igualmente bondosa, dotada de um coração de ouro, Fura-Redes tampouco deixava a outra esquadra em jejum: pelo menos um golzinho de consolação ela lhe concedia antes que o juiz trilasasse o apito, dando o desafio por terminado.

Fura-Redes fora proclamada inimiga número um do zero no placar. Os resultados das partidas que jogava davam conta da impressionante vocação da Redondinha para o gol. Redondinha, carinhoso apelido que lhe dava o Rei do Futebol. Escores sempre altos: cinco a quatro, sete a seis, seis a seis. Ou bem violentas goleadas: seis a dois, oito a três, cinco a

um, quando se fazia evidente a diferença de qualidade entre dois clubes, o campeão, dono do gramado, e o adversário, um timinho qualquer, de última categoria.

Atingira Fura-Redes o ponto mais alto de sua brilhantíssima carreira; falava-se nela para ser a bola oficial da próxima Copa do Mundo. Os principais artilheiros dos grandes clubes, os maiores pontas-de-lança do país morriam de amores por ela, todos queriam ser seus favoritos para alcançar o recorde mundial de gols. Mas a heroína dos gramados não revelava preferência por nenhum deles. Partia em direção ao arco tanto do pé do maior dos craques, desconhecido. Para ela todos eram iguais, servia-se deles para buscar o gol e desatar a vibração do povo nos estádios a cada tento que marcava, todos dignos de placa. Fura-Redes jamais se apaixonara.

Um dia, porém, como sucede com todas as criaturas, Fura-Redes se apaixonou e logo por quem! Em lugar de se apaixonar por um artilheiro, por um centro-avante, um ponta-de-lança, entregou seu coração a um goleiro, ao último dos goleiros, a Bilô-Bilô Mão Podre, engolidor de frangos.

O goleiro Bilô-Bilô iniciara sua carreira de goleiro sendo saudado em campo com diversos apelidos, cada qual – como direi? – mais caloroso: Cerca-Frango, Mão-Podre, Rei-do-Galinheiro e outros nomes ainda mais feios que eu não reproduzo aqui por ser esta historinha dedicada ao público infanto-juvenil. Pois bem: Bilô-Bilô transformou-se no aplaudido, no popularíssimo Pega-Tudo, o Tranca-Gol, o Aranha, o Maior de Todos.



<https://pt.depositphotos.com/197574370/stock-illustration-soccer-football-goalkeeper-catching-ball.html>

Dizem ter sido a camisa cor de caramelo usada por Cerca-Frango a causa da paixão de Fura-Redes. Quando o avistou no arco daquele time fuleiro que ainda não ganhara nenhuma partida no campeonato, que recebera goleada sobre goleada, Fura-Redes perdeu a cabeça, não teve olhos para mais ninguém. Apenas iniciada a partida, ao ser chutada com violência para o arco, foi aninhar-se nos braços do Rei-do-Galinheiro. Pela primeira vez na vida, Cerca-Frango viu-se ovacionado num estádio.

Fura-Redes continuou a fazer gols sensacionais nos demais goleiros, um gol atrás do outro. Mas quando entrava em campo a esquadra em cujo arco Pega-Tudo se exibia, era aquela glória. O arqueiro adversário engolindo bola sobre bola, enquanto Pega-Tudo recolhia a pelota de mil maneiras diferentes, em defesas nunca vistas antes. Outra coisa não desejava Fura-Redes além de aninhar-se nos braços de seu namorado.

Para não faltar com a verdade, devo dizer que Bilô-Bilô mantinha-se igualzinho, não mudara: continuava sem saber se posicionar entre as traves, não saía do arco no momento certo, faltava-lhe visão do gol, enfim, prosseguia péssimo. Apenas defendia tudo, absolutamente tudo.

Cerca-Frango cercava a bola por um lado, ela estava no outro, a galera já gritava go-o-o-ol! E, de repente, na hora agá, o que se via? Via-se a bola encaixada nas mãos de Pega-Tudo, apertada contra o coração do goleiro, nos braços de Bilô-Bilô, sossegadinha, feliz da vida. Em lugar de um novo gol de Fura-Redes, a torcida saudava mais uma portentosa defesa de Pega-Tudo.

Durante um tempo mais ou menos, Fura-Redes e Tranca-Redes, ex-Cerca-Frango, dominaram os estádios brasileiros empolgando multidões nas festas de tentos maravilhosos e de defesas deslumbrantes. Ocupavam as manchetes dos jornais, as telas das televisões e dos cinemas, obrigavam os locutores a criarem expressões novas, ainda grandiloquentes, aumentativos colossais para descrever os feitos da Bola e do Goleiro.

Depois de varar redes, aumentando o placar da surra humilhante aplicada na equipe adversaria, a Redondinha vinha redondinha, acolher-se nos braços de Bilô-Bilô, aconchegar-se em seu peito. Por mais de uma vez aconteceu Tranca-Redes beijar Fura-Redes e então, no estádio, o numeroso público delirava.

Parecia um milagre e assim era: milagre de amor não tem explicação, não necessita. Um dia os jornais, as rádios, as cadeias de televisão anunciaram para o Brasil e para o milagre de amor não tem explicação, não necessita. Um dia os jornais, as rádios, as cadeias de televisão anunciaram para o Brasil e para o mundo inteiro que o Rei do Futebol havia faturado o gol novecentos e noventa e nove e se preparava para varar o gol número mil, notícia empolgante e alvissareira. Jamais outro artilheiro realizara tal façanha, metera mil gols nas redes adversarias.

Movimentaram-se os goleiros do Brasil e de todos os países, todos queriam a honra e a glória de engolir o gol número mil do Rei. Vieram telegramas propondo famosos quípers estrangeiros, mas os brasileiros protestaram com razão: tinha de ser um goleiro nacional.

Caberia a Bilô-Bilô aquele feito supremo: cercar o frango no milésimo gol do craque sem igual, pois cumprindo calendário do campeonato entraram em campo ou melhor adentraram o gramado – em embate tão importante não se entra em campo. Adentra-se o gramado – a equipe do Rei e aquela cujo arco era guardado por Bilô-Bilô.

Evidentemente a bola escolhida para o desfecho não podia ser outra senão a famosa Fura-Redes, a quem o Rei, como se sabe, galanteava dizendo-lhe “Redondinha, minha formosa namorada”.

Nos últimos segundos, porém, quando o público, decepcionado por não ter assistido ao gol numero mil, começava a deixar o estádio, o juiz marcou um pênalti contra o time de Bilô-Bilô, pênalti que ninguém tinha cometido. Roubo claro e evidente, foi, no entanto, aplaudidíssimo pois ia possibilitar que aquele imenso público visse e comemorasse o milésimo gol do Rei: mais do que ninguém, vibrou o nosso conheci-



do Cerca-Frango pronto para cercar o frango real e o engolir inteiro.

Ainda hoje muita gente não acredita no que aconteceu em campo naquela tarde de sol com milhares de bandeiras desfraldadas no estádio onde mais de duzentas mil pessoas se comprimiam, gritando e aplaudindo. O time do Rei do Futebol, que devia ganhar de goleada, apanhou uma surra de criar bicho. Fura-Redes pintou e bordou e quando faltavam alguns segundos para a partida terminar, o score subia a cinco a zero contra a equipe do Rei.

Colocou-se a bola Fura-Redes na marca do pênalti, um silêncio enorme cobriu o estádio. O Rei do Futebol tomou distância para dar ainda mais força ao chute potentíssimo, indefensável e fazer um límpido gol de placa. Postou-se no arco Bilô-Bilô envergando a vistosa camisa cor de caramelo, nos lábios um riso de contentamento, pronto para não fazer a defesa, para engolir o frango cru, com penas e tudo. Aliás nem se postou no centro do arco como era sua obrigação, ficou encostado na trave direita, do lado de fora, deixando o espaço livre para que Fura-Redes nele pene-



trasse. Ninguém protestou, todos entenderam o gesto do arqueiro: iria se immortalizar ao receber aquele gol.

Correu o Rei, chutou com a máxima violência a meia altura diante do arco vazio, Duzentas e quatro mil trezentas e dezoito pessoas, sem contar os jornalistas, os cartolas e os penetras, viram Fura-Redes ser atirada com potente e certo chute do Rei do Futebol contra o desguarnecido arco de Bilô-Bilô.

Puseram-se todos de pé no estádio, preparados para aplaudir, até o fim do dia e pelo resto da semana, o gol número mil do Rei do Futebol. Viram então Fura-Redes dar meia-volta no ar, desviar-se antes de cruzar o arco, dirigindo-se, dengosa, para onde estava Bilô-Bilô vestido com a camisa cor de caramelo: queria aninhar-se em seus braços.

Mudou Cerca-Frango de posição, fugindo rápido para o outro lado, Fura-Redes fez o mesmo, a busca-lo. Assim ficaram os dois durante alguns minutos, um tempo enorme, correndo em frente às traves, de uma a outra, até que, desesperado, Bilô-Bilô disparou campo afora deixando o arco à disposição da bola. Mas Fura-Redes partiu atrás de seu goleiro e o perseguiu até que o alcançou diante do arco adversário e em seu peito se aninhou redondinha e amorosa.

Assim terminou a carreira futebolística da bola Fura-Redes e a do goleiro Cerca-Frango que foi o pior e o melhor de todos os goleiros. O que fizeram depois? Ora, o que fizeram! Se casaram e viveram felizes para sempre.

Bahia, janeiro de 1984.

Compreensão e Interpretação!

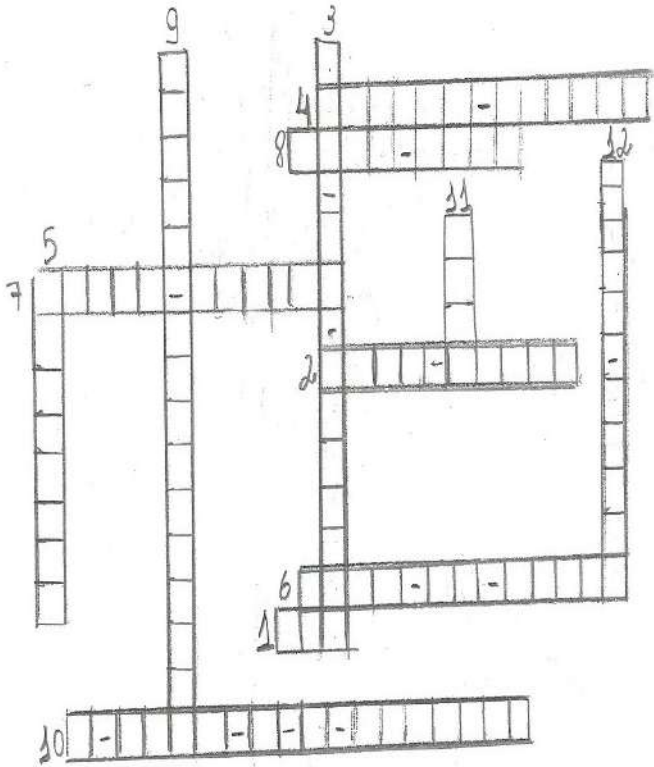
1) Ao longo do texto, o narrador faz a apresentação e a caracterização dos personagens:

- a) Quem são os personagens principais e descreva como eram conhecidos.
- b) Fura-Redes nascera com uma função, qual era?
- c) Qual teria sido o motivo pelo qual Fura-Redes se apaixonou por Cerca-Frango?
- d) Com suas palavras, descreva o que aconteceu no dia do grande clássico em que o Rei marcaria seu gol de número mil.

2) Agora reflita por um momento a seguinte questão: se você fosse o autor da historinha, como teria sido o final? Compartilhe com seus colegas.



3) Cruzadinha:



1. Destino das bolas de futebol;
2. Nome da personagem apaixonada;
3. Buscava o gol de número mil;
4. Fura-Redes era conhecida também como;
5. Cor da camisa de Bilô-Bilô, no dia em que Fura-Redes se apaixonou;
6. Fura-Redes era candidata a ser a bola oficial da...
7. Um dos apelidos de Bilô-Bilô;
8. Caberia a quem o feito supremo do pênalti?
9. Onde acontece a historinha;
10. Nome da obra;
11. Essa é uma historia de...
12. Nome do autor.

Pratica escrita e oral

4) Agora por um momento relembre um momento especial sua infância...
Relate em seu caderno e em seguida leia/conte para à turma.

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....



6

José Saramago

O conto “A maior Flor do Mundo”, do escritor José Saramago, traz o lúdico, e inocência dos contos infantis, em que neste pequeno conto a aventura é carregada de simbolismos e valores, enredando o leitor a buscar com as pequenas grandes ações de uma criança, as transformações necessárias de seu ambiente.

A Maior Flor do Mundo

José Saramago

Havia uma aldeia... e um menino....

... Sai o menino pelos fundos do quintal, e, de árvore em árvore, como um pintassilgo, desce o rio e depois por ele abaixo.

Em certa altura, chegou ao limite das terras até onde se aventurara sozinho. Dali para diante começava o “planeta Marte”. Dali para diante, para o nosso menino, será só uma pergunta: Vou ou não vou? E foi.

O rio fazia um desvio grande, afastava-se, e de rio ele estava já um pouco farto, tanto que o via desde que nascera. Resolveu cortar à direita pelos campos, entre extensos olivais, ladeando misteriosas sebes cobertas de campainhas brancas, e outras vezes metendo pelos bosques de altas árvores onde havia clareiras macias sem rasto de gente ou bicho, e ao redor um silêncio que zumbia, e também um calor vegetal, um cheiro de caule fresco. [...]



contextualizando

O texto a seguir do portal G1 traz dados coletados da agência espacial dos EUA, referente às queimadas na Amazônia em 2019, ano em que houve um grande aumento de focos de incêndio na região.

Nasa diz que 2019 é o pior ano de queimadas na Amazônia brasileira desde 2010

Agência dos EUA disse que suas estatísticas corroboram com as do Inpe e que no Pará e no Amazonas os principais focos estão localizados às margens das rodovias..

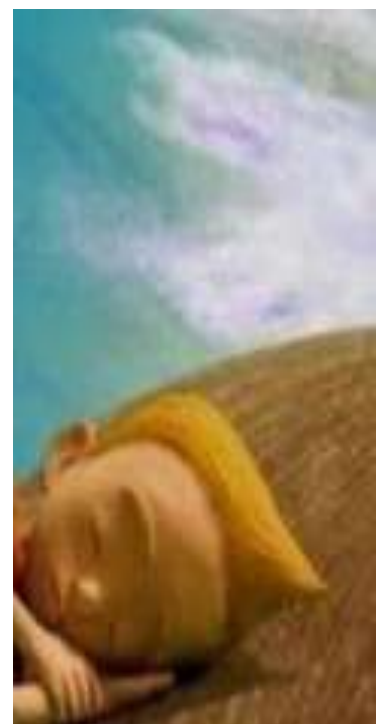


<https://g1.globo.com/natureza/noticia/2019/08/23/nasa-diz-que-2019-e-o-pior-ano-de-queimadas-na-amazonia-brasileira-desde-2010.ghtml>

Segundo o autor, é possível transformar o meio em que vivemos com pequenas ações narradas e vivenciadas pelo protagonista da história que muda o seu mundo e as pessoas em seu entorno. Embora se saiba que o mundo é bem maior que um conto. O que nos leva a vivenciar grandes transformações no âmbito de preservação ambiental, assunto bastante discutido em vários meios de comunicação atualmente. Então é possível ajudar um ecossistema tão grande como a floresta Amazônica? e quais medidas poderiam se tomadas para coibir o aumento das queimadas?

O que vamos aprender nestes dois textos

- ◆ *O ser humano, a vida e suas relações (amor, respeito, valores etc.)*
- ◆ *Até que ponto o conto se encontra com a realidade*
- ◆ *A importância da preservação da natureza e suas espécies*



Aplicação de Atividades

“As histórias para crianças devem ser escritas com palavras muito simples...

Quem me dera saber escrever essas histórias... ”

José Saramago

Com base nas propostas de leituras, elabore atividades com as alunos correspondentes aos textos 1 e 2 .

Para o texto 1

Uma boa dica para contar história para este ano e trazer a ludicidade e formas criativas e alegres. Exemplos que se pode usar (fantoches, e teatro feito com desenhos colados em palitos de churrasco utilizando o cenário uma caixa de papelão)

Abaixo endereço de como fazer:

<https://www.youtube.com/watch?v=TvFGCcFUpDQ>

Teatro de sombra: link a baixo pra seguir de modelo

https://www.youtube.com/watch?v=atf_b-hlFsE

Para o texto 2

Sugestão elabore uma roda de conversa, exemplificando o texto como base, dando importância ao fato da preservação da natureza e a importância de evitar as queimadas, (distribua um pequeno questionário e ao final estes possam exercer sua criatividade, criticas exemplificando a problemática em forma de desenho ou exposição oral) e ao final exponha em um mural para que outros alunos possam vê o trabalho feito.



6

Lygia Fagundes Telles

“Reunido na antologia *Venha ver o pôr do sol e outros contos*, publicado em 1988, a narrativa breve de **Lygia Fagundes Telles** tem apenas dois personagens centrais: Ricardo e Raquel, um antigo casal de namorados. Após o rompimento, Ricardo convida Raquel para um último passeio um tanto quanto sinistro. Após enorme insistência, Raquel aceitou encontrar-se com Ricardo as escondidas. O lugar sugerido pelo ex-namorado foi um cemitério abandonado e distante. A moça estranhou o lugar escolhido, mas por fim cedeu a pressão e foi ao seu encontro. Ricardo prometeu mostrar o pôr do sol mais bonito do mundo.

Disponível na íntegra em: TELLES, Lygia Fagundes. **Antes do baile verde**. Rio de Janeiro: Bloch, 1970.



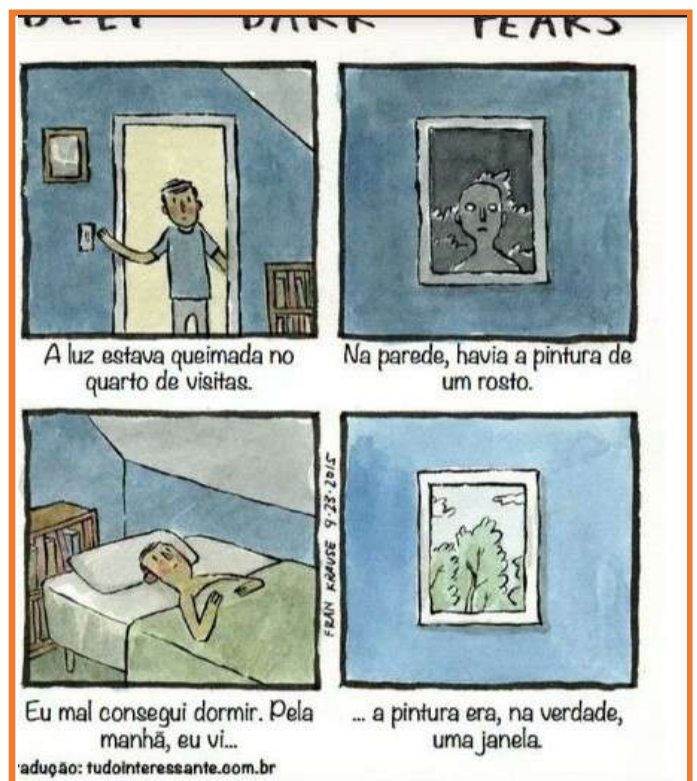
Fonte: <https://i.pinimg.com/originals/da/fd/16/>

A partir da leitura, iniciar uma análise do texto, destacando as atitudes das principais personagens, onde a história é narrada, que sentimentos provocaram.

Buscando uma intertextualidade com o Conto acima lido, projetar algumas tirinhas que trazem a temática do medo e do suspense.



https://pm1.narvii.com/6389/03f6b152ef01602ad3534243556912a131e9656c_hq.jpg



<https://encrypted-tbn0.gstatic.com/images?q=tbn:ANd9GcScKVTN0kGFRA>

Após, a projeção de algumas tirinhas, perguntar aos alunos se estes lembram de alguns medos que possuíam na infância, se ainda possuem, destacando a normalidade em sentir medo, que é um sentimento natural e que todos possuem.

Em seguida, perguntar se estes conhecem Histórias em Quadrinhos, se já leram alguma.

O que é História em Quadrinhos?

Essas histórias possuem os mesmos fundamentos básicos das narrativas, tais como o romance ou, um conto, por exemplo. Esses elementos são: enredo, personagens, tempo, lugar e desfecho. E ainda podem apresentar uma linguagem verbal e não-verbal.

Em síntese, história em quadrinhos, ou HQ, é o nome dado a arte de narrar histórias por meio de desenhos, com diálogos ou não, dispostos em sequência.

Atividade Proposta:

Após ser abordado brevemente o que é um história em quadrinhos, propor aos alunos para que criem sua própria história, com base na temática acima discutida.

As histórias em quadrinhos serão posteriormente colocadas no mural da sala de aula.

6

Machado de Assis

Apólogo é uma narrativa que busca ilustrar lições de sabedoria ou ética, através do uso de personagens inanimados com personalidades diversas. A fábula deve ser discutida na resolução da questão b.

A fábula apresenta um aluno contando a seu professor, a história que se dá a discussão entre a linha e a agulha, sendo que ao fim, a linha ganha a discussão, por ser a qual desfruta de momentos novos por estar ligada a roupa, a agulha fica triste por ter de abrir caminho para a linha, mas ser apenas ela a desfrutar, ao fim há um professor de melancolia, que se compara a tal história, sendo ele então, responsável por abrir caminho a várias linhas ordinárias (alguns alunos que não reconhecem o seu trabalho).

A proposta da aula é entender mais sobre o gênero conto e os aguçar para a interpretação de texto. De início é feita uma apresentação do autor Machado de Assis, falando que é um dos maiores e mais importantes escritores brasileiros, suas obras até hoje são reconhecidas por sua originalidade, sendo ele responsável por obras realistas, as quais buscavam retratar a realidade.

Sendo assim, é exposta a fábula, peça que enquanto se é feita a leitura eles sublinhem palavras desconhecidas aos seus vocabulários (você pode dar os significados a eles, ou também pedir para que procurem no dicionário, fica a cargo do professor essa escolha), logo após pedir para que respondam no caderno as seguintes questões:

a) faça uma breve resenha de interpretação sobre o texto

b) qual a classificação do texto?

R= fábula, o qual ocorre o uso de um objeto ou animal por seu valor simbólico.

c) aonde esta localizado o conflito principal e como se dá este conflito?

d) em sua opinião o que o professor quis dizer com “*Também eu tenho servido de agulha a muita linha ordinária.*”

R= A fábula retrata uma história que é também associada a realidade, a desvalorização da profissão da qual vem várias outras profissões, do professor, que educa, que ensina e que abre as portas para o futuro para diversas opções. ‘professor, a profissão que forma outras profissões’

e) quem estava a contar a história?

f) produza uma frase para expressar a ideia principal que o texto quer nos passar?

g) o que é uma metáfora. Em qual parte podemos observar uma?

R= dizer uma coisa, se dizendo outra. Podemos observar na fala do professor “Também eu tenho servido de agulha a muita linha ordinária.”

h) mande sublinhar e procurar no dicionário as palavras. Peça para que leiam as respostas, enquanto você registra no quadro.

6

Mia Couto

Identidade

Preciso ser um outro
para ser eu mesmo

Sou grão de rocha
Sou o vento que a desgasta

Sou pólen sem insecto

Sou areia sustentando
o sexo das árvores

Existo onde me desconheço
aguardando pelo meu passado
ansiando a esperança do futuro

No mundo que combato morro
no mundo por que luto nasço

*Mia Couto, in "Raiz de Orvalho e
Outros Poemas"*



Duração: 2 horas/aula de 50 minutos cada.

Dentre a grandiosidade de obras do moçambicano Mia Couto, opta-se pelo trabalho com aspectos identitários, considerando a importância do reconhecimento pessoal e social aos educandos.

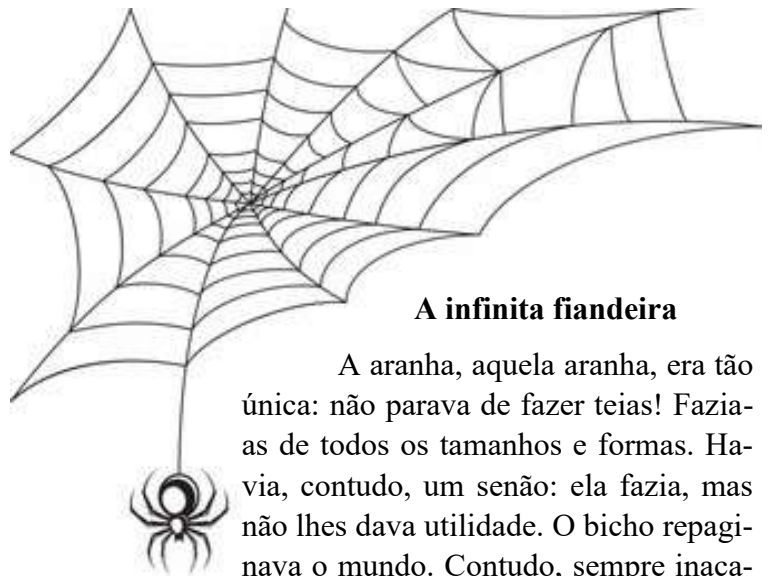
Neste sentido, a proposta de trabalho dá-se pela apresentação da bibliografia sucinta do autor, incluindo características de escrita comumente empregadas nos textos abordados. Tal processo inclui a sondagem inicial aos educandos:

Você já leu algum texto onde havia animais com características humanas?

Você já leu algum texto onde o personagem principal é um animal?



Após, trabalha-se um conto do autor em leitura de tipo coletiva e não obrigatória. A obra tratada é a seguinte:



A infinita fiandeira

A aranha, aquela aranha, era tão única: não parava de fazer teias! Fazia-as de todos os tamanhos e formas. Havia, contudo, um senão: ela fazia, mas não lhes dava utilidade. O bicho repaginava o mundo. Contudo, sempre inacabava as suas obras. Ao fio e ao cabo, ela já amealhava uma porção de teias que só ganhavam senso no rebrilho das manhãs.

E dia e noite: dos seus palpos primavam obras, com belezas de cacimbo gotejando, rendas e rendilhados. Tudo sem fim nem finalidade. Todo bom aracnídeo sabe que a teia cumpre as fatais funções: lençol de núpcias, armadilha de caçador. Todos sabem, menos a nossa aranhinha, em suas distraícoeirias funções.

Para a mãe-aranha aquilo não passava de mau senso. Para que tanto labor se depois não se dava a indevida aplicação? Mas a jovem aranha não fazia ouvidos. E alfaiatava, alfinetava, cegava os nós. Tecia e retecia o fio, entrelaçava mais e mais teia. Sem nunca fazer morada em nenhuma. Recusava a utilitária vocação da sua espécie.

- Não faço teias por instinto.
- Então, faz porquê?
- Faço por arte.

Benzia-se a mãe, rezava o pai. Mas nem com preces. A filha saiu pelo mundo em ofício de infinita teceloa. E em cantos e recantos deixava a sua marca, o engenho de sua seda. Os pais, após concertação, a mandaram chamar. A mãe:

- Minha filha, quando é que assentas as patas na parede?

E o pai: - Já eu me vejo em palpos de mim...

Em choro múltiplo, a mãe limpou as lágrimas dos muitos olhos enquanto disse:

- Estamos recebendo queixas do aranhal.
- O que é que dizem mãe?
- Dizem que isso só pode ser doença apanhada de outras criaturas.

Até que se decidiram: a jovem aranha tinha que ser reconduzida aos seus mandos genéticos. Aquele devaneio seria causado por falta de namorado. A moça seria até virgem, não tendo nunca digerido um machito. E organizaram um amoroso encontro.

- Vai ver que custa menos que engolir mosca - disse a mãe.

E aconteceu. Contudo, ao invés de devorar o singelo namorado, a aranha namorou e ficou enamorada. Os dois deram-se os apêndices e dançaram ao som de uma brisa que fazia vibrar a teia. Ou seria a teia que fabricava a brisa?

A aranhinha levou o namorado a visitar a sua colecção de teias, ele que escolhesse uma, ficaria prova de seu amor.

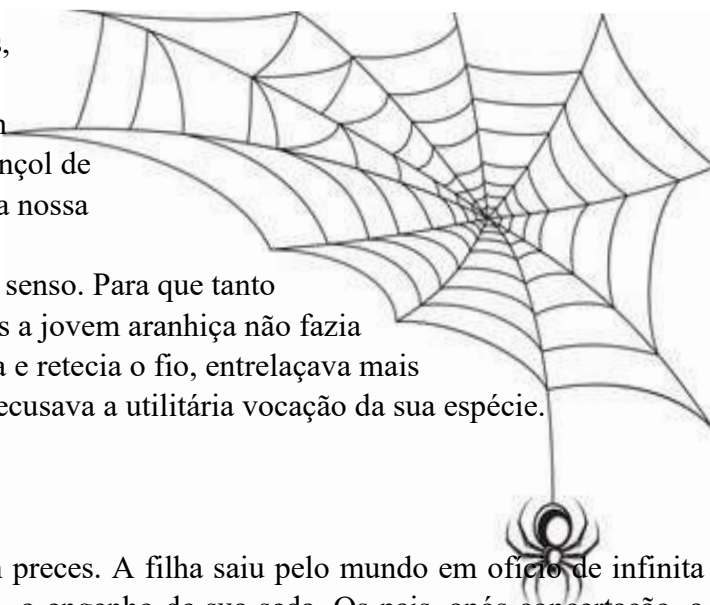
A família desiludida consultou o Deus dos bichos, para reclamar da fabricação daquele espécime.

Uma aranha assim, com mania de gente? Na sua alta teia, o Deus dos bichos quis saber o que poderia fazer. Pediram que ela transitasse para humana. E assim sucedeu: um golpe divino, a aranha foi convertida em pessoa. Quando ela, transfigurada, se apresentou no mundo dos humanos logo lhe exigiram a imediata identificação. Quem era, o que fazia?

- Faço arte.
- Arte?

E os humanos se entreolharam intrigados. Desconheciam o que fosse arte. Em que consistia? Até que um, mais velho, se lembrou. Que houvera um tempo, em tempos de que já se perdera memória, em que alguns se ocupavam de tais improdutivos afazeres. Felizmente, isso tinha acabado, e os poucos que teimavam em criar esses poucos rentáveis produtos - chamados de obras de arte - tinham sido geneticamente transmutados em bichos. Aranhas, ao que parece.

COUTO, Mia, "A infinita fiadeira", Livro de Contos - O Fio das Missangas, Lisboa, Companhia das Letras, (1ª ed., Caminho, 2003) 2009.



Após, perguntou-se aos alunos:

*O que você compreendeu da história?
Há alguma palavra que você desconhece?
Qual é a temática da história?
Você sabe o que é um personagem protagonista?
Você conhece outras histórias em que há animais protagonistas?*



Na sequência, entregue aos alunos nomes de variadas profissões, juntamente ao nome de um animal. A proposta é a produção de um poema de estrutura livre acerca da temática Identidade, englobando os dois temas.

Para a atividade, podem ser considerados critérios como a presença de rimas, a estrutura em decassílabos, entre outros aspectos do gênero poema. Na proposta desenvolvida, no entanto, não houve obrigatoriedade de quaisquer fatores, o que permitiu a livre criação dos educandos.

Por fim, pode-se expor as atividades na instituição de ensino, o que fora feito após o desenvolvimento da proposta apresentada. Para isto, considerou-se a perspectiva de considerar o processo de ensino–aprendizagem para além da sala de aula, incluindo a socialização com o meio escolar.

Avaliação: Avalia-se como satisfatória a participação dos alunos na atividade proposta, com a produção de todos os presentes.

Considerações:

- 1) O grupo de estudantes era composto por alunos entre 10 e 13 anos. Em caso de turmas com maior discrepância de idades pode-se considerar a adaptação para uma proposta onde haja a inclusão de outros aspectos comumente relacionados à fase da adolescência, como os relacionamentos pessoais por exemplo.
- 2) A atividade pode ser problematizada a partir da perspectiva de refletir acerca das profissões, incluindo questionamentos como: O que é arte para você? Por que o artista é visto como um profissional menos valorizado pela sociedade? Qual a importância da arte?
- 3) No trabalho com a interdisciplinaridade é possível trabalhar com aspectos filosóficos (quem sou? Como me vejo? Qual minha importância na sociedade? Como me constituo enquanto sujeito social?); artísticos (O que entendo por arte? Qual a importância da manifestação artística?); de cunho natural (Qual o componente das teias de aranha? Como as aranhas copulam?); entre outros.



Sugestão ao leitor:

Querido leitor, Mia Couto é um autor que retrata em suas obras questões relacionadas à identidade, englobando o aspecto local de sua comunidade e tornando-se ao mesmo tempo uma leitura universal e atemporal. Nesse sentido, sugere-se a leitura da obra “Raiz de orvalho e outros poemas”, na qual haverá várias referências ao aspecto identitário. Boa leitura e até logo!

6

MIGUEL TORGA

A presente atividade tem como objetivo principal, incentivar os alunos a observação, percepção, atenção, e principalmente a prática de descrição, voltada para o cotidiano do estudante, dessa forma mantendo um olhar mais atencioso e curioso para atividades simples de seu dia a dia.

Você já percebeu que tudo ao nosso redor está em constante mudança e movimento, e sem nos darmos conta, se acostumamos com a rotina, família, amigos, escola, e principalmente a rua em que vivemos? Miguel Torga um dos maiores escritores e poetas portugueses, (1907-1995) teve a ideia de tirar um tempo para observar a rua, as pessoas pela qual nela passavam, a história que ela carregava, os dias que decorriam e as noites que o tempo trazia. Uma bela história essa mesma, não é? E você nunca pensou em observar e descrever a rua em que mora?



Exercício



Observe sua rua por 1 semana, as pessoas que passam e o diálogo entre elas, as casas, os moradores, e o seu dia a dia, descreva em seu caderno tudo o que você conseguiu ver, e apresente a sua turma em uma roda de conversa.

6

Millôr Fernandes

Cão! Cão! Cão!

Abriu a porta e viu o amigo que há tanto não via. Estranhou apenas que ele, amigo, viesse acompanhado de um cão. O cão não muito grande mas bastante forte, de raça indefinida, saltitante e com um ar alegremente agressivo. Abriu a porta e cumprimentou o amigo, com toda efusão. "Quanto tempo!". O cão aproveitou as saudações, se embarafustou casa adentro e logo o barulho na cozinha demonstrava que ele tinha quebrado alguma coisa.

O dono da casa encompridou um pouco as orelhas, o amigo visitante fez um ar de que a coisa não era com ele. "Ora, veja você, a última vez que nos vimos foi..." "Não, foi depois, na..." "E você, casou também?" O cão passou pela sala, o tempo passou pela conversa, o cão entrou pelo quarto e novo barulho de coisa quebrada. Houve um sorriso amarelo por parte do dono da casa, mas perfeita indiferença por parte do visitante. "Quem morreu definitivamente foi o tio... você se lembra dele?" "Lembro, ora, era o que mais... não?"

O cão saltou sobre um móvel, derrubou o abajur, logo trepou com as patas sujas no sofá (o tempo passando) e deixou lá as marcas digitais de sua animalidade. Os dois amigos, tensos, agora preferiam não tomar conhecimento do dogue. E, por fim, o visitante se foi. Se despediu, efusivo como chegara, e se foi. Se foi.

Mas ainda ia indo, quando o dono da casa perguntou: "Não vai levar o seu cão?" "Cão? Cão? Cão? Ah, não! Não é meu, não. Quando eu entrei, ele entrou naturalmente comigo e eu pensei que fosse seu. Não é seu, não?"

Moral: Quando notamos certos defeitos nos amigos, devemos sempre ter uma conversa esclarecedora.

Para começarmos... O que é Fábula?

A fábula é uma narrativa figurada, na qual as personagens são geralmente animais que possuem características humanas. Pode ser escrita em prosa ou em verso e é sustentada sempre por uma lição de moral, constatada na conclusão da história.

Atividades:

- 1) Qual o tema da história?
- 2) Em quais cômodos da casa o cão passou e o que ele fez em cada um?
- 3) Como é a reação dos amigos com o que o cão faz?
- 4) Por que ninguém interviu?
- 5) Qual o fato responsável pelo humor do texto?
- 6) Faça uma nova fábula com os mesmos personagens.

6

Monteiro Lobato

Fábulas são composições literárias em que os personagens são animais que apresentam características humanas, tais como a fala, os costumes, etc. Estas histórias são geralmente feitas para crianças e terminam com um ensinamento moral de caráter instrutivo. Focando no gênero fábula e nas obras do autor Monteiro Lobato, é necessário que o professor deva estimular a autonomia da criança ao ler determinada fábula e reconhecer situações que aconteçam no seu cotidiano e a partir disso tomar conhecimento do seu pensamento crítico como cidadão pensante.

O Gato Vaidoso

Moravam na mesma casa dois gatos iguaizinhos no pêlo mas desiguais na sorte. Um, amimado pela dona, dormia em almofadões. Outro, no borralho. Um passava a leite e comia em colo. O outro, por feliz, se dava com as espinhas de peixe do lixo.

Certa vez, cruzaram-se no telhado e o bichano de luxo arrepiou-se todo, dizendo:

– Passa ao largo, vagabundo! Não vês que és pobre e eu sou rico? Que és gato de cozinha e eu sou gato de salão? Respeita-me, pois, e passa ao largo...

– Alto lá, senhor orgulhoso! Lembra-te de que somos irmãos, criados no mesmo ninho.

– Sou nobre. Sou mais que tu!

– Em quê? Não mias como eu?

– Mio.

– Não tens rabo como eu?

– Tenho.

– Não caças ratos como eu?

– Caço.

– Não comes rato como eu?

– Como.

– Logo, não passas dum simples gato igual a mim. Abaixa, pois a crista desse orgulho e lembra-te que mais nobreza do que eu não tens – o que tens é apenas um bocado mais de sorte...



Sugestões de fábulas:

A Onça Doente;
O Macaco e o Coelho;
O Leão e o Ratinho;
O Homem e a Cobra;
O Cavalo e o Burro

Perguntas:

O que eles entenderam?

Explorar as obras de Monteiro Lobato, focar em uma fábula, ler, analisar e discutir sobre tal, respondendo assim as questões apresentadas.

Perguntas:

Qual a interpretação, o que foi entendido da obra escolhida?

Qual a mensagem que a fábula passa e o ensinamento trazido por tal?

O que chamou a atenção na fábula?

Qual personagem foi o mais apreciado e por quê?

6

Paulo Leminski

Paulo Leminski foi poeta, escritor, tradutor e professor brasileiro. Nasceu, viveu e morreu em Curitiba.

Abaixo, encontra-se um poema escrito por Leminski no ano de 1985, titulado como “A Lua no Cinema” que faz parte de suas obras escritas para crianças.

A Lua no Cinema

A lua foi ao cinema,
passava um filme engraçado,
a história de uma estrela
que não tinha namorado.

Não tinha porque era apenas
uma estrela bem pequena,
dessas que, quando apagam,
ninguém vai dizer, que pena!

Era uma estrela sozinha,
ninguém olhava para ela,
e toda a luz que ela tinha
cabia numa janela.

A lua ficou tão triste
com aquela história de amor,
que até hoje a lua insiste:
— Amanheça, por favor!

Paulo Leminski: Distraído, venceremos.

São Paulo, brasiliense 1993.



<https://gartic.com.br/imgs.png>

Contando a história de uma estrela que não tinha namorado, os versos deste poema não seguem um padrão de métrica definido.

Nele encontramos:

- **Rimas Externas:** modo de como a rima acontece no final dos versos;
- **Aliteração:** repetição de consoantes;
- **Assonância:** repetição de vogais;
- **Personificação.**

As **artes visuais** representam um conjunto de manifestações artísticas como: poema, pintura, escultura, desenho, arquitetura, artesanato, teatro, fotografia, cinema, dança, design, arte urbana, dentre outros. O conceito de arte visual está intimamente relacionado ao conceito de visualizar - “ver” - e por isso, engloba as artes em que a fruição ocorre por meio da visão.

www.todamateria.com.br/

PRODUÇÃO DE ARTE VISUAL

Após fazer a leitura e exploração oral deste poema, produza a próxima atividade conforme cada etapa;

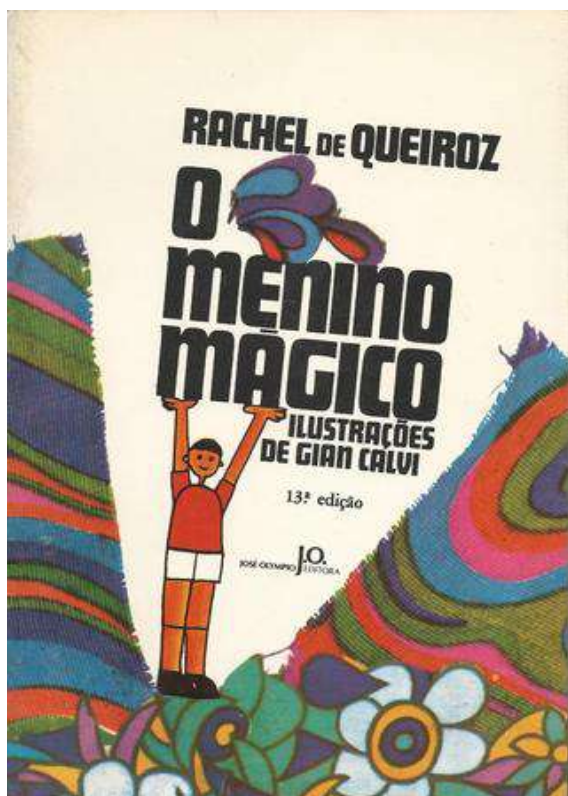
De maneira livre e espontânea, produza um desenho para cada dois verso (levando em consideração o poema que foi estudado).

- a) Depois, forme um livrinho de arte visual com essas produções.
- b) Depois que o livro estiver pronto, é o momento de cada um apresentar sua obra para a turma e, talvez, fazer uma exposição dessa atividade para a escola inteira.

6

Rachel de Queiroz

Rachel de Queiroz (1910 - 2003) é uma das maiores autoras da literatura brasileira, sendo a primeira mulher a ocupar uma cadeira na Academia Brasileira de Letras, em 1977. Escreveu contos, romances, peças de teatro, críticas literárias, crônicas e livros infantis.



O livro “ O Menino Mágico” de Raquel de Queiroz conta a estória de um menino que tinha seus desejos de “faz de conta” realizados de maneira inesperada, abordando temas a cerca do cotidiano infantil, esta obra em 1971, foi selecionada pela Unesco, como um dos livros para representar o que há de melhor em literatura para crianças e jovens.



Curiosidade: O livro foi escrito devido ao pedido do neto de Queiroz, e foram autografados por ele



Primeiro capítulo de “O Menino Mágico”

Era uma vez um menino de 6 anos chamado Daniel, quem o visse diria que era um menino igual aos outros, mas nisso estava enganado, porque aquele menino era mágico, sem ter aprendido a fazer mágica com ninguém, sem estudar para mágico. Aliás ele nem gostava muito de estudar para não dizer que não gostava nada. Deu para fazer mágicas de repente, ele mesmo nem desconfiava, mas um dia descobriu. Aconteceu que uma noite foi dormir no quarto dele e quando o dia amanheceu já estava dormindo em outra cama, em outro quarto, a vó foi de manhã cedo procurar o neto no quarto onde ele tinha ido dormir e quando viu lá estava o Daniel no quarto da frente, ele mesmo ficou admirado quando acordou porque também não se lembrava de que tivesse mudado de um quarto para outro, nem também ninguém de casa viram o menino atravessar o corredor, a avó ainda indagou de todo mundo, mas pessoa nenhuma tinha visto nada e aí foi que Daniel descobriu que era Mágico. Pois aquela mudança misteriosa só podia ser arte de mágica.

Depois dessa primeira descoberta passou-se um tempo e ele já estava até meio esquecido de que era mágico, mas foi um dia, entrou ele na cozinha e viu a cozinheira com a tigela de ovos em cima da mesa se preparando para fazer uma omelete. Daniel que era meio malino, pegou num dos ovos para brincar, a cozinheira uma tal de velha bastante enjoada que não gostava de criança, foi logo gritando “menino larga esse ovo”. Daniel que era teimoso além de mágico, de um repente nele e disse “isso não é um ovo, é um pinto” a cozinheira logo enredou para mãe do menino “Dona Luizinha vem a ver seu filho, além de pegar no que não deve leva inventando história”, Dona Luizinha estava escrevendo na sala, tirou os óculos, levantou-se e veio ver o que havia, sempre estava se passando alguma encrenca entre Daniel e a cozinheira . “Que é isso menino?” “ela disse que eu peguei num ovo, mas eu peguei foi num pinto mamãe”. Coitada de Dona Luizinha é uma moça muito paciente em vez de dar uns cascudos no filho, como a cozinheira estava querendo, fez assim, “shhh, shhh” na boca e disse para ele “não minta meu filho que é feio, como é que iria aparecer um pinto aqui na cozinha do apartamento? Abra a mão e mostra o que é que você está segurando”, Daniel era teimoso mas só até certo ponto e não gostava de desobedecer assim direto a mãe, porque queria muito bem ela, mas também não admite passar por mentiroso e dar colher de chá aquela cozinheira implicante que não gostava dele, então de repente, se lembrou de que era mágico, fechou os olhos e naquele mesmo instante inventou uma reza forte “faz de conta que era, faz de conta que não era, começou de ovo acabou em pinto” enquanto ele resmungava reza bem baixinho de olhos fechados a mãe tornou a dizer “abra a mão meu filho”, Daniel então acabando de dizer a reza apertou o ovo com toda a força até que sentiu a casca estalar, depois foi afastando os dedos devagarinho sentiu uma cócegzinha e aí abriu a mão toda, na palma da mão do menino, não tinha clara, nem gema de ovo escorrendo, como a cozinheira de certo esperava, tinha era um pintinho bem amarelo piando como um desesperado, a mãe ficou tão admirada que até deu um passo atrás e a cozinheira espiou bem o pinto e aí desamarrou avental e se tocou para o quarto dela falando toda nervosa “Dona Luizinha faça as minhas contas que eu quero ir embora agora mesmo não durmo mais uma noite nesta casa, agora que eu estou vendo esse menino aí é feiticeiro”, Daniel respondeu sangado “feiticeiro não, nunca fui feiticeiro” e depois virou-se para a mãe mais calmo “então mamãe, você não sabia que eu sou mágico?” e foi mexer na geladeira atrás de um pouco de alface para dar ao pinto que continuava piando, piando de fome com toda certeza.

Sugestão de Atividade: Adaptar o primeiro capítulo do Livro “Menino Mágico” para uma peça de teatro, de acordo com os alunos.

Primeira Aula:

Falar sobre o teatro, explicar sobre a autora, o livro e os personagens, contar de forma resumida a história do livro, algumas dinâmicas (recomenda-se o livro Jogos Teatrais de Viola Spolin).

Segunda Aula:

Organização do texto e personagens juntamente com dinâmicas para o entrosamento dos alunos com o texto. Sugestão deixar o alunos criarem um final para o texto.

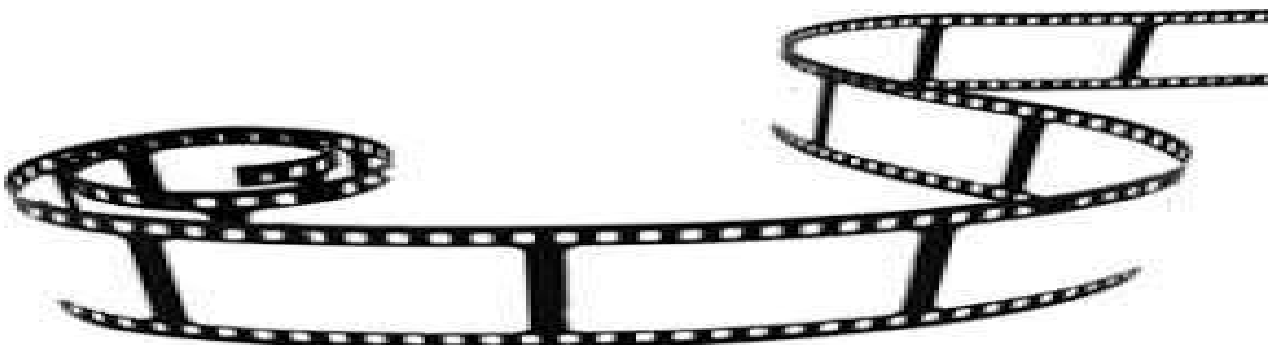
Terceira Aula:

A partir desta, ensaio para apresentação.

Tempo: 3 aulas



O Teatro, tendo sua origem na Grécia (O termo grego “theatron” significa “lugar para ver”. No theatron eram realizadas cerimônias religiosas em honra a Dionísio, o deus grego do vinho. Na celebração da colheita de uvas, havia música, dança e apresentações) é um gênero literário, sendo uma área da arte cênica, pode ser em prosa e em verso, que está relacionada com a atuação através do qual são representadas histórias para uma plateia, englobando uma série de elementos, como: gestos, músicas, discursos, cenografia, sons, entre outros.



QUEM INICIOU O MOVIMENTO?

A 13

PREPARAÇÃO

Grupo todo.

FOCO

Tentar ocultar do jogador do centro quem inicia o movimento.

DESCRIÇÃO

Os jogadores permanecem em círculo. Um jogador sai da sala enquanto os outros escolhem alguém para ser o líder, que inicia os movimentos. O jogador que saiu é chamado de volta, vai para o centro do círculo e tenta descobrir o iniciador dos movimentos (mexendo as mãos, batendo os pés, balançando a cabeça etc.). O líder pode mudar de movimentos a qualquer momento, mesmo quando o jogador do centro estiver olhando para ele. Quando o jogador do centro descobrir o iniciador, dois outros jogadores são escolhidos para assumir seus lugares.

INSTRUÇÃO

(Apenas se o líder não trocar de movimento com frequência suficiente)
Iniciador, troque de movimento quando tiver chance! Jogadores, prestem atenção na mudança, não deixem o iniciador sozinho!

AVALIAÇÃO

Nenhuma.

NOTAS

1. Esse jogo tradicional é um aquecimento excelente para os jogos de *Espelho* (A15, A16 e A17) na medida em que encoraja os jogadores a olharem uns para os outros.
2. Imediatamente após esse jogo, divida o grupo em times de dois para *Três Mudanças* (A14) que é o próximo passo de aquecimento para os jogos de *Espelho*.

ÁREAS DE EXPERIÊNCIA

Jogo Tradicional
Jogo de Olhar-Ver
Aquecimento Ativo
Jogo Sensorial

Imagem Retirada do Livro “Jogos Teatrais” de Viola Spolin.

Disponível em:

https://pt.slideshare.net/PIBID_Teatro2014/spolin-jogos-teatraisofichriodeviolaspolin-1



6

Vinicius de Moraes

Nessa atividade vamos responder algumas perguntas relacionadas a uma estrofe do poema a seguir. Cada pergunta respondida vai ajudar o aluno a colocar cada frase em seu devido lugar.

A Felicidade

A felicidade do pobre parece
A grande ilusão do carnaval
A gente trabalha o ano inteiro
Por um momento de sonho
Pra fazer a fantasia
De rei, ou de pirata, ou da jardineira
E tudo se acabar na quarta-feira.

O poema a seguir esta embaralhado que deve ser arrumado, logo depois do poema estão as perguntas. Cada resposta tem uma palavra que faz parte das frases do poema.

Por um momento de sonho

Pra fazer a fantasia
A felicidade
De rei, ou de pirata, ou da jardineira
A grande ilusão do carnaval
Pra tudo acabar na quarta-feira
A felicidade do pobre parece
A gente trabalha o ano inteiro

a) Qual é o sentimento que te traz bem-estar e contentamento?

R: A felicidade

b) Quem não tem condição básica pra viver é considerado...

R: Pobre

c) O Brasil é conhecido internacionalmente por uma festividade, qual seria esta festa?

R: Carnaval

d) O que fazemos para realizar um sonho que parece impossível mas com muito esforço é alcançado?

R: Trabalhar

e) Conjunto de imagens, de pensamentos ou fantasias que se apresentam à mente durante o sono?

R: Sonho

f) Como são chamadas as roupas que são usadas no carnaval?

R: Fantasia

e) Quem usa coroa? Quem usa perna de pau e prefere navegar pelo oceano? Quem cuida das flores (A resposta dessa pergunta deve ser no feminino)?

R: Rei, Pirata, Jardineira.

h) Qual é o dia que indica a metade ou meio da semana?

R: A quarta feira

Depois de organizar as frases em seu devido lugar, a próxima atividade é questionar os alunos sobre o poema:

Qual é a finalidade do poema?

Que pontos importantes foram abordados?

O que foi escrito é uma realidade?

O que precisa ser feito para mudar essa realidade?

A última atividade é criar com os alunos um caça-palavras com as respostas das perguntas e cada aluno trocar seus caças palavras entre eles para procurar as palavras.

6

Vitorino Nemésio

As obras de Vitorino Nemésio refletem inequivocamente a vivência açoriana imbuída ou mergulhada de religiosidade irônica e de pitoresco costumbrista que são para melhor entender maneirismos e costumes locais. Nas poesias percebe-se uma procura incessante da palavra e do sujeito. É fundamental o papel da memória e da saudade, assim como a obsessão da morte, a qual vai evoluindo de uma angústia profunda até uma aceitação pacífica e desassombrada.



TORMENTO

Quando o Sol agoniza no Poente,
Num mar de sangue, enorme, arroxeadado,
Eu vejo, sobre o Oceano, alma latente
Dum ser desiludido, torturado.

Essa alma triste desse ser maguado
Que emite a sua voz terna, dolente,
Pelos vagalhões do Mar altivo, irado,
Esvai-se, desfalece lentamente.

Ó Sorte inexorável, Sorte dura!
Tu, muda o seu viver em meiga aurora
Ou sai com ele do Mundo pavoroso,

Desterra essa pobre alma de Tortura,
Leva-a daqui bem longe, Céu em fora,
Acaba o seu tormento doloroso!

IMAGEM

Todas as tardes levo a minha sobra a beber
Como uma nuvem ao mar de que saiu o meu ser.
Não é mais doce a sombra do cavalo
Aberto pelo luar, e o dono a acompanhá-lo.

Levo essa sobra que destinge
Da minha alma e conserva uma mancha de mágoa;
Triste vestido que me cinge,
Deixou a cor no fundo da água.

Eu, cortado de mim como uma flor (e tenho
Vergonha de me sentir a flor), as mãos embebo
Nessa água que leva a visão donde venho
E é para a não perder que, bebendo-a, me bebo.

NAVIO

Tenho a carne dorida
Do pousar de umas aves
Que não sei de onde são:
Só sei que gostam de vida
Picada em meu coração.
Quando vêm, vêm suaves;
Partindo, tão gordas vão!

Como eu gosto de estar
Aqui na minha janela
A dar miolos às aves!
Ponho-me a olhar para o mar:
— Olha um navio sem rumo!
E, de vê-lo, dá-lho a vela,
Ou sejam meus cílios tristes:
A ave e a nave em resumo, aqui na minha janela.

OBJETIVO

- Trabalhar as características da poesia.

MÉTODO

- Distribuir as poesias ou passar em um data show para os alunos, fazer alguns questionamentos e pedir para escreverem um poema.
1. Para você, o que é poesia?
 2. O você sabe desse gênero literário?
 3. Quem é o autor da poesia?
 4. Escolha um poema e responda em quantos estrofes estão organizados?
 5. As estrofes têm o mesmo número de versos?
 6. Escreva um poema.



7º ANO



Ariano Suassuna

Apesar de ser muito conhecido por suas obras teatrais, Ariano Suassuna também escreveu belos poemas. Em sua poesia, o autor manteve seu caráter identitário regional, mesclando a escrita erudita com a linguagem popular. Como podemos conferir no poema a seguir:

FAZENDA ACAUHAN

(LEMBRANÇA DE MEU PAI)

Aqui, morava um Rei, quando eu menino
vestia ouro e Castanho no gibão.
Pedra da sorte sobre o meu Destino,
pulsava, junto ao meu, seu Coração.

Para mim, seu Cantar era divino,
quando, ao som da Viola e do bordão,
cantava, com voz rouca, o Desatino,
o sangue, o riso e as mortes do Sertão.

Mas mataram meu Pai. Desde esse dia
eu me vi como um Cego, sem eu Guia,
que se foi para o Sol, transfigurado.

Sua Efigie me queima. Eu sou a Presa,
ele a Brasa que impele ao Fogo, acesa,
Espada de ouro em Pasto ensanguentado.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS SOBRE O POEMA



Após abandonar o governo da Paraíba, João Suassuna muda-se, em 1928, com sua família para o sertão, na *Fazenda Acauhan*. Foi aí que Ariano Suassuna passou boa parte de sua infância e, também, é nesse lugar que ele guardou quatro, dentre as cinco, lembranças que possuía de seu pai.

João foi assassinado, em 1930, por motivos políticos.

<http://professortadeupatricio.blogspot.com/2014/08/material-para-trabalho-de-pesquisa.html>

Esse é um texto lírico sentimental, em que o autor demonstra seus sentimentos a respeito da morte de seu pai. Podemos perceber isso através dos significados metafóricos dados a algumas palavras iniciadas com letra maiúscula, além de outras destacadas pelo mesmo recurso. Nesse sentido podemos dizer que tanto Rei quanto Sol apontam para seu pai.



Soneto: Composto por quatro estrofes que são organizadas em dois quartetos (duas primeiras) e dois tercetos (duas últimas).



Contendo dez sílabas poéticas (decassílabos) em todas as estrofes:

A/ qui/ mo/ ra/ va um/ rei /quan/ do eu / me/ **ni** /no

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10



Tem seu ritmo heroico, contendo a 6ª e 10ª sílaba mais fortes em suas estrofes.

Ves/ ti/ a ou/r o e /cas/ **ta**/ nho /no/ gi/ **bão**,

Repare que Suassuna traz musicalidade ao seu soneto por meio das **rimas alternadas ou cruzadas** nos quartetos, enquanto os tercetos são compostos por **rimas mistas**.

Mas mataram meu Pai. Desde esse dia
eu me vi como um Cego, sem eu Guia,
que se foi para o Sol, transfigurado.

É importante ressaltar que a figura de seu pai é representada pelas metáforas do Rei que é transfigurado em Sol após a sua morte.

Sugere-se que o docente busque trabalhar com os significados dos símbolos presentes no poema.

PROPOSTA DE ATIVIDADE

Com base nas discussões desenvolvidas, em sala de aula, sobre o gênero apresentado nessa unidade, escreva um poema que contenha as seguintes informações:



Sua experiência de vida mais dolorosa.



Sua experiência de vida mais feliz.



Precisa conter musicalidade, ou seja, abuse das rimas.

Pronto! Agora é só declamar aos colegas e professores!



Cecília Meireles



“Olhinhos de gato” é visto como uma obra poético-narrativa e tida como uma autobiografia de Cecília. De forma delicada, a autora demonstra tentar desvendar o que acontecia em sua vida quando criança, mostra sua rotina com as pessoas que conviviam com ela. Olhinhos de gato, em personagem, é a própria Cecília, aparentemente denominado por sua curiosidade de entender as coisas do mundo. Pensa em como a vida é efêmera, que não adianta chorar por algo que acontece hoje, pois amanhã já pode não ser mais do mesmo jeito, pensa que não adianta alegrar-se, pelo mesmo motivo do choro antes citado. Tudo morre com o tempo, seja bom ou ruim. Exceto por um desenho que um dia fez na parede, este não saiu dali, permaneceu exatamente como no outro dia. Isto trouxe um alívio e otimismo a “Olhinhos”.

De modo que a obra comentada acima fala sobre a infância de alguém, pense na sua. O que te traz curiosidade no mundo e ambiente em que vive? Você pensa nisso? E seus pais? Converse com eles sobre a visão que tinham do mundo quando crianças e a que têm agora, sendo já adultos.

Poesia e prosa

Clarice Lispector não escreveu poesias, sua obra consistiu em contos, crônicas e romances, ainda que sua prosa contenha muitos aspectos poéticos, consistindo em uma prosa poética, visto que possuem algo essencial para a poesia: o ritmo, como pode ser visto nesta parte de uma crônica da autora:

“Flores envenenadas na jarra. Roxas azuis, encarnadas, atapetam o ar. Que riqueza de hospital. Nunca vi mais belas e mais perigosas. É assim então o teu segredo. Teu segredo é tão parecido contigo que nada me revela além do que já sei. E sei tão pouco como se o teu enigma fosse eu. Assim como tu és o meu.”

A Descoberta do mundo: crônicas – Página 314

Assim, a partir da leitura do conto Felicidade Clandestina e da leitura e escuta da música Aquarela, se buscará:

- 1– Propor um estudo da intertextualidade entre a música e o conto;
- 2– Por se tratarem textos diferente, um em prosa e outro em verso, se pode utilizar isso para explicar a diferença entre a poesia, por conta de sua verossimilhança com a música, e os demais textos em prosa.
- 3– Explicar o conceito de verso e rima.

Segue abaixo a letra da música Aquarela:

Numa folha qualquer eu desenho um sol amarelo
E com cinco ou seis retas é fácil fazer um castelo
Corro o lápis em torno da mão e me dou uma luva,
E se faço chover, com dois riscos tenho um guarda-chuva

Se um pinguinho de tinta cai num pedacinho azul do papel,
Num instante imagino uma linda gaivota a voar no céu
Vai voando, contornando a imensa curva norte e sul,
Vou com ela, viajando, Havaí, Pequim ou Istambul

Pinto um barco a vela branco, navegando,
É tanto céu e mar num beijo azul
Entre as nuvens vem surgindo um lindo avião rosa e grená
Tudo em volta colorindo, com suas luzes á piscar
Basta imaginar que ele está partindo, sereno, lindo,
E se a gente quiser, ele vai pousar

Numa folha qualquer eu desenho um navio de partida
Com alguns bons amigos bebendo de bem com a vida
De uma américa a outra consigo passar num segundo,
Giro um simples compasso e num círculo eu faço o mundo

Um menino caminha e caminhando chega no muro
E ali logo em frente, a esperar pela gente, o futuro está
E o futuro é uma astronave que tentamos pilotar,
Não tem tempo nem piedade, nem tem hora de chegar
Sem pedir licença muda nossa vida, depois convida a rir ou chorar

Nessa estrada não nos cabe conhecer ou ver o que virá
O fim dela ninguém sabe bem ao certo onde vai dar
Vamos todos numa linda passarela
De uma aquarela que um dia, enfim, descolorirá

Em um segundo momento, pode-se fazer a leitura do conto “Felicidade Clandestina”, de Clarice Lispector:

FELICIDADE CLANDESTINA

Ela era gorda, baixa, sardenta e de cabelos excessivamente crespos, meio arruivados. Tinha um busto enorme, enquanto nós todas ainda éramos achatadas. Como se não bastasse enchia os dois bolsos da blusa, por cima do busto, com balas. Mas possuía o que qualquer criança devoradora de histórias gostaria de ter: um pai dono de livraria.

Pouco aproveitava. E nós menos ainda: até para aniversário, em vez de pelo menos um livrinho barato, ela nos entregava em mãos um cartão-postal da loja do pai. Ainda por cima era de paisagem do Recife mesmo, onde morávamos, com suas pontes mais do que vistas. Atrás escrevia com letra bordadíssima palavras como “data natalícia” e “saudade”.

Mas que talento tinha para a crueldade. Ela toda era pura vingança, chupando balas com barulho. Como essa menina devia nos odiar, nós que éramos imperdoavelmente bonitinhas, esguias, altinhas, de cabelos livres. Comigo exerceu com calma ferocidade o seu sadismo. Na minha ânsia de ler, eu nem notava as humilhações a que ela me submetia: continuava a implorar-lhe emprestados os livros que ela não lia.

Até que veio para ela o magno dia de começar a exercer sobre mim uma tortura chinesa. Como casualmente, informou-me que possuía *As renações de Narizinho*, de Monteiro Lobato.

Era um livro grosso, meu Deus, era um livro para se ficar vivendo com ele, comendo-o, dormindo-o. E completamente acima de minhas posses. Disse-me que eu passasse pela sua casa no dia seguinte e que ela o emprestaria.

Até o dia seguinte eu me transformei na própria esperança da alegria: eu não vivia, eu nadava devagar num mar suave, as ondas me levavam e me traziam.

No dia seguinte fui à sua casa, literalmente correndo. Ela não morava num sobrado como eu, e sim numa casa. Não me mandou entrar. Olhando bem para meus olhos, disse-me que havia emprestado o livro a outra menina, e que eu voltasse no dia seguinte para buscá-lo. Boquiaberta, saí devagar, mas em breve a esperança de novo me tomava toda e eu recomeçava na rua a andar pulando, que era o meu modo estranho de andar pelas ruas de Recife. Dessa vez nem caí: guiava-me a promessa do livro, o dia seguinte viria, os dias seguintes seriam mais tarde a minha vida inteira, o amor pelo mundo me esperava, andei pulando pelas ruas como sempre e não caí nenhuma vez.

Mas não ficou simplesmente nisso. O plano secreto da filha do dono de livraria era tranquilo e diabólico. No dia seguinte lá estava eu à porta de sua casa, com um sorriso e o coração batendo. Para ouvir a resposta calma: o livro ainda não estava em seu poder, que eu voltasse no dia seguinte. Mal sabia eu como mais tarde, no decorrer da vida, o drama do “dia seguinte” com ela ia se repetir com meu coração batendo.

E assim continuou. Quanto tempo? Não sei. Ela sabia que era tempo indefinido, enquanto o fel não escorresse todo de seu corpo grosso. Eu já começara a adivinhar que ela me escolhera para eu sofrer, às vezes adivinho. Mas, adivinhando mesmo, às vezes aceito: como se quem quer me fazer sofrer esteja precisando danadamente que eu sofra.

Quanto tempo? Eu ia diariamente à sua casa, sem faltar um dia sequer. Às vezes ela dizia: pois o livro esteve comigo ontem de tarde, mas você só veio de manhã, de modo que o emprestei a outra menina. E eu, que não era dada a olheiras, sentia as olheiras se cavando sob os meus olhos espantados.

Até que um dia, quando eu estava à porta de sua casa, ouvindo humilde e silenciosa a sua recusa, apareceu sua mãe. Ela devia estar estranhando a aparição muda e diária daquela menina à porta de sua casa. Perdi explicações a nós duas. Houve uma confusão silenciosa, entrecortada de palavras pouco elucidativas. A

senhora achava cada vez mais estranho o fato de não estar entendendo. Até que essa mãe boa entendeu. Voltou-se para a filha e com enorme surpresa exclamou: mas este livro nunca saiu daqui de casa e você nem quis ler!

E o pior para essa mulher não era a descoberta do que acontecia. Devia ser a descoberta horrorizada da filha que tinha. Ela nos espiava em silêncio: a potência de perversidade de sua filha desconhecida e a menina loura em pé à porta, exausta, ao vento das ruas de Recife. Foi então que, finalmente se refazendo, disse firme e calma para a filha: você vai emprestar o livro agora mesmo. E para mim: “E você fica com o livro por quanto tempo quiser. ”Entendem? Valia mais do que me dar o livro: pelo tempo que eu quisesse ” é tudo o que uma pessoa, grande ou pequena, pode ter a ousadia de querer.

Como contar o que se seguiu? Eu estava estonteada, e assim recebi o livro na mão. Acho que eu não disse nada. Peguei o livro. Não, não saí pulando como sempre. Saí andando bem devagar. Sei que segurava o livro grosso com as duas mãos, comprimindo-o contra o peito. Quanto tempo levei até chegar em casa, também pouco importa. Meu peito estava quente, meu coração pensativo.

Chegando em casa, não comecei a ler. Fingia que não o tinha, só para depois ter o susto de o ter. Horas depois abri-o, li algumas linhas maravilhosas, fechei-o de novo, fui passear pela casa, adiei ainda mais indo comer pão com manteiga, fingi que não sabia onde guardara o livro, achava-o, abria-o por alguns instantes. Criava as mais falsas dificuldades para aquela coisa clandestina que era a felicidade. A felicidade sempre iria ser clandestina para mim. Parece que eu já pressentia. Como demorei! Eu vivia no ar... havia orgulho e pudor em mim. Eu era uma rainha delicada.

Às vezes sentava-me na rede, balançando-me com o livro aberto no colo, sem tocá-lo, em êxtase puríssimo.

Não era mais uma menina com um livro: era uma mulher com o seu amante.

(LISPECTOR, Clarice. **Felicidade Clandestina**. Rio de Janeiro: ROCCO, 1998, 1ª edição. p.9-12)

ATIVIDADE 1

A partir da leitura dos dois textos, se pode propor as seguintes perguntas de interpretação e diagnóstico:

- 1– O título do conto é *Felicidade Clandestina*, o que significa a palavra Clandestina?
- 2– Porque você acha que a felicidade é clandestina para a personagem?
- 3– Qual era o objeto de desejo da personagem principal?
- 4– Porque a protagonista permitia ser torturada pela dona do livro?
- 5– Qual é o motivo pelo qual a personagem fingia não ter o livro depois de ter conseguido ele em prestado?
- 6– Há algo em comum entre a música e o conto?
- 7– Para você, a que o autor da música se refere quando diz que a aquarela um dia descolorirá?
- 8– Olhando para os dois textos, há algo em seu formato que os difere? O quê?

ATIVIDADE 2

Após o questionário, se pode propor que cada aluno pense em uma palavra que defina, ou se relacione, a felicidade para eles. Depois disso, procurarão palavras que rimem com as palavras elegidas e, por fim, façam um poema utilizando as palavras que elegeram e rimaram.

- 9– Você sabe o que são rimas? Como se formam?
- 10– Você vê alguma rima na música Aquarela? Transcreva os versos rimados.



Fernando Sabino

O Grande Mentecapto é um romance muito famoso de Fernando Sabino que conta a história de um mineiro chamado Geraldo Viramundo. Vindo de família simples desde a infância é um menino muito travesso, que durante sua vida percorreu inúmeras cidades de Minas Gerais e em cada uma delas causou grandes e inusitadas confusões. Um desses fatos se exprime nesse trecho do capítulo IV do livro, em que Viramundo participa de um debate político muito inusitado, com a intenção de chegar a ser o prefeito daquela cidade.



Trecho do livro para ser lido com a turma:

O confronto foi marcado para um domingo no largo da Matriz, depois da missa das dez, em palanque adrede armado para esse fim. Chegando o grande dia, desde as primeiras horas da manhã enorme multidão se comprimia em frente à plataforma enfeitada de bandeirolas, onde os dois adversários iriam à porfia no terreno do conhecimento e do saber. Depois de assistir à Santa Missa, acompanhado de seu numeroso séquito, que a essa altura congregava todos os mendigos, vagabundos e tipos populares da cidade, Viramundo, o primeiro a chegar, subiu ao tablado de madeira sob o estrugir de aplausos e o espocar de foguetes. Em pouco o professor Borba Gato, com seu terno preto, subia penosamente os degraus de madeira e adentrava o local do embate, seguido de um troço de soldados que trouxera para sua proteção, comandados por um tenente. Os dois adversários cumprimentaram-se com uma cerimoniosa reverência, e foram cada um para o seu canto. Jovino, um mulato malemolente que dava a vida por um desajuizado daquele gênero e que, sendo locutor da rádio local, fora um dos que mais insuflaram o ânimo da população em favor do movimento viramundista, funcionaria como mestre-de-cerimônias. Começou ele por pedir silêncio e comunicar ao público as condições impostas pelo candidato oficial, aceitas de imediato pelo candidato das oposições coligadas. Transformado em regulamento que ambos prometiam acatar, resumiam-se em estabelecer que cada um teria o direito de propor alternadamente cinco questões ao antagonista, com a prerrogativa de uma contra-arguição sobre o mesmo assunto. A proposição e resolução de questões mais complexas poderia fazer-se por escrito, utilizando-se o quadro-negro ali colocado para esse fim, à vista de todos. O julgamento ficaria por conta do desiderato popular, por aclamação, em respeito à soberana vontade do povo. Com isso procurava o professor Praxedes Borba Gato revestir de certo cunho democrático o futuro sufrágio compulsório de seu nome nas urnas. Ficou decidido também que cada candidato poderia falar o tempo que quisesse, mas marcaria ponto em seu favor aquele que desse as respostas certas em menos palavras. Depois de apresentar os disputantes, e tendo o nobre senso de equidade de proclamar também as qualidades do candidato oficial, atitude que o povo não soube compreender pois foi recebida com vaias, o mestre-de-cerimônias Jovino deu início à contenda. Coube por sorteio (cara ou coroa) ao professor Borba Gato começar. Antes de formular a primeira questão, este perguntou com ar de displicente

superioridade ao adversário: - Em que língua quereis que vos fale? Viramundo, a quem aborreciam os idiomas estrangeiros, a começar pelo latim, e que preconizava o advento de uma compreensão entre os homens como a que houvera antes de Babel, respondeu: - Na última flor do Lácio inculca e bela. Então o professor, limpando a garganta e alçando a voz num tremelique de belo efeito oratório, deu início à contenda: - O que é que quanto mais se tira, maior fica? - Buraco - respondeu Viramundo prontamente. A assistência aplaudiu, entusiasmada. Ponto para Viramundo. Este perguntou, por sua vez: - O que é que, quanto maior, menos se vê?

- Eu diria que é a ignorância de certas pessoas... - Praxedes Borba Gato sorriu, fazendo uma pausa para aumentar a expectativa e desfechou, triunfante: - Mas digo que é a escuridão! Ponto para o professor, que voltou à carga: - O que é que vai daqui a Belo Horizonte sem sair do lugar? - A estrada - respondeu Viramundo, ganhando mais um ponto. E foi logo perguntando: - Qual o animal que come com o rabo? O professor vacilou pela primeira vez, passando a mão no rosto, pensativo: - Elefante? Seu adversário contestou: - Todos. Nenhum tira o rabo para comer. O candidato oficial sentiu que tinha diante de si um adversário respeitável. - Por que cachorro entra na igreja? - perguntou, alto e bom som. - Porque encontra a porta aberta - respondeu Viramundo sem pestanejar. E contra-atacou: - Por que sai? - Porque encontra a porta aberta - tornou o professor, com ar desdenhoso diante do óbvio. - Não senhor - fulminou Viramundo. - Sai, porque entrou. Os aplausos estouraram, dando insofismavelmente a vitória a Viramundo até ali. O professor não se deixou abalar: - Qual é o nome do pai do filho de Zebedeu? - Zebedeu - respondeu Viramundo. - Zebedeu não tinha filhos - replicou o professor. Esta sofismática contestação, sem nenhum fundamento lógico ou histórico, foi seguida de uma grande assuada do público, o que valia por uma aclamação a Viramundo. A patuléia, sem maior discernimento, queria divertir-se ao máximo com a contenda e tudo servia como divertimento. Cabia a Viramundo interpelar o adversário. O grande mentecapto foi desfechando logo: - De que cor era o cavalo branco de Napoleão? - Branco, é claro - respondeu o professor com um sorriso escarminho. Viramundo pagou-lhe na mesma moeda: - Napoleão não andava a cavalo. Sofria de hemorróidas.

A esta altura Praxedes Borba Gato via perigar a sua superioridade diante do contendor. O mequetrefe estava lhe saindo melhor do que a encomenda. Não podia correr o risco de uma derrota naquela aventura em que se tinha metido, confiante em sua alta prosopopéia, sem ao menos o beneplácito do Governador Ladisbão, a quem se dispensara de consultar, tão certo estava da vitória. Enquanto se perdia nestas cismas, olhando distraidamente o tenente da escolta que o acompanhava, ocorreu-lhe de súbito uma saída para a alhada em que já se via metido. Chamou então o oficial e cochichou-lhe qualquer coisa ao ouvido. Depois voltou-se para o adversário: - Duas pessoas se encontraram no escuro e uma disse: Boa noite, meu filho. Ao que o outro respondeu: Boa noite, meu pai. Tomou o primeiro: Você é meu filho, mas eu não sou seu pai. O que era? - A mãe - liquidou Viramundo. - O outro era o filho da mãe. Enquanto o público explodia em aplausos, propôs a sua última questão: - Nabucodonosor, Rei da Babilônia. Escreve isto com quatro letras. O professor meditou um pouco e dirigiu-se ao quadro-negro, pôs-se a escrever várias letras a esmo. Acabou desistindo: - É impossível. Viramundo avançou, tomou do giz e escreveu rapidamente na lousa: I-S-T-O. Foi uma consagração. O povo aplaudia freneticamente o grande mentecapto, enquanto o locutor Jovino proclamava a sua vitória. Quando o comandante da escolta se acercou dele, todos julgaram ser para cumprimentá-lo, numa louvável atitude que foi saudada com aplausos. - Você já foi conscrito? - perguntou-lhe o militar. - Não. Fui só batizado e crismado - respondeu o mentecapto. - Serviu em corpo de tropa? - Não. Quando eu era menino queria ser da tropa dos escoteiros, mas meu pai não deixou. - Então você é insubmisso. Esteja preso. Convocou seus comandados com um gesto e estes cercaram o grande mentecapto, que assim foi retirado do palanque sob delirantes aplausos da multidão, como se estivesse sendo escoltado em triunfo.

No mesmo dia, sob guarda de dois praças, foi metido num trem e levado para Juiz de Fora, sede da região militar, para integrar o glorioso Exército de Caxias e assim cumprir seu dever para com a pátria.”

2) Após, essa primeira leitura, pode-se fazer-se uma leitura em voz alta, em que o professor sane as dúvidas advindas dos alunos em relação ao contexto do trecho do livro, já que não se conhece o restante da história. Assim, ter-se-á uma primeira conversa sobre a história.

O que aconteceu na história?

(Discutir brevemente o que se passou neste trecho do romance: é um debate político entre Geraldo Viramundo e o atual prefeito da cidade, o qual acontece de maneira inusitada por meio de adivinhas.)

Quais eram as características de cada um dos concorrentes políticos?

(Trazer em questão a aparência física dos candidatos e suas personalidades adversas. Viramundo era um homem simples, popular, não tinha muito estudo e vivia a mundo a fora. Já o Borda, o outro candidato, usava terno, era um professor culto e falava em várias línguas.)

Debate

O Debate é uma discussão formal entre duas ou mais pessoas, em que cada um apresenta, seguindo regras pré estabelecidas, como de tempo, por exemplo, suas ideias por meio de argumentos e contra-argumentos. Tudo isso é comandado pelo mediador, com a função de mantê-lo organizado. Entre os políticos, esse debate ocorre como forma de cada um questionar o plano de governo do outro e expor os seus ideias, proporcionando aos eleitores um maior conhecimento sobre seus candidatos e suas propostas.

Vocês já assistiram a um debate político?

(Resposta individual).

d) Qual a diferença dele e o contado no livro?

(Relembrar como acontece um debate político e as características deste, diferenciando-o do apresentado na história, o qual é totalmente desconforme ao real. A princípio, o debate apresentado no romance traz, algumas características do debate político real, como a presença de um mediador, regras a serem seguidas, etc. No entanto, essas regras são totalmente diferentes das reais, pois o debate é feito por meio de adivinhas, tendo um tom humorístico e irônico.)

Em seguida, propõe-se que faça um debate em sala. O tema pode ser os mais diversos possíveis, em que o mais importante será seguir as regras para que esse debate aconteça. Os alunos podem se dividir em dois grandes grupos para que o debate aconteça.

Regras sugeridas:

- * falar apenas fazendo perguntas;
- * Responder sem usar adjetivos;
- * 2 minutos para cada um falar;

Florbela Espanca, nasceu em 8 de dezembro de 1895, em Vila Viçosa, foi uma poetisa portuguesa a qual deixou suas marcas no mundo através de versos e obras repletas de nostalgia, dor e um desejo de alcançar a felicidade. Sua saudade teve inspiração na realidade de seus matrimônios fracassados, na perda de seus entes queridos e em sua saúde frágil, acompanhada da depressão. Foi precursora do movimento de emancipação feminina de seu país, escreveu em seu último ano um diário no qual se despede, assim, se suicidando no dia de seu aniversário, em 8 de dezembro de 1930.

A Seguinte poesia foi retirada da sua primeira obra poética editada, na qual declara e expões suas mágoas e saudades para seu pai e irmão.

Vaidade

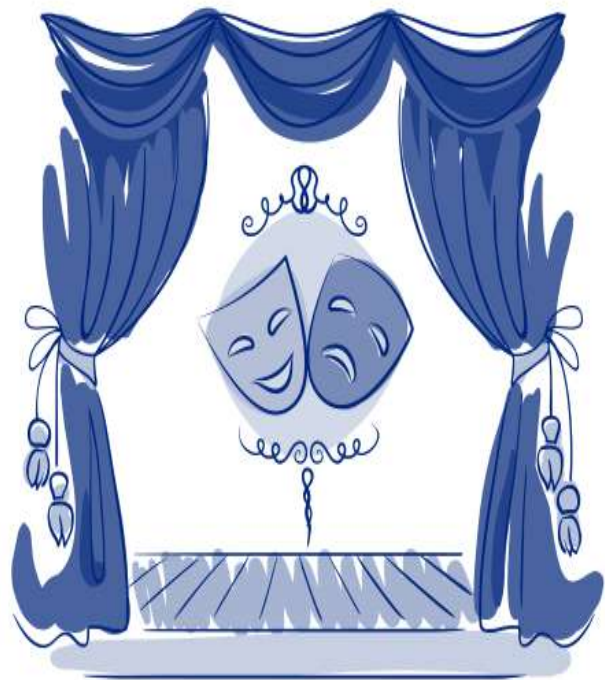
Sonho que sou a Poetisa eleita,
Aquele que diz tudo e tudo sabe,
Que tem a inspiração pura e perfeita,
Que reúne num verso a imensidade!

Sonho que um verso meu tem claridade
Para encher todo o mundo! E que deleita
Mesmo aqueles que morrem de saudade!
Mesmo os de alma profunda e insatisfeita!

Sonho que sou Alguém cá neste mundo ...
Aquele de saber vasto e profundo,
Aos pés de quem a Terra anda curvada!

E quando mais no céu eu vou sonhando,
E quando mais no alto ando voando,
Acordo do meu sonho ... E não sou nada! ...

Florbela Espanca, em "Livro de Mágoas"



A seguinte atividade tem como objetivo auxiliar o aluno no desenvolvimento de uma fala clara, através de uma encenação, ou pequena peça de teatro, da poesia (adaptada), trabalhando sua dicção através da leitura e sonoridade do texto. Sendo esta, produzida em quantas aulas o professor desejar.

1. Primeiro sugere-se que a poesia “*Vaidade*” seja apresentada aos alunos e somente lida pelo professor, usando-se da sonoridade das rimas e dos versos.

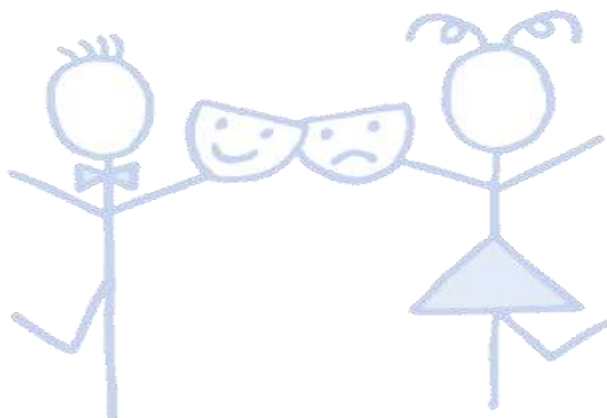
2. Logo, questões que aproximem o aluno da leitura podem ser feitas:

- A) O que é ser uma poetisa eleita?
- B) A poesia tem rimas? Se sim, Elas ajudam na sua leitura?
- C) A pessoa está acordada ou sonhando? Porque?
- D) Como a poesia foi lida?

3. Em seguida, deve-se perguntar sobre o que os alunos gostariam ou sonham em ser, relacionado a pergunta à poesia (a qual fala sobre o sonho de ser algo). Sugere-se que o gênero teatro seja introduzido aos alunos, para que eles compreendam melhor a atividade.

4. **Proposta final a):** recomenda-se que a poesia seja lida novamente com os alunos sendo seguida da proposta da atividade, a qual baseia-se na reescrita de uma estória pelo professor junto dos alunos, adaptando o poema de forma que todos tenham um papel com fala (sendo de escolha do professor a divisão em grupos da turma).

5. **Proposta final b):** a atividade também pode ser desenvolvida como leitura do poema pelos alunos enquanto se faz uma atuação criativa, em conjunto com uma mudança sobre “o que sonham em ser” no poema (sendo de escolha do professor a divisão em grupos da turma).



Momento da leitura:

“O gato malhado e a andorinha Sinhá”

[...]

Quando a Primavera chegou, vestida de luz, de cores e de alegria, olorosa de perfumes sutis, desabrochando as flores e vestindo as árvores de roupagens verdes, o Gato Malhado estirou os braços e abriu os olhos pardos, olhos feios e maus. Feios e maus na opinião geral. Aliás, diziam que não apenas os olhos do Gato Malhado refletiam maldade, e sim, todo o corpanzil forte e ágil, de riscas amarelas e negras. Tratava-se de um gato de meia-idade, já distante da primeira juventude, quando amara correr por entre as árvores, vagabundear nos telhados, miando á luz cheia de canções de amor, certamente picarescas e debochadas. Ninguém podia imagina-lo entoando canções românticas, sentimentais.

Naquelas redondezas não existia criatura mais egoísta e solitária. Não mantinha relações de amizade com os vizinhos e quase nunca respondia aos raros cumprimentos que, por medo e não por gentileza, alguns passantes lhe dirigiam. Resmungava de mau humor e voltava a fechar os olhos como se lhe desagradasse todo o espetáculo em redor.

Era, no entanto, um belo espetáculo, a vida em torno agitada ou mansa. Botões nasciam perfumados e desabrochavam em flores radiosas, pássaros voavam entre trinados alegres, pombos arrulhavam amor, ninhada de pintos recém-nascidos seguiam o cacarejar de orgulhosa galinha, o grande Pato Negro fazia a corte à clara do lago. Folgazões, os cachorros divertiam-se saltando sobre a grama. Do Gato Malhado ninguém se aproximava.

As flores fechavam-se se ele vinha em sua direção: dizem que certa vez derrubara, com uma patada, um tímido lírio branco pelo qual se haviam enamorado todas as rosas.

Não apresentavam provas, mas quem punha em dúvida a ruindade do gatarraz? Os pássaros ganhavam altura ao voar nas imediações do esconso onde ele dormia. Murmuravam inclusive ter sido o Gato Malhado o malvado que roubara o pequeno Sabiá, do seu ninho de ramos, Mamã Sabiá, ao não encontrar o filho para o qual trazia alimento, suicidou-se enfiando o peito no espinho de um mandacaru. Um enterro triste e naquele dia muitas pragas foram pronunciadas em intenção do Gato Malhado. Provas não existiam, mas que outro teria sido? Bastava olhar a cara do bichano para localizar o assassino. Bicho feio aquele.

Os pombos iam amar longe dele:

[...]

As maternais galinhas ensinavam aos pintos cor de ouro como evitar o Gato Malhado em cujas mão criminosas - segundo afirmavam – muitos outros pintainhos haviam perecido [...]. O Pato Negro não queria saber dele pois o gatarrão não amava a água do lago, tão querida do casal de patos. Os cachorros o haviam procurado para com ele corre e saltar. Mas ele os arranhara nos focinhos e os insultara, eriçando o pelo, xingando-lhes a família, a raça, os ascendentes próximos e distantes.

Um gato mau. Mau e egoísta Deitava-se pela manhã sobre o capim para que o Sol o esquentasse, mas, apenas o Sol subia no céu, ele o abandonava por qualquer sombra cariciosa. Ingrato. [...]

Devo dizer, para ser então, que o Gato Malhado não tomava conhecimento do mal que falavam dele. Se o sabia não importava, mas é possível que nem soubesse que era tão malvisto, pois quase não conversava com ninguém, a não ser em certas ocasiões, com a Velha Coruja. Aliás, a coruja, cujas opiniões eram muito respeitadas devido a sua idade, costumava dizer que o Gato Malhado



não era tão mau assim, talvez tudo isso não passasse de incompreensão geral. Os demais ouviam, balançavam a cabeça, e, apesar do respeito que tinham à Coruja, continuavam a evitar o Gato Malhado.

Assim vivia ele quando a Primavera entrou pelo parque adentro, num espalhafato de cores, de aromas, de melodias. Cores alegres, aromas de entontecer, sonoras melodias. O Gato Malhado dormia quando a Primavera irrompeu, repentina e poderosa. Mas sua presença era tão insistente e forte que ele despertou do seu sono sem sonhos, abriu os olhos pardos e estirou os braços. O Pato Negro, que casualmente o olhava, quase caiu de espanto por que teve a impressão de que o Gato Malhado estava sorrindo. [...]

- Creio que ele enlouqueceu... – diagnosticou um Pé de Mastrução que tinha fama de ser bom médico.

- Ele está é preparando alguma nova maldade... – sussurrou a Galinha Carijó, refeita do faniquito, arrastando consigo para longe os pintainhos e Don Juan de Rhode Island.

Enquanto isso o Gato Malhado levantou-se, estirou os braços e as pernas, eriçou o dorso para melhor captar o calor do sol subitamente doce, abriu as narinas para aspirar os novos odores que rolavam no ar, deixou que todo o rosto feio e mau se abrisse num sorriso cordial para as coisas e os seres em torno. Começou a andar.

Aconteceu então uma debandada geral. O grande Pato Negro arrastou a pequena Pata Branca para o fundo do lago [...]. Os pombos recolheram-se todos ao pombal, [...]. Os cães pararam de correr e pular, [...]. Os botões que começavam a virar flores suspenderam momentaneamente seu trabalho e uma rosa que, apressada, já se abrira, deixou cair todas as pétalas sobre o chão. Menos uma que ficou volteando no ar, ao sabor da brisa.

Toda essa correria fez um certo ruído, despertando a atenção de Gato Malhado. Olhou espantado, por que fugiam todos se era tão belo o parque naquela hora da chegada da Primavera? Não havia tempestade, não corria o vento frio derrubando as folhas, a chuva não desabava em lágrimas sobre os telhados. Como fugir e esconder-se quando a Primavera chegava trazendo consigo a doçura de viver? Será que a Cobra Cascavel havia voltado, havia ousado retornar ao parque? O Gato Malhado procurou-a com os olhos. Se fosse ela, dar-lhe-ia nova lição para que jamais ali viesse roubar ovos, tirar pássaros dos ninhos, comer pintos e pombas-rolas. Mas não, a Cascavel não estava. O Gato Malhado refletiu. E compreendeu então que fugiam dele, há tanto tempo que não o ouviam miar nem sorrir que agora se amedrontavam.

Foi uma triste constatação. Primeiro deixou de sorrir, mas depois, encolheu os ombros num gesto de indiferença. Era um gato orgulhoso, pouco lhe importava o que pensassem dele. [...]

O Gato Malhado aspirou a plenos pulmões a Primavera recém-chegada. Sentia-se leve, gostaria de dizer palavras sem compromisso, de andar à toa, até mesmo de conversa com alguém. Procurou mais uma vez com os olhos pardos, mas não viu ninguém. Todos haviam fugido.

Não, todos não. No ramo de uma árvore a Andorinha Sinhá fitava o Gato Malhado e sorria-lhe. [...]

Novo parêntesis, para apresentar a Andorinha Sinhá

(Quando ela passava, risonha e trêfega, não havia pássaros em idade casadoira que não suspirasse. Era muito jovem ainda, mas, onde quer que estivesse, logo a cercavam todos os moços do parque. Faziam-lhe declarações, escreviam-lhe poemas, o Rouxinol, seresteiro afamado, vinha ao clarão da lua cantar à sua janela. Ela ria para todos, com todos se dando, não amava nenhum. Livre de todas as preocupações voava de árvore em árvore pelo parque, curiosa e conversadeira, inocente coração. No dizer geral não existia, em nenhum dos parques por ali espalhados, andorinha tão bela nem tão gentil quanto a Andorinha Sinhá.)

Continuação da estação da Primavera

Em torno era a Primavera, o sonho de um poeta. O Gato Malhado teve vontade de dizer algo semelhante à Andorinha Sinhá. Sentou-se no chão, alisou os bigodes, apenas perguntou:

-Tu não fugiste com os outros?

-Eu? Fugir? Não tenho medo de ti, os outros são todos uns covardes... Tu não me podes alcançar, não tens assas para voar, és um gatarrão ainda mais tolo do que feio. E olha lá que és feio...

-Feio, eu?

O Gato Malhado riu, riso espantoso de quem se havia desacostumado de rir, e desta vez até as árvores mais corajosas, como o Pau-Brasil – um gigante – estremeceram. “Ela o insultou e ele a vai matar”, pensou o velho Cão Dinamarquês. [...]

O Gato Malhado continuava a rir, apesar de se sentir um tanto ofendido. Não porque a Andorinha o houvesse tachado de mau e sim por tê-lo chamado de feio, e ele se achava lindo, uma beleza de gato. Elegante também.

-Tu me achas feio? De verdade?

-Feiíssimo...- reafirmou lá de longe a Andorinha.

-Não acredito. Só uma criatura cega poderia me achar feio.

-Feio e convencido!

A conversa não continuou porque os pais da Andorinha Sinhá, o amor pela filha superando o medo, chegaram voando, e a levaram consigo, ralhando com ela, pregando-lhe um sermão daqueles. Mas a Andorinha, enquanto a retiravam, ainda gritou para o Gato:

-Até logo, seu feio...

[...]

Hora da Interpretação!!!

1. Por que os personagens da história não gostavam do gato?
2. Que tipo de atitudes o gato malhado tinha, que desaproximava os outros animais dele?
3. Segundo o texto, a primavera é a estação que nos diz o que?
4. Quais os adjetivos utilizados no texto para descrever o gato malhado?
5. Você se identificou com algum dos personagens? Qual? Por quê?
6. Ao ler o pequeno trecho da história, notamos a presença de um problema que convivemos em nosso dia a dia, o bullying. Descreva em qual trecho da história podemos notar?
7. Usufruindo de sua imaginação, em 15/20 linhas, escreva um suposto final para a história. Logo após, @ professor@ lhe contara o verdadeiro final desta incrível historinha.

7

José Saramago

O conto “O silêncio da água”, traz a história a aventura de uma garoto que sai para pescar em um rio, e ao lançar seu anzol na água fígar um peixe enorme que para o espanto do menino a linha e o anzol são arrastado pela força que este fez . E também faz alusão a infância do autor.

*"Não creio que exista no mundo um silêncio mais profundo que o silêncio da água.
Senti-o naquela hora e nunca mais o esqueci".
José Saramago*

O Silêncio da água

“Tinha eu ido com os meus petrechos a pescar na foz do Almonda, chamávamos-lhe a “boca do rio”, onde por uma estreita língua de areia se passava nessa época ao Tejo, e ali estava, já o dia fazia as suas despedidas, sem que a bóia de cortiça tivesse dado sinal de qualquer movimento subaquático,[...]”



Contextualizando

No conto, vimos a pescaria de um garoto, que se vê em uma aventura e ao capturar, o peixe este, arrasta sua isca e anzol, para ao fundo do rio, o que seria uma tarde de uma pescaria normal se torna em uma batalha entre o garoto e o peixe. Como se sabe a pesca é uma atividade que emprega muitas pessoas em diversos países, porém a pesca predatória tem sido combatida por muitas organizações de proteção aos animais.

Neste texto extraído da revista veja, informa a retomada das caças às baleias, uma prática que estava suspensa que agora volta a assolar os mares abaixo vemos imagem dessa captura.

Após 30 anos, Japão volta a caçar baleias para fins comerciais

O país asiático já havia se retirado de programas de proteção e avisou em dezembro de 2018 que a caça voltaria a acontecer



Nos textos apresentados é possível vermos a

- *Recordação da infância*
- *Amadurecimento do menino em relação ao fato ocorrido*
- *Vida e morte*
- *Relações humanas (pesca e sobrevivência)*
- *Pesca consciente / pesca predatória*

Aplicação de Atividades

Com base nos textos apresentados elabore atividades com os alunos

Sugestão de atividades

Pescaria (sem água)

Material que irá precisar:

Tampinha de garrafa pet, papelão ou papel cartão, cliques de metal, tesoura, fita adesiva ou cola quente, palito de churrasco, um recipiente (que servirá de piscina) pode ser uma bacia de plástico ou uma caixa de papelão, barbante de algodão ou nylon, imã

- ⇒ *Recorte um desenho na forma de um peixe cole este em uma tampinha pet, cole no centro um clipe de metal com fita auto colante ou cola quente*
- ⇒ *Para a vara de pesca utilize um ou mas palito de churrasco, amarre um barbante na ponta, sendo de algodão ou nylon e na ponta do fio um pedaço de imã*
- ⇒ *Os peixes devem trazer perguntas, brincadeiras ou curiosidades (referente a proposta do textos 1 e 2)*
- ⇒ *Deve ser respondido e quem não souber deve pagar uma prenda*

7

Lygia Fagundes Telles

“As Formigas” de Lygia Fagundes Telles

“As formigas” conta a história de duas amigas, primas e universitárias que se mudam para uma pensão, um ambiente decadente, velho e sombrio. As garotas vão se instalar num quarto da pensão e descobrem que o antigo morador deixou lá um caixote com uns ossos guardados. Durante a noite, o quarto é tomado por um cheiro de bolor e por uma invasão de formigas que não se sabe de onde vem e que tomam o recipiente onde está guardado os ossos, embaixo da cama da garota. O que deixa a narrativa mais intrigante é que quando vão investigar o que teria atraído as formigas na caixa percebem que a posição dos ossos havia se mexido.

Disponível na íntegra em: TELLES, Lygia Fagundes. **Seminário dos ratos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009 [1977].



<https://www.pinterest.co.uk/pin/551128073140704897/>

Após a leitura, conjuntamente com os alunos, discutir sobre os elementos que a autora utiliza para criar o ambiente de suspense, a fim de provocar a sensação de desconforto, bem como os sentimentos de medo, tensão e angústia.

Aproveitando a temática do conto, abordar sobre as lendas urbanas, que são histórias geralmente de terror, que envolvem situações macabras e misteriosas. Pontuar o que difere as lendas dos contos (as lendas costumam ser mais breves que os contos, seu enredo é mais simples e há menos personagens). Após, falar brevemente sobre as diferenças existentes entre as lendas folclóricas das urbanas (destaque que as primeiras são histórias mais antigas, enquanto as urbanas exploram aspectos inusitados da vida cotidiana que supostamente aconteceram recentemente).



<https://umundodehistorias.files.wordpress.com/2016/03/0f8cf-mulher2bestrada2b2.jpg>

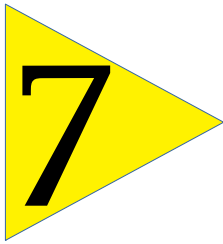
Atividade proposta: Criação de uma lenda urbana.

Propor para que a turma faça um círculo na sala, com objetivo de compartilhar histórias (lendas urbanas).

Em seguida, contar uma lenda urbana (escolher uma de sua preferência).

Sugestão: enquanto conta a lenda urbana escolhida, deixar de fundo um trilha sonora: “músicas de terror”, para criar um clima de suspense.

Após, compartilhar conjuntamente algumas lendas urbanas, propor à turma para que com base em suas experiências, memórias de infância, histórias de seus avós, crie sua própria lenda urbana.



Machado de Assis

Distribuir-lhes a fábula ‘história comum’,

A fábula, nos conta a história de um alfinete, que tinha sido comprada por uma mucama, chamada Felicidade, o qual levava uma rotina monótona. Certo dia, o qual ia ter um baile em que as senhoritas da casa iriam, e ele tanto queria ir, a Rosa que estava pregada ao peito de Clarinha, e mucama ofereceu um alfinete, tal que era ele próprio. Lá foi ele, sentindo-se entusiasmado com aquele ambiente, o qual acreditava ser ‘seu lugar’.

A proposta principal é a produção de contos e a colaboração entre os alunos. A sala deve ser dividida em poucos grupos, a fábula deve ser produzida com base em histórias de objetos, de maneira que a própria obra sirva como inspiração para novas fábulas. Cada grupo deve produzir um, com base em algum objeto.

Materiais necessários: folhas 4x4

DICIONÁRIO: *copa:* parte oca do chapéu, onde se põe a cabeça;

épico: grande, sublime, elevado;

chita: tecido ordinário de algodão, estampado e colorido;

fichus: palavra francesa, lenço usado para a cabeça ou para os ombros;

mucama: criada ou escrava que ajuda nas tarefas domésticas;

asseada: que se veste com asseio, limpo, claro, bem vestido e elegante;

arrufos: zanga passageira, reinação;

ignóbil: vergonhoso;

alcova: quarto;

monótono: que não muda o tom; que não varia;

afinco: cuidado, insistência;

solicita: está sempre a disposição, que oferece ajuda, que auxilia prontamente, prestativo;

diadema:] joia que se usa na cabeça, similar a uma tiara;

toilette: acessórios para vestir e preparar-se para os eventos;

consternação: Aflição e abatimento;

alvoroço: agitação, alteração de ânimo, inquietação

arfando: ofegar: respirar com dificuldade;

mister: necessário;

penhor: objeto que prova um compromisso;

Partindo da perspectiva de mudanças fisiológicas, comportamentais e sociais nesta etapa, sugere-se o trabalho reflexivo acerca da identidade e constituição dos sujeitos.

Inicialmente, apresenta-se a biografia do autor e lê-se com os alunos o poema:

Mudança de idade

Para explicar
os excessos do meu irmão
a minha mãe dizia:
está na mudança de idade.
Na altura,
eu não tinha idade nenhuma
e o tempo era todo meu.
Despontavam borbulhas
no rosto do meu irmão,
eu morria de inveja
enquanto me perguntava:
em que idade a idade muda?
Que vida,
escondida de mim, vivia ele?
Em que adiantada estação
o tempo lhe vinha comer à mão?
Na espera de recompensa,
eu à lua pedia uma outra idade.
Respondiam-me batuques
mas vinham de longe,
de onde já não chega o luar.
Antes de dormirmos
a mãe vinha esticar os lençóis
que era um modo

de beijar o nosso sono.
Meu anjo, não durmas triste, pedia.
E eu não sabia
se era comigo que ela falava.
A tristeza, dizia,
é uma doença envergonhada.
Não aprendas a gostar dessa doença.
As suas palavras
soavam mais longe
que os tambores nocturnos.
O que invejas, falava a mãe, não é a ida-
de.
É a vida
para além do sonho.
Idades mudaram-me,
calaram-se tambores,
na lua se anichou a materna voz.
E eu já nada reclamo.
Agora sei:
apenas o amor nos rouba o tempo.
E ainda hoje
estico os lençóis
antes de adormecer.

(Mia Couto)

Posteriormente apresenta-se o vídeo “Fases da vida de uma mulher”. Após, com base em ambos, pergunta-se aos alunos:

Qual a relação entre o poema e o vídeo?

Quais mudanças são comuns em ambos?

Depois, sugere-se a divisão dos alunos em grupos. Para cada grupo deve ser estabelecida uma fase da vida: infância, adolescência, fase adulta, velhice.

Para a atividade é distribuído material aos alunos, que devem criar um produto inexistente para aquele público. Para tal, terão que refletir sobre os aspectos:

Importância do item;

Acessibilidade do produto;

Custo– benefício;

Características;

Por fim, distribuir os cartazes pela escola, em caso de permissão da instituição.

7

MIGUEL TORGA

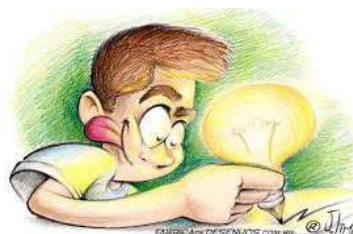
NERO

Sentia-se cada vez pior. Agora nem a cabeça sustinha de pé. Por isso encostou-a ao chão, devagar. E assim ficou, estendido e bambo, à espera. Tinha-se despedido já de todos. Nada mais lhe restava sobre a terra senão morrer calmo e digno, como outros haviam feito a seu lado. É claro que escusava de sonhar com um enterro bonito, igual a muitos que vira, dentro dum caixão de galões amarelos, acompanhado pelo povo em peso... Isso era só para gente, rica ou pobre. Ele teria apenas uma triste cova no quintal, debaixo da figueira lampa, o cemitério dos cães e dos gatos da casa. E louvar a Deus apodrece, a dois passos da cozinha! A burra nem sequer essa sorte tivera. Os seus ossos reluziam ainda na mata da Pedreira. Chuva, geada, sincelo em cima. Até um lebrão descarado se fora aninhar debaixo da arcada das costelas, de caçoada! Ah, sim, entre dois males... Já que não havia melhor, ficar ao menos ali. No tempo dos figos, pela fresca, a patroa viria consolar a barriga. Gostava de figos, a velhota. E sempre se sentiria acompanhado uma vez por outra. Não que fizesse grande finca-pé naquela amizade. Longe disso. A menina dos seus olhos era a morgada, a filha, que o acariciara como a uma criança. A velha toda a vida o pusera a distância. Dava-lhe o naco de broa (honra lhe seja), mas borrava a pintura logo a seguir: - Ala! E ele retirava-se cerimoniosamente para o ninho. Só a rapariga o aquecera ao colo quando pequeno, e, depois, pelos anos fora, o consentira ao lume, enroscado a seus pés, enquanto a neve, branca e fria, ia cobrindo o telhado. O velho também o apapricava de tempos a tempos. Se a vida lhe corria e chegava dos bens de testa desenrugada, punha-lhe a manápula na cabeça, meigamente, e prometia-lhe a vinda do patrão novo. Porque o seu verdadeiro senhor era o filho, um doutor, que morava muito longe. Só aparecia na terra nas férias de Natal. Mas nessa altura pertencia-lhe inteiramente. Os outros apenas o tratavam, o sustentavam, para que o menino tivesse cão quando chegasse. Apesar disso, no íntimo, considerava-se propriedade dos três: da filha, do velho e da velha. Com eles compartilhara aqueles longos oito anos de existência. Com eles passara invernos, outonos e primaveras, numa paz de família unida. Também estimava o outro, o fidalgo da cidade, evidentemente, mas amizades cerimoniosas não se davam com o seu feitio. Gostava da voz cristalina da dona nova, da índole daimosa da patroa velha e da mão calejada do velhote. - Tens o teu patrão aí não tarda, Nero... O nome fora-lhe posto quando chegou. Antes disso, lá onde nascera, não tinha chamadouro. Nesse tempo não passava dum pobre lapuz sem apelido, muito gordo, muito maluco, sempre agarrado à mama da mãe, que lhe lambia o pêlo e o reconduzia à quentura do ninho, entre os dentes macios, mal o via afastar-se. Pouco mais. Com dois meses apenas, fez então aquela viagem longa, angustiosa, nos braços duros dum portador. Mas à chegada teve logo o amigo acolhimento da patroa nova. Festas no lombo, leite, sopas de café. De tal maneira, que quase se esqueceu da teta doce onde até ali

encontrava a bem aventurança, e dos irmãos sôfregos e birrentos. - Nero! Nero! Anda cá, meu palerma! A princípio não percebeu. Mas foi reparando que o som vinha sempre acompanhado de broa, de caldo, ou de um migalho de toucinho. E acabou por entender. Era Nero. E ficou senhor do nome, do seu nome, como da sua coleira. Principalmente depois que o patrão novo chegou, sério, com dois olhos como dois faróis. Apareceu à tarde, num dia frio. [...]



Hora de pôr a mão na massa



Agora que você já leu o início do conto de Miguel Torga, que faz parte do livro “Bichos” pesquise na internet ou nas bibliotecas da sua cidade, a versão completa do conto, junte-se com seus colegas e façam uma dramatização em forma de peça teatral ou teatro de sombras, adapte conforme as necessidades e faça seu espetáculo!

Curiosidades: Você soube reconhecer alguns traços semelhantes a uma figura do passado do personagem principal, Nero? Percebe-se uma grande ligação com o Imperador Romano Nero, um tirano que termina sua vida suicidando-se. O cão Nero não se suicida, mas também acaba sozinho posto de lado pelos donos.

7

Millôr Fernandes

A última vontade

À maneira dos... assírios

Aben Assan, filho espúrio e estafalário, sempre contrariava as decisões de Ibin Bibar, seu pai. Desde menino, já lá vão quatro décadas, fazia exatamente o oposto do que o velho mandava ou sugeria. A princípio o pai não percebeu, depois percebeu, enfim certificou-se - era uma coisa deliberada, senaqueríbica (*).

Por isso, quando sentiu que ia morrer, querendo ser enterrado no mausoléu da família, Ibin Bibar chamou Aben Assan e disse: "Meu filho, não quero ir pro cemitério da cidade, como todo mundo. Quero estar num lugar onde não sejam possíveis reverências nem adulações pós-tumas, todas hipócritas. Pegue meu corpo e jogue no lamaçal lá no fim da estrada." E, dizendo isso, condizentemente, morreu.

Ao ver o pai morto, Aben Assan teve uma súbita crise de arrependimento por tudo que havia feito na vida e resolveu mudar seu comportamento para com aquele que sempre o tratara como... um pai. Pensou: "Não, ele nunca mereceu a maneira como eu o tratei. Desta vez, a última, vou fazer exatamente o que ele pediu." E, ajudado por empregados um tanto relutantes, pegou o corpo do pai e o atirou no lamaçal no fim da estrada.

(*) Senaqueribe era uma espécie de monarca-psicanalista da Mesopotâmia. Senaqueríbico significa o mesmo que freudiano. Não há nada de novo sob o sol. Embora estejamos inventando isso agora.

MORAL: CRIA CORVOS E TE ARRANCAM OS OLHOS.

- 1) Quem eram os personagens?
- 2) Em qual pessoa se encaixa o eu-lírico?
- 3) Qual o tema do conto?
- 4) Como era o comportamento do filho antes da morte do pai?
- 5) Qual era a última vontade?
- 6) Como foi a reação do filho com essa vontade.

7

Monteiro Lobato

As Memórias de Emília é um livro em que a boneca escreve sua biografia. Na verdade, é a boneca coloca o Visconde de Sabugosa para escrever e se contenta fazendo alguns comentários. Emília é mais que uma boneca, é uma grande inventora de histórias, na obra ela conta mentirinhas sobre as suas memórias.

A história conta sobre a vida de um anjinho com a asa quebrada, e de como o Capitão Gancho queria usar o anjinho para ganhar dinheiro. Emília também “contou” (ou inventou) no livro o que teria acontecido se o anjinho não tivesse ido embora: ela fugiria com os ingleses, com o anjinho e com o Visconde; e iriam para Hollywood.

-Espere – disse Emília. O escrevedor de memórias vai escrevendo, até sentir que o dia da morte vem vindo. Então pára; deixa o finalzinho sem acabar. Morre sossegado.

-E as suas memórias vão ser assim?

-Não, porque não pretendo morrer. Finjo que morro só. As últimas palavras têm de ser estas: “E então morri...” com reticências

Biografia de Monteiro Lobato

Foi um escritor e editor brasileiro. "O Sítio do Pica-pau Amarelo" é sua obra de maior destaque na literatura infantil. Criou a "Editora Monteiro Lobato" e mais tarde a "Companhia Editora Nacional". Foi um dos primeiros autores de literatura infantil de nosso país e de toda América Latina.

Metade das obras de Monteiro Lobato é formada de literatura infantil. Destaca-se pelo caráter nacionalista e social. O universo retratado em suas obras são os vilarejos decadentes e a população do Vale do Paraíba, quando da crise do café. Situa-se entre os autores do Pré-Modernismo, período que precedeu a Semana de Arte Moderna.

Infância e formação

Monteiro Lobato nasceu em Taubaté, São Paulo, no dia 18 de abril de 1882. Era filho de José Bento Marcondes Lobato e Olímpia Monteiro Lobato. Alfabetizado pela mãe, logo despertou o gosto pela leitura, lendo todos os livros infantis da biblioteca de seu avô o Visconde de Tremembé.

Desde menino já mostrava seu temperamento irrequieto, escandalizou a sociedade quando se recusou fazer a primeira comunhão. Fez o curso secundário em Taubaté. Com 13 anos foi estudar em São Paulo, no Instituto de Ciências e Letras, se preparando para a faculdade de Direito.

Registrado com o nome de José Renato Monteiro Lobato, resolve mudar de nome, pois queria usar uma bengala, que era de seu pai, que havia falecido no dia 13 de junho de 1898. A bengala tinha as iniciais J.B.M.L gravadas no topo do castão, então mudou de nome, passou a se chamar José Bento, assim as suas iniciais ficavam iguais às do pai.

Ingressou na Faculdade de Direito do Largo de São Francisco na capital, formando-se em 1904.

Literatura infantil

Entusiasmado compra a Revista do Brasil e torna-se editor. Publica em 1918, seu primeiro livro "Urupês", que esgota em sucessivas tiragens. Transforma a Revista em centro de cultura e a editora numa rede de distribuição com mais de mil representantes.

Monteiro Lobato, em sociedade com Octalles Marcondes Ferreira, funda a "Companhia Gráfico-Editora Monteiro Lobato". Com o racionamento de energia, a editora vai à falência. Vendem tudo e fundam a "Companhia Editora Nacional". Lobato muda-se para o Rio de Janeiro e começa a publicar livros para crianças.

Como escritor literário, Lobato destacou-se no gênero "conto". O universo retratado, em geral são os vilarejos decadentes e as populações do Vale do Paraíba, quando da crise do plantio do café. Em seu livro "Urupês", que foi sua estreia na literatura, Lobato criou a figura do "Jeca Tatu", símbolo do caipira brasileiro. As histórias do "Sítio do Pica-pau Amarelo", e seus habitantes, Emília, Dona Benta, Pedrinho, Tia Anastácia, Narizinho, Rabicó e tantos outros, misturam a realidade e a fantasia usando uma linguagem coloquial e acessível.

José Renato Monteiro Lobato ou José Bento Monteiro Lobato faleceu em São Paulo, no dia 5 de julho de 1948, de problemas cardíacos.

Atividade sugerida:

Ler o trecho do texto apresentado, em análise disto produzir uma autobiografia e na sequência responder as questões sobre a biografia do autor.

Questões:

1. Monteiro Lobato foi alfabetizado pela/por?
 sua mãe
 seu gato
 sua avó falecida
 seu filho
2. Despertou o gosto pela literatura, lendo todos os livros da biblioteca de/da?
 seu papagaio
 sua namorada
 seu avô
 Benta
3. Qual era o nome de seu avô?
 Bernardo Lima
 José Bento
 Visconde de Tremembé
 Pedrinho
4. Mudou seu nome e passou a se chamar José Bento, assim as suas iniciais passaram a ficar igual do/da?
 sua madrinha
 seu cachorro
 seu pai
 Emília



7

Paulo Leminski

Haikai é um poema curto de origem japonesa. Composto por três versos, sendo que o primeiro e o terceiro verso são pentassílabos, o segundo verso é heptassílabo, formando um total de dezessete sílabas poéticas, podendo ou não, possuir rima e título. O haikai chegou ao Brasil no século XX, e o poeta Paulo Leminski foi um dos principais autores a cultivar o gênero em nosso país.

Hai = Brincadeira

Kai = Harmonia

Abaixo, alguns dos haikais de Paulo Leminski:

casa com cachorro brabo
meu anjo da guarda
abana o rabo

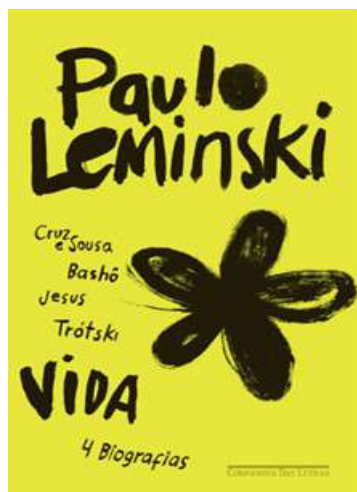
A palmeira estremece
palmas pra ela
que ela merece

tudo dito,
nada feito,
fito e deito

essa vida é uma
viagem
pena eu estar
só de passagem



Matsuo Bashō, poeta do período Edo.



Capa do livro *Vida – 4 biografias*, publicação pela Editora Companhia das Letras.

Com os Haicais apresentados anteriormente de Leminski podemos observar a naturalidade, o jeito próprio do autor escrever e transitar entre os versos tradicionais do haikai japonês, nota-se também a sua liberdade estilística diante de sua escrita, é isso que os torna seus poemas belos e peculiares.

Mesmo que seja específica a estrutura do haikai japonês, alguns escritores não seguem mais esse modelo silábico, com essas mudanças, estes poemas são escritos com uma silabação mais livre, que pode ser; com dois versos mais longos e um mais curto, ou, vice-versa.

AGORA É SUA VEZ!

Como podemos notar, escrever um haikai é um desafio com tamanha intensidade, pois possui uma linguagem simples, mas que tem um grande peso poético. A partir do que foi estudado sobre o gênero, produza o seu haikai. Não precisa, necessariamente, seguir o padrão da métrica silábica japonesa, pode ser a partir da silabação atual de forma livre, como dita anteriormente, e de resto é só deixar fluir conforme sua imaginação desejar. Vamos nessa?!

7

Rachel de Queiroz



Escolher algumas obras de Rachel de Queiroz, como por exemplo: Menino mágico, Andira, O Quinze, Memorial de Maria Moura, As Três Marias, O Galo de Ouro, entre outras, juntamente de outros livros de outros autores, com diferentes temáticas (ex: Machado de Assis, JK Rowling, Suzanne Collins), selecionando de cada livro: a capa, uma frase marcante, personagem e nome do personagem (recortar em quadrados, estilo jogo da memória).

Primeira aula:

Apresentar o “joguinho”, separar a turma em trios ou grupos, entregando os papéis recortados e deixar que pelo conhecimento prévio tentem montar de maneira correta a obra (capa + frase marcante + personagem + nome do personagem).

Segunda aula:

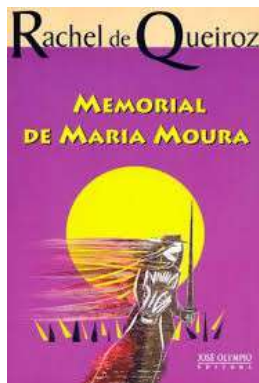
Em seguida, mostrar como seria a montagem correta das obras, questionar qual tiveram o maior número de acertos, e se conhecem todos os escritores (probabilidade de terem pouco conhecimento). Questioná-los sobre Rachel de Queiroz (conhecem ou não), perguntar o que acreditam que cada obra dela retrata.

Terceira Aula:

Apresentar um breve histórico da escritora Rachel de Queiroz, sua forma de escrita, e as temáticas de cada obra.

Tempo: 3 aulas

Exemplo:



Capa do livro

“(…) eu sentia (e sinto ainda) que não nasci pra coisa pequena. Quero ser gente. Quero falar com os grandes de igual para igual.”

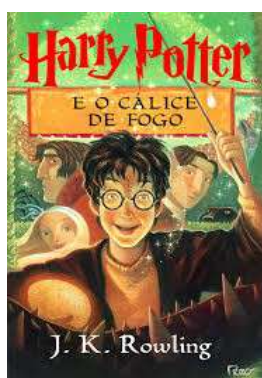
Frase marcante



Personagem

Maria Moura

Nome do personagem



Capa do livro

“Embora venhamos de lugares diferentes e falamos línguas diferentes nossos corações batem como um só!”

Frase marcante



Personagem

Hermione Granger

Nome do personagem



Capa do livro

“Recordando a labuta do dia, o que o dominava agora era uma infinita preguiça da vida, da eterna luta com o sol, com a fome, com a natureza.”

Frase marcante



Personagem

Chico Bento

Nome do personagem

As peças do “jogo da memória” devem ser misturadas.
Obs: Interessante utilizar em torno de 8 obras, incluindo outros autores.



Vinicius de Moraes

O POETA E A ROSA

Rio de Janeiro , 1962

(E com direito a passarinho)

Ao ver uma rosa branca
O poeta disse: Que linda!
Cantarei sua beleza
Como ninguém nunca ainda!

Qual não é sua surpresa
Ao ver, à sua oração
A rosa branca ir ficando
Rubra de indignação.

É que a rosa, além de branca
(Diga-se isso a bem da rosa...)
Era da espécie mais franca
E da seiva mais raivosa.

- Que foi? - balbucia o poeta
E a rosa; - Calhorda que és!
Pára de olhar para cima!
Mira o que tens a teus pés!

E o poeta vê uma criança
Suja, esquelada, andrajosa
Comendo um torrão da terra
Que dera existência à rosa.

- São milhões! - a rosa berra
Milhões a morrer de fome
E tu, na tua vaidade
Querendo usar do meu nome!...

E num acesso de ira
Arranca as pétalas, lança-as
Fora, como a dar comida
A todas essas crianças.

O poeta baixa a cabeça.
- É aqui que a rosa respira...
Geme o vento. Morre a rosa.
E um passarinho que ouvira

Quietinho toda a disputa
Tira do galho uma reta
E ainda faz um cocozinho
Na cabeça do poeta.

- Qual estrofe mais lhe chamou a atenção? Por quê?
- O que o autor apresenta nesse poema? Explique.
- Agora faça uma ilustração com as estrofes que mais lhe agradaram ou tente criar um poema com a estrutura de um Haikai

Esta corrente define haikai como um poema escrito em linguagem simples, sem rima, estruturado em três versos que somem dezessete sílabas poéticas; cinco sílabas no primeiro verso, sete no segundo e cinco no terceiro.

7

Vitorino Nemésio

As obras de Vitorino Nemésio refletem inequivocamente a vivência açoriana imbuída de religiosidade irônica e de pitoresco costumbrista. Nas poesias percebe-se uma procura incessante da palavra e do sujeito. É fundamental o papel da memória, da saudade e do amor, que por sinal quando o amor entra em colapso surge a falta de sonhos deixando a vida sem sentido, ou sem cor, e até mesmo silenciosa. Assim como a obsessão da morte, obsessão que vai evoluindo de uma angústia profunda até uma aceitação pacífica e desassombrada, onde acaba se perdendo o tempo das flores e arruinando o processo para se cultivar uma vida com o ardor do amor!



QUADRANTE

Falta-me sonho um dia
E a vida é como se morte.
Nem tristeza ou alegria
Cabem na minha sorte.

Que a distância é já tanta
Como o silêncio a quis.
Saudade, sim, isso é que é planta!
É só saudade que se diz.

Ah! aromas antigos,
Que é das auras passadas?
Agora vêm os castigos
Das coisas mal começadas.

Quem estraga os canteiros
E perde o tempo da flor
E arruína os verdadeiros
Muros do nosso amor?

Quem se entretém cortando
Já as hastes crescidas
No ar que as ia criando
Rebentadas, comovidas?

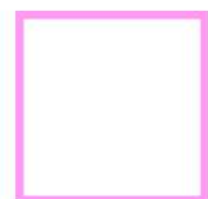
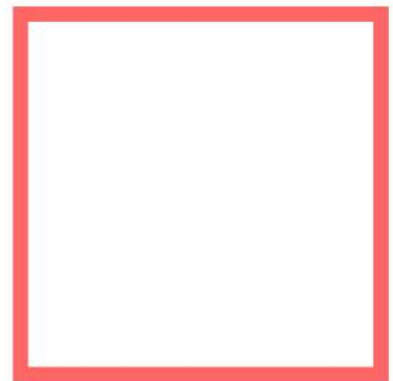
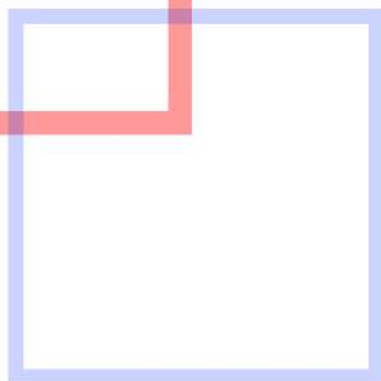
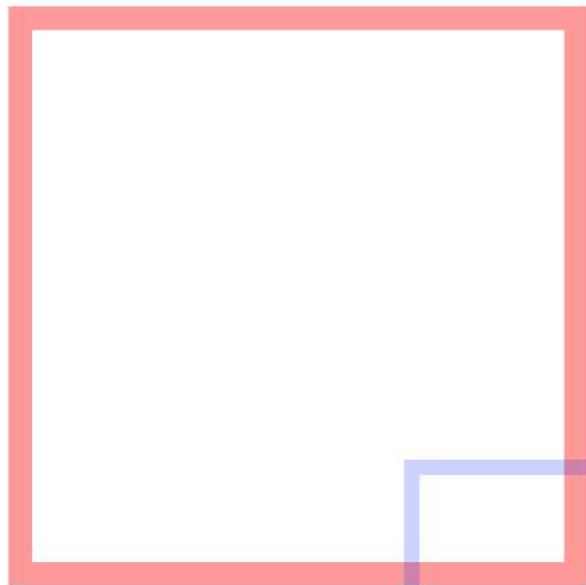
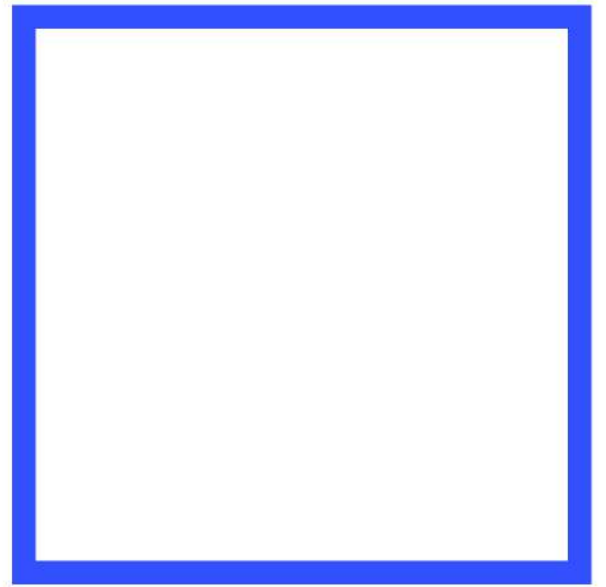
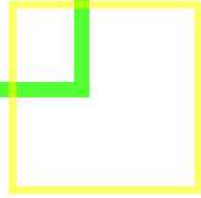
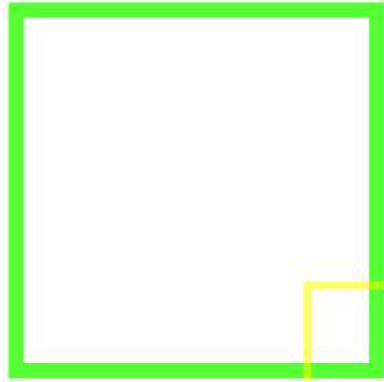
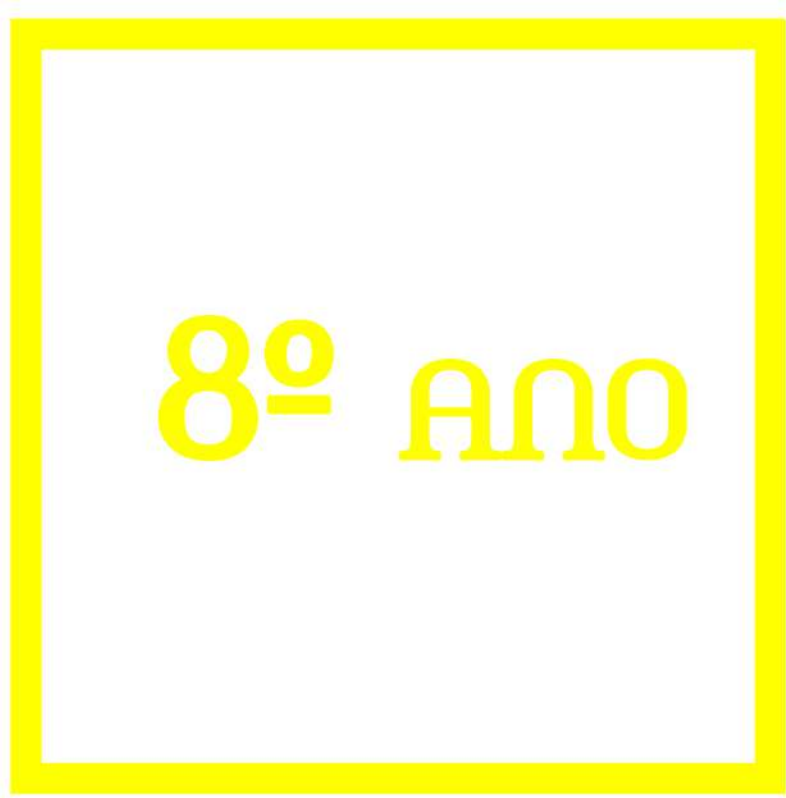
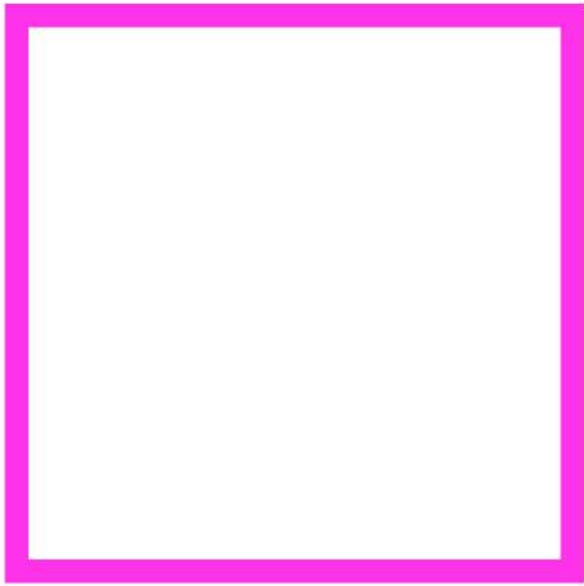
Quem deita a chave fora
Como uma rosa fria?
Enfim a torre deu a hora,
Só nossa casa está vazia.

OBJETIVO

- Trabalhar interpretação de texto.

MÉTODO

- Fazer cópias do poema para primeiramente os alunos fazerem uma leitura individual, depois a professora faz uma leitura ajudando eles a compreender melhor o poema, no final pedir para eles responderem algumas questões e declamarem os poemas feito por eles.
1. Como é composta uma poesia para você?
 2. Quantos estrofes têm esse poema?
 3. Cada estrofe tem a mesma composição de verso?
 4. Do que o eu lírico trata no poema?
 5. Quem arruína o amor que o eu lírico está sentindo?
 6. Produza um poema passando os seus sentimentos para ele, seja ele bom ou ruim.



8

Ariano Suassuna

Auto da Compadecida é uma peça teatral escrita por Ariano em 1955. É, sem dúvidas, sua obra mais conhecida, pois além de ter sido encenada várias vezes em teatros, também virou produção de cinema. A história da peça narra, em três atos, as aventuras de João Grilo e Chicó, dois sertanejos que vivem assolados pela fome, seca e pobreza, e usam de sua criatividade para sobreviver.



A história acontece na região do Nordeste e é marcada pelos seguintes elementos:

- ⇒ Literatura de Cordel;
- ⇒ Traços do barroco católico brasileiro;
- ⇒ Mescla entre cultura popular e tradição religiosa;
- ⇒ A escrita é caracterizada por preservar a linguagem oral;
- ⇒ Regionalismo;
- ⇒ Diferença de classes.

O período barroco é marcado pelas antíteses, isto é, marca os conflitos vividos pelas pessoas de sua época. Exemplos: extravagância e simplicidade, bem e mal, etc.

O que será que aconteceu nessa história?



Sugere-se que o docente trabalhe com uma adaptação da história. Disponível na íntegra em: SUASSUNA, Ariano. **Auto da Compadecida**. – 26° ed. – Rio de Janeiro: Agir, 1993.

Aqui encontra-se uma adaptação correspondente ao ato do Julgamento.

JOÃO GRILO

Jesus?

MANUEL

Sim.

JOÃO GRILO

Aquele Jesus a quem chamavam Cristo?

JESUS

A quem chamavam, não, que era Cristo. Sou, por quê?

JOÃO GRILO

Porque... não é lhe faltando com o respeito não, mas eu pensava que o senhor era muito menos queimado.

BISPO

Cale-se, atrevido.

MANUEL

Cale-se você. Com que autoridade está repreendendo os outros? Você foi um bispo indigno de minha Igreja, mundano, autoritário, soberbo. Seu tempo já passou.

JOÃO GRILO

Muito bem. Falou pouco mas falou bonito. A cor pode não ser das melhores, mas o senhor fala bem que faz gosto.

MANUEL

Muito obrigado, João, mas agora é sua vez. Você é cheio de preconceitos de raça. Vim hoje assim de propósito, porque sabia que isso ia despertar comentários. Que vergonha!

PADRE

Eu, por mim, nunca soube o que era preconceito de raça.

ENCOURADO, sempre de costas para Manuel

É mentira. Só batizava os meninos pretos depois dos brancos.

PADRE

Mentira! Eu muitas vezes batizei os pretos na frente.

ENCOURADO

Muitas vezes, não, poucas vezes, e mesmo essas poucas quando os pretos eram ricos.

PADRE

Prova de que eu não me importava com cor, de que o que me interessava...

MANUEL

Era a posição social e o dinheiro, não é, Padre João? Mas deixemos isso, sua vez há de chegar. Pela ordem, cabe a vez ao bispo. (Ao Encourado.) Faça seu relatório.

ENCOURADO

Simonia: negociou com o cargo, aprovando o enterro de um cachorro em latim, porque o dono lhe deu seis contos.

Falso testemunho: citou levemente o Código Canônico, primeiro para condenar o ato do padre e contentar o rico Antônio Moraes, depois para justificar o enterro. Arrogância e falta de humildade no desempenho de suas funções: esse bispo, falando com um pequeno, tinha uma soberba só comparável à subserviência que usava para tratar com os grandes.

PROPOSTA DE ATIVIDADE



AGORA, VAMOS
ATUAR?

http://lounge.obviousmag.org/cinema_em_prosa/2014/08/so-sei-que-foi-assim-em-o-auto-da-compadecida.html

Considerando as antíteses apresentadas na história, discutam as questões a seguir tendo em vista o meio social de cada estudante:

- ⇒ Essas injustiças sociais ainda existem? Em quais lugares eu as encontro?
- ⇒ Quanto as diferenças de classes, as pessoas ainda são classificadas por aquilo que possuem de valor material?
- ⇒ A igreja deve acolher os necessitados? Por que?
- ⇒ O Estado busca agir para diminuir as desigualdades sociais? Como?
- ⇒ O racismo é um tema importante a ser debatido em nossa sociedade?
- ⇒ Se respondeu afirmativamente para alguma(s) questões, como podemos mudar esse(s) quadro(s)?

E por fim: a turma deverá desenvolver uma apresentação, em forma teatral, com base nas discussões levantadas e na obra de Suassuna.

O Fim do mundo – Cecília Meireles

A primeira vez que ouvi falar no fim do mundo, o mundo para mim não tinha nenhum sentido, ainda; de modo que não me interessava nem o seu começo nem o seu fim. Lembro-me, porém, vagamente, de umas mulheres, nervosas que choravam, meio desgrenhadas, e aludiam a um cometa que andava pelo céu, responsável pelo acontecimento que elas tanto temiam.

Nada disso se entendia comigo: o mundo era delas, o cometa era para elas: nós, crianças, existíamos apenas para brincar com as flores da goiabeira e as cores do tapete.

Mas, uma noite, levantaram-me da cama, enrolada num lençol, e, estremunhada, levaram-me à janela para me apresentarem à força ao temível cometa. Aquilo que até então não me interessava nada, que nem vencia a preguiça dos meus olhos pareceu-me, de repente, maravilhoso. Era um pavão branco, pousado no ar, por cima dos telhados? Era uma noiva, que caminhava pela noite, sozinha,



ao encontro da sua festa? Gostei muito do cometa. Devia sempre haver um cometa no céu, como há lua, sol, estrelas. Por que as pessoas andavam tão apavoradas? A mim não me causava medo nenhum.

Passou-se muito tempo. Aprendi muitas coisas, entre as quais o suposto sentido do mundo. Não duvido de que o mundo tenha sentido. Deve ter mesmo muitos, inúmeros, pois em redor de mim as pessoas mais ilustres e sabedoras fazem cada coisa que bem se vê haver um sentido do mundo peculiar a cada um.

Dizem que o mundo termina em fevereiro próximo. Ninguém fala em cometa, e é pena, porque eu gostaria de tornar a ver um cometa, para verificar se a lembrança que conservo dessa imagem do céu é verdadeira ou inventada pelo sono dos meus olhos naquela noite já muito antiga.

O mundo vai acabar, e certamente saberemos qual era o seu verdadeiro sentido. Se valeu a pena que uns trabalhassem tanto e outros tão pouco. Por que fomos tão sinceros ou tão hipócritas, tão falsos e tão leais. Por que pensamos tanto em nós mesmos ou só nos outros. Por que fizemos voto de pobreza ou assaltamos os cofres públicos - além dos particulares. Por que mentimos tanto, com palavras tão judiciosas. Tudo isso saberemos e muito mais do que cabe enumerar numa crônica.

Se o fim do mundo for mesmo em fevereiro, convém pensarmos desde já se utilizamos este dom de viver da maneira mais digna.

Em muitos pontos da terra há pessoas, neste momento, pedindo a Deus - dono de todos os mundos - que trate com benignidade as criaturas que se preparam para encerrar a sua carreira mortal. Há mesmo alguns místicos - segundo leio - que, na Índia, lançam flores ao fogo, num rito de adoração.

Enquanto isso, os planetas assumem os lugares que lhes competem, na ordem do universo, neste universo de enigmas a que estamos ligados e no qual por vezes nos arrogamos posições que não temos - insignificantes que somos, na tremenda grandiosidade total.

Ainda há uns dias a reflexão e o arrependimento: por que não os utilizaremos? Se o fim do mundo não for em fevereiro, todos terão fim, em qualquer mês...

ATIVIDADE...

Podemos notar que, aos olhos do pequeno personagem, o elemento que acabaria com o mundo lhe pareceu algo tão deslumbrante, que era impossível entender o medo das pessoas em relação a ele. A obra nos mostra como enxergar o bem em meio ao caos. Pelo olhar de uma criança, tiramos a lição de que devemos viver como se fosse o último dia, pois “todos teremos fim, em qualquer mês”. Em algum momento de sua vida, você já ouviu falar sobre uma data agendada para o fim do mundo? Exercite seu lado autor e crie uma crônica com a sua versão para o fim do mundo, deixando falar mais alto a parte positiva de sua visão subjetiva, como por exemplo, o que você acabaria no mundo, para que ele se tornasse um lugar melhor para se viver.

8

Clarice Lispector

Relatos e quadrinhos com lendas indígenas

Dentre sua vasta obra literária, Clarice Lispector fez uma releitura de lendas indígenas brasileiras em seu livro *Como nasceram as estrelas: doze lendas brasileiras*, onde cada lenda corresponde a um mês do ano.

A lenda que corresponde ao mês de janeiro possui o mesmo nome do livro, *Como nasceram as estrelas*, é uma lenda dos Bororo, que vivem no Estado do Mato Grosso. Abaixo, segue o conto:

Como nasceram as estrelas

Pois é, todo mundo pensa que sempre houve no mundo estrelas pisca-pisca. Mas é erro. Antes os índios olhavam de noite para o céu escuro — e bem escuro estava esse céu. Um negror. Vou contar a história singela do nascimento das estrelas.

Era uma vez, no mês de janeiro, muitos índios. E ativos: caçavam, pescavam, guerreavam. Mas nas tabas não faziam coisa alguma: deitavam-se nas redes e dormiam roncando. E a comida? Só as mulheres cuidavam do preparo dela para terem todos o que comer. Uma vez elas notaram que faltava milho no cesto para moer. Que fizeram as valentes mulheres? O seguinte: sem medo enfiaram-se nas matas, sob um gostoso sol amarelo. As árvores rebrilhavam verdes e embaixo delas havia sombra e água fresca. Quando saíam de debaixo das copas encontravam o calor, bebiam no reino das águas dos riachos buliçosos. Mas sempre procurando milho porque a fome era daquelas que as faziam comer folhas de árvores. Mas só encontravam espigazinhas murchas e sem graça.

— Vamos voltar e trazer conosco uns curumins. (Assim chamavam os índios as crianças.) Curumim dá sorte.

E deu mesmo. Os garotos pareciam adivinhar as coisas: foram retinho em frente e numa clareira da floresta — eis um milharal viçoso crescendo alto. As índias maravilhadas disseram: toca a colher tanta espiga. Mas os gatinhos também colheram muitas e fugiram das mães voltando à taba e pedindo à avó que lhes fizesse um bolo de milho. A avó assim fez e os curumins se encheram de bolo que logo se acabou. Só então tiveram medo das mães que reclamariam por eles comerem tanto. Podiam esconder numa caverna a avó e o papagaio porque os dois contariam tudo. Mas— e se as mães dessem falta da avó e do papagaio tagarela? Aí então chamaram os colibris para que amarrassem um cipó no topo do céu. Quando as índias voltaram ficaram assustadas vendo os filhos subindo pelo ar. Resolveram, essas mães nervosas, subir atrás dos meninos e cortar o cipó embaixo deles. Aconteceu uma coisa que só acontece quando a gente acredita: as mães caíram no chão, transformando-se em onças. Quanto aos curumins, como já não podiam voltar para a terra, ficaram no céu até hoje, transformados em gordas estrelas brilhantes.

Mas, quanto a mim, tenho a lhes dizer que as estrelas são mais do que curumins. Estrelas são os olhos de Deus vigiando para que corra tudo bem. Para sempre. E, como se sabe, “sempre” não acaba nunca.

(LISPECTOR, Clarice. *Onde nasceram as estrelas: doze lendas brasileiras*. Nova Fronteira. 3ª Ed. Disponível em: <http://www.portugues.seed.pr.gov.br/arquivos/File/ClariceLispector.pdf>)

Após a leitura do texto, se pode fazer alguns questionamentos aos alunos:

1– Que gênero textual é esse?

1– Vocês conhecem alguma lenda indígena? Qual?

2- Há alguma lenda regional que vocês conheçam, ou que alguma pessoa mais velha tenha contado?



Como as lendas são narrativas de transmissão oral, se pode propor que os alunos contem para a turma alguma lenda que ouviram de alguém mais velho de sua família. Se for necessário, se pode propor que os alunos peçam para alguém mais velho que conte alguma lenda, a qual eles terão que transcrever e contar para a turma, na próxima aula.

Após a contação de lendas, se pode pedir para que os alunos se dividam em duplas ou trios, conforme a quantidade de alunos presentes na sala de aula. Em um segundo momento o docente pode distribuir uma cópia de uma lenda diferente do livro *Como nasceram as estrelas* para cada grupo, que terão que fazer a adaptação destas narrativas para história em quadrinhos.

8

Fernando Sabino

Para iniciar propõe-se que se faça uma discussão das características principais do gênero crônica:

Texto breve que geralmente aparece nos jornais;

É subjetivo, podendo ser humorístico ou irônico;

Parte de um assunto do cotidiano, o qual pode ser totalmente insignificante.

O RATINHO CURIOSO



Ela já estava quase dormindo, quando ouviu no escuro do quarto um barulhinho de alguma coisa sendo roída:

- Rec-rec-rec...

Abriu os olhos e ficou à escuta. Sendo roída? O rato roeu a roupa do rei, escrevia ela nas suas aulas de datilografia. Só podia ser um rato!

Deu um pulo na cama, sacudiu o marido:

- Acorda, meu bem. Acorda.

Ele acordou com um susto:

- Que foi? Que aconteceu?

- Escuta só.

Ela atenta, olhos esbugalhados, ele intrigado, olhos sonolentos, os dois ficaram um instante em silêncio na escuridão.

- Não estou ouvindo nada.

- É porque você falou alto. Ele se assustou e fugiu.

- Quem?

- O rato.

- Que rato?

- O que estava roendo no escuro.

Ele soltou um suspiro:

- Você sempre ouvindo coisas. Não tem rato nenhum.

Naquele cantinho

Cocô de ratinho

Naquele cantão

Cocô de rato

Vinicius de Moraes

Acendeu a luz e deu uma volta pelo quarto, olhando nos cantos. Depois espiou debaixo da cama.

- Eu não disse? Você estava sonhando.

Acomodaram-se, ele apagou a luz.

Ela não conseguiu dormir. Bem que dois dias

antes, lembrava-se agora, quando estava assistindo à novela na televisão, tinha visto com o rabo do olho uma pequenina sombra deslizar junto à parede do fundo. Na hora julgou que fosse imaginação sua, ou problema com as lentes de contacto, precisava voltar ao oculista. Agora tinha certeza: um rato, só podia ser. Talvez um camundongo, mas um camundongo não deixava de ser um rato.

Encolheu-se na cama, horrorizada: um rato no apartamento recém-alugado e decorado, sala e quarto separados, depois daquele horrível conjugado dos primeiros meses de casada...

Desta vez ouviu nitidamente:

- Rec-rec-rec...

E desta vez foi ele quem deu um salto: também

ouvira o ruído. Acendeu a luz e viu – ambos viram – um camundongo atravessar o quarto em direção à porta do corredor. E levava calmamente na boca o almoço, um pedacinho de papel.

Ela escondeu a cabeça debaixo dos lençóis; ele pulou da cama e, brandindo um sapato, partiu atrás do bichinho.

Já não o viu mais. Saiu acendendo luzes, procurou na sala, no banheiro, na cozinha, na área, revirou o apartamento. Voltou para o quarto, conformado:

- Sumiu. Deve ter ido embora.

Passaram a noite em claro. Ela não admitia que ele dormisse: ido embora como? por debaixo da porta? Mal nasceu o dia, correu ao telefone:

- Mamãe, que é que eu faço?

Experiente, a mãe orientou: tenha calma, minha filha, ele não aparece de dia, tem medo de gente. Compre veneno na farmácia, bote no queijo, espalhe pedacinhos por toda parte. Ele acaba aparecendo morto.

Ela torcia as mãos, sentindo um arrepio pelas pernas, como se fosse o próprio camundongo. Depois de executada a operação-veneno, o marido foi para o trabalho.

- Eu é que não fico aqui sozinha.

E ela se mandou para a rua. Passou o dia fora, visitou amigas, contou a sua desdita. Uma recomendou-lhe o serviço de desratização da prefeitura, que em 48 horas... Outra achava lagartixa pior: um dia foi calçar o sapato e sentiu uma coisa mole e fria se mexendo sob a sola do pé.

À noitinha, com a garantia da presença do marido, ousou voltar para casa. A notícia havia se espalhado. Houve quem telefonasse dizendo gracinhas:

- O Mickey Mouse está?

- Aqui é o Dom Ratão. Queria falar com meu filho, o Ratinho Curioso.

Ela não achava graça, seu senso de humor não dava para tanto. Enquanto o marido lia o jornal, ficava à espreita, olhando um lado e outro, a vassoura nas mãos como um tacape.

- Larga isso, mulher. Parece maluca!

Um amigo veio visita-los. Ela arriscou a sentar-se ao lado do marido, pernas encolhidas.

- Compre uma ratoeira – sugeriu o amigo:

- É o melhor.

E contou que uma noite, na cozinha, deu com uma coisa fugindo para debaixo do fogão. No dia seguinte botou uma ratoeira e pegou um camundongo. Por via das dúvidas armou outra, no dia seguinte pegou mais um. E assim foi, todo dia – pegou na menos que seis:

- Acabei desistindo. Parecia brincadeira.

Resolveram jantar os três num restaurante. Ela foi se vestir. Caminhava na ponta dos pés. De repente deu um grito lá do quarto. O marido acorreu e ela, virando o rosto para o outro lado, apontou dramática a gaveta que acabara de abrir. No canto havia um pouco de cocô de ratinho.

- Eu não dizia? – a mão espalmada, como se espantasse o demônio: imagine se ela encontrasse na gaveta um rato aninhado num sutiã!

Roeu a roupa do rei: a verdade é que ele próprio tinha encontrado uns papéis roídos na sua gaveta e não disse nada. Eram papéis sem importância.

De volta do jantar, verificaram um por um os pedaços de queijo e deram por falta de dois. O que significava que o rato tinha comido o veneno.

- Já deve estar morto duas vezes. É fulminante. Em pouco ele soltava uma exclamação lá da cozinha.

E apareceu na porta, triunfante, segurando pelo rabo um ratinho morto:

- Não falei?

- Joga fora, pelo amor de Deus! E lave as mãos com álcool!

Mais tarde, reintegrada na felicidade de sempre, ela aceitou celebrar a vitória tomando com ele um uísque. Depois foram para o quarto. Até que, entre um suspiro e outro, ouviram no escuro um barulhinho de alguma coisa sendo roída:

- Rec-rec-rec...

Quais as características do gênero crônica você pode identificar nesse texto?

(Trata-se de uma narrativa curta, que fala de um fato banal do cotidiano das pessoas, trazendo um tom de humor.)

É um fato que ocorre em nosso cotidiano?

(Com toda certeza, muitos já se depararam com algo parecido e, por isso, é sim um fato do cotidiano.)

Você já se deparou com semelhante situação?

(Instigar os alunos a contarem suas experiências.)

Na sua opinião, o que de fato aconteceu ao final? (Trazer em discussão o fato de que o problema não foi resolvido.)

O que é a intertextualidade?

A intertextualidade é a relação entre textos, em que elementos marcantes de uma cultura ou em referências teóricas, esteja presente em outro determinado texto de forma explícita ou implícita.

Identifique no textos os pontos em que a crônica faz relação com alguma outra obra ou desenhos animados.

No início, quando traz um trecho do poema “Sombra e Luz” (1946) de Vinicius de Moraes.

Cita o personagem Mickey Mouse do desenho animado da Disney.

Também faz intertextualidade com o personagem Dom Ratão do livro infantil de Elisabete Viana “Dom Ratão – o rei da confusão”.



Florbela Espanca, nasceu em 8 de dezembro de 1895, em Vila Viçosa, foi uma poetisa portuguesa a qual deixou suas marcas no mundo através de versos e obras repletas de nostalgia, dor e um desejo de alcançar a felicidade. Sua saudade teve inspiração na realidade de seus matrimônios fracassados, na perda de seus entes queridos e em sua saúde frágil, acompanhada da depressão. Foi precursora do movimento de emancipação feminina de seu país, escreveu em seu último ano um diário no qual se despede, assim, se suicidando no dia de seu aniversário, em 8 de dezembro de 1930.

A Seguinte poesia foi retirada da sua primeira obra poética editada, na qual declara e expõe suas mágoas e saudades para seu pai e irmão.

EM BUSCA DO AMOR
Florbela Espanca

O meu Destino disse-me a chorar:

"Pela estrada da Vida vai andando, e, aos que vires passar, interrogando acerca do Amor, que hás-de encontrar."

Fui pela estrada a rir e a cantar, as contas do meu sonho desfilando ...

E noite e dia, à chuva e ao luar, fui sempre caminhando e perguntando ...

Mesmo a um velho eu perguntei: "Velhinho, viste o Amor acaso em teu caminho?"

E o velho estremeceu ... olhou ... e riu ...

Agora pela estrada, já cansados, voltam todos pra trás desanimados ...

E eu paro a murmurar: "Ninguém o viu! ..."

Fim

Em Busca do Amor

O meu Destino disse-me a chorar:
"Pela estrada da Vida vai andando,
E, aos que vires passar, interrogando
Acerca do Amor, que hás-de encontrar."

Fui pela estrada a rir e a cantar,
As contas do meu sonho desfilando ...
E noite e dia, à chuva e ao luar,
Fui sempre caminhando e perguntando ...

Mesmo a um velho eu perguntei: "Velhinho,
Viste o Amor acaso em teu caminho?"
E o velho estremeceu ... olhou ... e riu ...

Agora pela estrada, já cansados,
Voltam todos pra trás desanimados ...
E eu paro a murmurar: "Ninguém o viu! ..."

Florbela Espanca, em "Livro de Mágoas"

A seguinte atividade tem como objetivo trabalhar a compreensão dos alunos acerca de um texto já adaptado, e sua capacidade de produção textual. Sendo esta, produzida em quantas aulas o professor desejar.

1. Em primeiro plano sugere-se que seja apresentada uma adaptação do poema “*Em busca do amor*” em HQ (esta podendo ser produzida pelo próprio professor), seguido de questões que abranjam o assunto, como:

A) Do que se trata a história em quadrinhos? Qual a sua interpretação sobre a mesma?

B) Porque “**voltam todos para trás desanimados**”? E o que eles buscavam?

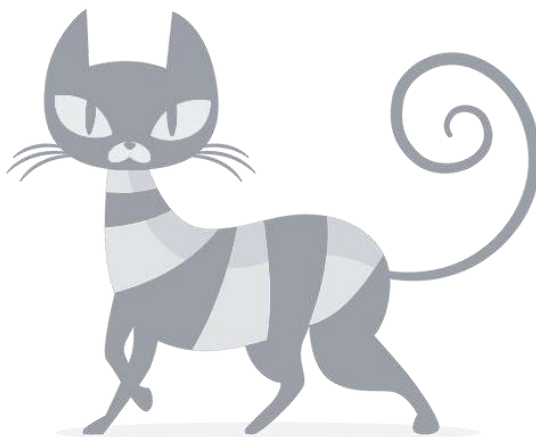
C) Com que a personagem conversava? As suas respostas foram positivas?

D) Existe outra forma de escrever esse texto? Se sim, como você o escreveria?

Sugere-se que as perguntas possam ser desenvolvidas de acordo com a adaptação do professor, pois cada produção é diferente da outra.

2. Em segundo plano a proposta de atividade deve ser apresentada aos alunos. Sendo que a mesma se baseia na produção de um poema com base na leitura da HQ, individual ou não.

3. Por fim, após as produções serem realizadas recomenda-se a explicação da adaptação feita pelo professor, onde o poema que originou a HQ pode ser apresentado e discutido junto dos alunos, como também comparado às suas produções.



8

Jorge Amado



Texto I:

[...]

João José, o Professor, desde o dia em que furtará um livro de histórias numa estante de uma casa da Barra, se tornará perito nesses furtos. Nunca, porém, vendia os livros, que ia empilhando num canto do trapiche, sob tijolos, para que os ratos não os roessem. Lia-os todos numa ânsia que era quase febre. Gostava de saber coisas e era ele quem, muitas noites, contava aos outros histórias de aventureiros, de homens do mar, de personagens heróicos e lendários, histórias que faziam aqueles olhos vi-

vos se espicharem para o mar ou para as misteriosas ladeiras da cidade, numa ânsia de aventuras e de heroísmo. João José era o único que Lia corretamente entre eles e, no entanto, só estivera na escola ano e meio. Mas o treino diário da leitura despertará a completamente sua imaginação e talvez fosse ele o único que tivesse uma certa consciência do heróico das suas vidas. Aquele saber, aquela vocação para contar histórias, fizera-o respeitado entre os Capitães da Areia, se bem fosse franzino, magro e triste, o cabelo moreno caíndo sobre os olhos apertados de míope. Apelidaram-no de Professor porque num livro furtado ele aprenderá a fazer mágicas com lenços e níqueis e também porque, contando aquelas histórias que lia e muitas que inventava, fazia a grande e misteriosa mágica de transportar para os mundos diversos, fazia com que os olhos vivos dos Capitães da Areia brilhassem como só brilham as estrelas da noite da Bahia. Pedro Bala nada resolvia sem o consultar e várias vezes foi a imaginação do Professor que criou os melhores planos de roubo. Ninguém sabia, no entanto, que um dia, anos passados, seria ele quem haveria de contar em quadros que assombrariam o país a história daquelas vidas e muitas outras histórias de homens lutadores e sofredores. Talvez só o soubesse Don'Aninha, a mãe do terreiro da Cruz de Opô Afonjá, porque Don'Aninha sabe de tudo que Já me diz através de um búzio nas noites de temporal.

[...]



Fonte: AMADO, Jorge. Capitães de Areia. Rio de Janeiro: Record/altaya, 1998. p.24

Texto II:

Menino de rua.

Menino de rua, de alma rasgada;
Carinha marcada pela prostituição.
Pezinhos descalços, correndo,
Nem sempre contente,
Nas pedras ardentes,
Deste mundo “Cão”.

Menino de rua, menino sem nome,
Que às vezes o homem,
O obriga a errar;
Se tão infantil, por que o mundo vil,
Quer-lhe explorar?...

Que sorte te espera! Meu pobre menino!
Qual é o teu destino, menino sem lar!
A quem recorrer, em quem confiar?
Mas Deus lhe promete algo a aguardar,
Um mundo de justiça;
Para os que nele se moldar.

Maria Madalena dos Santos.

Disponível: <http://meuspoemassantosmada.blogspot.com/2012/07/menino-de-rua.html>

...Atividades...

1) Depois de ler os textos responda:

- A) Você sabe do que se trata a obra *Capitães da Areia*? Já ouviu ou leu alguma outra obra de Jorge Amado? Se sim, conte aos colegas porque.
- B) Por que João José, o Professor, dentre todos os meninos do grupo apenas ele roubava livros?
- C) Pedro Bala nada resolvia sem antes consultar Professor. Explique.
- D) De acordo com o texto I, por que João José receberá este apelido?
- E) O que tem em comum o texto I com o texto II?
- F) Em sua cidade, há menores abandonados?
- G) Na sua opinião, crianças de rua devem ser consideradas marginais ou vítimas? Explique.
- H) Sabemos que os menores abandonados, fazem parte de um problema social em nosso país, a desigualdade. Muitas crianças e adolescentes passam fome, frio e outras situações avassaladoras em seu dia-a-dia. A quem cabe a responsabilidade de tirar essas crianças e adolescentes da vulnerabilidade?

Trabalhando a importância da leitura

- 2) Você gosta de ler a noite?
- 3) Alguma vez você já deixou de mexer em seu celular para ler?
- 4) O que você mais gosta de ler? Porque ler é importante?



Interagindo!

Outra forma de conscientização, é a literatura!

Você certamente já conhece como produzir poesia... Então chegou sua vez, de acordo com o o tema trabalhado e seus conhecimentos, construa sua própria poesia, Em seguida sob orientação de sua professora, você e seus colegas irão construir um varal poético para expor em sua escola!



Os textos que você acabou de ler e estudar tratam de um grave problema social, em que todos nós devemos nos conscientizar e ajudar de algumas forma. Converse com seus colegas, familiares e pessoas de sua comunidade reúna roupas, calçados, livros, cobertores e doe as crianças abandonadas de sua cidade. Assim você estará contribuindo/construindo um mundo melhor.



8

José Saramago

O conto da ilha desconhecida

José Saramago

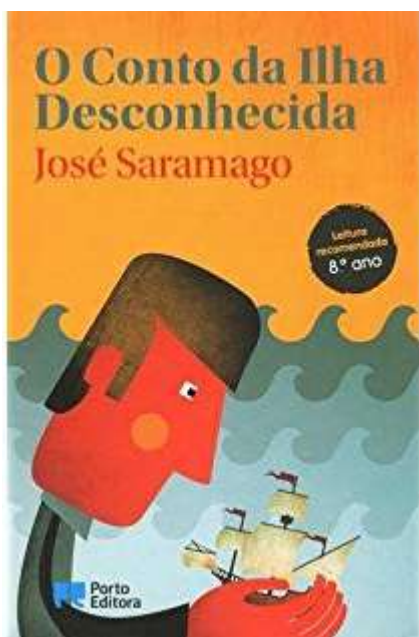
“Um homem foi bater à porta do rei e disse-lhe, Dá-me um barco. A casa do rei tinha muitas mais portas, mas aquela era a das petições. Como o rei passava todo o tempo sentado à porta dos obséquios (entenda-se, os obséquios que lhe faziam a ele), de cada vez que ouvia alguém a chamar à porta das petições fingia-se desentendido, e só quando o ressoar contínuo da aldraba de bronze se tornava, mais do que notório, escandaloso, tirando o sossego à vizinhança (as pessoas começavam a murmurar, Que rei temos nós, que não atende), é que dava ordem ao primeiro-secretário para ir saber o que queria o impetrante, que não havia maneira de se calar. Então, o primeiro-secretário chamava o segundo-secretário, este chamava o terceiro, que mandava o primeiro-ajudante, que por sua vez mandava o segundo, e assim por aí fora até chegar à mulher da limpeza, a qual, não tendo ninguém em quem mandar, entreabria a porta das petições e perguntava pela frincha, Que é que tu queres. O suplicante dizia ao que vinha, isto é, pedia o que tinha a pedir, depois instalava-se a um canto da porta, à espera de que o requerimento fizesse, de um em um, o caminho ao contrário, até chegar ao rei. Ocupado como sempre estava com os obséquios, o rei demorava a resposta, e já não era pequeno sinal de atenção ao bem-estar e felicidade do seu povo quando resolvia pedir um parecer fundamentado por escrito ao primeiro-secretário, o qual, escusado se ria dizer, passava a encomenda ao segundo-secretário, este ao terceiro, sucessivamente, até chegar outra vez à mulher da limpeza, que despachava sim ou não conforme estivesse de maré. [...]

Conhecendo o autor

"Saramago foi também funcionário público, editor, jornalista, tradutor e, a partir de 1947, quando publicou o primeiro livro, também escritor. Hoje tem 46 livros editados, de histórias, poesia e peças de teatro. Em 1998 recebeu o Prêmio Nobel de Literatura. Saramago morreu em sua casa em Lanzarote, nas Ilhas Canárias, em 2010."

Obra extraída do site
http://releituras.com/jsaramago_conto.asp





O Conto da Ilha desconhecida, é uma grande aventura de um homem que, se lança ao mar em busca de desbravar uma ilha nunca antes conquistada ou aportada por nenhuma das grandes descobertas marítimas anteriores. Porém esta aventura começa em terra, onde este se vê perante seu rei, diante a porta das petições, na qual lhe faz um pedido meio que inusitado e beirando o ridículo. Mas o homem fiel ao seu propósito, não se deixa fraquejar na presença do seu soberano, que lhe concede o seu pedido de um barco para navegar e viver sua aventura. Com o passar dos dias e anos ao mar vê que seu sonho de realizar o feito concretizado e tem uma grande surpresa.

Trecho do livro
As pequenas memórias

"Nasci numa família de camponeses sem terra, em Azinhaga, uma pequena povoação situada na província do Ribatejo, na margem direita do rio Almonda, a uns cem quilómetros a Nordeste de Lisboa. Meus pais chamavam-se José de Sousa e Maria da Piedade. José de Sousa teria sido também o meu nome se o funcionário do Registo Civil, por sua própria iniciativa, não lhe tivesse acrescentado a alcunha por que a família de meu pai era conhecida na aldeia: Saramago. (Cabe esclarecer que Saramago é uma planta herbácea espontânea, cujas folhas, naqueles tempos, em épocas de carência, serviam como alimento na cozinha dos pobres.) Só aos sete anos, quando tive de apresentar na escola primária um documento de identificação, é que se veio a saber que o meu nome completo era José de Sousa Saramago... "



Aplicação de atividades

Com base nos textos, discuta e elabore com seus alunos em que juntos possam desenvolver atividades que tragam os elementos de uma navegação seus meios de transporte e tripulação até a chegada de uma ilha.

Proposta de Atividade:

- *Criar um miniconto extraíndo a parti do texto*
- *Criar um miniteatro com personagens que lembrem o conto*
- *Criar um varal de leitura com as experiências relatadas no texto*
- *Recriando as histórias, os alunos devem recontar a história de acordo com suas perspectivas*
- *Crie um mural com várias portas desenhadas em papel cartão, cartolina, ou papelão (que pode ser utilizada para criar ou fazer um pedido ou escreve algo relacionado aos textos)*

8

Luís Fernando Veríssimo

Vamos ler o poema, e vamos analisando a estrutura do poema e sua composição.

Tu e Eu

Somos diferentes, tu e eu.
Tens forma e graça
e a sabedoria de só saber crescer
até dar pé.
En não sei onde quero chegar
e só sirvo para uma coisa
- que não sei qual é!
És de outra pipa
e eu de um cripto.
Tu, lipa
Eu, calipto.

Gostas de um som tempestade
roque lenha
muito heavy
Prefiro o barroco italiano
e dos alemães
o mais leve.
És vidrada no Lobão
eu sou mais albônico.
Tu, fã.
Eu, fônico.

És succulenta
e selvagem
como uma fruta do trópico
Eu já sequei
e me resignei
como um socialista utópico.
Tu não tens nada de mim
eu não tenho nada teu.
Tu, piniquim.
Eu, ropeu.

Gostas daquelas festas
que começam mal e terminam pior.
Gosto de graves rituais
em que sou pertinente
e, ao mesmo tempo, o prior.
Tu és um corpo e eu um vulto,
és uma miss, eu um místico.
Tu, muito.
Eu, carístico.

És colorida,
um pouco aérea,
e só pensas em ti.
Sou meio cinzento,
algo rasteiro,
e só penso em Pi.
Somos cada um de um pano
uma sã e o outro insano.
Tu, cano.
Eu, clidiano.

Dizes na cara
o que te vem a cabeça
com coragem e ânimo.
Hesito entre duas palavras,
escolho uma terceira
e no fim digo o sinônimo.
Tu não temes o engano
enquanto eu cismo.
Tu,tano.
Eu,femismo.

Sugestões: Após a análise feita com os alunos, o professor pode propor para que eles continuem o poema achando palavras com “EU” e “TU” fazendo o mesmo método que o autor e em seguida com o auxílio dos alunos podemos montar um mural apresentando o autor como foco e as continuações feitas pelos alunos, assim, expondo os trabalhos realizados pela turma.

8

Machado de Assis

POEMA: Círculo vicioso; Machado de Assis

Bailando no ar, gemia inquieto vagalume:

“Quem me dera que eu fosse aquela loira estrela
Que arde no eterno azul, como uma eterna vela!”

Mas a estrela, fitando[1] a lua, com ciúme:

“Pudesse eu copiar-te o transparente lume[2],

Que, da grega coluna à gótica[3] janela,
Contemplou, suspirosa, a fronte amada e bela”

Mas a lua, fitando o sol com azedume[4]:

“Mísera[5]! Tivesse eu aquela enorme, aquela

Claridade imortal, que toda a luz resume!”

Mas o sol, inclinando a rútila capela[6]:

“Pesa-me esta brilhante auréola de nume[7]...

Enfara-me[8] esta luz e desmedida umbela[9]...

Por que não nasci eu um simples vagalume?”...

EXERCÍCIO: 3 aulas para aplicação.

Círculo vicioso é uma sucessão de cenas sem fim, ao qual o desfecho se liga ao fim. No poema, o vaga-lume quer ser a estrela, a estrela quer ser a lua, lua quer ser o sol, e o sol quer ser um vaga-lume, indo então de início a idéia inicial.

Esse soneto, tem sua estrutura em quatro estrofes (dois quartetos e dois tercetos), faz com que cada estrofe retrate um dos personagens, criando-se um gancho final para o personagem seguinte, na outra estrofe. O poema retrata o símbolo da luz e sua intensidade. A luz do vagalume é frágil, mínima. A da estrela arde no azul e assemelha-se a uma pequena vela. A da lua, maior que a da estrela. E a do sol, a mais grandiosa, porém não era contente e preferia ser um simples vagalume. A vontade de ser maior do que se é, inclusive espelhando-se em alguém, mostra-se, para Machado, como um “círculo vicioso”, pois sempre há alguém maior (com mais luz).

Após explicar sobre o poema, sua estrutura e sua idéia principal, deve-se abrir uma conversa sobre os gêneros narrativos, de forma que será pedido que com base no poema círculo vicioso, eles devem produzir uma pequena narrativa, narrando os acontecimentos, mostrando quem são os envolvidos (personagens) e qual é o contexto abordado. Uma forma de análise e interpretação do poema

Para esta que é a última turma dos Anos Finais do Ensino Fundamental objetiva-se o trabalho com o conto A guerra dos palhaços, referenciando as discussões alteradas quando em meio político.

Desta forma, inicia-se apresentando uma breve biografia do autor à turma, após faz-se leitura de tipo coletiva sobre a obra:

A guerra dos palhaços

Uma vez dois palhaços se puseram a discutir. As pessoas paravam, divertidas, a vê-los.

- É o quê?, perguntavam
- Ora, são apenas dois palhaços discutindo.

Quem os podia levar a sério? Ridículos, os dois cómicos ripostavam. Os argumentos eram simples disparates, o tema era uma ninharice. E passou-se um inteiro dia. Na manhã seguinte, os dois permaneciam, excessivos e excedendo-se.

Parecia que, entre eles, se azedava a mandioca. Na via pública, no entanto, os presentes se alegravam com a mascarada. Os bobos foram agravando os insultos, em afiadas e afinadas maldades. Acreditando tratar-se de um espectáculo, os transeuntes deixavam moedinhas no passeio.

No terceiro dia, porém, os palhaços chegavam a vias de facto. As chapadas se desajeitavam, os pontapés zumbiam mais no ar que nos corpos. A ruidagem se divertia, imitando os golpes dos saltimbancos. E riam-se dos disparatados, os corpos em si mesmos se tropeçando. E os meninos queriam retribuir a gostosa bondade dos palhaços.

- Pai, me dê as moedinhas para eu deitar no passeio.

No quarto dia, os golpes e murros se agravaram. Por baixo das pinturas, o rosto dos bobos começava a sangrar. Alguns meninos se assustaram. Aquilo era verdadeiro sangue?

– Não é a sério, não se aflijam, sossegaram os pais. Em falha de trajectória houve quem apanhasse um tabefe sem direcção. Mas era coisa ligeira, só servindo para aumentar os risos. Mais e mais gente se ia juntando.

- O que se passa?

Nada. Um ligeiro desajuste de contas. Nem vale a pena separá-los. Eles se cansarão, não passa o caso de uma palhaçada.

No quinto dia, contudo, um dos palhaços se munuiu de ‘um pau. E avançando sobre o adversário lhe desfechou um golpe que lhe arrancou a cabeleira postiça. O outro, furioso, se apetrechou de simétrica matraca e respondeu na mesma desmedida. Os varapaus assobiaram no ar, em tonturas e volteios. Um dos espectadores, inadvertidamente, foi atingido. O homem caiu, esparramorto.

Levantou-se certa confusão. Os ânimos se dividiram.

Aos poucos, dois campos de batalha se foram criando. Vários grupos cruzavam pancadarias. Mais uns tantos ficaram caídos.

Entrava-se na segunda semana e os bairros em redor ouviram dizer que uma tonta zaragata se instalara em redor de dois palhaços. E que a coisa escarainuçara toda a praça. E a vizinhança achou graça. Alguns foram visitar a praça para confirmar os ditos. Voltavam com contraditórias e acaloradas versões. A vizinhança se foi dividindo, em opostas opiniões. Em alguns bairros se iniciaram conflitos.

No vigésimo dia se começaram a escutar tiros. Ninguém sabia exactamente de on-



de provinham. Podia ser de qualquer ponto da cidade. Aterrorizados, os habitantes se armaram. Qualquer movimento lhes parecia suspeito. Os disparos se generalizaram.

Corpos de gente morta começaram a se acumular nas ruas. O terror dominava toda a cidade. Em breve, começaram os massacres.

No princípio do mês, todos os habitantes da cidade haviam morrido. Todos excepto os dois palhaços. Nessa manhã, os cómicos se sentaram cada um em seu canto e se livraram das vestes ridículas. Olharam-se, cansados. Depois, se levantaram e se abraçaram, rindo-se a bandeiras despregadas. De braço dado, recolheram as moedas nas bermas do passeio. Juntos atravessaram a cidade destruída, cuidando não pisar os cadáveres. E foram à busca de uma outra cidade.

(Mia Couto)



Na sequência, sugere-se a interpretação conjunta com os alunos, questionando acerca de comportamentos apresentados na história e associações com aspectos da realidade.

Após, apresenta-se a imagem aos alunos:



Pergunta-se aos alunos na sequência:

Há relação entre o conto e a notícia? Qual relação pode haver?

Após, apresentam-se as características gerais no gênero notícia aos alunos, na oralidade. Na sequência, divide-se os alunos em equipes e pede-se que produzam uma notícia acerca do conto com o uso de imagens e considerando a vertente política expressa. Podem ser utilizadas palavras soltas, desenhos e símbolos para reforçar a mensagem.

Por fim, conforme possibilidade as produções em cartaz podem ser expostas na instituição de ensino.

8

MIGUEL TORGA

Gênero textual: Diário

O diário é um tipo de texto em que o autor revela sua rotina, desejos, sentimentos, sonhos, experiências, medos e fatos do seu cotidiano. No mundo da internet, algo que se assemelha muito são os blogs, por isso são chamados de “Diários Virtuais”.

Leia o seguinte trecho de um diário feito por Miguel torga

Coimbra, 14 de Janeiro de 1937

A maior desgraça da vida acaba por não ser a morte. Salvo por aqueles casos castrotróficos que sob o ponto de vista do aniquilamento são uma perfeita maravilha, morre-se quando essa coisa chamada corpo, por alguma razão está podre. A desgraça verdadeira é esta de nós andarmos aqui a namorar o céu, a pisar na terra, a investir contra o mar – e nem o céu, nem a terra, nem o mar saberem sequer que a gente existe.

Atividade :



Agora chegou a sua vez de criar um diário, anote em um caderno tudo que ocorrerá com você durante 5 dias, logo após isso, compartilhe com seus colegas de classe e a professora a sua rotina.

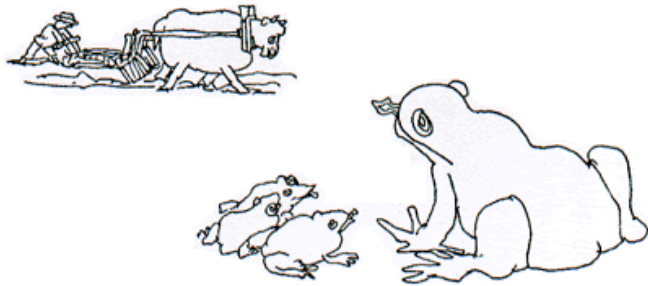
Para ler/ assistir: “O diário de Anne Frank”, uma judia que foi obrigada a ficar em um esconderijo durante a ocupação nazista dos Países Baixos. Seu Diário foi considerado como o patrimônio da humanidade.



8

Millôr Fernandes

A Rã e o Boi



Quatro rãs muito bonitinhas, uma mãe rãzona e três filhas rãzinhas, viram um boi pela primeira vez na vida. O boi, sozinho, puxava arado conduzido por um lavrador. As três rãzinhas quase morreram de admiração. Que animalzão! Que fortão! Que bichano! Que gatão! A mãe rãzona, enciumada, exclamou:

- Mas vocês acharam esse boi assim tão forte? Que é que há?, não exagerem. No máximo é uns dois centímetros mais alto do que eu. Basta eu querer...

- Querer como? - disseram as rãzinhas em coro.* - Você é uma rã, e até, como escreve o Millôr aí em cima, uma rãzona. Mas jamais será sequer um boizinho.

- Ora - disse a rãzona -, é só uma questão de comer mais e respirar mais fundo.

E ali mesmo, na frente das filhas perplexas, a rãzona começou a comer mais e respirar tudo que podia em volta. E foi crescendo e perguntando:

- Já estou do tamanho dele?

E as filhas, sempre em coro:

- Não. Ainda falta muito.

Estimulada pelas negativas, a mãe foi comendo e respirando, respirando e comendo, até que as filhas tiveram de concordar:

- Espantoso, mãe, agora a senhora está um boi de verdade. Faz mu!

E quando ela fez mu, o lavrador, que ia passando de novo com o arado e o boi, também ficou entusiasmado:

- Ei, ô rãzona metida a boi, de hoje em diante você vai puxar o meu arado pra serviços especiais. Tem aí um terreno cheio de morrinhos e eu não consegui fazer o diabo desse boi frouxo aprender a saltar.

E a partir daí, a rãzona teve que trabalhar de sol a sol sem soltar um pio, isto é, um coaxo.

MORAL: À rã o que é da rã, e ao boi o que é do boi, ou A tecnologia agrícola exige especialização.

*Toda rã pertence a um grupo coral.

Atividades:

- 1) Descreva os personagens principais.
- 2) Qual a linguagem utilizada pelo autor? Transcreva alguns trechos que exemplifique sua afirmação.
- 3) O que provoca o tom humorístico na fábula? Explique.
- 4) Dê à fábula uma nova moral.

8

Monteiro Lobato

Reinações de Narizinho é um livro que serve de propulsor à série que seria protagonista da obra Sítio do Picapau Amarelo. É um clássico da literatura, e até hoje serve de inspiração para muitos autores infantis. O livro é composto de várias pequenas histórias, previamente publicadas, compostas em capítulos. Algumas histórias são plenamente originais, enquanto outras histórias são combinações utilizando histórias e personagens já conhecidos, como a visita dos personagens do Mundo das Maravilhas, como a Branca de Neve, Cinderela e Aladim.

REINAÇÕES DE NARIZINHO

Numa casinha branca, lá no Sítio do Picapau Amarelo, mora uma velhinha de mais de sessenta anos. Chama-se Dona Benta.

Quem passa pela estrada e a vê na varanda, de cestinha de costura ao colo e óculos de ouro na ponta do nariz, segue seu caminho pensando:

- Que tristeza viver assim tão sozinha neste deserto...

Mas engana-se. Dona Benta é a mais feliz das vovós, porque vive em companhia da mais encantadora das netas – Lúcia, a menina do narizinho arrebitado, ou Narizinho como todos dizem.

Narizinho tem sete anos, é morena como jambo, gosta muito de pipoca e já sabe fazer uns bolinhos de polvilho bem gostosos.

Na casa ainda existem duas pessoas – Tia Nastácia, negra de estimação que carregou Lúcia em pequena, e Emília, uma boneca de pano bastante desajeitada de corpo.

Emília foi feita por Tia Nastácia, com olhos de retrós preto e sobrancelhas tão lá em cima que é ver uma bruxa.

Apesar disso, Narizinho gosta muito dela; não almoça nem janta sem a ter ao lado, nem se deita sem primeiro acomodá-la numa redinha entre dois pés de cadeira.

Além da boneca, o outro encanto da menina é o ribeirão que passa pelos fundos do pomar.

Suas águas muito apressadinhas e mexeriqueiras correm por entre as pedras negras de limo, que Lúcia chama as “Tias Nastácias do rio”.

Todas as tardes Lúcia tomam a boneca e vai passear a beira d’água, onde se senta na raiz de um velho ingazeiro para dar farelo de pão aos lambaris. Não há peixe do rio que não a conheça; assim que ela aparece, todos acodem, numa grande fomezinha. Os mais miúdos chegam

pertinho; os graúdos parece que desconfiam da boneca, pois ficam resabiados, a espiar.

UMA VEZ, DEPOIS de dar comida aos peixinhos, Lúcia sentiu os olhos pesados de sono. Deitou-se na grama com a boneca no braço e ficou seguindo as nuvens que passeavam pelo céu, formando ora castelos, ora camelos. E já ia dormindo, embalada pelo mexerico das águas, quando sentiu cócegas no rosto. Arregalou os olhos: um peixinho vestido de gente estava de pé na ponta do seu nariz.

Vestido de gente, sim! Trazia casaco vermelho, cartolinha na cabeça e guarda-chuva na mão – a maior das galantezas! O peixinho olhava para o nariz de Narizinho com rugas na testa, como quem não está entendendo nada do que vê.

A menina reteve o fôlego de medo de o assustar, assim ficando até que sentiu cócegas na testa. Espiou com o rabo dos olhos. Era um besouro que pousara ali. Mas um besouro também vestido de gente, trajando sobrecasaca preta, óculos e bengalão.

Lúcia imobilizou-se ainda mais, tão interessante estava achando aquilo.

Ao ver o peixinho, o besouro tirou o chapéu, respeitosamente.

– Muito boa tarde, Sr. Príncipe! – disse ele.

– Viva, Mestre Cascudo! – foi a resposta.

– Que novidade traz Vossa Alteza por aqui, Príncipe?

– É que lasquei duas escamas do filé e o Dr. Caramujo me receitou ares do campo. Vim tomar o remédio neste prado, que é muito meu conhecido, mas encontrei cá este morro que me parece estranho. – E o Príncipe bateu com a biqueira do guarda-chuva na ponta do nariz de Narizinho. – Creio que é de mármore – observou.

Os besouros são muito entendidos em questões de terra, pois vivem a cavar buracos. Mesmo assim aquele besourinho de sobrecasaca não foi capaz de adivinhar que qualidade de “terra” era aquela. Abaixou-se, ajeitou os óculos no bico, examinou o nariz de Narizinho e disse:

– Muito mole para ser mármore. Parece antes requeijão.

– Muito moreno para ser requeijão. Parece antes rapadura – voltou o Príncipe.

O besouro provou a tal terra com a ponta da língua.

– Muito salgada para ser rapadura. Parece antes...

Mas não concluiu, porque o Príncipe o havia largado para ir examinar as sobrancelhas.

– Serão barbatanas, Mestre Cascudo? Venha ver. Por que não leva algumas para os seus meninos brincarem de chicote? O besouro gostou da ideia e veio colher as barbatanas. Cada fio que arrancava era uma dorzinha aguda que a menina sentia – e bem vontade teve ela de o espantar dali com uma careta! Mas tudo suportou, curiosa de ver em que daria aquilo. Deixando o besouro às voltas com as barbatanas, o peixinho foi examinar as ventas.

– Que belas tocas para uma família de besouros! – exclamou.

– Por que não se muda para aqui, Mestre Cascudo? Sua esposa havia de gostar desta repartição de cômodos.

O besouro, com o feixe de barbatanas debaixo do braço, lá foi examinar as tocas. Mediu a altura com a bengala.

– Realmente, são ótimas – disse ele. – Só receio que more aqui dentro alguma fera peluda.

E para certificar-se cutucou bem lá no fundo.

– Hu! Hu! Sai fora, bicho imundo!...

Não saiu fera nenhuma, mas como a bengala fizesse cócegas no nariz de Lúcia, o que saiu foi um formidável espirro – Atchim!... –, e os dois bichinhos, pegados de surpresa, reviraram de pernas para o ar, caindo um grande tombo no chão.

– Eu não disse? – exclamou o besouro, levantando-se e escovando com a manga a cartolinha suja de terra. – É, sim, ninho de fera, e de fera espirradeira! Vou-me embora. Não quero negócios com essa gente. Até logo, Príncipe! Faça votos para que sare e seja muito feliz.

E lá se foi, zumbindo que nem um avião.

O peixinho, porém, que era muito valente, permaneceu firme, cada vez mais intrigado com a tal montanha que espirrava. Por fim a menina teve dó dele e resolveu esclarecer todo o mistério. Sentou-se de súbito e disse:

– Não sou montanha nenhuma, peixinho. Sou Lúcia, a menina que todos os dias vem dar comida a vocês. Não me reconhece?

– Era impossível reconhecê-la, menina. Vista de dentro d'água parece muito diferente...

– Posso parecer, mas garanto que sou a mesma. Esta senhora aqui é a minha amiga Emília.

O peixinho saudou respeitosamente a boneca, e em seguida apresentou-se como o Príncipe Escamado, rei do Reino das Águas Claras.

– Príncipe e rei ao mesmo tempo! – exclamou a menina, batendo palmas. – Que bom, que bom, que bom! Sempre tive vontade de conhecer um príncipe-rei.

Conversaram longo tempo, e por fim o Príncipe convidou-a para uma visita ao seu reino. Narizinho ficou no maior dos assanhamentos.

– Pois vamos, e já – gritou –, antes que Tia Nastácia me chame.

E lá se foram os dois de braços dados, como velhos amigos. A boneca seguia atrás sem dizer palavra.

– Parece que Dona Emília está emburrada – observou o Príncipe.

– Não é burro, não, Príncipe. A pobre é muda de nascença.

Ando à procura de um bom doutor que a cure.

– Há um excelente na corte, o célebre Dr. Caramujo.

Emprega umas pílulas que curam todas as doenças, menos a gosma dele. Tenho a certeza de que o Dr. Caramujo põe a Sra. Emília a falar pelos cotovelos. E ainda estavam discutindo os milagres das famosas pílulas quando chegaram a certa gruta que Narizinho jamais havia visto naquele ponto. Que coisa estranha! A paisagem estava outra.

– É aqui a entrada do meu reino – disse o Príncipe.

Narizinho espiou, com medo de entrar.

– Muito escura, Príncipe. Emília é uma grande medrosa.

A resposta do peixinho foi tirar do bolso um vaga-lume de cabo de arame, que lhe servia de lanterna viva.

A gruta clareou até longe e a “boneca” perdeu o medo. Entraram. Pelo caminho, foram saudados, com grandes marcas de respeito, por várias corujas e numerosíssimos morcegos.

Minutos depois chegavam ao portão do reino. A menina abriu a boca, admirada.

– Quem construiu este maravilhoso portão de coral, Príncipe?

É tão bonito que até parece um sonho.

– Foram os Pólipos, os pedreiros mais trabalhadores e incansáveis do mar. Também meu palácio foi construído por eles, todo de coral rosa e branco.

Narizinho ainda estava de boca aberta quando o Príncipe notou que o portão não fora fechado naquele dia.

– É a segunda vez que isto acontece – observou ele com cara feia. – Aposto que o guarda está dormindo.

Entrando, verificou que era assim. O guarda dormia um sono roncado. Esse guarda não passava de um sapão muito

feito, que tinha o posto de Major no exército marinho. Major Agarra-e-nãolarga- mais. Recebia como ordenado cem moscas por dia para que ali ficasse, de lança em punho, capacete na cabeça e a espada à cinta, sapeando a entrada do palácio. O Major, porém, tinha o vício de dormir fora de hora, e pela segunda vez fora apanhado em falta.

O Príncipe ajeitou-se para acordá-lo com um pontapé na barriga, mas a menina interveio.

– Não ainda! Tenho uma ideia muito boa. Vamos vestir este sapo de mulher, para ver a cara dele quando acordar.

E, sem esperar resposta, foi tirando a saia da Emília e vestindo-a, muito devagarinho, no dorminhoco. Pôs-lhe também a touca da boneca em lugar do capacete, e o guarda-chuva do Príncipe em lugar da lança. Depois que o deixou assim transformado numa perfeita velha coroca, disse ao Príncipe:

– Pode chutar agora.

O Príncipe, zás!... Pregou-lhe um valente pontapé na barriga.

– Hum!... – gemeu o sapo, abrindo os olhos, ainda cego de sono.

O Príncipe engrossou a voz e ralhou:

– Bela coisa, Major! Dormindo como um porco e ainda por cima vestido de velha coroca... Que significa isto?

O sapo, sem compreender coisa nenhuma, mirou-se apatetadamente num espelho que havia por ali. E botou a culpa no pobre espelho.

– É mentira dele, Príncipe! Não acredite. Nunca fui assim...

– Você de fato nunca foi assim – explicou Narizinho. – Mas, como dormiu escandalosamente durante o serviço, a fada do sono o virou em velha coroca. Bem feito...

– E por castigo – ajuntou o Príncipe –, está condenado a engolir cem pedrinhas redondas, em vez das cem moscas do nosso trato.

O triste sapo derrubou um grande beijo, indo, muito jururu, encorajar-se a um canto.

O resumo é a compilação de informações mais relevantes de um texto original e não uma cópia, determinando assim uma interpretação do texto e contribuindo para o conhecimento de uma obra do autor Monteiro Lobato. A produção de um resumo explicativo do capítulo será visando o planejamento de uma dinâmica em grupos, onde eles irão ler um trecho do capítulo do livro proposto, dentre isto os grupos farão uma breve análise da obra e discutiram o que foi entendido, e qual a mensagem que a obra traz, desse modo argumentando qual é a mensagem.

8

Paulo Leminski

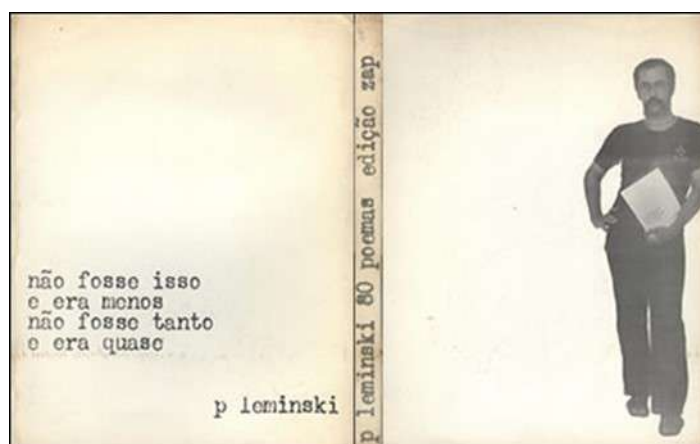
A poesia marginal foi um movimento literário, também, conhecida como “Geração Mimeógrafo”. Essa cultura surgiu no período da ditadura militar, década de setenta, e Paulo Leminski (1944-1989) foi um dos principais nomes desse movimento.

Este movimento poético não possuía um padrão em suas características, foi um momento de libertação, pois havia muita repressão política na época. A poesia era composta por elementos visuais como quadrinhos, fotografias, textos, entre outros, em que eram mimeografados e passados ao público. Com intuito de divulgação, longe do alvo de censura foi levada para os bares, ruas e praças. Suas características eram construídas pelas gírias, ironia, sarcasmo, humor, indignação etc. Transmitindo, todos os sentimentos em relação à situação política do Brasil que estavam sendo vivenciadas naquele período.

Como argumenta Heloísa Buarque Hollanda:

“Poderíamos mesmo definir o estilo marginal a partir da presença renitente da invenção poética na prática da produção, divulgação e comunicação de seus produtos. Em tempos de “milagre econômico” e profissionalização de nossas empresas editoriais, os poetas marginais optaram pela produção “doméstica” e pela comercialização independente. Essa opção, refletindo as determinantes vitalistas de nossos poetas e seu compromisso em “viver poeticamente”, traduziu-se numa série de publicações desafiadoras do ponto de vista das normas da produção editorial daquele momento. Foram lançados folhetos mimeografados, livros artesanais, livros-envelopes, posters, cartões-postais, cartazes, varais de poesia, gravações em muros e paredes e até mesmo uma torrencial chuva de poesia que inundou o centro de São Paulo, no dia 4 de dezembro de 1979. Invadiram as ruas, teatros, exposições, ganharam espaço na imprensa nanica, investiram pesado na venda de mão em mão, no contato direto entre o poeta e seu leitor.”

Abaixo, algumas poesias marginais de Leminski:



Curitiba: Editora ZAP, 1980. 80 folhas não numeradas



Publicado originalmente na revista "invenção" 4 dez 1964, reproduzida no livro (1980).

Principais características da Poesia Marginal:

- Inconformismo com “cultura oficial” brasileira;
- Inconformismo com os moldes literários impostos pela academia;
- Inconformismo com a censura imposta pela ditadura;
- Proposta de uma constante inovação poética, pautada pela inventividade artística e a vitalidade criativa;
- Inspiração nos movimentos de contracultura;
- Elogio de uma produção cultural que estivesse fora dos padrões;
- Busca de uma nova forma de divulgação da arte e da cultura brasileira;
- Organização da poesia em estruturas rápidas que aliassem texto e elementos visuais;
- Promoção de leituras imediatas, com conteúdos facilmente assimiláveis;
- Utilização de uma linguagem coloquial, revestida de sarcasmo, ironia, humor, gírias e, inclusive, palavrões.

<https://www.normaculta.com.br/poesia-marginal/>

Principais poetas da Poesia Marginal:

- Chacal;
- Cacaso;
- Ana Cristina César;
- Paulo Leminski;
- Francisco Alvim;
- Torquato Neto;
- Waly Salomão;

MIMEÓGRAFO



<http://infancia8090.o-inesquecivel-mimeografo.html>

ATIVIDADE: PRODUÇÃO DE POESIA MARGINAL

A partir do que foi estudado anteriormente, em grupos, produzam uma poesia marginal em cartazes que represente algum fato do Brasil contemporâneo, pode ser de forma negativa, ou positiva.

Após terminarem essa tarefa, apresentem suas poesias para a turma e relatem brevemente o que desejaram expressar na construção das poesias.



NACIONALIDADE

O menino nissei sentou no banco de jardim. Teria uns doze anos, comia sossegado o seu sanduíche de queijo. Duas meninas, uma morena e outra ruiva, que pulavam amarelinha, chegaram junto dele e gritaram:

— Japonês! Japonês! Quer dizer a hora para nós?

O menino olhou o pulso onde se ostentava um enorme relógio niquelado, disse que eram nove e meia e acrescentou:

— Eu não sou japonês. Sou paulistano. Nasci aqui, no Jardim América.

A ruivinha, mais velha, coçou um borrachudo na canela fina:

— Se você não é japonês, teu pai é.

— Não, meu pai nasceu em Batatais.

— Então, tua mãe.

— Ela também nasceu em Batatais.

A menor, moreninha, fez o comentário óbvio:

— Nós te chamamos de japonês porque tu tem cara de japonês.

— Meu avô é que era japonês. E a minha avó. E acho que os meus tios.

A pequeninha estava maravilhada com aquele milagre biológico.

— Nunca vi pessoa ser brasileiro e ter cara de japonês. Eu pensava que brasileiro era tudo igual.

A maior ensinou:

— Nem todo brasileiro é igual. Negro é brasileiro e é diferente.

— Negro é africano — observou com certa malícia aquele a quem chamavam de japonês.

— Como é que você sabe?

— Aprendi na aula.

— Na minha rua tem muito judeu. Todos nós somos judeus — contribuiu a ruiva para enriquecer a conversação.

A outra quis saber:

— E onde é terra de judeu?

— Meu pai veio da Rússia. E o meu avô. A minha mãe veio da Polônia.

— Então, esse negócio de judeu é besteira. Quem vem da Rússia é russo. E quem vem da Polônia é polaco — o menino falava com grande autoridade.

E a ruivinha protestou:

— A minha mãe disse que a gente deve falar “polonês”. “Polaco” é feio.

— Pode ser. Polonês. Mas e judeu?

— Judeu vem da Judia — foi a contribuição da morena.

Mas o nissei doutrinou:

— Não tem país chamado Judia.

— Como é que você sabe? Você conhece todos os países do mundo?

— Todos. Estou no curso de admissão. Já estudei Geografia.

— Meu pai disse que a terra dos judeus se chama Israel — lembrou-se, de repente, a ruiva.

— Então, como é que ele é da Rússia?

Mistério. Os três se entreolharam. Afinal o rapaz sugeriu:

— Só se é mentira do teu pai.

— Mentira do teu! Teu pai é que é um japonês mentiroso!

— Já falei que o meu pai é brasileiro.

A pequena moreninha pacificou:

— Não xingue. Eu também sou brasileira. Eu nasci em Campos. E minha mãe nasceu em Campos e o meu pai nasceu em Campos e o meu irmão e a babá, todo mundo, na minha casa, nasceu em Campos.

A ruiva riu:

— Tudo é campeiro?

— Não, a gente diz campista. Campos fica no estado do Rio de Janeiro.

— Agora lá se chama Guanabara — sentenciou o menino.

— Não, não é Guanabara. Estado do Rio de Janeiro é outra coisa. Meu pai já disse uma porção de vezes.

— Então, tem dois Rio?

— Não, agora só tem um. Não falei que o Rio de Janeiro virou Guanabara?

A menina ruiva ficou a olhar um momento os dois outros.

— Acho que campista parece um pouco com japonês. Só não tem olho revirado.

— Minha mãe diz que nós temos raça de índio tamoio — declarou a campista.

E o paulistano aduziu:
— Meu pai, uma vez, viu um índio e pensou que fosse japonês fantasiado. Falou pra ele em língua de japonês, mas o índio não entendeu bulhufas.
— Mas você não disse que o seu pai é de Batatais?
— É. Mas filho de japonês sabe falar língua do Japão.
— E você sabe? Fala um pouquinho pra gente ver!
— Não sei. Puxa, já disse tantas vezes que sou paulistano!
A moreninha deu um salto:
— Eu sou Corinthians!
— Ninguém está falando de futebol, boba — ralhou asperamente o rapaz.
Houve um silêncio.
E a menor indagou, passado um instante:
— E onde é o lugar que só tem brasileiro?
Os dois outros ficaram algum tempo pensando, olhando para uns pombos que bicavam na areia. Afinal a menina maior falou:
— Gente grande é muito misturada. Acho que deve ser num lugar onde só tem criança.



*Crônica retirada do livro Seleta. Rio de Janeiro – R J
(Adaptada para fins didáticos)*

Texto “Nacionalidade”, interpretação e elaboração escrita de um poema baseado na temática do texto (diversidade).

Primeira aula:

Apresentar a escritora Rachel de Queiroz e explicar o gênero poema; conceito, características principais, exemplos.

Segunda aula:

Apresentar o texto em questão, lê-lo e propor a escrita de um poema que fale sobre a temática do texto “Nacionalidade”.

Terceira Aula:

Tempo para o desenvolvimento da atividade. (Pode ser feita uma exposição dos poemas).

Tempo: 3 aulas

Poema

Poema vem do grego “poein” que quer dizer “compor, fazer, criar”. Poema é um gênero textual, há versos, métrica, estrofes, rimas e ritmo. É possível não encontrar poesia em um determinado poema (sensibilização), assim como é possível sentir-se emocionalmente tocado diante de um verso.

8

Vinícius de Moraes

(A)

De repente do riso fez se.....
Silencioso e branco como.....
E da bocas unidas fez se
E das mãos espalmadas fez-se

(B)

De repente da calma fez-se
Que dos olhos desfez a ultima.....
E da paixão fez-se
E do momento imóvel fez-se.....

(C)

De repente, não mais que
Faz-se de triste o que se fez
E de sozinho o que se fez.....

(D)

Fez-se do amigo próximo o
Fez-se da vida uma aventura
De repente, não mais que

Nessa poesia vamos descobrir qual é a palavra que se encaixa em cada fim de verso.

A seguir serão postas as palavras e o aluno deverá assinalar e colocar nos espaços do poema.

(A)

- 1-()a espuma ()o pranto ()o espanto ()a bruma
- 2-()a espuma ()o pranto ()o espanto ()a bruma
- 3-()a espuma ()o pranto ()o espanto ()a bruma
- 4-()a espuma ()o pranto ()o espanto ()a bruma

(B)

- 1- ()o drama ()chama ()o pressentimento ()o vento
2- ()o drama ()chama ()o pressentimento ()o vento
3- ()o drama ()chama ()o pressentimento ()o vento
4- ()o drama ()chama ()o pressentimento ()o vento

(C)

- 1- ()amante ()de repente ()contente
2- ()amante ()de repente ()contente
3- ()amante ()de repente ()contente

(D)

- 1- ()de repente ()distante ()errante
2- ()de repente ()distante ()errante
3- ()de repente ()distante ()errante

Depois de responder as perguntas, o professor pode fazer as seguintes perguntas aos alunos.

- Que foi o sentimento que o poema passou enquanto lia?
- Agora escolha uma frase ou estrofe do poema e explique o que está escrito.
- Qual estrofe mais te identifica no momento ou no dia a dia?
- E por fim o que achou do poema?

8

Vitorino Nemésio

As obras de Vitorino Nemésio refletem inequivocamente a vivência açoriana imbuída de religiosidade irónica e de pitoresco costumbrista. Nas crónicas, Nemésio viaja no espaço e no tempo, dentro e fora de si próprio, com alusões eruditas, referências inesperadas, vastíssimos conhecimentos de geografia física, geografia humana e história, por vezes em busca de correspondências entre o que vê pela primeira vez e o que conhece da sua terra ou da sua infância.

MEMÓRIAS ÍNTIMAS

Exagerei talvez, na última crónica, o alcance da nossa literatura de memórias. Quis mostrar, sobretudo, que a indiferença do leitor e do editor é bem maior que a escassez do género em Portugal. Os nossos antepassados foram mais cuidadosos em registrar o que passaram do que nós perguntando às sombras deles o que fizeram. Mas daí a afirmar que a autobiografia, diário e memórias portuguesas são um acervo de obras-primas vai sua distância, oh, se vai!

O que me encanta nas *Memórias* do Marquês de Fronteira, por exemplo, é o tom corrido a evocar um tempo histórico tamanho e tão perturbado: as personagens, caricatas ou excêntricas, como o Conde do Funchal, embaixador em Londres, e a avó do narrador, a Marquesa de Alorna, ludibriando a polícia das <<moscas>> com um estojo de *toilette* suspeito de engenho mortífero. Esse dom da intimidade, mesmo sem estilo algum, é o que nos prende em Fronteira. Liberato, um pouco também. Mas esse interessa sobretudo por ser muito velho em 1850, homem de dois regimes – a *Nau Catrineta* do Liberalismo, que tinha muito que contar.

Enfim, não reincidentei no balanço. Quero voltar-me apenas para o que Mauriac designa, no seu caso directo, por << Memórias Interiores>>: a zona do lembrar em que já pouco importam os acontecimentos datados, mas as reacções pessoais profundas que eles provocam. É o próprio movimento do ânimo, a reflexão que amadurece intimamente a pessoa, as emoções que a alterem ante o espectáculo dos outros, é isso o que aquele que se conta quer captar. Assim, em vez de relatar, interroga. Ou, como se costuma dizer, fecha os olhos e evoca.

Nessa atitude, com <<bordões>> estilísticos adequados, Raul Brandão ressuscita, nos longos prefácios dos seus três volumes de *Memórias*, e o *Lume*, no primeiro volume, é o título que melhor significa a preparação para lembrar: à lareira – e calado. O factor narrativo reduz-se então a bem pouco: em paisagem, por exemplo, à <<Outra-Banda verde>> do Cabedelo da Foz. Uma nota, um nada levanta diante de nós o quadro encantado, de repente.

E, no entanto, o leitor não sai do trecho com a impressão de ter sido roubado na sua expectativa de informação sobre um passado pessoalmente significativo-o de um escritor testemunha de tempos e lugares relevantes. A Foz dos lugres, do piloto-mor, dos naufrágios de Leixões, da barca *Oliveira* que trouxe do Brasil o pai de António Nobre e os <<brasileiros>> geralmente caluniados dos romances de Camilo inscreve-se na prosa de Brandão como uma luz de fundo num primeiro plano de barrascas. E aqui, a imagem do mau tempo exprime a menos-valia do presente evocador ante o passado evocado. *Laudator temporis acti* – (é bem o caso de reabilitar um latim de má fama).

<<Memórias íntimas>>, verdadeiramente passadas pelo duto do eu, são essas de Raul Brandão, que fazem compreender ou perdoar o acolhimento – à boataria política e denegridora do seu tempo. Ou não fosse Brandão o criador genial das avantesmas e espantalhos de *A Farsa*, de *Os pobres* e do *Húmus*. Ora, o Boato, com B, é o espantalho da História.

Já em Camilo Castelo Branco o dom português da evocação profundamente emocionada dera as mais altas provas. É a queixa patoril de Bernardim Ribeiro desfocada do seu plano novelesco, de convenção renascentista e confiança introspectiva, para o terreiro romântico das vidas de signo dramático como as do pai e tios do próprio escritor, os Simão Botelho e *Brocas* que se prolongaram na vida cruciante e expiada do narrador. São tantos e tais, de tal relevo, os passos memorialísticos das obras profusas de Camilo, que Alberto Pimentel não teve dificuldade em urdir o *Romance do Romancista*, retomado por Aquilino Ribeiro como tributo estilístico do discípulo a seu mestre e afim. E um erudito de há meio século, Tavares Proença, pôde publicar no velho editor coimbrão França Amado um curioso livrinho que não é mais que uma teia (mas parece inconsútil!) de excertos autobiográficos de obras camilianas muito diferentes umas de outras.

A unidade, em <<memórias interiores>> como em tudo o que pertence à criação artística, vem da <<invariante>> do respectivo criador. É uma força fatal e autêntica <<teleonómica>> ou finalista como no código genético (vá isto por conta de *O Acaso e a Necessidade*, do Prof. Jacques Monod, Prémio Nobel de Medicina 1965, *best-seller* há mais de dois meses das editoriais de França.)

Ah! Mas se o código genético condiciona os *stocks* de memórias factual – que nervosa é, de base-, a chave dele, mesmo que já nos estivesse inteiramente nas mãos, não abria o segredo do crescimento íntimo, da fenomenologia lenta, estratificada, do recordar. A memória verbal do adulto é uma recuperação fictícia ou especiosa do tempo. Não passa exactamente pelos caminhos nervosos que o conduziram de sentimento em sentimento, de pulsação em pulsação. Já não é memória orgânica, ou, se a ela se apoia, extrapola-a. As memórias literárias alimentam-se de um ânimo que já nada tem de metabólico, um ânimo puramente cultural.

E como nos falamos bem! Desde Santo Agostinho, que sentia Deus mais íntimo que ele mesmo, até Rousseau e aos descendentes românticos, que somos todos nós, impenitentes confessores daquilo por que ninguém nos pergunta e que poucos querem saber.

[16.4.1971]

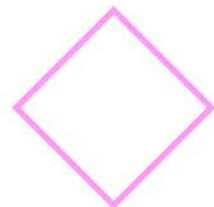
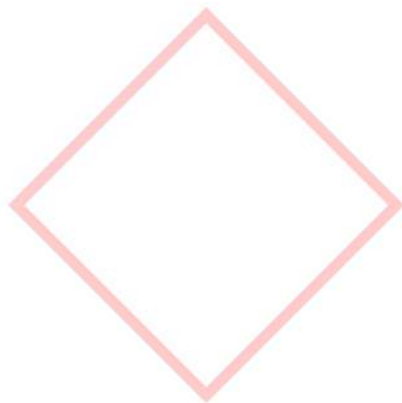
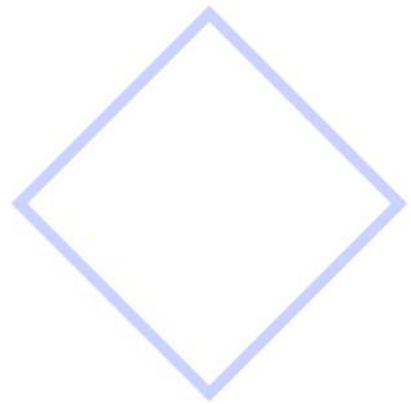
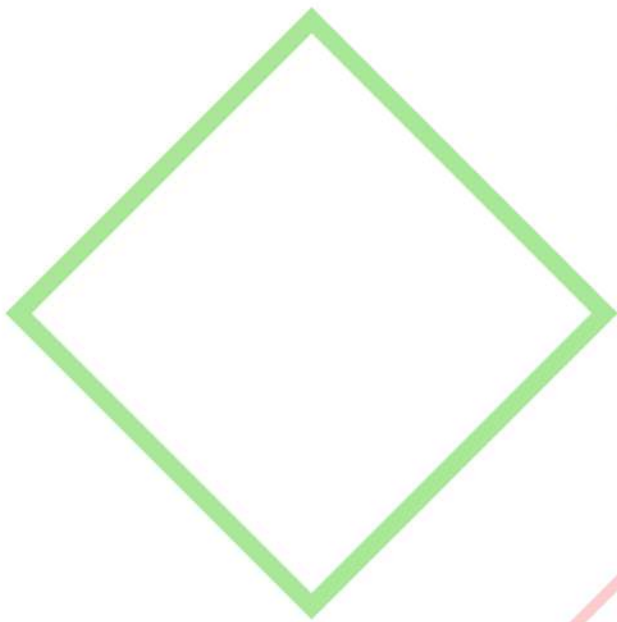
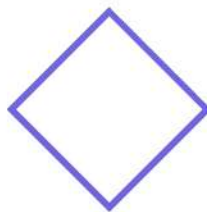
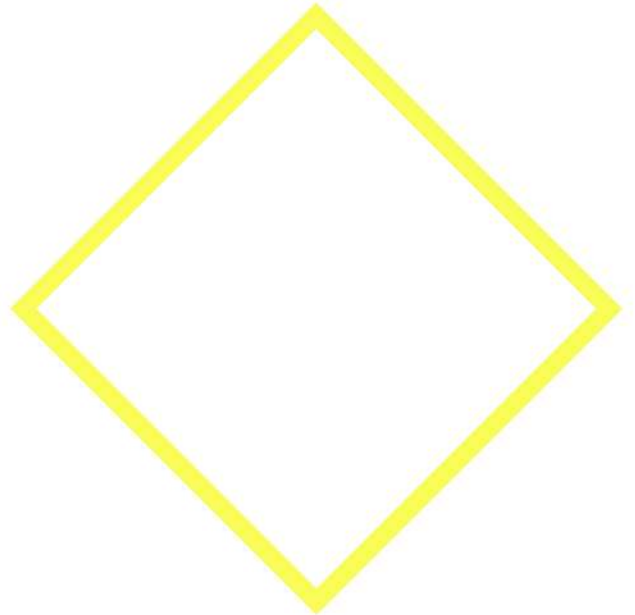
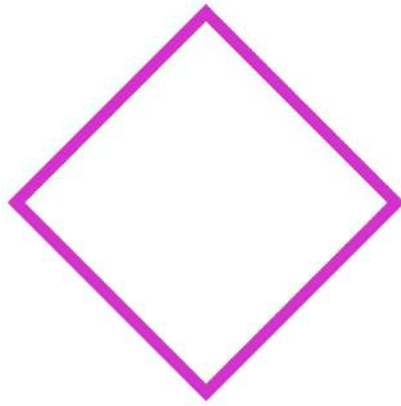
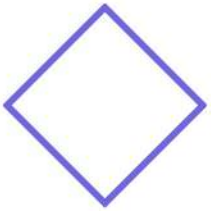
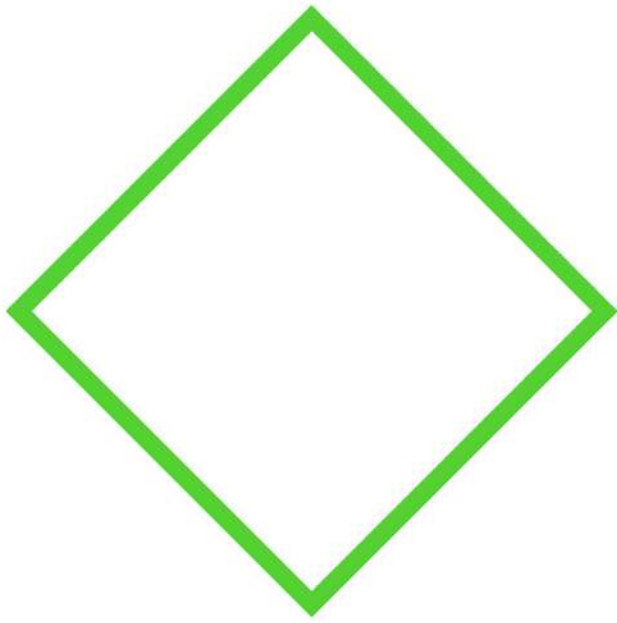
OBJETIVO

- Trabalhar interpretação de texto

MÉTODO

- Pedir para fazer uma leitura individual, em seguida o professor faz uma leitura em voz alta finalizando com alguns apontamentos importantes do texto e por último pedir para que respondam algumas perguntas e produzam uma crônica.
1. Para melhor compreensão desta crônica sugiro uma busca ao dicionário pois, devido a gama de palavras, se faz necessário compreendê-las para assim utilizar nossa imaginação!
 2. Quais as características de uma crônica?
 3. Do que se trata a crônica?
 4. Quem é o narrador?
 5. Porque o título do texto é memórias íntimas?
 6. Escreva um “memória íntima” em forma de crônica, pegando como exemplo essa que foi lida.

9º ANO





Ariano Suassuna

Ariano Suassuna é um autor que traz em sua escrita a marcação oral da cultura popular nordestina. Além disso, seus poemas apontam às dificuldades e violências sofridas pelo povo do sertão. Como podemos conferir no poema a seguir:

INFÂNCIA

Sem lei nem Rei, me vi arremessado,
bem menino, a um Planalto pedregoso.
Cambaleando, cego, ao sol do Acaso,
vi o mundo rugir, Tigre Maldoso.

O cantar do Sertão, Rifle apontado,
vinha malhar seu Corpo furioso.
Era o Canto demente, sufocado,
rugido nos Caminhos sem repouso.

E veio o Sonho: e foi despedaçado!
E veio o Sangue, o Marco iluminado,
a luta extraviada e a minha Grei!

Tudo apontava o Sol: fiquei embaixo,
na Cadeia em que estive e em que me acho,
a sonhar e a cantar, sem lei nem Rei!



CONSIDERAÇÕES INICIAIS SOBRE O POEMA

É importante ressaltar que Ariano Suassuna, em sua infância, teve seu pai assassinado, vítima de um crime político em 1930. Tal acontecimento é representado em seu poema.



Note que, ao longo do soneto, Ariano destaca com letra maiúscula os símbolos contidos em seu poema, como se estivesse personalizando-os.



Soneto: Composto por quatro estrofes que são organizadas em dois quartetos (duas primeiras) e dois tercetos (duas últimas).



Contendo dez sílabas poéticas (deca-sílabos) em todas as estrofes:

O/ can/ tar/ do/ Ser/ tão/, Ri/ fle a/ pon/ ta/ do

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10



Tem seu ritmo heroico, contendo a 6ª e 10ª sílaba mais fortes em suas estrofes.

Sem/ lei/ nem/ Rei/, me/ vi/ ar/re/mes/sa/do

O soneto teatraliza essa infância que foi “sem lei nem Rei”. O menino guardou a figura de seu pai morto que foi transfigurado em Sol (símbolo) que ilumina o caminho violento e guerreiro do Serão da Paraíba.

Sugere-se que o docente busque trabalhar com os significados dos símbolos presentes no poema.

PROPOSTA DE ATIVIDADE



1. Recomenda-se que o professor traga algumas informações sobre as dificuldades enfrentadas pelos moradores do sertão.
2. Os alunos deverão analisar o poema a fim de descobrirem quais foram as seleções de rima e métrica contidas nele.
3. Propõe-se que o professor conjuntamente com os alunos busquem os significados dos símbolos retratados por Suassuna em seu poema.

“Lampião foi no inferno e depois no céu chegou. São Pedro estava na porta e Lampião então falou: – Meu velho não tenha medo, me diga quem é São Pedro. E logo o rifle puxou!”

Referente a tipologia textual narrativa, o cordel é um gênero regionalista que conta, em versos, a realidade do sertão e seus moradores.

Características do Cordel:

- ⇒ Narração, sempre, de uma história (real ou não);
- ⇒ Discurso em linguagem coloquial, cotidiana;
- ⇒ Difundido pela forma impressa;
- ⇒ Tom humorístico;
- ⇒ Retrata fatos da vida cotidiana da cidade ou da região do poeta.;
- ⇒ A rima, o ritmo, as repetições provocam musicalidade, elemento essencial para favorecer a memorização.

Considerando as características básicas do Cordel, selecione um fato cotidiano de sua vida, desenvolva um cordel e compartilhe com sua turma.



9

Cecília Meireles



EDMUNDO, O CÉPTICO

Naquele tempo, nós não sabíamos o que fosse cepticismo. Mas Edmundo era céptico. As pessoas aborreciam-se e chamavam-no de teimoso. Era uma grande injustiça e uma definição errada.

Ele queria quebrar com os dentes os caroços de ameixa, para chupar um melzinho que há lá dentro. As pessoas diziam-lhe que os caroços eram mais duros que os seus dentes. Ele quebrou os dentes com a verificação. Mas verificou. E nós todos aprendemos à sua custa. (O cepticismo também tem o seu valor!)

Disseram-lhe que, mergulhando de cabeça na pipa d'água do quintal, podia morrer afogado. Não se assustou com a ideia da morte: queria saber é se lhe diziam a verdade. E só não morreu porque o jardineiro andava perto.

Na lição de catecismo, quando lhe disseram que os sábios desprezam os bens deste mundo, ele perguntou lá do fundo da sala: “E o rei Salomão?” Foi preciso a professora fazer uma conferência sobre o assunto; e ele não saiu convencido. Dizia: “Só vendo.” E em certas ocasiões, depois de lhe mostrarem tudo o que queria ver, ainda duvidava. “Talvez eu não tenha visto direito. Eles sempre atrapalham.” (Eles eram os adultos.)

Edmundo foi aluno muito difícil. Até os colegas perdiam a paciência com as suas dúvidas. Alguém devia ter tentado enganá-lo, um dia, para que ele assim desconfiasse de tudo e de todos. Mas de si, não; pois foi a primeira pessoa que me disse estar a ponto de inventar o moto contínuo, invenção que naquele tempo andava muito em moda, mais ou menos como, hoje, as aventuras espaciais.

Edmundo estava sempre em guarda contra os adultos: eram os nossos permanentes adversários. Só diziam mentiras. Tinham a força ao seu dispor (representada por várias formas de agressão, da palmada ao quarto escuro, passando por várias etapas muito variadas). Edmundo reconhecia a sua inutilidade de lutar; mas tinha o brio de não se deixar vencer facilmente.

Numa festa de aniversário, apareceu, entre números de piano e canto (ah! delícias dos saraus de outrora!), apareceu um mágico com a sua cartola, o seu lenço, bigodes retorcidos e flor na lapela. Nenhum de nós se importaria muito com a verdade: era tão engraçado ver saírem cinqüenta fitas de dentro de uma só... e o copo d'água ficar cheio de vinho...

Edmundo resistiu um pouco. Depois, achou que todos estávamos ficando bobos demais. Disse: “Eu não acredito!” Foi mexer no arsenal do mágico e não pudemos ver mais as moedas entrarem por um ouvido e saírem pelo outro, nem da cartola vazia debandar um pombo voando... (Edmundo estragava tudo. Edmundo não admitia a mentira. Edmundo morreu cedo. E quem sabe, meu Deus, com que verdades?)

(Texto extraído do livro “Quadrante 2”, Editora do Autor – Rio de Janeiro, 1962, pág. 122)

Lendo o conto com atenção, responda:

- 1) Ao ler o texto, que definição você daria ao cepticismo?
- 2) Visto que a obra está escrito em gênero Crônica, que tal “reescrevê-la” em modo HQ?



Clarice Lispector

Teatro com contos de Clarice Lispector

Clarice Lispector criou vários contos de caráter intimista que tem como plano de fundo o contexto familiar e muitas vezes critica, mesmo que de forma velada, as relações sociais estabelecidas.

Este é o caso do conto “Feliz aniversário”, presente no livro *Laços de família*, que traz a história de dona Anita, que, em seu aniversário de oitenta e nove anos, recebeu a família para sua festa de aniversário na casa em que morava com uma de suas filhas, Zilda. Conforme as pessoas vão chegando, se notam as desavenças e preconceitos de classe, além a falta de afeto que a família possui entre si, e o desprezo que a aniversariante sente por todos.

Abaixo, segue o início do conto *Feliz Aniversário*:

A família foi pouco a pouco chegando. Os que vieram de Olaria estavam muito bem vestidos porque a visita significava ao mesmo tempo um passeio a Copacabana. A nora de Olaria apareceu de azul-marinho, com enfeite de paetês e um drapeado disfarçando a barriga sem cinta. O marido não veio por razões óbvias: não queria ver os irmãos. Mas mandara sua mulher para que nem todos os laços fossem cortados — e esta vinha com o seu melhor vestido para mostrar que não precisava de nenhum deles, acompanhada dos três filhos: duas meninas já de peito nascendo, infantilizadas em babados cor-de-rosa e anáguas engomadas, e o menino acovardado pelo terno novo e pela gravata. Tendo Zilda — a filha com quem a aniversariante morava — disposto cadeiras unidas ao longo das paredes, como numa festa em que se vai dançar, a nora de Olaria, depois de cumprimentar com cara fechada aos de casa, aboletou-se numa das cadeiras e emudeceu, a boca em bico, mantendo sua posição de ultrajada. “Vim para não deixar de vir”, dissera ela a Zilda, e em seguida sentara-se ofendida. As duas mocinhas de cor-de-rosa e o menino, amarelos e de cabelo penteado, não sabiam bem que atitude tomar e ficaram de pé ao lado da mãe, impressionados com seu vestido azul-marinho e com os paetês.

Depois veio a nora de Ipanema com dois netos e a babá. O marido viria depois. E como Zilda — a única mulher entre os seis irmãos homens e a única que, estava decidido já havia anos, tinha espaço e tempo para alojar a aniversariante — e como Zilda estava na cozinha a ultimizar com a empregada os croquetes e sanduíches, ficaram: a nora de Olaria empertigada com seus filhos de coração inquieto ao lado; a nora de Ipanema na fila oposta das cadeiras fingindo ocupar-se com o bebê para não encarar a concunhada de Olaria; a babá ociosa e uniformizada, com a boca aberta.

E à cabeceira da mesa grande a aniversariante que fazia hoje oitenta e nove anos.

Zilda, a dona da casa, arrumara a mesa cedo, enchera-a de guardanapos de papel colorido e copos de papelão alusivos à data, espalhara balões sungados pelo teto em alguns dos quais estava escrito “*Happy Birthday!*”, em outros “Feliz Aniversário!” No centro havia disposto o enorme bolo açucarado. Para adiantar o expediente, enfeitara a mesa logo depois do almoço, encostara as cadeiras à parede, mandara os meninos brincar no vizinho para não desarrumar a mesa.

E, para adiantar o expediente, vestira a aniversariante logo depois do almoço. Pusera-lhe desde então a presilha em torno do pescoço e o broche, borrifara-lhe um pouco de água-de-colônia para disfarçar aquele seu cheiro de guardado — sentara-a à mesa. E desde as duas horas a aniversariante estava sentada à cabeceira da longa mesa vazia, tesa na sala silenciosa.

De vez em quando consciente dos guardanapos coloridos. Olhando curiosa um ou outro balão estremecer aos carros que passavam. E de vez em quando aquela angústia muda: quando acompanhava, fascinada e impotente, o voo da mosca em torno do bolo.

Após a leitura do conto, pode-se propor que os alunos façam a adaptação do conto para o gênero roteiro, sendo que outros contos da mesma autora como *Restos de Carnaval*, *Laços de Família*, *Felicidade clandestina*, também podem ser utilizados para a produção produção desta adaptação.



Sobre o gênero Roteiro, favor consultar a unidade....., na página.....

Após o roteiro finalizado, pode se sugerir a encenação do conto, utilizando o roteiro criado pelos alunos.



Fernando Sabino

HÁ UM RETALHO DE PASSADO PERDIDO NA CHUVA

Chovia. Uma chuva grossa e pesada. Os pingos tombavam e se desfaziam em milhares de gotinhas que, ricocheteando, formavam uma colcha de espuma sobre o solo. A água barrenta escorria pela sarjeta. Os bueiros transbordavam. Em cada depressão, uma poça de barro meloso, um lago de água suja. Na calçada, os raros pedaços ladrilhados eram escorregadios como gelo, e, no mais, tudo lama, solta, macia, viscosa.

Não se via ninguém na rua escura. Os raros vultos apressados que surgiam das esquinas, poucos minutos antes, já se tinham sumido noutras esquinas, com a roupa grudada no corpo tiritante, que inutilmente procuravam ainda preservar do temporal.

No fim da rua aponta alguém. Vem escorrendo água do paletó surrado. Os pés estão pesados do barro que carregam. O chapéu já perdeu a sua forma primitiva, conformando-se cabeça de cabelos desordenados. A calça está toda salpicada de barro sobre outras manchas indistintas. A goteira do chapéu em cima do rosto abre trilhas na poeira que o enegrece. Escorrega daqui, escorrega dali, ele se ampara a uma parede para não cair. Os pés afundam numa poça e tornam a aparecer, molhados, agora quase inteiramente livres do incômodo fardo lamacento que carregavam. Mas não custará a ser substituído por outro mais incômodo ainda, um pouco mais adiante. O pior não vem de cima, nas carregadas bâtegas de chuva que caíam. Vem de baixo, nos poços e lamaçais, nas enxurradas das esquinas, nas caudalosas correntes ao lado dos passeios.

Agora ele encontrou um vão de porta onde abrigar-se. A soleira estava molhada, mas não tanto como a rua. Ali a água caía pulverizada, quase. Não incomodava tanto. Sentou-se na beirada de cimento, pouco se importando com o pequenino lago que suas roupas ali fizeram em instantes, e pôs-se a observar a chuva. Na ponta do nariz curvo, brilhava uma gotícula prestes a pingar.

Um carro passou em disparada, espirrando água por todos os cantos. Um trovão ribombou lá no alto, logo após um rápido e entrecortado clarão.

Depois de torcer o chapéu, fazendo-o escorrer, ele remexeu nos bolsos, tossindo roucamente. Achou apenas um pedaço de pão velho, amolecido pela água que o encharcara. Grudado nele surgiu um retrato, também molhado e velho. A fome aguilhoava-o mais ainda que o pulmão carcomido. Separou o retrato e pôs-se a roer o pão devagarinho, de quando em quando interrompido por um acesso de tosse, violento e pertinaz.

A chuva amainara. Não mais tombavam aquelas gotas grandes. Somente peneirava uma garoa rala e irritante, que não tardou a ir-se serenando. Um derradeiro relâmpago rasgou a noite. A tardia e longínqua trovoadas anunciou a despedida da tempestade.

Contemplou o retrato semi-amassado na mão. Era o de um rapazinho de uns quinze anos, retrato de carteira, meio corpo. Olhinhos apertados, vivos e inteligentes. Testa larga, nariz aguçado...

Até hoje ele tinha a fronte grande e o nariz aquilino. Mas sua fronte de hoje era recortada de rugas e o seu nariz levava ao para os pulmões corroídos e quase imprestáveis.

Um vulto cruzou a ruça apressado, sumindo-se no fim do quarteirão.

Quanto tempo! Dezoito anos. Sim, justamente dezoito anos. Ali estavam os olhos que esperavam contemplar uma vida coberta de felicidade. Ali estava a cabeça que encerrava um cérebro novo e vigoroso, que seria o grande orgulho dos seus, de sua nação, do universo. Os seus se foram, a nação e o universo ficaram esperando inutilmente o orgulho que se prometia para eles e que nem chegou a manifestar-se. O cérebro novo e vigoroso procurou agir e não pôde. Os olhos vivos e inteligentes procuraram olhar e nada viram.

Espiou novamente a chuva. Outro carro passou em disparada, este agora quase junto ao meio-fio. Soltou uma praga contra a água e o barro que lhe foi espirrado pelo corpo todo. Mais uma vez seus olhos apertados e olheirentos procuraram o retrato. Limpou a sua extremidade com a ponta esfiapada do paletó, de um pinguinho de lama que nele caíra. Ele aquele que estava que esperava ser a glória do universo... Mas naquele tempo, ele não conhecia a vida. Tudo era tão diferente... Não havia nada mais que um ideal incontido e inabalável. Nem mesmo automóvel que passasse em disparada e atirasse barro na gente. Ali estava o passado diante do presente, um presente que não teria mais futuro. Era o sonho defronte da realidade. Era a esperança em frente à desilusão. Ele seria forte, grande, glorioso. Subiria. Alcançaria o cume. Mas tomara caminho errado... Uma acesso de tosse perturbou-o por instantes.

A chuva havia passado. Mas a enxurrada escorria, caudalosa ainda. E agora era um vento frio que se anunciava, juntamente com a madrugada. O céu fazia-se transparente e esbranquiçava-se aos poucos. Agora, livres da parede de nuvens, é que as estrelas insistiam em brilhar, fúlgidas, como o último estertor que a alvorada lhes trazia. O retrato caiu justamente quando o braço pendeu. Ficou boiando nas pocinhas d'água, até que o vento o fez alcançar a corrente da sarjeta. Aí ele foi sendo levado até quase a esquina, para desaparecer no remoinho do primeiro esgoto.

Gênero conto: Principais características

Texto ficcional e imaginário;

Narrativa curta, tempo espaço reduzidos e poucos personagens;

Além disso, existem partes essenciais:

Situação inicial: Início da história, apresentação de personagens, fatos iniciais, etc.;

Complicação (desenvolvimento): Momento em que se desenvolve o conflito, algo começa a acontecer que prendem a atenção dos leitores;

Clímax: Momento mais tenso da narrativa;

Desfecho (conclusão): Resolve-se o conflito, tendo o fim da história que pode ser triste, alegre, engraçado, trágico, surpreendente, etc.

Identificar os elementos principais do gênero conto no texto trabalhado.

(A história inicia tratando de um homem que vive na rua em um dia de grande tempestade. O conflito começa a se desenvolver quando ele acha em seu bolso uma foto sua quando jovem e se põe a refletir. Clímax: “[...]como o último estertor que a alvorada lhes trazia. O retrato caiu justamente quando o braço pendeu.” Desfecho: O homem parece morrer, e seu retrato ser levado sarjeta abaixo.)

Atividades - Vamos refletir:

Quem é o homem retratado na história?

(Por meio das características apresentadas no texto, pode-se dizer ser um morador de rua.)

Ele enfrenta mais uma de suas dificuldades que é o mal tempo. Ao procurar em seu bolso, achou um retrato, quem era? Por que a imagem o fez refletir?

(No retrato era ele quando jovem adolescente lhe fez recordar do quanto a vida era boa nesse tempo em que ele, na sua inocência convicta de que faria a diferença para a nação, orgulharia a todos e seria feliz. No entanto, tudo era diferente.)

O texto cita uma frase: “Ele seria forte, grande, glorioso. Subiria. Alcançaria o cume. Mas tomara caminho errado...”. O que você sugere que tenha ocorrido para que seu presente não fosse como sonhou?

(Resposta individual. Instigar os alunos a pensarem o que poderia ter ocorrido.)

O que acontece ao final do conto?

(Compreende-se que o homem possa ter falecido, após refletir sobre seu passado ao enfrentar a tempestade e a tosse que o perturbava.)

O conto teve um triste fim, porém todos temos grandes sonhos a serem realizados. Assim, vamos nos mandar uma carta para nosso futuro eu, dizendo quais são os sonhos e expectativas para nós mesmo daqui a dez ou vinte anos.

(Propor aos alunos a produção de uma pequena carta pessoal, a qual pode ou não ser compartilhada com os colegas.)

9

Florbela Espanca

Florbela Espanca, nasceu em 8 de dezembro de 1895, em Vila Viçosa, foi uma poetisa portuguesa a qual deixou suas marcas no mundo através de versos e obras repletas de nostalgia, dor e um desejo de alcançar a felicidade. Sua saudade teve inspiração na realidade de seus matrimônios fracassados, na perda de seus entes queridos e em sua saúde frágil, acompanhada da depressão. Foi precursora do movimento de emancipação feminina de seu país, escreveu em seu último ano um diário no qual se despede, assim, se suicidando no dia de seu aniversário, em 8 de dezembro de 1930.

Versos

Versos! Versos! Sei lá o que são versos...
Pedacinhos de sorriso, branca espuma,
Gargalhadas de luz, cantos dispersos,
Ou pétalas que caem uma a uma...

Versos!... Sei lá! Um verso é o teu olhar,
Um verso é o teu sorriso e os de Dante
Eram o teu amor a soluçar
Aos pés da sua estremecida amante!

Meus versos!... Sei eu lá também que são...
Sei lá! Sei lá!... Meu pobre coração
Partido em mil pedaços são talvez...

Versos! Versos! Sei lá o que são versos...
Meus soluços de dor que andam dispersos
Por este grande amor em que não crês...

Florbela Espanca, em "A Mensageira das Violetas"

A seguinte atividade tem como objetivo a produção de uma das variadas formas poéticas, junto da apresentação de diferentes formas de se escrevem poesias – Haikai e Soneto – podendo analisar a capacidade de interpretação textual e compreensão do gênero poesia.

1. Na primeira parte da atividade sugere-se que o gênero poesia seja revisto, para que logo após seja introduzido o Haikai, com exemplos diversos que possibilitem a compreensão dos alunos.

2. Logo após questões que analisem a compreensão dos alunos sobre o gênero podem ser feitas, sem a necessidade de serem escritas.

3. Por fim, propõe-se a apresentação do poema “*Versos*”, junto da proposta de produção de um ou mais haikais com base na interpretação do que foi lido, sendo a produção individual ou não. Os resultados das produções podem ser expostos em cartaz e lidos pela turma, anonimamente, e assim comparados ao poema.





Jorge Amado

Carta do Secretário do Chefe de Policia á Redação do *Jornal da Tarde*

Sr. Diretor do Jornal da Tarde.

Cordiais saudações.

Tendo chegado ao conhecimento do dr. Chefe de Policia a local publicada ontem na segunda edição desse jornal sobre atividades dos “Capitães de Areia”, bando de crianças delinquentes, e o assalto levado a efeito por este mesmo bando na residência do comendador José Ferreira, o dr. Chefe de Policia se apressa aa comunicar á direção deste jornal que a solução do problema compete antes ao juiz e menores que a policia. A policia neste caso deve agir em obediência a um pedido do dr. Juiz de Menores. Mas que, no entanto, vai tomar serias providencias para que semelhantes atentados não se repitam e para que os autores do de anteontem sejam presos para sofrerem o castigo merecido.

Pelo exposto fica claramente provado que a policia não merece nenhuma critica pela sua atitude em face desse problema. Não tem agido com maior eficiência porque não foi solicitada pelo juiz de menores.

Cordiais saudações.

Secretário do Chefe de Policia.

(Publicada em primeira página do *Jornal da Tarde*, com clichê do chefe de policia e um vasto comentário elogioso)

Fonte: AMADO,Jorge. Capitães de Areia. Rio de Janeiro: Record/altaya, 1998. p.7

<https://pt.dreamstime.com/foto-de-stock-carta-antiga-1910-do-mar-image2557300>

Carta do Doutor Juiz de Menores à Redação do *Jornal da Tarde*

Exmo. Sr. Diretor do Jornal da Tarde.

Cidade do Salvador

Neste Estado.

Meu Caro patricio.

Cordiais saudações.

Folheando, num dos raros momentos de lazer que me deixam as múltiplas e variadas preocupações do meu espinhoso cargo, o vossô brilhante vespertino, tomei conhecimento de uma epístola do infatigável doutor Chefe de Policia do Estado, na qual dizia dos motivos por que a Policia não pudera até a data presente intensificar a meritória campanha contra os menores delinquentes que infestam a nossa urbe. Justifica-se o doutor Chefe de Policia declarando que não possuía ordens do juizado de menores no sentido de agir contra a delinquência infantil. Sem que absolutamente culpar a brilhante e infatigável Chefia de Policia, sou obrigado, a bem da verdade (essa mesma verdade que tenho colocado como o farol que ilumina a estrada da minha vida com a sua luz puríssima), a declarar que a desculpa não procede. Não procede, sr. Diretor, por que ao juizado de menores capturar os pequenos delinquentes. Cabe velar pelo seu destino posterior. E o sr. Doutor Chefe de Policia sempre há de e encontrar onde o dever me chama, porque jamais, em 50 anos de vida impoluta, deixei de cumpri-lo.

Ainda nestes últimos meses que decorreram mandei para o Reformatório de Menores vários menores delinquentes ou abandonados. Não tenho culpa, porem, de que fujam, que não se impressionem com o exemplo de trabalho que encontram naquele estabelecimento de educação e que, por meio da fuga, abandonem um ambiente onde se respiram paz e trabalho e onde são tratados com maior carinho. Fogem e se tornam ainda mais perversos, como se o exemplo que houvessem recebido fosse mau e daninho. Porquê? Isso é um problema que aos psicólogos cabe resolver e não a mim, simples curioso da filosofia.

O que quero deixar claro e cristalino, sr. Diretor, é que o doutor Chefe de Policia pode contar com a melhor ajuda deste juizado de menores para intensificar a campanha contra os menores delinquentes.

De V. Exa., admirador e patricio grato, Juiz de Menores.

(Publicada no *Jornal da Tarde* com o clichê do juiz de menores em uma coluna e um pequeno comentário elogioso)

Fonte: AMADO,Jorge. Capitães de Areia. Rio de Janeiro: Record/altaya, 1998. p.8

Carta de uma Mãe, Costureira, à Redação do *Jornal da tarde*

Sr. Redator:

Desculpe os erros e a letra pois eu não sou costureira nestas coisas de escrever e se hoje venho a vossa presença é para botar os pontos nos ii. Vi no jornal uma notícia sobre os furtos dos “Capitães da Areia” e logo depois veio a policia e disse que ia perseguir eles e então o doutor dos menores veio com uma conversa dizendo que era uma pena que eles não se emendavam no reformatório para onde ele mandava os pobres. É pra falar no tal do reformatório qu eu escrevo estas mal traçadas linhas. Eu queria que seu jornal mandasse uma pessoa ver o tal do reformatório para ver como são tratados os filhos dos pobres que têm a desgraça de cair nas mãos daqueles guardas sem alma. Meu filho Alonso teve lá seis meses se eu não arranjasse tirar ele daquele inferno em vida, não sei se o desgraçado viveria mais seis meses. O menos que acontece pros filhos da gente é apañhar duas e três vezes ao dia. O diretor de lá vive caindo de bêbado e gosta de ver o chicote cantar nas costas dos filhos dos pobres. Eu vi muitas vezes porque eles não ligam pra gente e diziam que era para dar exemplo. Foi por isso que tirei meu filho de lá. Se o jornal do senhor mandar uma pessoa lá, secreta, há de ver que comida eles comem, o trabalho de escravo que têm, que nem um homem forte aguenta, e as surras que tomam. Mas é preciso que vá secreto senão se eles souberem vira um céu aberto. Vá de repente e há de ver quem tem razão. É por essas e outras que existem os “Capitães da Areia”. Eu prefiro ver meu filho no meio deles queno tal reformatório. Se o senhor quiser ver uma coisa de cortar o coração vá lá. Também se quiser pode conversar com o Padre José Pedro, que foi capelão de lá e viu tudo isso. Ele também pode contar e com melhores palavras que eu não tenho.

Maria Ricardina, costureira.

(Publicada na quinta página do *Jornal da Tarde*, entre anúncios, sem clichê e sem comentários.)

Fonte: AMADO, Jorge. Capitães de Areia. Rio de Janeiro: Record/altaya, 1998. p.10-11

<https://pt.dreamstime.com/foto-de-stock-carta-antiga-1910-do-mar-image2557340>

Carta do Padre José Pedro à Redação do *Jornal da Tarde*

Sr. Redator do Jornal da Tarde.

Saudações em Cristo.

Tendo lido, no vosso conceituado jornal, a carta de Maria Ricardina que apelava para mim como pessoa que podia esclarecer o que é a vida das crianças recolhidas ao reformatório de menores, sou obrigado a dizer que infelizmente Maria Ricardina tem razão. As crianças no aludido reformatório são tratadas como feras, essa é a verdade. Esqueceram a lição do suave Mestre, sr. Redator, e em vez de conquistarem as crianças com bons tratos, fazem-nas mais revoltadas ainda com espancamentos seguidos e castigos físicos verdadeiramente desumanos. Eu tenho ido lá levar ás crianças o consolo da religião e as encontro pouco dispostas a aceita-lo devido naturalmente ao ódio que estão acumulando naqueles jovens corações tão dignos de piedades. O que tenho visto, sr. Redator, daria um volume.

Muito grato pela atenção.

Servo em Cristo.

Padre José Pedro

(Carta publicada na terceira página do *Jornal da Tarde*, sob o titulo *Será Verdade?* E sem comentários.

Fonte: AMADO, Jorge. Capitães de Areia. Rio de Janeiro: Record/altaya, 1998. p.12.

https://pt.pngtree.com/freebackground/antique-aged-vintage-canvas-background_235599.html

**CARTA DO DIRETOR DO REFORMATÓRIO À
REDAÇÃO DO JORNAL DA TARDE**

Exmo. Sr. Diretor do *Jornal da Tarde*.
Saudações.

Tenho acompanhado com grande interesse a campanha que o brilhante órgão da imprensa baiana, que com tão rútila inteligência dirigis, tem feito contra os crimes apavorantes dos “Capitães da Areia”, bando de delinquentes que amedronta a cidade e impede que ela viva sossegadamente.

Foi assim que li duas cartas de acusações contra o estabelecimento que dirijo e que a modéstia (e somente a modéstia, sr. Diretor) me impede que chame de modelar.

Quanto à carta de uma mulherzinha do povo, não me preocupei com ela, não merecia a minha resposta. Sem dúvida é uma das muitas que aqui vêm e querem impedir que o Reformatório cumpra a sua santa missão de educar os seus filhos. Elas os criam na rua, na pândega, e como eles aqui são submetidos a uma vida exemplar, elas são as primeiras a reclamar, quando deviam beijar as mãos daqueles que estão fazendo dos seus filhos homens de bem. Primeiro vêm pedir lugar para os filhos. Depois sentem falta deles, do produto dos furtos que eles levam para casa, e então saem a reclamar contra o Reformatório. Mas, como já disse, sr. Diretor, esta carta não me preocupou. Não é uma mulherzinha do povo quem há de compreender a obra que estou realizando à frente deste estabelecimento.

O que me abismou, sr. Diretor, foi a carta do Padre José Pedro. Este sacerdote, esquecendo as funções do seu cargo, veio lançar contra o estabelecimento que dirijo graves acusações. Esse padre (que eu chamarei de padre do demônio, se me permitis

uma pequena ironia, sr. Diretor) abusou das suas funções para penetrar no nosso estabelecimento de educação em horas proibidas pelo regulamento e contra ele eu tenho de formular uma séria queixa: ele tem incentivado os menores que o Estado colocou a meu cargo à revolta, à desobediência. Desde que ele penetrou os umbrais desta casa que os casos de rebeldia e contravenções aos regulamentos aumentaram. O tal padre é apenas um instigador do mau caráter geral dos menores sob a minha guarda. E por isso vou fechar-lhe as portas desta casa de educação.

Porém, sr. Diretor, fazendo minhas as palavras da costureira que escreveu a este jornal, sou eu quem vem vos pedir que envieis um redator ao Reformatório. Disso faço questão. Assim podereis, e o público também, ter ciência exata e fê verdadeira sobre a maneira como são tratados os menores que se regeneram no Reformatório Baiano de Menores Delinquentes e Abandonados. Espero o vosso redator na segunda-feira. E se não digo que ele venha no dia que quiser é que estas visitas devem ser feitas nos dias permitidos pelo regulamento e é meu costume nunca me afastar do regulamento. Este é o motivo único por que convido o vosso redator para segunda-feira. Pelo que vos fico imensamente grato, como pela publicação desta. Assim ficará confundido o falso vigário de Cristo.

Criado agradecido e admirador atento,

Diretor do Reformatório Baiano
de Menores Delinquentes e Abandonados.

(Publicada na 3ª página do *Jornal da Tarde* com um clichê do reformatório e uma notícia adiantando que na próxima segunda-feira irá um redator do *Jornal da Tarde* ao reformatório.)

Fonte: AMADO, Jorge. Capitães de Areia. Rio de Janeiro: Record/altaya, 1998. p.13-14.

<https://br.freepik.com/fotos-vetores-gratis/pergaminho>

Um estabelecimento Modelar onde Reinam a Paz e o Trabalho—um Diretor que é um Amigo—ótima comida— Crianças que trabalham e se divertem— Crianças Ladronas em Caminho da Regeneração—Acusações Improcedentes—só um Incorrigível reclama - *O Reformatório Baiano* é uma grande família—onde deviam estar os Capitães de Areia.

(Título da reportagem publicada na segunda edição de terça-feira do *Jornal da Tarde*, ocupando toda a primeira página, sobre o Reformatório Baiano, com diversos clichês do prédio e um do diretor)

Fonte: AMADO, Jorge. Capitães de Areia. Rio de Janeiro: Record/altaya, 1998. p.15.

<https://www.istockphoto.com/br/foto/an%C3%B4ncio-de-jornal-velho-em-branco-gm1071414002-236711260>

Exercícios!

- 1) Em que página do jornal cada carta foi publicada?
- 2) Qual o nome do periódico citado nas cartas?
- 3) Qual o nome do periódico de sua cidade? Você costuma lê-lo?
- 4) A página reservada para cada carta, mostra a importância social de cada pessoa que escreveu e enviou ao jornal. A partir disso o que se conclui?
- 5) A visita ao reformatório foi surpresa ou agendada? O que você deduz?
- 6) Qual foi o efeito causado em você leitor, ao ler as diferentes cartas? Explique.
- 7) Em sua cidade possui reformatório ou ambientes que abrigam crianças de rua? Você já visitou-o?
- 8) Análise e descreva as características de linguagem utilizada em cada carta de acordo com quem as produzia.
- 9) “Quanto à carta de uma mulherzinha do povo, não me preocupei com ela, não merece a minha resposta.” (Frase dita pelo Diretor do Reformatório ao Diretor do Jornal da tarde)
A partir desta frase, explique em que contexto social a mulher se encontrava em comparação aos dias de hoje.

Trabalhando em grupo

A turma deve dividir-se em grupos de 5 (cinco) alunos, no qual cada estudante deverá exercer uma função:

- Secretário do Chefe de Polícia;
- Doutor Juiz de Menores;
- Mãe, Costureira;
- Padre José Pedro;
- Diretor do Reformatório.

Após a divisão, cada grupo irá desenvolver um jornal, em que cada aprendiz deverá desenvolver sua carta de acordo com o personagem escolhido. Em seguida, o grupo deve montar seu periódico e apresentá-lo aos colegas da turma. A proposta é que as cartas sejam reescritas de acordo com o contexto social de hoje.



José Saramago

A BAGAGEM DO VIAJANTE

JOSÉ SARAMAGO

Estas crónicas foram publicadas, pela primeira vez, no diário A Capital (1969) e no semanário Jornal do Fundão (1971-2).

ELOGIO DA COUVE PORTUGUESA

A notícia correu o país inteiro, provocando o frémito das grandes ocasiões patrióticas: uma couve portuguesa plantada na Austrália atingiu 2,40 metros de altura (por extenso e para não haver dúvidas: dois metros e quarenta centímetros)- e continua a crescer. Sob céus e climas estranhos, rodeada de cangurus, ameaçada certamente pelas tribos primitivas do interior, ao alcance do terrível boomerang, a couve portuguesa dá uma lição de constância e de fidelidade às origens, ao mesmo tempo que mostra ao mundo as nossas raras qualidades de adaptação, o nosso universalismo, a nossa vocação de grandes viajantes. E continua a crescer.

Nos tempos de antigamente, as naus levavam nos porões rangentes e cheirosos de pinho aqueles marcos de pedra que tinham gravadas as armas de Portugal e que representavam sinal de posse e senhorio. Era obra pesada, dura de trabalhar, difícil de mover e implantar. Hoje, já com todos os caminhos marítimos abertos, basta ao simples emigrante deitar mão ao saquinho de pano-cru, retirar umas tantas sementes, lançá-las à terra, e em menos de um ano apresenta ao mundo maravilhado um couval que mais parece uma floresta. Faz a sua diferença.

O leitor que tenha retido destas crónicas um certo tom doce-amargo, que é ironia e negação dela, pensará que eu estou brincando com coisas sérias ou que como tal são consideradas. Pois não estou, não senhor. O emigrante de quem falo tem hoje setenta e dois anos, emigrou aos cinquenta e quatro, e andou com as sementes no bolso durante dezassete anos - à espera de um quintal para as semear. Se isto não é dramático, não sei onde será hoje possível encontrar o drama. Durante dezassete anos, as sementes esperaram pacientemente a sua hora, o quintal prometido, a terra fertilíssima. Entretanto, o nosso compatriota, cada vez mais cansado, cada vez mais velho, mas sempre esperançoso, percorria a Austrália de ponta a ponta, cruzava os desertos, rondava os portos de mar, penetrava nas grandes cidades, inquiria do preço dos terrenos, numa busca ansiosa. Aos marinheiros do Gamma deu Camões a Ilha dos Amores e o Canto Nono; este viajante português do século XX declara-se feliz, realizado, pleno, quando, de metro em punho, com os pés na regueira fresca, bate o recorde da altura em couve e comunica o feito às agências de informação. Convenhamos, amigos, que só um coração empedernido se não deixaria mover a uma lágrima de enternecimento.

Que esse decerto respeitável velho me desculpe se qualquer volta nas minhas palavras ressumbrar ironia. Não era minha intenção. Provavelmente é ela a única porta de saída que me resta, a alternativa da veemência com que eu teria de interpelar não sei quem, não sei onde, por esta obstinação de vistas curtas, por esta falta de capacidade de criar pele nova, que nos leva a andar com sementes de couve aqui e por todo o mundo, à procura de um quintal igualzinho ao da infância, para nele catarmos as mesmas lagartas e partirmos melancolicamente os mesmos talos.

O que são as coisas: propunha-me eu fazer o elogio da couve portuguesa, e vai-se a ver saiu-me isto: uma dor no coração, uma sensação de ser folha migada, uma dura e pesada tristeza.

Gênero - crônica

A **crônica** é um **gênero** que tem relação com a ideia de tempo e consiste no registro de fatos do cotidiano em linguagem literária, conotativa. A origem da palavra **crônica** é grega, vem de *chronos* (tempo), é por isso que uma das características desse tipo de texto é o caráter contemporâneo

A crônica apresentada do escritor português José Saramago “Elogio da couve Portuguesa” extraída do livro *A bagagem do viajante*, traz uma evocação do valor do povo português, usando para isso uma notícia de jornal que seria apenas uma curiosidade “sem grande importância” (uma gigantesca couve portuguesa plantada na Austrália).



O que podemos observar na crônica

- ⇒ *A busca por uma nova vida ?*
- ⇒ *O interesse em se criar e cultivar novas coisas?*
- ⇒ *As relações entre humanos e lugares?*
- ⇒ *Os caminhos percorridos, a nostalgia da sua terra?*

Aplicação de atividades

- Com base na crônica apresentados elabore atividades que despertar o lado crítico, cotidiano e contemporâneo dos alunos em seus ambientes
- Desenvolva em sala de aula formas de escritas de texto do gênero crônica em que sejam representado o texto como base de exemplos

Sugestões de atividades

- Professor por um dia (objetivo fazer com que o aluno desenvolva métodos que facilitem sua aprendizagem de forma lúdica e divertida utilizando a crônica como base pra sua aula)
- Atividades práticas (incentive o aluno a construir um texto no gênero crônica sobre o tema estudado e ajude-o a escolher seu estilo que mais se encaixa no seu perfil)
- Exposição de um varal ou mural com as atividades desenvolvidas em sala
- Criando blog - seja você o protagonista (elabore uma pequena crônica e juntamente com seus colegas possam publicar as criações)

9

Fernando Pessoa

As Formigas” de Lygia Fagundes Telles

“As formigas” conta a história de duas amigas, primas e universitárias que se mudam para uma pensão, um ambiente decadente, velho e sombrio. As garotas vão se instalar num quarto da pensão e descobrem que o antigo morador deixou lá um caixote com uns ossos guardados. Durante a noite, o quarto é tomado por um cheiro de bolor e por uma invasão de formigas que não se sabe de onde vem e que tomam o recipiente onde está guardado os ossos, embaixo da cama da garota.

O que deixa a narrativa mais intrigante é que quando vão investigar o que teria atraído as formigas na caixa percebem que a posição dos ossos havia se mexido.

Disponível em íntegra em: TELLES, Lygia Fagundes. **Seminário dos ratos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009 [1977].

Quem é Lygia Fagundes Telles? Escritora brasileira membro da Academia Paulista de Letras, da Academia Brasileira de Letras e da Academia de Ciências de Lisboa.

Principais obras: Ciranda de Pedra(1954) (romance); Antes do Baile Verde (1969) (contos); As meninas (1973) (romance); Seminário dos ratos (1977) (contos). **Temáticas recorrentes:** solidão; loucura; morte; egoísmo; ciúme; inveja; choque de gerações; mudança de costumes.

Seus contos em grande maioria utilizam os **Gênero Fantástico, Maravilhoso e Estranho**.

ANÁLISE DO CONTO

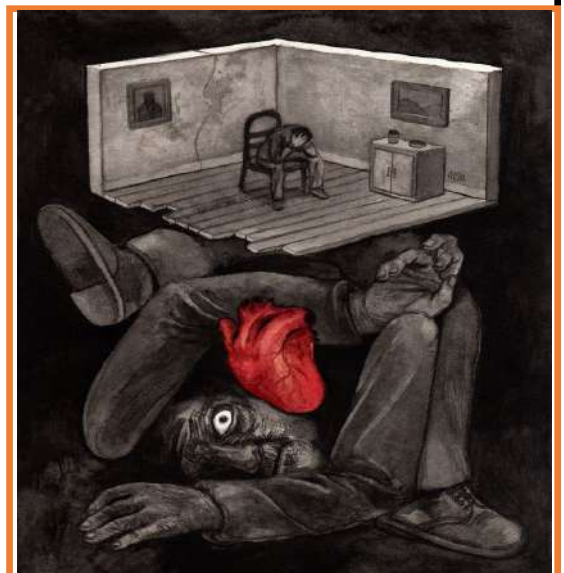
O passo seguinte é fazer uma análise do texto. Neste momento, o leitor tem o contato com a estrutura da obra, como sua composição, e organização interna. O conto suscita algumas questões que para que os alunos pensem e respondam, como, por exemplo:

- A) Em que momento surge o conflito no enredo?
- B) O clímax é quando se atinge o ponto máximo de tensão. Em que momento ele ocorre?
- C) Com base no texto lido, propor aos alunos para que façam um resumo do conto lido em uma linha, para perceberem que a história narrada limita-se ao essencial.

A seguir, buscando uma intertextualidade com o Conto acima lido será apresentado o curta-metragem, “O Coração Delator”, baseado no Conto do escritor Edgar Allan Poe. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=21OAFnCblpU>;

Posteriormente, iniciar uma análise do texto, destacando as atitudes dos principais personagens, das características do ambiente em que desenrola a história, bem como que sentimentos e sensações são provocados no leitor em ambas as narrativas.

Novamente, propor para que os alunos façam um resumo da narrativa assistida em uma linha, para perceberem que a história narrada limita-se ao essencial.



Seguidamente, projetar alguns microcontos com objetivo de inserir o gênero miniconto.

“A mulher que amei se transformou em fantasma. Eu sou o lugar das aparições”. - Juan José Arreola

“A velha insônia tossiu três da manhã”. - Dalton Trevisan (Ah, É?, 1994).

“Era uma vez duas pulguinhas que passaram a vida inteira economizando e compraram um cachorro só para elas”. - Mário Quintana.

Proposta de atividade:

Após a projeção dos minicontos, explicar brevemente que o miniconto é um tipo de conto muito pequeno, digamos que com no máximo uma página, um parágrafo ou uma linha. Alguns valores importantes para o miniconto são concisão, narratividade, efeito, abertura e exatidão.

Posteriormente, propor à turma, para que com base na temática estudada, façam seus próprios minicontos.

Para aguçar a imaginação dos alunos, distribuir imagens de pinturas.

Em seguida, expor os trabalhos.



Uma das mais novas e perceptíveis tendências na literatura é o encurtamento das narrativas.

Se ainda possui dúvida quanto a diferença entre conto e microconto, assista o vídeo a seguir, disponível no canal do youtube: <https://www.youtube.com/watch?v=8OImDIQySno>.



Machado de Assis

A sala deve se encontrar dividida em alguns grupos para a realização da atividade. Dado início, fazer uma breve apresentação do autor brasileiro Machado de Assis, mencionando que Machado é um dos mais importantes escritores brasileiros, o qual nos presenteou com não só apenas poemas, como romances, contos e grandes obras que marcam a história da literatura brasileira, comente sobre o gênero poema e como se dá sua estrutura.

Distribua os poemas de Machado de Assis, e peça para que sublinhem as palavras que não conhece, e tire suas dúvidas. Por fim, peça para que ilustrem os poemas e ao lado o verso proposto. Ao fim, colocá-los em cartaz, e em ordem. A criação pode ser exposta, de maneira a expor as obras de Machado de Assis para a escola.

Para realização da atividade, os materiais necessários são: folhas 4x4, materiais para colorir (tintas, pinceis, giz, lápis) (os poemas estão sujeitos a sofrer apagamento de algumas partes que possam ser impróprias, podem ser adequados ao gosto de cada professor)

Círculo vicioso

Bailando no ar, gemia inquieto vagalume:

“Quem me dera que eu fosse aquela loira estrela
Que arde no eterno azul, como uma eterna vela!”

Mas a estrela, fitando a lua, com ciúme:

“Pudesse eu copiar-te o transparente lume,
Que, da grega coluna à gótica janela,
Contemplou, suspirosa, a fronte amada e bela”
Mas a lua, fitando o sol com azedume:

“Mísera! Tivesse eu aquela enorme, aquela
Claridade imortal, que toda a luz resume”!
Mas o sol, inclinando a rútila capela:

Pesa-me esta brilhante auréola de nume...
Enfara-me esta luz e desmedida umbela...
Por que não nasci eu um simples vagalume?”...

OBS: *Lume:* fogo; brilho; *rútila* brilhar muito, resplandecer; *auréola:* círculo luminoso que os pintores creçam a cabeça dos santos. Glória, prestígio *nume:* celeste *Enfara-me:* enjoo *umbela:* guarda-chuva.

O VERME

Existe uma flor que encerra
Celeste orvalho e perfume.
Plantou-a em fecunda terra
Mão benéfica de um nume.
Um verme asqueroso e feio,
Gerado em lodo mortal,
Morde, sangra, rasga e mina,
Suga-lhe a vida e o alento;
A flor o cálix inclina;
As folhas, leva-as o vento.
Depois, nem resta o perfume
Nos ares da solidão...
Esta flor é o coração,
Aquele verme o ciúme.

DICIONÁRIO: *nume*: celeste *alento*: fôlego, alito, respiração

reler o poema, foi apagado 2 versos



Mia Couto

A adolescência é um período de inúmeras mudanças para o ser humano. Para além das transformações físicas há todavia o desenvolvimento enquanto ser social e sujeito constituinte da comunidade, ou ao menos é o que almeja-se em documentos oficiais e perspectivas desenvolvimentistas.

O desenvolvimento social dos sujeitos é uma característica recorrente em muitas das narrativas do autor Mia Couto, onde personagens transitam entre papéis sociais, voltados a perspectiva crítico-reflexiva e referenciando a fatores do país do escritor. É o caso de personagens como Muidinga em Terra Sonâmbula (1992) e Mwanito em Antes de nascer o mundo (2009).

Concomitantemente podemos encontrar o fator surpresa como desencadeador do desenvolvimento pessoal e social de alguns dos personagens, o que permite a reflexão e a associação à aspectos corriqueiros da sociedade.

Assim sendo, optou-se pelo trabalho com o conto As três irmãs, onde apresenta-se o relacionamento homossexual entre dois sujeitos do sexo masculino.

Do mesmo modo, o conto permite fazer algumas associações sobre sentimentos como a rivalidade e o ódio, e reflexões em torno da perspectiva social sobre relacionamentos, bem como os meios familiares e suas nuances.

Considerando tais perspectivas, optou-se pelo trabalho com turma de 7º ano, considerando o tema da sexualidade como algo importante e necessário em tal etapa escolar - bem como em toda a Educação Básica, seja dito - de amadurecimento fisiológico e social dos sujeitos.

Para isto, considera-se atividades em torno da seguinte metodologia:

Duração: 2 horas/aula de 50 minutos cada.

(Escre)ver-me

nunca escrevi

sou apenas um tradutor de silêncios

a vida tatuou-me os olhos janelas em que me transcrevo e apago

sou um soldado que se apaixona pelo inimigo que vai matar

(Mia Couto)



As três irmãs

Eram três: Gilda, Flornela e Evelina. Filhas do viúvo Rosaldo que, desde que a mulher falecera, se isolara tanto e tão longe que as moças se esqueceram até do sotaque de outros pensamentos. O fruto se sabe maduro pela mão de quem o apanha. Pois, as irmãs nem deram conta do seu crescer: virgens, sem amores nem paixões.

O destino que Rosaldo semeara nelas: o serem filhas exclusivas e definitivas. Assim postas e não expostas, as meninas dele seriam sempre e para sempre. Suas três filhas, cada uma feita para um socorro: saudade, frio e fome.

Olhemos as meninas, uma por uma, espreitemos o seu silencioso e adiado ser.



Na foto, integrantes do grupo teatral brasileiro Luas de há muito sóis, que apresentam a peça homônima com base na obra do autor Mia Couto. Disponível em < <http://culturabancodobrasil.com.br/portal/luas-de-ha-muito-sois/> >



Gilda: a rimeira

Gilda, a mais velha, sabia rimar. O pai deu contorno ao futuro: a moça seria poetisa. Mais ela versejava, menos a vida nela versava. Esse era o cálculo de Rosaldo: quem assim sabe rimar, ordena o mundo como um jardineiro. E os jardineiros impedem a brava natureza de ser bravia, nos protegem dos impuros matos.

Todas as tardes, Gilda trazia para o jardim um volumoso dicionário. O gesto contido, o olhar regrado, o silêncio esmerado. Até o seu sentar-se era educado: só o vestido suspirava. Molhava o dedo sapudo para folhear o grande livro. Aquele dedo não requebrava, como se dela não recebesse nervo. Era um dedo sem sexo: só com nexos. Em voz alta, consoava as tônicas: Sol, bemol, anzol..

De quando em quando, uma brisa desarrumava os arbustos. E o coração de Gilda se despenteava. Mas logo ela se compunha e, de novo, caligrafava. Contudo, a rima não gerava poema. Ao contrário, cumpria a função de afastar a poesia, essa que morava onde havia coração. Enquanto bordava versos, a mais velha das três irmãs não notava como o mundo fosforecia em seu redor. Sem saber, Gilda estava cometendo suicídio. Se nunca chegou ao fim, foi por falta de adequada rima.



Flornela: a receiptista

A do meio, Flornela, se gastava em culinárias ocupações. No escuro úmido da cozinha, ela copiava as velhas receitas, uma a uma. Redigia palavra por palavra, devagar, como quem põe flores em caixão. Depois, se erguia lenta, limpava as mãos suadas e acertava panelas e fogo. Dobrada sobre o forno como a parteira se anicha ante o mistério do nascer.

Por vezes, seus seios se agitavam, seus olhos taquicardíacos traindo acometimentos de sonhos. E até, de quando em quando, o esboço de vim cantar lhe surgia. Mas ela apagava a voz como quem baixa o fogo, embargando a labaredazinha que, sob o tacho, se insinuava.

Os fumos da cozinha já se tinham pegado aos olhos, brumecido seu coração de moça. Se um dia ela dedicasse seu peito seria a um cheiro, cumprindo uma engordurada receita.



Evelina: a bordadeira

Na varanda, ia bordando Evelina, a mais nova. Seus olhos eram assim de nascença ou tinham clareado de tanto bordar? Certa vez, ela se riu e foi tão tardio, que se corrigiu como se alma estrangeira à boca lhe tivesse aflorado. Lhe doía se lhe dissessem ser bonita. Mas não diziam. Porque além do pai, só por ali havia as irmãs. E, a essas, era interdito falar de beleza. As irmãs faziam ponto final. Ela, em seu ponto, não tinha fim.

Dizem que bordava aves como se, no tecido, ela transferisse o seu calcado voo. Recurvada, porém, Evelina, nunca olhava o céu. Mas isso não era o pior. Grave era ela nunca ter sido olhada pelo céu. Às vezes, de intenção, ela se picava. Ficava a ver a gota engravidar no dedo. Depois, quando o vermelho se excedia, escorredição, ela nem injuriava. Aquele sangue, fora do corpo, era o seu desvairo, o convocar da amorosa mácula.

Em ocasiões, outras, sobre o pano pingavam cristalindas tristezas. Chorava a morte da mãe? Não. Evelina chorava a sua própria morte.

Três por todas e todas por nenhum

Mas eis: uma súbita vez, passou por ali um formoso jovem. E foi como se a terra tivesse batido à porta de suas vidas. Tremeu a agulha de Evelina, queimou-se o guisado de Flornela, desrimou-se o coração de Gilda.

No tecido, no texto, na panela, as irmãs não mais encontraram espelho. Sucedeu foi um salto na casa, um assalto no peito. As jovens banharam-se, pentearam-se, aromaram-se. Água, pente, perfume: vinganças contra o tudo que não viveram. Gilda rimou “vida” com “nudez”, Flornela condimentou afrodisiacamente,

Evelina transparentou o vestido. Ardores querem-se aplacados, amores querem-se deitados. E preparava-se o desfecho do adiado destino.



Logo-logo, as irmãs notaram o olhar toldado do pai. Rosaldo não tirava atenção do intruso. Não, ele não levaria as suas meninas! Onde quer que o jovem vagueasse, o velho pai se aduncava, em pouso rapineiro. Até que, certa noite, Rosaldo seguiu o moço até à frondosa figueira. Seu passo firme fez estremecer as donzelas: não havia sombra na dúvida, o pai decidira pôr cobro à aparição. Cortar o mal e a raiz.

As três irmãs correram, furtivas, entre as penumbras e seguiram a cena a visível distância. E viram e ouviram. Rosaldo se achegando ao visitante e lhe apertando os engasgantes. A voz rouca, afogada no borbulhar do sangue:

- Você, não se meta com minhas filhas!

O moço, encachoadado, rosto a meia haste. E ante o terror das filhas, o braço ríspido de Rosaldo puxou o corpo do jovem. Mas eis que o mundo desaba em visão. E os dois homens se beijaram, terna e eternamente.

A leitura é feita gradualmente, até a apresentação das três irmãs. Na sequência pergunta-se aos alunos:

	<p><i>Na sua opinião, qual das irmãs receberá a atenção do rapaz?</i></p> <p><i>Qual das três características mais te impressionou?</i></p> <p><i>O que você faria para impressionar o rapaz se você fosse Gilda ?</i></p> <p><i>O que você faria para impressionar o rapaz se você fosse Flornela?</i></p> <p><i>O que você faria para impressionar o rapaz se você fosse Evelina ?</i></p> <p><i>O que você faria se fosse o rapaz?</i></p> <p><i>O que você acha que aconteceu?</i></p>	
---	--	--

Após, sugere-se a divisão dos alunos em equipes. Cada equipe deverá representar uma das três irmãs através de figuras, características da personagem, descrição, entre outros. A criação será livre e deve atender ao que fora apresentado na leitura. A representação será feita em cartazes, concedidos pela supervisora da ação.

Na sequência, será proposto que os alunos façam nova divisão e individualmente deem um desfecho para a história através de história em quadrinhos. Por fim será lido o desfecho do texto original, abordando com os alunos:

Você imagina este desfecho?

Há algo que te surpreendeu na história?

O que será que as irmãs pensaram?

Os produtos resultantes podem ser expostos na instituição de ensino, conforme consentimento prévio.

Sugestão ao leitor: Querido leitor, Mia Couto é um autor que retrata em suas obras entre outras coisas questões relacionadas ao preconceito e formação do sujeito social. Assim, sugere-se a leitura da obra “Antes de nascer o mundo” (2009) que aborda questões como esta incluindo a identidade e reconhecimento de sujeitos de direito. Boa leitura e até logo!



9

MIGUEL TORGA

HORA
DO
POEMA

Expição

Nunca me respondeste, quando te chamei,
E só Deus sabe como era urgente e aflita
A minha voz!
Mas, desgraçadamente sós,
Morrem os que se afogam
No mar da sua própria condição.
O meu, sem margens, é um descampado
Desabrigado.
Vagas e vagas de solidão,
E a tua imagem, litoral sonhado,
Sempre evocada em vão.
Nunca me respondeste, e foi melhor assim.
Um naufrago perpétuo é um pesadelo.
Dizer-me o quê?
Que, de longe, me vias afogar,
Mas que nada podias.
Pois sabias
Que os poetas jurados,
Humanas heresias,
Nascem condenados
A morrer afogados
Todos os dias
No tormentoso mar de seus pecados

Vamos analisar?



ATIVIDADES:

Agora que você já leu o poema com sua turma, vamos analisar e debater com os colegas sobre esse poema de Miguel Torga, para ajudar na análise responda as seguintes perguntas:

- Por que o poema carrega esse título?
- O que quer dizer a palavra “desabrigado” no poema?
- Por que você acha que o ser amado do poeta não corresponde a esse amor?
- Dêem hipóteses para que o ser amado não o corresponde.



Millôr Fernandes

Os seguintes haicais fazem parte do livro “HAI-KAIS” de Millôr Fernandes publicado em 1968.

PROMETER

E NÃO CUMPRIR:

TAÍ VIVER

MORTA, NO CHÃO,

A SOMBRA

É UMA COMPARAÇÃO. .

NO AI

DO RECÉM-NASCIDO

A COVA DO PAI.

OLHA,

ENTRE UM PINGO E OUTRO

A CHUVA NÃO MOLHA.

Atividades:

As atividades devem buscar o interesse do aluno frente aos haicais apresentados, de maneira a instigá-los produzir outros, a partir desses exemplos.

- 1) Qual o tema de cada haicai?
- 2) Qual o efeito causado por cada um?
- 3) Com suas palavras, descreva a sua percepção dos temas apresentados.
- 4) Produza três haicais de distintos temas para que possam ser apresentados para a turma.

9

Monteiro Lobato

O DIA DO LIVRO, UMA HOMENAGEM PARA O AUTOR MONTEIRO LOBATO.

NASCEU EM 18 DE ABRIL.

UM MENINO COM UM NOME ENGRAÇADO

QUE CRESCEU E CRIOU

LINDOS CONTOS QUE ENCANTAM.

SEU NOME É MONTEIRO LOBATO.

ESCREVEU SOBRE AS INVENÇÕES,

SOBRE O SÍTIO QUE VOCÊ CONHECE.

E COM NOME DE PÁSSARO ENCANTA

CRIANÇAS E ADULTOS

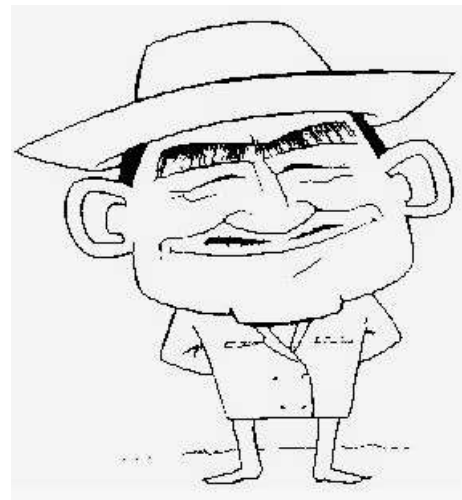
NINGUÉM SE ESQUECE.

PARA PODER LHE AGRADECER

TUDO BEM FEITO PELO BRASIL,

NESTE DIA 18 DE ABRIL COMEMORA-SE

O DIA DO LIVRO INFANTIL.



Bibliográfica:

<https://www.educacaoetrasmacacao.com.br/atividades-dia-do-monteiro-lobato/>

A partir da leitura do texto responda as questões:

1. Você sabe de qual sítio o texto está falando?
2. Você conhece alguma personagem criada por Monteiro Lobato?

Sugestão de atividade: Pesquisar algumas das obras de Monteiro Lobato¹ e escolher uma que gostem e se identifiquem.

SUGESTÕES DE OBRAS:

Urupês; O Saci; Narizinho Arrebitado; Fábulas; O Marquês de Rabicó;
As Aventuras de Hans Staden; Peter Pan; Reinações de Narizinho; Caçadas de Pedrinho;
Emília no País da Gramática; Geografia de Dona Benta; Dom Quixote das Crianças;
Histórias de Tia Nastácia; O Poço do Visconde; O Picapau Amarelo;

Transcrever no caderno a obra escolhida e explicar o motivo por tela escolhido, desse modo apresentando aos colegas e promovendo assim uma discussão. Esta atividade tem como objetivo o conhecimento de maiores obras do autor e também de analisar o ponto de vista de cada participante².

¹ Obs: levar os alunos no laboratório de informática.

² Obs: atividade ao ar livre, levar os alunos para fora da sala e pedir para que sentem em roda, para a discussão das atividades.

9

Paulo Leminski

Paulo Leminski foi poeta, escritor, crítico literário, tradutor e professor brasileiro. Nasceu, viveu e morreu em Curitiba. Seus poemas são curtos e acessíveis e possuem características únicas que o diferenciam de outros poetas.



Foto: Carlos Macacheira.

Algumas de suas principais características são:

- * **Concisão** - que não se prolonga muito ao transmitir a mensagem.
- * **Irreverência**- não tinha medo ao se expressar.
- * **Linguagem coloquial**- utilizada em situações informais e corriqueiras de comunicação verbal.

Abaixo, estão alguns dos poemas de Paulo Leminski:

Não Discuto

não discuto
com o destino
o que pintar
eu assino

O pequeno poeminho composto com os quatro versos é um dos mais conhecidos da obra de Paulo Leminski; Possui breve e fácil reprodução, os versos traduzem a resignação do eu-lírico e a aparência de aceitação e concordância do que o destino oferece.

Incenso fosse música

isso de querer
ser exatamente aquilo
que a gente é
ainda vai
nos levar além

“Incenso fosse música” foi publicado no livro *Distraídos venceremos*. Este poema possui cinco versos escritos numa linguagem cotidiana, a partir desses versos Leminski convida o leitor a experimentar ser aquilo que se é, sem medos ou amarras, e que se aceitarmos esse desafio de “autoconhecimento” no final teremos recompensas.

ATIVIDADE DE RECRIAÇÃO:

Nos poemas anteriores foi possível notar o jeito próprio de Leminski escrever de forma bem instigante.

Agora, selecione um dos poemas acima e faça uma recriação lúdica, que pode ser mímicas, desenhos, peça teatral, gravuras, entre outros. (sem perder a essência do poema)

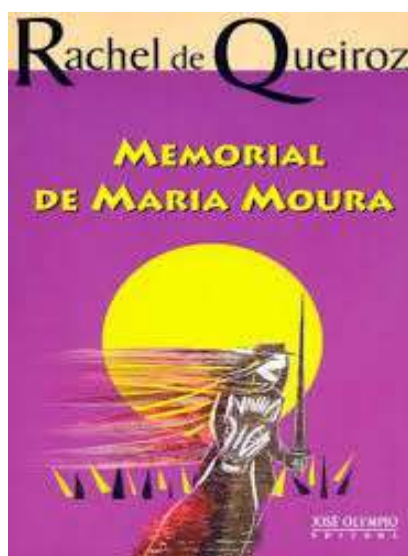
Depois da realização dessas atividades, acontecerão apresentações em sala de aula e logo após uma exposição dessas obras no ambiente escolar.

9

Rachel de Queiroz

Rachel de Queiroz na escrita da obra “Memorial de Maria Moura”, adotou um estilo narrativo semelhante a telenovelas, tanto que o livro foi adaptado para uma minissérie famosa nos anos 90, transmitida pela Rede Globo.

Na obra são retomados alguns dos temas básicos de Rachel de Queiroz: as situações históricas e sociais no Nordeste e a força da autora como criadora de figuras femininas singulares.



Apresentar uma obra da escritora Rachel de Queiroz, (Sugestão: Memorial de Maria Moura) e a proposta para criação de um Instagram para os personagens da obra.

Primeira aula:

Apresentar brevemente a autora e a obra utilizada para realização da atividade, separar a turma em trios ou grupos (cada trio/grupo fica com um personagem), distribuir textos de partes do livro que foque nas características dos personagens para criação de um Instagram em um cartaz.

Segunda aula:

Tempo para o desenvolvimento da atividade. Os alunos de cada trio/grupo devem ler os textos do seu personagem retirando/interpretando as características principais deste, para por no cartaz em forma de Instagram. (Pode ser feita uma exposição dos cartazes).

Tempo: 2 aulas

Exemplo com a personagem Maria Moura:



_mariamoura00



3

Publicações

650

Seguidores

492

Seguindo

Maria Moura

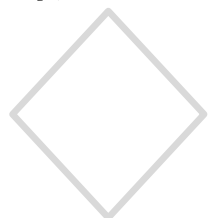
Líder

Destemida

“Aqui não tem mulher nenhuma, tem só o chefe de vocês.”

📍 Limoeiro

Editar perfil



Exemplo de texto base para identificar personalidade do personagem:

Maria Moura

AH, DAQUELE tempo para cá, eu mudei muito. Imagine se agora eu ia me ajoelhar aos pés daquele padre! Me confiei no tal segredo de confissão, de que Mãe falava com tanta fé. É verdade, pelo que me disse, que ele guardou o segredo. Guardou o segredo da minha confissão, realmente. Mas como eu já falei, a gente muda. Naquele tempo eu pensava que o padre ia achar o pior de tudo o pecado da carne. O pecado da carne com o meu próprio padrasto! — que aliás nem padrasto era, já que nunca se casou com Mãe. Só era mesmo amigado com ela, como o povo dizia. Hoje, o que eu mais quero, é deixar o passado pra lá. Afinal, só na hora da morte é que é preciso a gente pensar nos pecados. Já o que me interessa mais, hoje em dia, é a segurança. Meus ouros, meu dinheiro escondido. Estes anos todos de luta, muita luta.

E eu não tinha mais nada da mocinha boba do tempo de Mãe

E eu, casamento, imagina, casamento, que loucura. Que casamento, e logo com quem. Eu tinha que pensar era na minha herança; o nosso sítio do Limoeiro, dentro do distrito de Vargem da Cruz, boa terra de planta e cria, agora meio abandonado, é verdade. Só louco.

Debruçada na meia porta, sem sair para o alpendre, eu falei aborrecida:

— Aqui ninguém chamou soldado. Hoje ninguém cometeu crime nenhum neste sítio. Eu tinha resolvido sair na malcriação. Se os primos me atacavam de soldado, achei que não devia mostrar que tinha medo deles. Mas o tal senhor, que tinha retirado o chapéu quando me viu, se apresentou: — Eu sou o Doutor Silvino, o advogado, minha senhora. Pensei que me conhecia lá da vila.

— É, eu já tinha visto vocemecê. Mas cuidei que trabalhasse no cartório do Seu Nicolino.

— E trabalho. Chego acompanhado dos soldados porque vim lhe trazer uma intimação. Eu não me desarmava:

— Engraçado. E que é que o senhor quer de mim com essa intimação? O Cabo Sena me estendeu um papel. E o homem explicou:

— Por esta intimação a senhora deve comparecer na delegacia amanhã. Fiquei com mais raiva ainda. Aqueles dois idiotas estavam indo longe demais.

— A bem de quê? Eu não matei nem roubei! Que é que vou fazer lá? O advogado levantou a mão aberta, como se pedisse calma:

— É o caso da partilha dos bens da senhora sua avó. Os outros herdeiros deram queixa contra a senhora. Abri a porta e saí no alpendre:

— Vocemecê pode ir embora com os seus soldados e o seu papel. Esse delegado pode abusar com mulher da vida e cachaceiro, na Vargem da Cruz; mas comigo é diferente. Aqui eu estou na minha casa. Este sítio é meu, foi o que meu pai sempre me disse. Se os ladrões dos meus primos querem tomar o que é meu, que venham, com delegado e tudo. Eu enfrento. Da minha casa só saio à força e amarrada.

Eu levantei a mão, avisando:

— Vou prevenir a vocês: comigo é capaz de ser pior do que com cabo e sargento. Têm que me obedecer de olhos fechados. Têm que se esquecer de que eu sou mulher — pra isso mesmo estou usando estas calças de homem. Bati no peito:

— Aqui não tem mulher nenhuma, tem só o chefe de vocês. Se eu disser que atire, vocês atiram; se eu disser que morra é pra morrer. Quem desobedecer paga caro. Tão caro e tão depressa que não vai ter tempo nem para se arrepender.



Vinicius de Moraes

O OPERÁRIO EM CONSTRUÇÃO

Rio de Janeiro , 1959

(...)

Em vão sofrera o operário
Sua primeira agressão
Muitas outras se seguiram
Muitas outras seguirão.
Porém, por imprescindível
Ao edifício em construção
Seu trabalho prosseguia
E todo o seu sofrimento
Misturava-se ao cimento
Da construção que crescia.

Sentindo que a violência
Não dobraria o operário
Um dia tentou o patrão
Dobrá-lo de modo vário.
De sorte que o foi levando
Ao alto da construção
E num momento de tempo
Mostrou-lhe toda a região
E apontando-a ao operário
Fez-lhe esta declaração:
- Dar-te-ei todo esse poder
E a sua satisfação
Porque a mim me foi entregue
E dou-o a quem bem quiser.
Dou-te tempo de lazer
Dou-te tempo de mulher.
Portanto, tudo o que vês
Será teu se me adorares
E, ainda mais, se abandonares
O que te faz dizer não.

Disse, e fitou o operário
Que olhava e que refletia
Mas o que via o operário
O patrão nunca veria.
O operário via as casas
E dentro das estruturas

Via coisas, objetos
Produtos, manufaturas.
Via tudo o que fazia
O lucro do seu patrão
E em cada coisa que via
Misteriosamente havia
A marca de sua mão.
E o operário disse: Não!

- Loucura! - gritou o patrão
Não vêes o que te dou eu?
- Mentira! - disse o operário
Não podes dar-me o que é meu.
(...)

Esse poema de Vinícius de Moraes nos mostra a desvalorização do operário, que trabalha mais que o “Patrão” e ainda por cima ganha pouco enquanto o “Patrão” ganha mais que seu empregado. O autor buscou inspiração na Bíblia. Após ler o poema com os alunos aplique as seguintes atividades.

- Qual é a finalidade desse poema? Explique.
- O que mais lhe chamou atenção no Poema?
- Você concorda com o que autor escreveu? Por quê?
- Faça uma história em quadrinhos ilustrando o que se passa no poema.



Vitorino Nemésio

As obras de Vitorino Nemésio refletem inequivocamente a vivência açoriana imbuída de religiosidade irônica e de pitoresco costumbrista. Nas poesias percebe-se uma procura incessante da palavra e do sujeito. É fundamental o papel da memória, da saudade e do amor, que por sinal quando o amor entra em colapso surge a falta de sonhos deixando a vida sem sentido, ou sem cor, e até mesmo silenciosa. Assim como a obsessão da morte, obsessão que vai evoluindo de uma angústia profunda até uma aceitação pacífica e desassombrada, onde acaba se perdendo o tempo das flores e arruinando o processo para se cultivar uma vida com o ardor do amor!

O PAI DE VENANCIO DELIRA E A REVOLUÇÃO FRACASSA

... ..

Os papéis de música esparziram-se por cima da cama e no chão.
— É demais! É demais!! Querem-me fazer doido à força! Vão para o diabo! Não quero!... Estou farto disto até aos olhos! Se me entretenho a cantar, que esteja calado e que durma; é por meu bem! Se compro uma cabra, se me divirto com uma tartaruga viva, fica-me feio, tenho o juízo perdido, devo acalmar os nervos que não regulam direito! É uma vida do inferno!... Ai! Ai!!

Minha mãe acudiu aos gritos, afastando-me:

— Tibério... Tibério...

— A menina deixe-me em paz!

— É que podem ouvir na rua...

— Não quero saber!

Acalmara entretanto, porque meu tio Pedro o abandonara por fim; e declarou secamente:

— Quero sair. Vai buscar o fato cinzento, Maria da Graça. E traze as botas pretas...

Minha mãe acedeu, cheia de medo e de lágrimas. Então a Luisinha costureira lembrou às mais pessoas que era melhor saírem:

— Para ele se não exaltar... E até o passeio talvez lhe faça bem. É nervoso...

A Barraca, ao sair, também declarou:

— É nervoso...

E foi então que acharam chegado o momento de eu aparecer a meu pai.

— Tu por aqui! — exclamou, já com as botas calçadas e cobrindo-me a face de beijos. — Que aconteceu por lá? Feriado?

Tartamudeei que, em verdade, durante três dias tinham fechado as aulas; e a tia Perpétua, que se recomendava muito, aconselhara-me a vir até Vilório, espairar.

— Pois fizeste bem, meu velhinho — disse meu pai, recebendo de boa fé tais palavras. — Eu vou sair. Vens comigo.

Beijeí minha mãe e a madrinha, a quem meu pai disse:

— Adeus! A tia não se incomode. Mete-se a esta mulher cada minhoca na cabeça... Que eu sinto-me bem; não é nada. Algumas noites de pouco sono, apenas.

Vestira o sobretudo e levantou a gola quando saímos a porta. Ao passar pelo tio Pedro, que dobrava à esquina da Rua Alta, encolhido, mudou de humor e saudou-o:

— Homem de Cristo, adeus! Fale à gente!

E metemos a passo descansado para as Devesas de Baixo.

Aí mandara construir meu pai uma barraca de madeira com toldo de zinco ondulado. Era um pequeno mundo de animalejos diversíssimos, desde a tartaruga ronqueira, que vivera apenas dois dias, até canários audazes que passarinhavam nas gaiolas. Estava dividida em dois pisos. No inferior, terreiro, um jerico de orelha afidalgada roía de manso na sua baía. Seguia-se-lhe uma minúscula divisão para a cabra, outra que estava vaga; e, sobre o frontal direito, seis casinholos de pinho patenteavam coelhos mansos.

— Vê, que lindos! — exclamou meu pai quando chegámos em frente da repartição dos roedores. — Aquela do canto comprei-a há quinze dias; custou-me seis mil réis. Mas não digas nada à mãe... É duma raça escolhida.

Despira o sobretudo, arregaçara as mangas do casaco e começou a tirar farelo duma caixa para a gamela de pau:

— Vamos fazer a fareladazinha para os leitões de refugo. Estão lá atrás, no curral.

E, variando, disse:

— O nome do burro é *Fardeta*. Não tem uma cabeça bem feita? Hein? Repara nas orelhas. Olha, olha...

O burro mudara de aprumo escarvando no chão duas vezes.

— Que engraçado! Quando me vê cá dentro não sabe o que há-de fazer. Coitado o *Fardeta*... Coitado o *Fardeta*... Alça!

Mostrou-me um casco roído do animal:

— É de andar desferrado há dias. Coitadinho o *Fardeta*... Sai, burro...

Perguntei então se me poderia servir da montada, e, perante aquela animação pecuária, os meus receios desvaneceram-se.

O pai realmente não corria perigo. Atravessara decerto um daqueles períodos difíceis em que a meus olhos surgia transfigurado, mas humano. Eram sinuosidades na sua linha vulgar de vivente, isso eram. Aqueles desperdícios, o entusiasmo imoderado da música, que o levava a tentar orquestras impossíveis com um violinista da força de meu tio Pedro e quejandos, destoavam redondamente da pacatez de Vilório ascendendo por vezes a proporções vesânicas. Mas a razão, depois, pareceu-me simples. Meu pai era um forçado entre simplórios e medíocres. Nascera sob um signo que não tinha ali cumprimento, ou, se o tinha, precisava de meios necessariamente insensatos. Daí, os nervos dele. A família, os conhecimentos e os amigos desadoravam-no por isso; e, como meu pai tivesse um temperamento irritável, fazia gala nas birras. Chegava a dormir, além disso, só quatro horas por noite.

Lavou as mãos, sujas da farelada, e, sentando-se na divisória da baía em que o *Fardeta* comia, revelou-me um plano que, parecendo-me falho de senso, não me deixou de atrair.

— Pois, Venâncio — declarou com acento irrevogável e estranho; — estou decidido a embarcar para Lisboa hoje mesmo. O *Garajau* sai cedo... Virás comigo.

— Mas a mãe não me falou em nada...

— Shut! Nem quero que ela saiba. É uma viagem resolvida perfeitamente em segredo e que hei-de fazer por força. Ainda ficarás esta noite em casa da tia Perpétua. Eu como no hotel do Biqueiro. E, à boquinha da noite, ala! que se faz tarde.

Fiz uma cara de espanto.

— Isto é tão certo como estarmos aqui a esta hora — rematou meu pai, com dureza.

— Se não é segredo — arrisquei, — que vai o pai fazer para Lisboa?

— Sei lá... Descansar. Preciso de forças novas para aturar tua mãe, e, além disso, há negócios... Escusas, por ora, de saber... Trago uma coisa em vista.

— Mas, pai — observei então, com ar martirizado, passando-lhe as mãos ao pescoço; — ir-se assim sem mais nada, sem se despedir de ninguém... A pobre mãe vai apanhar um susto!

— Não seja tolo, menino! Vou porque vou, já disse! E bico calado! Arranje a roupa, se a trouxe, e espere por mim ao Telhal, que vamos a pé um bocado pelo caminho de cima. O carro do Trigueiro está à nosso espera ao pé do Pico Redondo.

... ..

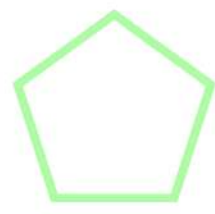
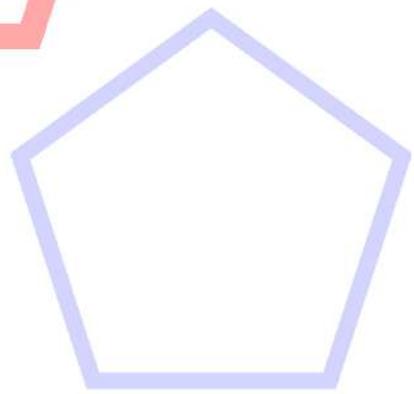
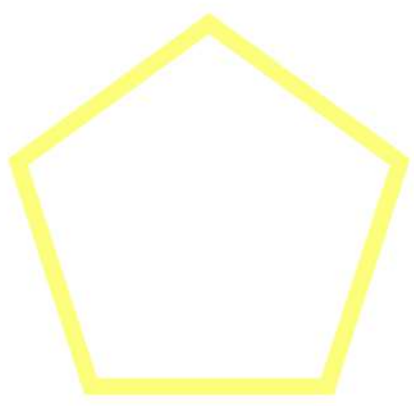
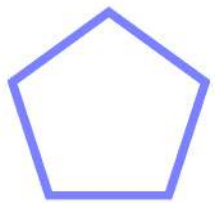
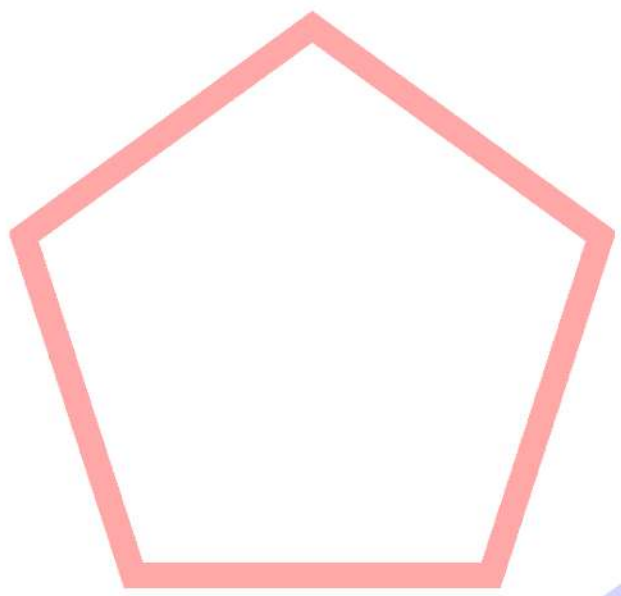
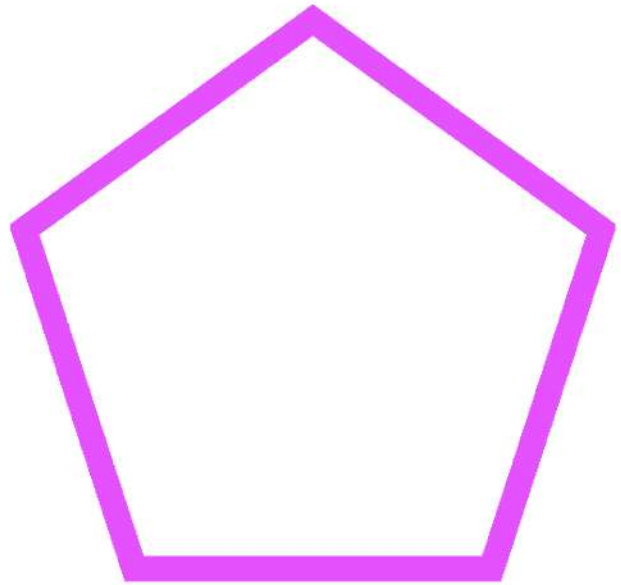
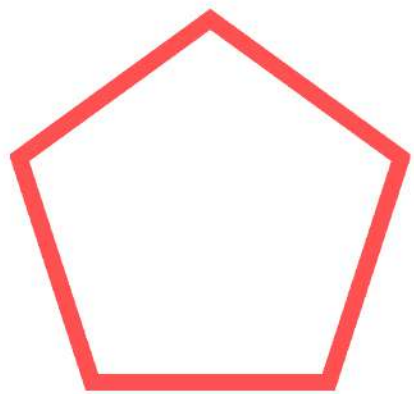
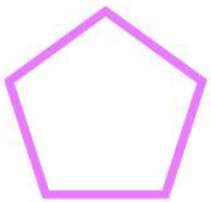
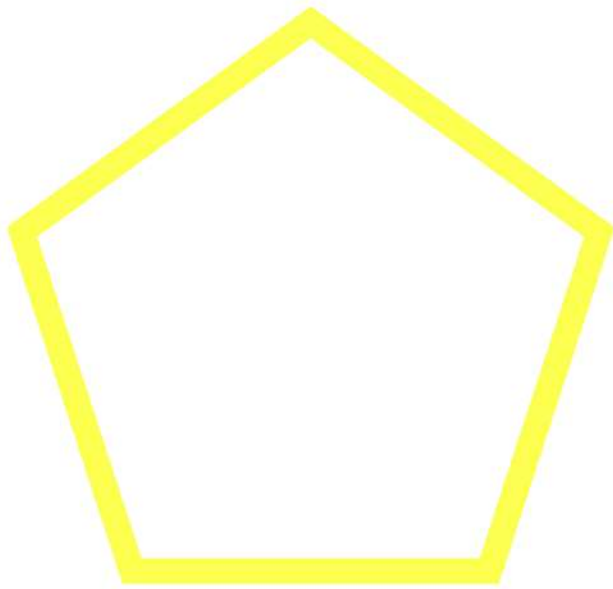
OBJETIVO

- Trabalhar em equipe com peça teatral.

MÉTODO

- Dividir a sala em 2 grupos, entregar o texto para os respectivos alunos, pedir para fazer uma leitura e para reescreverem em forma teatral para apresentarem em frente a jurados para escolher qual se destacou mais.

OBS: os jurados pode ser professores, técnicos e até mesmo alunos.





Ariano Suassuna

Auto da Compadecida é uma peça teatral escrita por Ariano em 1955. É, sem dúvidas, sua obra mais conhecida, pois além de ter sido encenada várias vezes em teatros, também virou produção de cinema. A história da peça narra, em três atos, as aventuras de João Grilo e Chicó, dois sertanejos que vivem assolados pela fome, seca e pobreza, e usam de sua criatividade para sobreviver.



A história acontece na região do Nordeste e é marcada pelos seguintes elementos:

- ⇒ Literatura de Cordel;
- ⇒ Traços do barroco católico brasileiro;
- ⇒ Mescla entre cultura popular e tradição religiosa;
- ⇒ A escrita é caracterizada por preservar a linguagem oral;
- ⇒ Regionalismo;
- ⇒ Diferença de classes.

O período barroco é marcado pelas antíteses, isto é, marca os conflitos vividos pelas pessoas de sua época. Exemplos: extravagância e simplicidade, bem e mal, etc.

O que será que aconteceu nessa história?



Aqui encontra-se uma adaptação correspondente ao ato do enterro do cachorro.

MULHER, entrando. Ai, ai, ai, ai, ai! Ai, ai, ai,ai,ai!

SACRISTÃO, entrando com o padre e o padeiro Que é isso, que é isso? Que barulho é esse na porta da casa de Deus?

PADRE Todos devem se resignar.

MULHER Se o senhor tivesse benzido o bichinho, a essas horas ele ainda estava vivo . Mas tem uma coisa, agora o senhor enterra o cachorro.

PADRE Enterro o cachorro?

MULHER Enterra e tem que ser em latim. De outro jeito não serve, não é?

PADRE Vocês estão loucos! Não enterro de jeito nenhum.

MULHER Está cortado o rendimento da irmandade.

PADRE Não enterro.

MULHER A vaquinha vai sair daqui imediatamente.

PADRE Oh mulher sem coração!

MULHER Sem coração, porque não quero ver meu cachorrinho comido pelos urubus? O senhor enterra!

PADRE Não me decido coisa nenhuma, não tenho mais idade para isso. Vou é me trancar na igreja e de lá ninguém me tira.

JOÃO GRILO, chamando o patrão à parte. Se me dessem carta branca, eu enterrava o cachorro.

PADEIRO Tem a carta.

JOÃO GRILO Estou aqui dizendo que, se é desse jeito, vai ser difícil cumprir o testamento do cachorro, na parte do dinheiro que ele deixou para o padre e para o sacristão.

SACRISTÃO Que é isso? Que é isso? Cachorro com testamento?

JOÃO GRILO Esse era um cachorro inteligente. Antes de morrer, olhava para a torre da igreja toda vez que o sino batia. Foi preciso que o patrão promettesse que vinha encomendar a bênção e que em troca do enterro acrescentaria no testamento dele dez contos de réis para o padre e três para o sacristão.

SACRISTÃO, enxugando uma lágrima. Que animal inteligente! Que sentimento nobre! (Calculista.) E o testamento? Onde está?

JOÃO GRILO Foi passado em cartório, é coisa garantida.

PADRE Hem? O testamento? Que cachorro inteligente! Que sentimento nobre!

PADRE, aflito. Mas que jeito pode-se dar nisso? Estou com tanto medo do bispo! E tenho medo de cometer um sacrilégio!

SACRISTÃO Que é isso, que é isso? Não se trata de nenhum sacrilégio. Vamos enterrar uma pessoa altamente estimável, nobre e generosa. Vamos ao enterro.

Saem todos em procissão, atrás do sacristão, com exceção do padre, que fica um momento silencioso.

PROPOSTA DE ATIVIDADE

NOTÍCIA DE JORNAL



O gênero notícia de jornal apresenta-se como um texto de caráter informativo, relatando acontecimentos reais da sociedade. Deste modo, as notícias precisam preencher alguns elementos básicos como:

- ⇒ Conter uma fonte (quem as escreveu, quando e em qual jornal) e um título chamativo para causar curiosidade e despertar o interesse nos leitores.
- ⇒ Conter as seguintes informações: Quem?/ Fez o quê?/ A quem?/ Onde?/ Quando?/ Como?/ Por quê?/ Para quê?



Com base no ato do enterro do cachorro, os alunos devem criar uma notícia de jornal que contenha esse acontecimento.



Cecília Meireles



Lua Adversa

Tenho fases, como a lua,
Fases de andar escondida,
fases de vir para a rua...
Perdição da minha vida!
Perdição da vida minha!
Tenho fases de ser tua,
tenho outras de ser sozinha.

Fases que vão e que vêm,
no secreto calendário
que um astrólogo arbitrário
inventou para meu uso.

E roda a melancolia
seu interminável fuso!

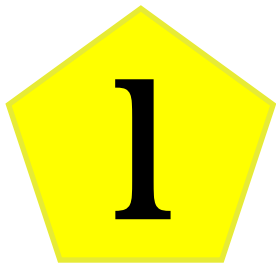
Não me encontro com ninguém
(tenho fases, como a lua...).
No dia de alguém ser meu
não é dia de eu ser sua...
E, quando chega esse dia,
o outro desapareceu...

(Cecília Meireles)



Atividade...

Nesta obra de Cecília é possível notar características marcantes da autora, o uso de fenômenos naturais e o efêmero presente em tudo na vida. Refletindo sobre isto, pondere o que é a efemeridade e onde ela se encontra no poema.



Clarice Lispector

DIFERENÇAS ENTRE OS GÊNEROS CONTO E CRÔNICA

Clarice é muito conhecida por seus contos, porém, também produziu muitas crônicas, ainda que, muitas vezes, essas sejam hibridizadas com outros gêneros. Apesar de sua produção literária ser mais intimista, as questões sociais sempre estão presentes, hora de forma sutil, hora de um modo desvelado.

Esse é o caso da crônica *Daqui a vinte e cinco anos*, que foi publicada em um jornal no ano de 1976, no contexto da ditadura militar brasileira, e retrata a preocupação da autora com relação ao futuro do país.

DAQUI A VINTE E CINCO ANOS

Perguntaram-me uma vez se eu saberia calcular o Brasil daqui a vinte e cinco anos. Nem daqui a vinte e cinco minutos, quanto mais vinte e cinco anos. Mas a impressão-desejo é a de que num futuro não muito remoto talvez compreendamos que os movimentos caóticos atuais já eram os primeiros passos afinando-se e orquestrando-se para uma situação econômica mais digna de um homem, de uma mulher, de uma criança. E isso porque o povo já tem dado mostras de ter maior maturidade política do que a grande maioria dos políticos, e é quem um dia terminará liderando os líderes. Daqui a vinte e cinco anos o povo terá falado muito mais.

Mas, se não sei prever, posso pelo menos desejar. Posso intensamente desejar que o problema mais urgente se resolva: o da fome. Muitíssimo mais depressa, porém, do que em vinte e cinco anos, porque não há mais tempo de esperar: milhares de homens, mulheres e crianças são verdadeiros moribundos ambulantes que tecnicamente deviam estar internados em hospitais para subnutridos. Tal é a miséria, que se justificaria ser decretado estado de prontidão, como diante de calamidade pública. Só que é pior: a fome é a nossa endemia, já está fazendo parte orgânica do corpo e da alma. E, na maioria das vezes, quando se descrevem as características físicas, morais e mentais de um brasileiro, não se nota que na verdade se estão descrevendo os sintomas físicos, morais e mentais da fome. Os líderes que tiverem como meta a solução econômica do problema da comida serão tão abençoados por nós como, em comparação, o mundo abençoará os que descobrirem a cura do câncer.

(LISPECTOR, Clarice. *A descoberta do mundo*. Rio de Janeiro: ROCCO, 1999, p.33).

→ Sobre o conteúdo da crônica:

A autora mostra o desejo que possui de que a alguns anos a situação econômica e política estivesse melhor do que naquela época.



O texto fala muito sobre a fome, o que se relaciona com o momento econômico ao qual o Brasil vivia, onde, após o “milagre econômico”, as exportações e o PIB continuavam crescendo, porém a inflação e a pobreza continuavam, cada vez mais, a fazer parte da vida da população.

→ Sobre sua forma (e características do gênero):

Crônica jornalística que aborda um tema **cotidiano** de relevância social.



Linguagem informal, direta e de fácil compreensão.

Há várias semelhanças entre os gêneros conto e crônica, contudo, não são iguais. Para exemplificar essas diferenças se pode propor a leitura do conto *Uma esperança*, de Clarice Lispector, no qual é possível ao fazer uma intertextualidade com a crônica mostrada anteriormente, pelo fato de as duas falarem sobre a esperança.

UMA ESPERANÇA

Aqui em casa pousou uma esperança. Não a clássica, que tantas vezes verifica-se ser ilusória, embora mesmo assim nos sustente sempre. Mas a outra, bem concreta e verde: o inseto.

Houve um grito abafado de um de meus filhos:

– Uma esperança! e na parede, bem em cima de sua cadeira! Emoção dele também que unia em uma só as duas esperanças, já tem idade para isso. Antes surpresa minha: esperança é coisa secreta e costuma pousar diretamente em mim, sem ninguém saber, e não acima de minha cabeça numa parede. Pequeno rebuliço: mas era indubitável, lá estava ela, e mais magra e verde não poderia ser.

– Ela quase não tem corpo, queixei-me.

– Ela só tem alma, explicou meu filho e, como filhos são uma surpresa para nós, descobri com surpresa que ele falava das duas esperanças.

Ela caminhava devagar sobre os fiapos das longas pernas, por entre os quadros da parede. Três vezes tentou renitente uma saída entre dois quadros, três vezes teve que retroceder caminho. Custava a aprender.

– Ela é burrinha, comentou o menino.

– Sei disso, respondi um pouco trágica.

– Está agora procurando outro caminho, olhe, coitada, como ela hesita.

– Sei, é assim mesmo.

– Parece que esperança não tem olhos, mamãe, é guiada pelas antenas.

– Sei, continuei mais infeliz ainda.

Ali ficamos, não sei quanto tempo olhando. Vigiando-a como se vigiava na Grécia ou em Roma o começo de fogo do lar para que não se apagasse.

– Ela se esqueceu de que pode voar, mamãe, e pensa que só pode andar devagar assim.

Andava mesmo devagar – estaria por acaso ferida? Ah não, senão de um modo ou de outro escorreria sangue, tem sido sempre assim comigo.

Foi então que farejando o mundo que é comível, saiu de trás de um quadro uma aranha. Não uma aranha, mas me parecia “a” aranha. Andando pela sua teia invisível, parecia transladar-se maciamente no ar. Ela queria a esperança. Mas nós também queríamos e, oh! Deus, queríamos menos que comê-la. Meu filho foi buscar a vassoura. Eu disse fracamente, confusa, sem saber se chegara infelizmente a hora certa de perder a esperança:

– É que não se mata aranha, me disseram que traz sorte...

– Mas ela vai esmigalhar a esperança! respondeu o menino com ferocidade.

– Preciso falar com a empregada para limpar atrás dos quadros – falei sentindo a frase deslocada e ouvindo o certo cansaço que havia na minha voz. Depois devaneei um pouco de como eu seria sucinta e misteriosa com a empregada: eu lhe diria apenas: você faz o favor de facilitar o caminho da esperança.

O menino, morta a aranha, fez um trocadilho, com o inseto e a nossa esperança. Meu outro filho, que estava vendo televisão, ouviu e riu de prazer. Não havia dúvida: a esperança pousara em casa, alma e corpo.

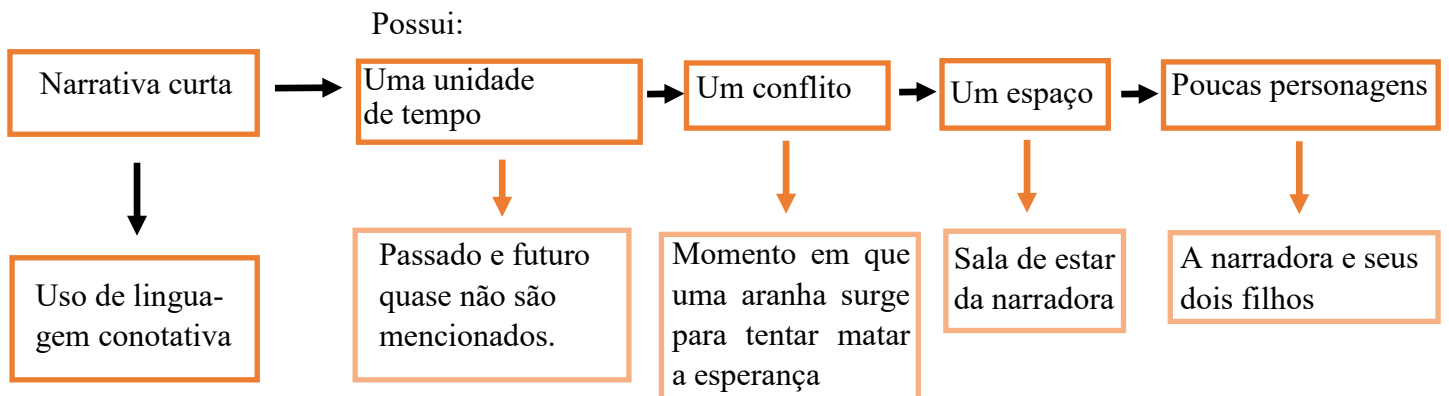
Mas como é bonito o inseto: mais pousa que vive, é um esqueletinho verde, e tem uma forma tão delicada que isso explica por que eu, que gosto de pegar nas coisas, nunca tentei pegá-la.

Uma vez, aliás, agora é que me lembro, uma esperança bem menor que esta, pousara no meu braço. Não senti nada, de tão leve que era, foi só visualmente que tomei consciência de sua presença. Encabulei com a delicadeza. Eu não mexia o braço e pensei: “e essa agora? que devo fazer?” Em verdade nada fiz.. Fiquei extremamente quieta como se uma flor tivesse nascido em mim. Depois não me lembro mais o que aconteceu. E, acho que não aconteceu nada.

→ Enredo do conto:

A história começa quando uma esperança (bicho) pousa na sala de estar da narradora, o que provocou uma grande alegria em seu filho, de repente, surge uma aranha que tenta comer a esperança, porém, o menino mata a aranha e diz uma piada que faz todos rirem, assim, se percebe que o que tinha pousado na casa era a esperança, tanto o animal, como o sentimento.

→ Características do gênero conto:



ATIVIDADE

No final do conto Uma Esperança, a narradora fala que uma esperança (não especificando se se referia ao animal ou ao sentimento) pousou nela, assim como na crônica, onde Clarice Lispector fala que, apesar de tudo o que estava acontecendo, possuía esperanças em um futuro melhor.

Após adquiridos os conhecimentos acerca das características do gênero crônica e suas diferenças com relação ao conto, se pode propor que os alunos escrevam uma crônica, tanto sobre algo que lhes propicia esse sentimento cotidianamente, quanto sobre a esperança que possuem no futuro.

A crônica precisa ser escrita com linguagem direta e simples (coloquial).

Deve tratar de temas cotidianos de uma forma crítica, porém, sem muitos detalhes, porque tem que possuir curta extensão.



Fernando Sabino

Propõe-se, por meio da leitura do primeiro capítulo de romance de Fernando Sabino “O Grande Mentecapto”, que os alunos possam lembrar seus feitos da infância até a adolescência e os rumos que começavam a tomar. Para isso, pede-se, dias antes, que os alunos façam a leitura do capítulo em casa. Na aula, o (a) professor (a), pode causar uma reflexão através de perguntas como:

1. O que vocês acharam do romance até então?

(Deixar que os alunos comentem quais foram suas impressões na leitura do capítulo.)

2. Vocês se identificaram com alguma travessura ou feito de Geraldo Viramundo?

(Instigá-los a citarem alguns.)

3. Qual foi o motivo que o fez se afastar dos amigos e até mesmo de seus irmãos?

(Devido a travessura que aprontou na infância que acabou influenciando a morte de um dos meninos que o viram “parar o trem”, ele era visto como sendo a causa dos males da cidade e, por isso, aos poucos foi se afastando de todos.)

4. Por que Viramundo decidiu se torna padre?

(Seu afastamento de todos e a presença do padre Limeira que estava lá hospedado, fizeram-no refletir e praticar seu ascetismo, levando-o a decisão de se torna padre.)

Depois que provocar essa conversa com os alunos, propõe-se uma produção textual. Sugere-se, por exemplo, a produção de um diário. Ali os alunos podem lembrar sua infância e o que fizeram chegar onde estão, além disso, podem escrever o que esperam dali em diante em suas vidas.

Outra sugestão é a produção de um conto, em que os alunos podem se inspirar em algum acontecimento de sua infância e produzirem um conto.

Recomenda-se ainda, a leitura de todo o romance e a garantia de que será uma boa escolha!



Florbela Espanca

Florbela espanca, nasceu em 8 de dezembro de 1895, em Vila Viçosa, foi uma poetisa portuguesa a qual deixou suas marcas no mundo através de versos e obras repletas de nostalgia, dor e um desejo de alcançar a felicidade. Sua saudade teve inspiração na realidade de seus matrimônios fracassados, na perda de seus entes queridos e em sua saúde frágil, acompanhada da depressão. Foi precursora do movimento de emancipação feminina de seu país, escreveu em seu ultimo ano um diário no qual se despede, assim, se suicidando no dia de seu aniversário, em 8 de dezembro de 1930.



Tédio

Passo pálida e triste. Oiço dizer:

“Que branca que ela é! Parece morta!”

e eu que vou sonhando, vaga, absorta,
não tenho um gesto, ou um olhar sequer ...

Que diga o mundo e a gente o que quiser!

– O que é que isso me faz? O que me importa? ...

O frio que trago dentro gela e corta

Tudo que é sonho e graça na mulher!

O que é que me importa?! Essa tristeza

É menos dor intensa que frieza,

É um tédio profundo de viver!

E é tudo sempre o mesmo, eternamente ...

O mesmo lago plácido, dormente ...

E os dias, sempre os mesmos, a correr ...

Florbela Espanca, em "Livro de Mágoas"

Caravelas

Cheguei a meio da vida já cansada

De tanto caminha! Já me perdi!

Dum estranho país que nunca vi

Sou neste mundo imenso a exilada.

Tanto tenho aprendido e não sei nada.

E as torres de marfim que construí

Em trágica loucura as destruí

Por minhas próprias mãos de malfadada!

Se eu sempre fui assim este Mar-Morto,

Mar sem marés, sem vagas e sem porto

Onde velas de sonhos se rasgam.

Caravelas doiradas a baïlar...

Ai, quem me dera as que eu deitei no Mar!

As que eu lancei à vida, e não voltaram!...

Florbela espanca, em "livro de Sórora Saudade"



A seguinte atividade tem como objetivo a produção de um filme de cinco minutos com na interpretação dos alunos sobre as poesias “Caravelas” e “Tédio”, junto da compreensão dos alunos sobre o gênero roteiro, bem com a utilização da ironia e do sarcasmo em suas produções. Sendo esta, produzida em quantas aulas o professor desejar.



1. Como introdução à atividade sugere-se que o gênero poesia seja revisto, para que logo após as poesias sejam entregues. Assim, uma leitura interpretativa dos textos poderia ser desenvolvida.
2. Logo após a leitura, sugere-se que seja entregue a proposta do desenvolvimento de um filme de cinco minutos, baseado na interpretação das poesias estudadas. Além da explicação do gênero roteiro, para uma maior compreensão dos alunos sobre o gênero o qual produzirão.
3. Por fim, a utilização da ironia e do sarcasmo deveriam ser explicados, para que não hajam equívocos na compreensão do aluno, bem com as diversas formas de se produzir o conteúdo do filme (sendo estas a paródia, o teatro de sombras, a estória de amor, entre outras).

FPM 10:24

APR 26 2018

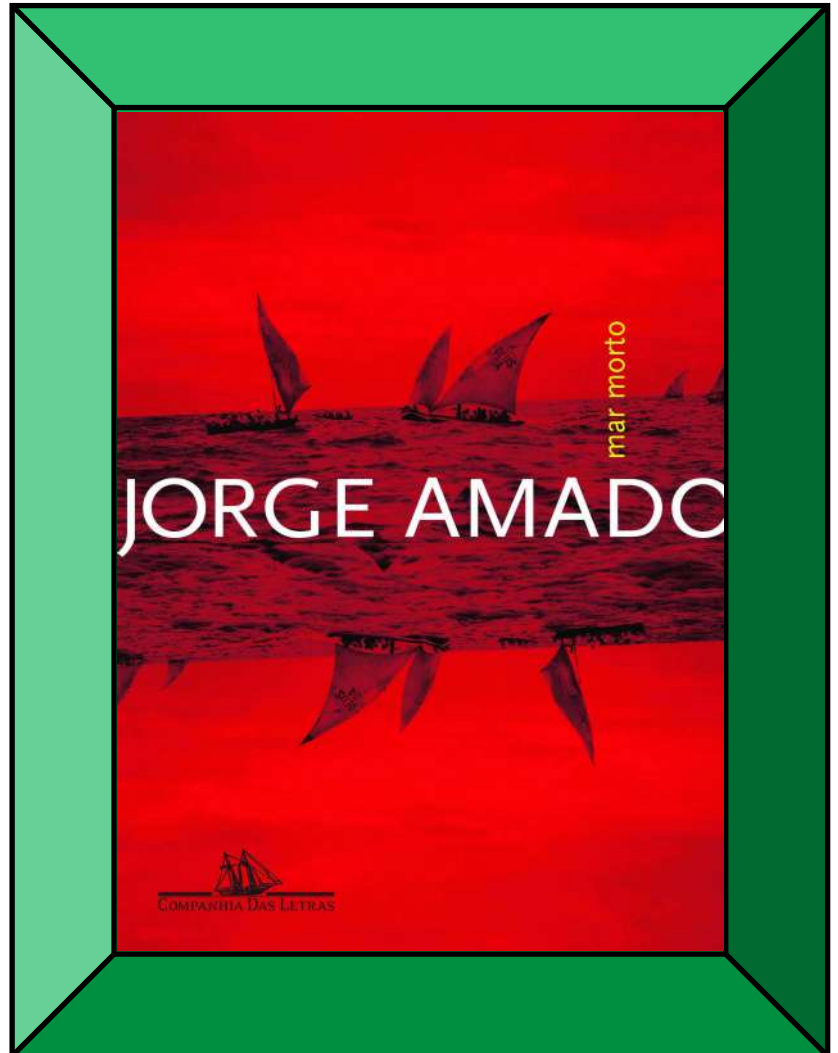


Jorge Amado

O romance *Mar Morto*, de Jorge Amado publicado em 1936, tem como cenário principal o cais da Bahia, conta a história de amor vivida Guma e Livia. Guma nasceu no cais, filho de marinheiro, é criado por seu tio que também é marinheiro, e para seguir o mesmo caminho ganhou do tio um saveiro o qual deu o nome “de Valente” . Livia, uma linda moça, no decorrer da história, se envolve com Guma, a trama nos permite viver com Livia, uma dose de ansiedade e apreensão todas as vezes que Guma sai para trabalhar e moça fica ansiosa pela chegada do seu amor.

A obra nos permite conhecer um pouco mais a vida das pessoas que vivem no mar e seus cultos para a protetora dos marinheiros, Iemanjá.

O excerto que você vai ler a seguir, é retirado do livro *Mar Morto*, em que relata a morte do marinheiro Raimundo e seu filho.



Texto I:

[...]

Um mestre de saveiro passa e deseja boa-noite a Livia. Um grupo mais longe examina a vela do saveiro que virou. Ela está muito branca, rasgada, perto do cais. Homem, já partiram num saveiro para ir procurar os corpos. Mas Livia pensa em Guma, que está a chegar, e no amor que a espera. Será mais feliz que Maria Clara, que não esperou, nem teve medo.

- Sabe quem morreu, Livia?

Ela se assusta. Mas aquela vela não é a do “Valente”. A do seu saveiro é bem maior e não se rasgaria assim. Livia se volta e pergunta a Rufino:

- Quem foi ?

- Raimundo e o filho. Viraram bem perto da cidade. A tempestade estava braba.

Nessa noite - pensa Livia - Judith não terá amor na sua casinha, nem no saveiro do seu marido. Jacques, o filho de Raimundo, morrerá. Irá até lá. Depois que Guma chegar, que matarem as saudades, que se amarem. Rufino olha a Lua que sai:

- Já foi gente buscar os corpos.

- Judith já sabe?

- Eu vou dizer...

Livia olha o preto. Gigantesco e cheira a cachaça. Andou bebendo, com certeza, no “Farol das Estrelas”. Porque será que ele olha a lua cheia que sobe para o meio do mar e ilumina tudo com uma réstia prateada? Maria Clara ainda soluça de amor. Judith não terá amor esta noite. Livia amará quando, Guma chegar



molhado da tempestade, com gosto de mar. Como está belo o mar com a Lua alvejando tudo! Rufino está ali parado. Do forte velho vem uma música. Tocam harmônica e cantam:

- *A noite é para o amor...*

Voz possante de negro. Rufino olha a Lua. Talvez ele pense, também, que Judith não terá amor esta noite. Nem nunca mais... o seu homem morreu no mar.

- *Vem amar nas águas, que a lua brilha...*

Lívia pergunta a Rufino:

- Judith ainda está morando com a mãe dela?

- Não. A velha velejou para Cachoeira...

Disse isso sem jeito, espiando a lua. Um negro está cantando no forte velho, mas a sua canção não consolará Judith. Rufino estende a mão:

- Vou me botando...

- Depois vou lá...

Rufino dá uns passos. Pára:

- É coisa triste... Ruim de se falar... Dizer que morreu... Coça a cabeça. Lívia ficou triste, nunca mais Judith amará. Nunca mais virá amar, no mar, na hora em que a lua brilha. Para ela, a noite não será mais para o amor, será para as lágrimas. Rufino joga as mãos para a frente:

- Vem comigo, Lívia. Você sabe dizer...

Mas o amor a espera, Guma chegará em breve no “Valente”, a lanterna vermelha não tardará a brilhar, não demorará a hora de os corpos se apertarem. Não tardará que ele passe sob a réstia de luz que a Lua estendeu no mar. O amor a espera, Lívia não pode ir. Naquele dia, depois do medo, depois da visão de Guma se afogando, ela quer amor, quer alegria, gemidos de posse. Não pode ir chorar com Judith, que nunca mais amará.

- Estou vendo se Guma chega, Rufino.

Será que o negro vai pensar que ela é ruim? Mas Guma não demorará. Fala:

- Depois vou lá...

Rufino abana as mãos:

- Então, boa noite.

- Até logo...

Rufino dá mais uns passos sem vontade. Olha a Lua. Ouve o homem que canta:

- *Vem amar nas águas, que a Lua brilha...*

Volta-se para Lívia:

- Você sabia que ela tá prenha?

- Judith?

- É...

Saiu andando. Ainda olha a lua. Do forte velho cantam:

- *A noite é para o amor...*

Maria Clara soluça e ri nos braços do seu homem. Lívia sai quase correndo e grita para Rufino, cuja sombra se vê ao longe:

- Eu vou com você...

Vão andando. Ela ainda olha o mar longamente. Quem sabe se aquela lanterna que brilha ao longe não será a do “Valente”?

Fonte: AMADO, Jorge. Mar morto. Rio de Janeiro: Record, 1980. p.16-18.



Texto II:

04.10.2021 / Tuesday Nº 768345589

NEWSPAPER

Site: 1918 www.newspaper.com

Escorpiões assustam Vila São José

Os moradores da Vila São José, no Ipiranga, estão assustados com o grande número de escorpiões que têm sido encontrados na região. Eles também se indignaram com a sugestão de um técnico da Vigilância de Saúde da Subprefeitura do Ipiranga que aconselhou a população a espalhar galinhas pelas ruas para resolver o problema. Os moradores acreditam que a proliferação tenha começado em um terreno onde havia uma casa abandonada.

Fonte: (“Ipiranga News” - 28/10 a 3/11/2004)

Responda:

- 1) De acordo com o texto I, quem é o “Valente”.
- 2) Descreva detalhadamente o lugar em que você imagina, que se passa o trecho do texto I.
- 3) Sobre o texto II, você costuma ler notícias de jornal? Por quê?
- 4) A que campo do conhecimento o texto II causa interesse?
- 5) Como a natureza é retratada nos textos I e II?

Principais características da notícia de jornal:

- Texto de cunho informativo e curto;
- Linguagem objetiva, clara e formal;
- Está ligada a meios de comunicação;
- Texto escrito em terceira pessoa, com discurso direto;
- Relata fatos reais do cotidiano;

Estrutura da notícia de jornal:

- Título principal ou manchete, o qual sintetiza o assunto;
- Título auxiliar, um pouco maior que a manchete, que recorta o assunto que será abordado;
- Lide: primeiro parágrafo que responderá O Que? Quem? Quando? Onde? Como? Porque?. É a parte da notícia que despertará a curiosidade do leitor;
- Corpo da notícia: será descrita a notícia com todas as informações detalhadas.

7) O texto I, é retirado do romance *Mar morto* de Jorge Amado, que tem como foco a notícia da morte do marinheiro Raimundo e seu filho. O texto é descrito em prosa, podendo ser transformado em outro gênero. Agora em uma folha A4, você deverá transformar o texto I, em uma notícia de jornal, que poderá ser exposta em um mural.



José Saramago

O conto da ilha desconhecida

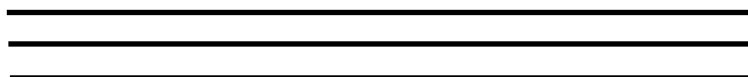
José Saramago

Um homem foi bater à porta do rei e disse-lhe, Dá-me um barco. A casa do rei tinha muitas mais portas, mas aquela era a das petições. Como o rei passava todo o tempo sentado à porta dos obséquios (entenda-se, os obséquios que lhe faziam a ele), de cada vez que ouvia alguém a chamar à porta das petições fingia-se desentendido, e só quando o ressoar contínuo da aldraba de bronze se tornava, mais do que notório, escandaloso, tirando o sossego à vizinhança (as pessoas começavam a murmurar, Que rei temos nós, que não atende), é que dava ordem ao primeiro-secretário para ir saber o que queria o impetrante, que não havia maneira de se calar. Então, o primeiro-secretário chamava o segundo-secretário, este chamava o terceiro, que mandava o primeiro-ajudante, que por sua vez mandava o segundo, e assim por aí

fora até chegar à mulher da limpeza, a qual, não tendo ninguém em quem mandar, entreabria a porta das petições e perguntava pela frincha, Que é que tu queres. O suplicante dizia ao que vinha, isto é, pedia o que tinha a pedir, depois instalava-se a um canto da porta, à espera de que o requerimento fizesse, de um em um, o caminho ao contrário, até chegar ao rei. Ocupado como sempre estava com os obséquios, o rei demorava a resposta, e já não era pequeno sinal de atenção ao bem-estar e felicidade do seu povo quando resolvia pedir um parecer fundamentado por escrito ao primeiro-secretário, o qual, escusado se ria dizer, passava a encomenda ao segundo-secretário, este ao terceiro, sucessivamente, até chegar outra vez à mulher da limpeza, que despachava sim ou não conforme estivesse de maré. [...]

O conto da ilha desconhecida, do escritor português José Saramago, nos leva a viajar no ambiente das letras, em que o escritor enreda seus leitores, tudo começa quando um homem se põe a frente do palácio do monarca, mas precisamente as portas dos pedidos, e um de seus pedidos era em vê o próprio rei em pessoa, para lhe fazer o grande pedido de uma barco para que assim, ele pudessem navegar em busca de descobrir uma possível ilha, no qual ainda não teria sido descoberta por nem um dos navegantes da época. O pedido era um tanto inusitado, não de querer o barco, mas em afirma que ira descobrir uma possível ilha para o rei, que retruca ao afirma que toadas as estas já teriam sido descobertas, porém com bons argumentos e uma certa pressão popular seu pedido e concedido, e assim pode se lançar ao mar para sua aventura

Estrutura de conto: É um texto narrativo, literário com foco em fatos e acontecimentos que geralmente trás historias fictícias, e narrada por um contador da historia, sua historia tem começo meio e fim. O conto trás vários gêneros como por exemplo, amor, ficção, terror entre outros. Mesmo sendo um texto curto este precisa ter um enredo que complete todas as fases seus clímax e o ponto principal que dará resposta a história.



Aplicando atividades

Tendo como base o conto A ilha desconhecida do escritor José Saramago, estimule seu aluno a criar um conto em que leve em considerações os vários gêneros e em que este se encaixa no seu perfil

Dica 1: ,após o texto escrito, incentive que leiam seus textos

Dica 2: faça uma roda de discursão dos textos

Dica 3: faça uma exposição em forma de varal dos texto feito



Luís Fernando Veríssimo

Através do texto “Contos de fadas para mulheres do século XXI”, no qual o cronista busca de maneira bem-humorada mostrar como o feminismo funciona e dar a visibilidade as mulheres, podemos criar um debate em sala para que os alunos possam expor suas opiniões sobre o que é feminismo, sobre o que eles veem de ato feminista nos contos, e tirar algumas dúvidas que os alunos possam ter sobre o assunto.

Também podemos abordar o respeito e a igualdade que os meninos devem ter diante as meninas e mulheres ao seu redor e em seguida propor uma pesquisa em casa e como tarefa eles precisam escrever sobre alguma mulher que eles têm convívio algo que admira nela e na aula seguinte compartilhar com os colegas o trabalho feito.

Conto de fadas para mulheres do séc. 21

Era uma vez, numa terra muito distante, uma linda princesa independente e cheia de auto-estima que, enquanto contemplava a natureza e pensava em como o maravilhoso lago do seu castelo estava de acordo com as conformidades ecológicas, se deparou com uma rã.

Então, a rã pulou para o seu colo e disse: -Linda princesa, eu já fui um príncipe muito bonito. Mas uma bruxa má lançou-me um encanto e eu transformei-me nesta rã asquerosa. Um beijo teu, no entanto, há de me transformar de novo num belo príncipe e poderemos casar e constituir um lar feliz no teu lindo castelo. A minha mãe poderia vir morar conosco e tu poderias preparar o meu jantar, lavarias as minhas roupas, criarias os nossos filhos e viveríamos felizes para sempre...

E então, naquela noite, enquanto saboreava pernas de rã *à sauté*, acompanhadas de um cremoso molho acebolado e de um finíssimo vinho branco, a princesa sorria e pensava:

- Nem mortaaaa!



Lygia Fagundes Telles

“Venha ver o pôr do sol” de Lygia Fagundes Telles

Reunido na antologia *Venha ver o pôr do sol e outros contos*, publicado em 1988, a narrativa breve de Lygia Fagundes Telles tem apenas dois personagens centrais: Ricardo e Raquel, um o antigo casal de namorados. Após o rompimento, Ricardo convida Raquel para um último passeio um tanto quanto sinistro, em um cemitério abandonado

Disponível na íntegra em: TELLES, Lygia Fagundes. **Antes do baile verde**. Rio de Janeiro: Bloch, 1970.

Dica de leitura: fazer a leitura do Conto, em voz alta, até parte onde Ricardo se aproxima do jazigo que diz ser de sua família, momento em que o suspense se inicia. Entregar, então, a parte final do Conto para que todos leiam o clímax e o desfecho da história.

Após a leitura, iniciar uma análise do texto, destacando as atitudes dos principais personagens e do lugar. Trabalhar a estrutura do texto, destacando que se trata de um texto narrativo, que apresenta um início harmônico, uma situação conflitante no meio da narrativa e um desfecho que é a solução do conflito.

Atividade proposta:

O objetivo da atividade proposta será com base no conto “Venha ver o pôr do sol”, propor ao grupo a criação de uma notícia.

Entretanto, para a transformação do gênero conto em gênero notícia de jornal, pedir para que os alunos identifiquem no conto “Venha ver o pôr do Sol” as seguintes informações: Quem?/ Fez o quê?/ A quem?/ Onde?/ Quando?/ Como?/ Por quê?/ Para quê?

Em seguida, introduzir o gênero notícia de jornal, destacando que as notícias precisam preencher alguns elementos básicos como: conter uma fonte (quem as escreveu, quando e em qual jornal) e um título chamativo para causar curiosidade e despertar o interesse nos leitores. Além do mais, a notícia de jornal deve conter as seguintes informações: Quem?/ Fez o quê?/ A quem?/ Onde?/ Quando?/ Como?/ Por quê?/ Para quê?

Para contextualizar, trazer uma notícia de jornal e analisar conjuntamente.

Mulher morre em SP após ter o corpo queimado pelo namorado.

Morreu na madrugada desta quinta-feira (7) em um hospital de São Paulo a estudante de 19 anos que teve o corpo queimado no último domingo (3) pelo namorado em Franco da Rocha, na Grande São Paulo.

Testemunhas que estavam na chácara onde o crime ocorreu relataram que a agressão se deu após o homem, William Felipe Alves, de 21 anos, ver Isabela Miranda de Oliveira, que tinha 19 anos, na cama com o cunhado dele. Há relatos de que a mulher estava bêbada e tinha sido abusada pelo cunhado do namorado, Leonardo da Silva, quando foi vista na cama com ele.

William Felipe Alves foi preso em flagrante no mesmo dia. Isabela teve 80% do corpo queimado e estava internada desde o último domingo (3). O corpo dela começou a ser velado na noite de quinta-feira no Velório de Caieiras, e o enterro foi nesta manhã.

Fonte: Por Filipe Gonçalves, Bom Dia SP (08/03/2019) g1.globo.com

Responda as perguntas:

Quem?/ Fez o quê?/ A quem?/ Onde?/ Quando?/ Como?/ Por quê?/ Para quê?

Para melhor compreensão do gênero em questão trazer jornais impressos para que estes visualizem os elementos acima destacados presentes em uma notícia de jornal.

Posteriormente, propor aos alunos a criação de uma notícia com base no conto “Venha ver o pôr do sol”.

Em seguida, sugerir para que os alunos fiquem em um círculo e compartilhem suas notícias.





Machado de Assis

Dom Casmurro

“Tinha-me lembrado a definição que José Dias dera deles, "olhos de cigana oblíqua e dissimulada." Eu não sabia o que era oblíqua, mas dissimulada sabia, e queria ver se podiam chamar assim. Capitu deixou-se fitar e examinar. Só me perguntava o que era, se nunca os vira, eu nada achei extraordinário; a cor e a doçura eram minhas conhecidas. A demora da contemplação creio que lhe deu outra idéia do meu intento; imaginou que era um pretexto para mirá-los mais de perto, com os meus olhos longos, constantes, enfiados neles, e a isto atribuo que entrassem a ficar crescidos, crescidos e sombrios.”

“Como vê, Capitu, aos quatorze anos, tinha já idéias atrevidas, muito menos que outras que lhe vieram depois; mas eram só atrevidas em si, na prática faziam-se hábeis, sinuosas, surdas, e alcançavam o fim proposto, não de salto, mas aos saltinhos. “

Responda segundo sua interpretação e com suas palavras:

A) Em que pessoa a obra é narrada, e qual é o personagem que narra a obra? (1º pessoa-bentinho)

B) Quais as características de Capitu e por quem lhes são atribuídas?

- *“E as minhas pernas andavam, desandavam, estacavam, trêmulas e crentes de abarcar o mundo. Esse primeiro palpitar da seiva, essa revelação da consciência a si própria, nunca me esqueceu, nem achei que lhe fosse comparável qualquer outra sensação da mesma espécie. Naturalmente por ser minha. Naturalmente também por ser a primeira.”*
“(...) todo eu era olhos e coração, um coração que desta vez ia sair, com certeza, pela boca fora”.

A) descreva quais as emoções bento demonstra ter e qual a razão destas emoções?

“Capitu era Capitu, isto é, uma criatura mui particular, mais mulher do que eu era homem”.

“As curiosidades de Capitu dão para um capítulo. Eram de vária espécie, explicáveis e inexplicáveis, assim úteis como inúteis, umas graves, outras frívolas; gostava de saber tudo”.

A) Como Capitu pode ser definida segundo estes trechos?

DICIONÁRIO: frívolas;



Mia Couto



O Ensino Médio é uma etapa decisiva na vida dos educandos. Seja pelas mudanças psicossociais e físicas, seja pelo término da Educação Básica.

No primeiro ano deste nível de ensino é recomendável o início da instrução a um desafio logo a frente: os vestibulares para admissão no ensino superior.

Neste sentido, é preciso que o professor instigue os alunos a refletir, interpretar e associar distintos gêneros sociais.

Tendo em vista a observação destes aspectos, pensou-se no trabalho com base no poema apresentado abaixo:

Autobiografia

Onde eu nasci
há mais terra que céu.

Tanto leito é uma bênção
para mortos e sonhadores.

E de tão pouco ser o céu
nasce o sol
em gretas nos nossos pés
e os corações se apertam
quando remoinhos de poeira
se elevam nos telhados.

As mães
espanam o teto
e poeiras de astros
cobrem o soalho.

De tão raso o firmamento,
a chuva tropeça nas copas
enquanto nuvens
se engravidam de rios.

Mia Couto em "Raiz de Orvalho e Outros Poemas"

Com tanta escassez de céu
não há encosto
nem para a mais minguante lua
e os meninos,
na ponta dos dedos,
ascendem estrelas.

Pois,
nessa terra
que é tanta para tão pouco céu,
calhou-me a mim ser ave.

Pequenas que são,
as minhas asas parecem-me enormes.

Envergando,
escondo-as dos olhares vizinhos.

Nas minhas costas
pesam
versos e plumas.

Voarei,
um dia,
sem saber
se é de terra ou de céu
a pegada do voo que sonhei.



Após , apresenta-se uma breve biografia do autor à turma por meio de slides; bem como a leitura coletiva da seguinte notícia:

Moçambique recebeu menos de 10% da ajuda necessária para combater doenças após ciclone, diz OMS

Surto de cólera na região de Sofala, atingida pelo Idai, foi controlado, mas risco da doença se espalhar no norte do país existe.

Por Letícia Macedo, G1
03/05/2019 12h34

A Organização Mundial da Saúde (OMS) afirmou que Moçambique só recebeu até quinta-feira (2) US\$ 3 milhões dos US\$ 38 milhões necessários para conter em um primeiro momento as doenças como cólera e malária -- doenças comuns após desastres humanitários como os provocados pelos dois ciclones que atingiram o país com um intervalo de seis semanas.

A OMS, que apoia as iniciativas do Ministério da Saúde moçambicano na área da saúde, acompanha os esforços para recuperação da região em Sofala (centro) atingida em março pelo ciclone Idai, que deixou mais de 1000 mortos em decorrência dos fortes ventos e das inundações que afetaram parte do território por vários dias.

A situação foi agravada pelo segundo ciclone, o Kenneth, que atingiu a província de Cabo Delgado, no norte do país, na quinta-feira (25). Ao todo, mais de 2 milhões de moradores foram afetados pelas duas tempestades tropicais. Milhares de pessoas tiveram suas casas destruídas. Os sistemas de abastecimento de água e esgoto, onde existiam, ficaram seriamente comprometidos.

“Recebemos medicamentos, equipes médicas, mas dos US\$ 38 milhões que precisávamos chegaram apenas cerca de US\$ 3 milhões. Por isso, algumas das atividades que deveríamos levar adiante ainda estão comprometidas”, explicou ao G1 a Djamila Cabral, que representa a OMS no país desde 2016.

Até o momento, o governo e os parceiros têm utilizado recursos que dispõem para situações de emergência, mas essa verba não é suficiente para garantir a estabilização da situação, que ainda é muito grave.

“Os fundos de contingência do governo e dos parceiros estão sendo utilizados e estão dando resultado. Até agora temos feito tudo o que é preciso. Mas, se ficarmos assim, dentro de um mês não vamos poder fazer tudo o que teria que ser feito”, explicou Djamila.

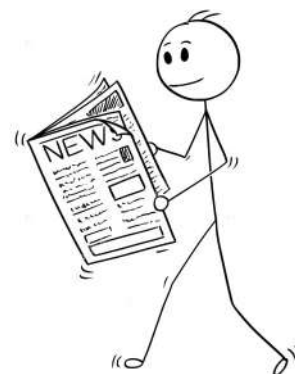
A ilha de Ibo era um destino paradisíaco conhecido por seus recifes de corais e praias dignas de cartões-postais — Foto: Emidio Jozine/AFP

Controle do cólera

Até o momento, os esforços da OMS para conter o avanço dos casos de cólera e malária têm surtido efeito em Sofala, região atingida pelo Idai. Porém, como a infraestrutura está comprometida, o país segue em alerta para essas doenças tanto na região central como no norte, onde o impacto do Kenneth ainda é avaliado.

“Registramos mais de 6 mil de cólera e vimos uma diminuição drástica depois da campanha que vacinou mais de 800 mil pessoas na região de Sofala. Atualmente, temos o registro de apenas 20 casos. Isso mostra que o trabalho foi bem feito e, por isso, pode-se dizer que a doença está controlada”, afirmou Djamila.

O país também chegou a registrar mais de 10 mil casos de malária, mas “o número voltou para o que é considerado normal para a região” nessa época do ano.



Após a leitura coletiva de ambos textos, sugere-se pedir aos alunos se os mesmos pensam haver alguma relação entre ambos. Explorando:

- Qual a temática de ambos textos?
- Qual a relação entre ambas temáticas?
- O que você conhece da cultura e história moçambicana?
- Na sua opinião há referência à Moçambique no poema? Se sim, quais?
- O que podemos inferir acerca de Moçambique através dos textos lidos?

Ainda, sugere-se a contextualização do país, através das imagens abaixo apresentadas:



As imagens serão usadas para exploração e análise de características históricas, geográficas e linguísticas de Moçambique.

Na sequência, sugere-se a divisão dos alunos em equipes de no máximo três integrantes. A cada equipe deve ser entregue uma imagem representativa de um local. Estes serão em diferentes pontos do planeta. Atrás da imagem estará indicado o nome do país a qual pertence. São exemplos:



Ruína dos Sete Povos, Rio Grande do Sul, Brasil

Capillas de Marmol, Chile

Caberá à equipe pesquisar elementos como a história de formação do país, elementos de destaque, artistas nacionais e principais representações artísticas. Com as informações, os alunos deverão formular um poema falando sobre o local, caracterizando-se como um texto histórico.

Por fim, caso haja possibilidade os poemas podem ser expostos na instituição de ensino.



1

Millôr Fernandes



(Millôr Fernandes. Retirado de: VESENTINI, José William. *Geografia: o mundo em transição*. São Paulo: Editora Ática, 2012.p.323.)

Atividades

- 1) Qual o tema central da charge?
- 2) Pode-se dizer que a charge tem um tom sarcástico? Se sim, aponte os elementos que fazem esse efeito.
- 3) Qual o contexto em que ela está inserida?
- 4) Qual a visão do autor que se pode perceber com “as vantagens da globalização”?
- 5) Crie uma charge com sua opinião e visão de mundo a respeito da globalização.

Obs: Procurar expor para o aluno a importância do gênero Charge, tanto no meio midiático, quanto na história do Brasil. Ler fragmentos da revista PIF-PAF de Millôr Fernandes.

Recomendação:

<https://ims.com.br/por-dentro-acervos/pif-paf-de-millor-fernandes/>

Sintetizando...

Charge é uma ilustração com teor humorístico que visa caricaturar uma personalidade ou algum acontecimento, atrelado ao gênero jornalístico, geralmente acompanha uma notícia.



Charge de Millôr no período da ditadura militar, satirizando a forma como eram censurados todos as publicações da mídia, na sua revista PIF-PAF.



Monteiro Lobato

O SACI CAPÍTULO II O SÍTIO DE DONA BENTA

O sítio de Dona Benta ficava num lugar muito bonito. A casa era das antigas, de cômodos espaçosos e frescos. Havia o quarto de Dona Benta, o maior de todos, e junto o de Narizinho, que morava com sua avó. Havia ainda o "quarto de Pedrinho", que lá passava as férias todos os anos; e o da tia Nastácia, a cozinheira e o faz-tudo da casa. Emília e o Visconde não tinham quartos; moravam num cantinho do escritório, onde ficavam as três estantes de livros e a mesa de estudo da menina.

A sala de jantar era bem espaçosa, com janelas dando para o jardim, depois vinha a copa e a cozinha.

— E sala de visitas? Tinha?

— Como não? Uma sala de visitas com piano, sofá de cabiúna, de palhinha tão bem esticada que "cantava" quando Pedrinho batia-lhe tapas. Duas poltronas do mesmo estilo e seis cadeiras. A mesa do centro era de mármore e pés também de cabiúna. Encostadas às paredes havia duas meias mesas também de mármore, cheias de enfeites: três casais de içás vestidos, vários caramujos e estrelas-do-mar, duas redomas com velas dentro, tudo colocado sobre os "pertences" de miçangas feitos por Narizinho. Hoje ninguém mais sabe o que é isso. Pertences eram umas rodela de crochê que havia em todas as casas, para botar bibelôs em cima; para o lavatório de Dona Benta; Narizinho fizera pertences de crochê; e para a sala de visitas fizera aqueles de miçanga de várias cores; da bem miudinha.

Antes da sala de visitas havia a sala de espera, com chão de grandes ladrilhos quadrados; "cor de chita cor-derosa desbotada". A sala de espera abria para a varanda. Que varanda gostosa! Cercada dum gradil de madeira, muito singelo, pintado de azul-claro. Da varanda descia-se para o terreiro por uma escadinha de seis degraus. Nas férias do ano anterior Pedrinho havia plantado em cada canto da varanda um pé de "cortina japonesa", uma trepadeira que dá uns fios avermelhados da grossura dum barbante, que depois ficam amarelos e descem até quase ao chão, formando uma verdadeira cortina viva. Aquela varanda estava se transformando em jardim, tantas eram as orquídeas que o menino pendurara lá os vasos de avenca da miúda que ele foi colocando junto à grade.

O jardim ficava nos fundos da sala de jantar, um verdadeiro amor de jardim, só de plantas antigas e fora da moda. Flores do tempo da mocidade de Dona Benta; esporinhas, damas-entre-verdes, suspiros, orelhas-demacaco, dois pés de jasmim-do-cabo, e outro, muito velho, de jasmim-manga. Plantado na calçada e a subir pela parede, o velhíssimo pé de flor-de-cêra, planta que os modernos já não plantam porque custa muito a crescer. Até cravo-de-defunto havia lá, flor com que Narizinho se implicava por ter "cheiro de cemitério". Bem no centro do jardim havia um tanque redondo com uma cegonha de louça, toda esverdeada de limo, a esguichar água pelo bico. Mas a cegonha já estava sem cabeça, em consequência das pelotadas do bodoque de Pedrinho. E um velho regador verde morava perto do tanque, porque era com a água do tanque que tia Nastácia regava as plantas no tempo da seca.

— E o pomar?

— O pomar ficava nos fundos da casa, depois do "quintal da cozinha", onde havia um galinheiro, um tanque de lavar roupa e o puxado da lenha. O poço velho fora fechado depois que Dona Benta mandou encanar a água do morro.

Passado o quintal vinha o pomar — aquela delícia de pomar!

— Por que delícia?

— Porque as árvores eram muito velhas, e árvore quanto mais velha melhor para a beleza e a frescura da sombra. Árvore nova pode ser muito boa para dar frutas bonitas, baixinhas e fáceis de apanhar. Mas para a beleza não há como uma árvore bem velha, bem craquenta, com os galhos revestidos de musgos, líquens e parasitas. Certas árvores do pomar tinham donos. Havia a célebre pitangueira da Emília, as três jabuticabeiras de Pedrinho, a mangueira de mangaespada de Narizinho e os pés de mamão de tia Nastácia. Até o Visconde tinha sua árvore — um pezinho de romã muito feio e raquítico. O resto das árvores não eram de ninguém — eram de todos. E quantas! Cambucazeiros, duas jaqueiras, os pés de cabeluda e grumixama, os três pés de sapotis e aquele de fruta-do-conde que "não ia por diante." ...

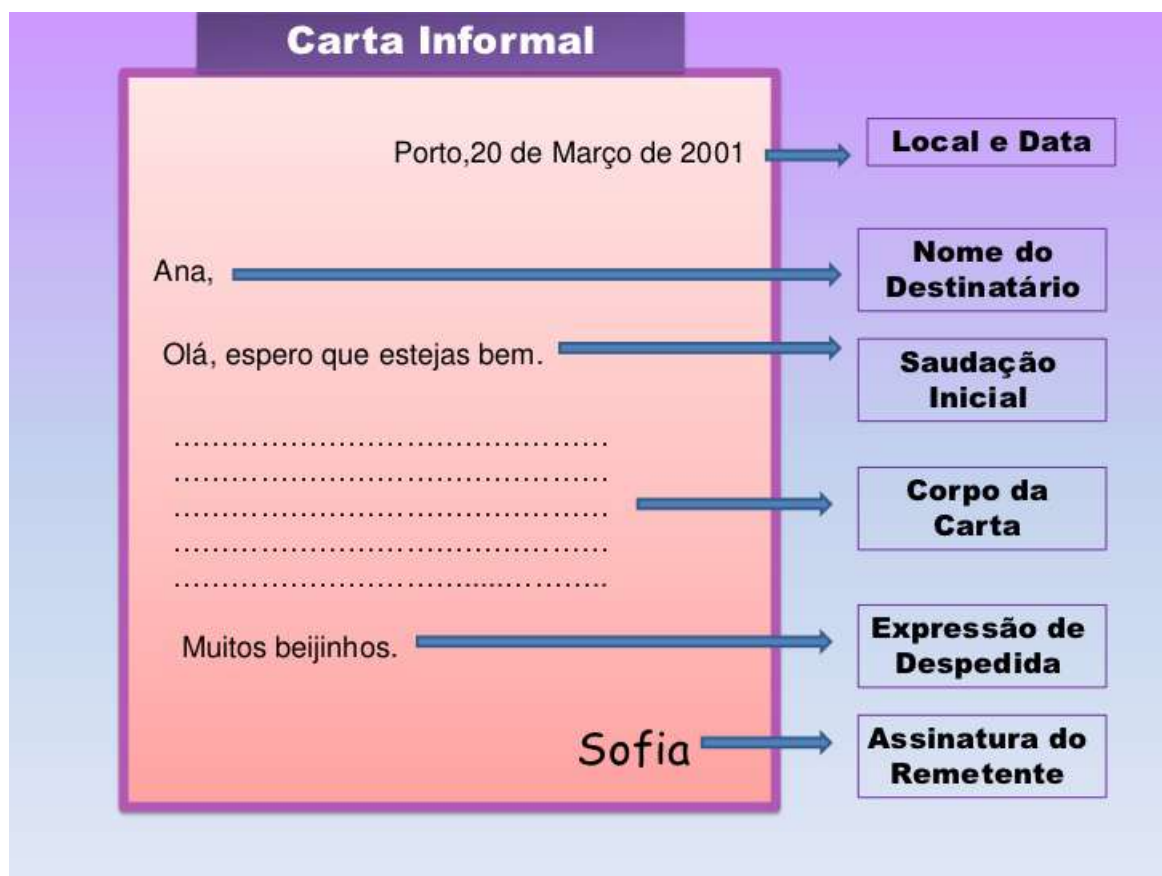
No trecho do capítulo II apresentado acima a história conta em detalhes como era o sítio do picapau amarelo, trazendo as características do local. Além da instância narrativa contida no livro, tem um espaço apropriado para a reflexão acerca das trocas culturais como fundamento importante da formação do indivíduo.

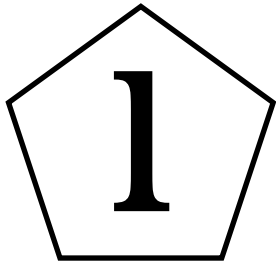
Sugestão de atividade:

A partir deste trecho do capítulo poderá ser concluído a produção de uma carta, praticando assim a estrutura de tal e a escrita desse gênero. Esse tipo de texto serve para exprimir sentimentos, emoções, pontos de vista, ideias sobre determinados assuntos, neste caso o assunto vai ser descrever como é o sítio do picapau amarelo, como se você estivesse passando umas férias neste local e fosse contar para sua família/amigos.

Uma carta para estar bem estruturada deve ser composta por: local e data; saudação; introdução; Corpo da carta; despedida e assinatura.

EXEMPLO DO GÊNERO CARTA





Paulo Leminski

A carta é um dos meios mais antigos de comunicação visual, sendo um instrumento que pode ser útil em diferentes momentos, é uma maneira simples de se comunicar com alguém. Mas, devido aos novos sistemas de comunicação como os e-mails, correios eletrônicos, etc., o uso da carta tradicional está cada vez mais sendo deixada de lado.



foto: google imagens

As cartas podem ser divididas em várias categorias, no qual possuem especificidade diferente para o uso. Algumas delas são:

A **carta pessoal** estas cartas não possuem um modelo pronto, são escritas de uma maneira particular. É a carta que escrevemos para amigos, parentes, etc.

A **carta comercial** se torna o meio mais efetivo e seguro de comunicação dentro de uma organização. A linguagem deve ser clara, simples, correta e objetiva.

A **carta oficial** representa o meio de comunicação entre órgãos públicos, sua linguagem é mais formal e impessoal.

Toda carta possui elementos básicos, que são algumas regras que devem ser seguidas para que o texto seja considerado uma carta. Veja os elementos básicos a seguir:

LOCAL E DATA: nome da cidade e a data em que foi escrita.

SAUDAÇÃO: diz para quem a carta é endereçada.

CORPO: o assunto da carta.

DESPEDIDA: despedida ao destinatário da carta.

ASSINATURA: nome de quem escreveu a carta.

Remetente= é a pessoa que envia a carta.

Destinatário= é a pessoa que recebe a carta.



foto: google imagens

Paulo Leminski foi um escritor, poeta, crítico literário, tradutor e professor brasileiro. Autor de *Catatau* (1975) e *Caprichos e relaxos* (1983), entre outros. Suas obras possuem um estilo próprio, poemas curtos e acessíveis, suas composições foram gravadas por artistas como Caetano Veloso, Ney Matogrosso e Arnaldo Antunes.



Régis Bonvicino foi um poeta paulista, tradutor e, como crítico literário, escreveu nos principais jornais de São Paulo e Rio de Janeiro. Em 2001 fundou a revista *Sibila*, que no ano de 2007 se tornou exclusivamente eletrônica. Suas obras foram publicadas em diversos países e teve participação de leituras de poesias em cidades como Coimbra, Buenos Aires, Paris, Hong Kong, Nova York e Cidade do México.

Paulo Leminski enviou um “poema-epístola” em forma de carta para o seu amigo Régis Bonvicino (poeta), que nos mostra a sua concepção de poesia juntamente com a sua maneira criativa de escrever. Observa-se também o estilo próprio de Leminski e a ideia de liberdade estilística em sua escrita. Leia abaixo a carta “*Epístola a Régis*” prestando atenção na categoria e nos elementos básicos de uma carta que foi estudado anteriormente.

Epístola a Régis

De: Paulo Leminski Para: Régis Bonvicino

*S.l., outubro de 1977
Paulo, pequeno irmão,
da pequena cidade de Curitiba,
ilha de certeza
cercada de pequenos problemas por todos os lados,
a Régis, grande irmão,
na grande cidade de São Paulo,
cercado por um grande problema*

.....
*pare de se lamentar
como uma velha carpideira siciliana
esse teu medo de ter secado tua fonte de poesia
é apenas para nos deixar preocupados
eu já te disse
PARA SER POETA
TEM QUE SER MAIS QUE POETA*

*v. tem que ser um monte de outras coisas mais
senão daonde?
v. vai acabar fazendo literatura de literatura
v. tem que esculhambar mais*

*fazer poemas não é a coisa mais importante
mas para quem faz é
e tem que ser assim
o signo é nosso destino
nossa desgraça e nossa glória
uma aranha sempre sabe
que depois desta teia
virá outra teia e outra teia e outra
uma aranha não duvida
v. vê
não há pressa: mallarmé deixou meiadúzia de coisas
augusto idem
não se importe com a frequência/ a fecundidade/ a abundância
uma década pode esperar um bom poema*

*Paulo Leminski e Régis Bonvicino. Envie meu dicionário: cartas e alguma crítica.
Organização de Régis Bonvicino, com a colaboração de Tarso M. de Melo. São Paulo: Ed. 34, 1999, pp. 52-53.*

ATIVIDADE: PRODUZINDO UMA CARTA

Após observar a carta de Leminski, sua categoria os elementos básicos que uma carta deve conter, o que você acha de também produzir uma carta pessoal? Ela deverá ser enviada a um colega de turma.

Produza sua carta seguindo algumas dicas importantes:

- 1- O nome do local onde você está e a data em que a carta está sendo escrita;
- 2- O nome da pessoa para quem você está escrevendo (destinatário);
- 3- Uma saudação para seu destinatário;
- 4- O desenvolvimento da carta;
- 5- A despedida;
- 6- Sua assinatura.

Após escrever sua carta certifique se ela está de acordo com as dicas apresentadas anteriormente, coloque em um envelope preenchido e selado e envie ao destinatário.



Rachel de Queiroz



Rachel de Queiroz (1910-2003) foi romancista, jornalista, tradutora, poeta e dramaturga. Ganhou diversos prêmios, dentre eles o “Prêmio Camões”, sendo a primeira mulher a recebê-lo.

Geometria dos ventos

Eis que temos aqui a Poesia,
a grande Poesia.
Que não oferece signos
nem linguagem específica, não respeita
sequer os limites do idioma. Ela flui,
como um rio.
como o sangue nas artérias,
tão espontânea que nem se sabe como
foi escrita.
E ao mesmo tempo tão elaborada -
feito uma flor na sua perfeição
minuciosa,
um cristal que se arranca da terra
já dentro da geometria impecável
da sua lapidação.
Onde se conta uma história,
onde se vive um delírio; onde a
condição humana exacerba,
até à fronteira da loucura,
junto com Vincent e os seus girassóis
de fogo,
à sombra de Eva Braun, envolta no
mistério ao mesmo tempo
fácil e insolúvel da sua tragédia.
Sim, é o encontro com a Poesia.

Telha de vidro

Quando a moça da cidade chegou
veio morar na fazenda,
na casa velha...
Tão velha!
Quem fez aquela casa foi o bisavô...

Deram-lhe para dormir a camarinha,
uma alcova sem luzes, tão escura!
mergulhada na tristura
de sua treva e de sua única portinha...

A moça não disse nada,
mas mandou buscar na cidade
uma telha de vidro...
Queria que ficasse iluminada
sua camarinha sem claridade...

Agora,
o quarto onde ela mora
é o quarto mais alegre da fazenda,
tão claro que, ao meio dia, aparece uma
renda de arabesco de sol nos ladrilhos
vermelhos,
que - coitados - tão velhos
só hoje é que conhecem a luz do dia...
A luz branca e fria
também se mete às vezes pelo clarão
da telha milagrosa...
Ou alguma estrela audaciosa
careteia
no espelho onde a moça se penteia.

Que linda camarinha! Era tão feia!
- Você me disse um dia
que sua vida era toda escuridão
cinzenta,
fria,
sem um luar, sem um clarão...
Por que você na experimenta?
A moça foi tão vem sucedida...
Ponha uma telha de vidro em sua vida!



Proposta

Analisar as diferentes formas de se escrever um poema, apresentando "Telha de Vidro" e "Geometria dos Ventos" de Rachel de Queiroz. Propondo a escrita de um soneto.

Primeira Aula:

Apresentar a escritora Rachel de Queiroz, e fazer a leitura desses dois poemas "Telha de Vidro" e "Geometria dos Ventos", comparando-os, questionando as diferenças e igualdades, explicando sobre o gênero poema.

Segunda Aula:

Explicar o que é um soneto, como se compõem e propor a escrita de um soneto baseado na temática dos poemas apresentados.

Terceira Aula:

Tempo para realização da atividade.

Tempo: 3 aulas



A Poesia é um texto poético, geralmente em verso, que faz parte do gênero literário denominado "lírico".
A subjetividade tem um papel importante neste gênero.

Poema é uma obra literária que pertence ao gênero da poesia, e cuja apresentação pode surgir em forma de versos, estrofes ou prosa, podendo ser de diferentes tamanhos e sensibilizar ou não o leitor.

Soneto é uma estrutura literária de forma fixa composta por catorze versos, dos quais dois são quartetos (conjunto de quatro versos) e dois tercetos (conjunto de três versos).



Vinicius de Moraes

Ternura

Eu te peço perdão por te amar de repente
Embora o meu amor seja uma velha canção nos teus ouvidos
Das horas que passei à sombra dos teus gestos
Bebendo em tua boca o perfume dos sorrisos
Das noites que vivi acalentado
Pela graça indizível dos teus passos eternamente fugindo
Trago a doçura dos que aceitam melancolicamente.
E posso te dizer que o grande afeto que te deixo
Não traz o exaspero das lágrimas nem a fascinação das promessas
Nem as misteriosas palavras dos véus da alma...
É um sossego, uma unção, um transbordamento de carícias
E só te pede que te repouses quieta, muito quieta
E deixes que as mãos cálidas da noite encontrem sem fatalidade o olhar extático da aurora.

No poema, apesar da intensidade provocada pelo querer, o eu-lírico garante que o amor sentido se traduz numa espécie de sossego invulgar, uma calma em meio ao caos.

A forma como foi escrita esse poema não é como alguns estão acostumados a ver. Foi escrita sem estrofes e algumas rimas.

Metáfora é uma figura de linguagem. É um recurso semântico, Quer dizer que é um meio utilizado por quem escreve, ou por quem fala, para melhorar a expressividade de um texto literário. Quando é empregada em uma frase, faz com que esta se torne mais eloquente para os que a leem e a ouvem. Pode ser entendida como um artifício linguístico capaz de promover uma transferência de significado de um vocábulo para outro, através de comparação não claramente explícita.

Veja nesse exemplo:

Aquele rapaz é um “gato”.- A metáfora ocorre porque implicitamente o rapaz é comparado a um gato. Quer dizer que é encantador, fofinho, bonito, etc.

1. Analise os versos e comente sobre o que achou do poema.
2. Faça um poema usando metáforas como no poema lido.
3. Esse poema deve ser feito para uma pessoa que admire muito!
4. Use as qualidades dessa pessoa.
5. O que ela mais gosta de fazer
6. O que você mais gosta nela entre outras coisas.



Vitorino Nemésio

As obras de Vitorino Nemésio refletem inequivocamente a vivência açoriana imbuída de religiosidade irônica e de pitoresco costumbrista. Nas poesias percebe-se uma procura incessante da palavra e do sujeito. É fundamental o papel da memória, da saudade e do amor, que por sinal quando o amor entra em colapso surge a falta de sonhos deixando a vida sem sentido, ou sem cor, e até mesmo silenciosa. Assim como a obsessão da morte, obsessão que vai evoluindo de uma angústia profunda até uma aceitação pacífica e desassombrada, onde acaba se perdendo o tempo das flores e arruinando o processo para se cultivar uma vida com o ardor do amor!

ESSE TEXTO É UM TRECHO DO PRIMEIRO CAPÍTULO DO ROMANCE *MAU TEMPO NO CANAL*, INTITULADO “A SERPENTE CEGA”

de coisas que se ~~chamam~~ ^{chamam} (mas, dão grande fundura ao tempo), a mãe mandava-lhe estender a testa à raiz do cabelo e dizia, enquanto ela se sujeitava ao exame irônica e longínqua: «Vê? Ficou assinalada...»⁷⁰.

Agora era João Garcia quem descobria o sinal, mas deixado ver por ela, como uma revelação necessária, natural ao passarem pelo curral da figueira. Tinham metido por ali, direitos⁷¹ à grota que bordava a quinta, da estrada até ao mar. O terreno ia ficando reduzido a pedra pura, com uns restos de vinha queimada da ressalga, figueiras bravas, um tapete⁷² de bálsamo e os primeiros calhaus rolados. Um muro, confundido em parte com ruínas do antigo cinto de fortificação da ilha, já mal servia de divisória entre a propriedade e o «calhau», onde esquadilhas de gaivotas vinham espenujar-se e gralhar. João Garcia podia escapar-se por ali, no caso de sentirem gente dos lados de casa ou se Diogo Dulmo entrasse de repente pelo portão da canada⁷³. Mas Margarida já não mostrava apreensões nem medo de vir alguém⁷⁴. No fundo, talvez João Garcia estivesse menos tranquilo. Era ela que procurava não perder contacto com ele naquela marcha no escuro, já longe do reflexo da lâmpada que vinha do poste às árvores, por cima da casota do Açor, e gradualmente afastados da nódoa de luz lívida⁷⁵ que, saída do quarto do avô, avivava a janela da saleta. Iam, apesar disso, como se procurassem o sítio mais claro daquela noite, e tanto para não serem vistos como para se despedirem com o à-vontade de duas pessoas que se encontram numa praça à hora de maior concorrência e dizem o que têm a dizer como quem não deve nem teme. Só João Garcia parecia agora hesitante, quase fechado. Margarida, sensível ao vento e à noite, encostou-se-lhe tanto que ele acabou por sentir que o seu braço a enlaçava⁷⁶.

Quase sem darem⁷⁷ por isso, estavam sentados num banco de lava e tijolo, com painel de azulejos arruinados: ⁷⁸ restos de cenas da Bíblia

⁶⁸ «circunnavegação».

⁶⁷ «manjadoira».

⁶⁸ «uma leve moessa».

⁶⁹ «pele contraída».

⁷⁰ «raiz do cabelo alourado, e dizia, enquanto ela se sujeitava divertida e descrente ao exame: «Vê? Ficou assinalada».

⁷¹ «Tinham enveredado por ali direitos».

⁷² «uma colcha».

⁷³ «do Pasteleiro».

⁷⁴ «nem rebates de ser surpreendida».

⁷⁵ «amarela».

⁷⁶ «encostava-se-lhe tanto que ele não pôde deixar de lhe passar um braço pela cintura».

⁷⁷ «Sem darem».

⁷⁸ «numa banquetta de tejo que conservava nas costas alguns azulejos partidos».

e toscos motivos de caça ⁷⁹, com o caçador ratado e aves ⁸⁰ maiores do que ele. Pareciam ter muito que dizer, e ⁸¹ mal falavam. Levemente inclinados ⁸² um para o outro, avançavam ambos a mesma porção do corpo ⁸³. João Garcia perdera a cintura e a mão de Margarida, agora entretida a rolar a serpente do anel:

— Tanto que tenho pedido ao pai para me deixar estar uns meses com a tia Teresa em Lisboa... ⁸⁴
(A tia Teresa era uma irmã de Diogo Dumo casada com um oficial de Marinha).

— Onde moram?

— Na Junqueira; o tio é sub-director da Cordoaria.

— Se estivesse lá agora...

— Ainda me lembro da casa deles na Pampulha ⁸⁵, quando lá estive em pequena. Era como se fosse no Faial... Não gosto de Lisboa senão para andar com o tio Saavedra nos rebocadores do Arsenal ⁸⁶. A Baixa é uma confusão: ⁸⁷ cafés cheios de fumo e de sujeitos mal-encaixados, tudo escritórios e lojas ⁸⁸, muitos homens de pasta debaixo do braço... — Encarou João Garcia: — Nunca te lembraste de ser oficial de Marinha? A prima Corina ⁸⁹ disse-me qualquer coisa a esse respeito; ora, quando ⁹⁰ foi?...

— Sim, tive a mania de ir para a Administração Naval ⁹¹. Entrava-se com o quinto ano do liceu e uns preparatórios comerciais. — Deu detalhes sobre a orgânica da Escola; Margarida disse que «sim, sim», ao número de galões; conhecia as patentes. Mas João Garcia falava no quadro do Secretariado Naval ⁹², no quadro dos engenheiros construtores e dos engenheiros condutores, no quadro dos oficiais auxiliares de manobra... Ela procurava a nuvem. ⁹³ — Foi no ano da gripe. ⁹⁴ Cheguei a mandar os papéis para o Instituto, mas veio a epidemia: ⁹⁵ não chegaram a tempo. — João Garcia ficou melancólico e retraído: — Um bacharel é sempre um bocado maçador, não é verdade?... ⁹⁶

— Que tolice! Falei nisto a propósito do tio Saavedra, que é muito meu amigo. Se o visses! Com cinquenta anos parece um rapaz, sempre

⁷⁹ «e motivos de caçadas ingénuas».

⁸⁰ «ou garças».

⁸¹ «dizer e».

⁸² «dobrados».

⁸³ «corpo;»

⁸⁴ «ao Pai para aceitar o convite da tia e me deixar ir estar uns meses a Lisboa».

⁸⁵ «rua da Creche».

⁸⁶ «Arsenal;»

⁸⁷ «confusão;»

⁸⁸ «livrarias».

⁸⁹ «D. Cristina Street».

⁹⁰ «ora quando».

⁹¹ «Naval;»

⁹² «secretariado naval».

⁹³ «a nuvem;».

⁹⁴ «Foi no ano em que houve umas questões lá em casa».

⁹⁵ «gripe;»

⁹⁶ «verdade?»

a pensar em regatas e em chás a bordo, com muitas raparigas. Mas gosto ⁹⁷ mais do mar que dos chás. Tu também?

Ouviu-se o baque da maré, lançada com a certeza de mil homens que rolassem um madeiro à alavanca.

— Eu também — repetiu simplesmente João Garcia, como se tanto ele como ela tivessem repetido ritualmente uma frase dita aos dois ⁹⁸.

— Até durmo melhor, se está bravo! ⁹⁹

— O teu quarto é para este lado?

— Nas torrinhas.

— Ali onde está uma luz?

— Esse é o da Maria das Angústias; o meu é ao lado.

— ...

— Queres ver o anel?... É uma serpente. — João Garcia procurava a cabeça da serpente com o polegar ¹⁰⁰ comovido nos dedos de Margarida. — Os olhos são verdes... Não vês, não; falta-lhe uma esmeralda... ¹⁰¹

— Margarida!...

— Não, não... ¹⁰²

O vento soprou com este levantamento misterioso que enche os minutos perdidos. Começava por um assobio rente às figueiras anãs e intenso ao longe, nas árvores, que agora vergavam com fortes estalidos e um ramalhar mais longo.

— Pois vamo-nos — disse João Garcia pondo-se de pé lentamente. — Parece um rabo de ciclone... ¹⁰³ É o tempo deles.

Margarida compôs o cabelo e levantou o casaco, que ¹⁰⁴ lhe caíra nas ervas, embrulhando-se bem. Desencadeava-se uma poeira inverosímil em lugar tão limpo de ¹⁰⁵ terra, uma verdadeira nuvem de areúscos arrancados ao atalho que seguiam, de mistura com folhas enroladas ¹⁰⁶ e ásperas do leite das figueiras. As plantas da grotta, jarros, fetos, apesar de rasas e abrigadas na dobra de lava cavada pelos enxurros, abanavam com uma violência ¹⁰⁷ de mata abalada no centro. E, entre ¹⁰⁸ árvores estaladas da quinta e o mar já grosso e tapado por uma pasta de escuridão, ficaram um bocado sufocados, sem poderem andar, voltados de repente, como panos de guarda-chuvas, à procura de ar respirável, apanhando nas orelhas o chicote do vento e da areia ¹⁰⁹.

Ao longo da grotta corria um caminho abandonado, rasgado de relheiras: ¹¹⁰ o Caminho Velho. Partindo dali, cingia a ilha num grande

⁹⁷ «eu gosto».

⁹⁸ «repetiu simplesmente João Garcia.»

⁹⁹ «bravo».

¹⁰⁰ «com os movimentos do polegar».

¹⁰¹ «esmeralda.»

¹⁰² «não... Deixa a serpente.»

¹⁰³ «Nem que fôsse um ramo de ciclone...»

¹⁰⁴ «casaco que».

¹⁰⁵ «tão enxuto de».

¹⁰⁶ «seguiam com folhas enroladas».

¹⁰⁷ «com violência».

¹⁰⁸ «E entre».

¹⁰⁹ «e do terriço.»

¹¹⁰ «relheiras — ».

anel, como se tivessem armado um laço de cinza às gaiotas ¹¹¹. Só o interrompiam penedos, fortins, um ou outro posto da Guarda Fiscal, a Doça ¹¹² e a cidade. Apesar de quase só servir aos velhos pescadores de Porto Pim que iam fisgar caranguejo ¹¹³, a Capitania do Porto mandara pôr-lhe uma lâmpada ao largo da quinta dos Dulmos. Perto do «calhau», João Garcia e Margarida ficaram sob a luz intermitente que bruxuleava de lá ¹¹⁴.

— Parece um vulto... — disse Margarida, afirmando-se ¹¹⁵.
— Não deve ser. — Mas João Garcia viu claramente ¹¹⁶ uma sombra, um homem, que se debatia com o cabeção do capote revirado pelo vento. A lâmpada baixava ¹¹⁷. Uma vaga de quilómetro atirou-se à calheta, com um livor que se adivinhava esverdeado à flor de borrifos brancos, desflocados depois do segundo de retracção que precedia o estoiro.

— É o pai! — disse Margarida apanhando a saia, que o vento enfunara bruscamente ¹¹⁸. Não se sabia se o clarão da maré nascia do próprio mar ou de uma nesga do céu picado ¹¹⁹ de uma estrela. — Mas, meu Deus!, não se pode dar um passo ¹²⁰!

— Acompanho-te até aos cedros — disse João Garcia.

— Ai!, não, não! Perde-se tempo se voltas atrás... ¹²¹

— Vais cair...! ¹²²

O vulto ia e vinha ao pé do poste da lâmpada; depois cortou ao Caminho Velho ¹²³ no sentido da estrada, encostando-se aos muros. Já se não via ¹²⁴ senão a sombra do capote a abanar.

Uma vidraça aberta da casa da quinta dos Dulmos batera. Tiniram vidros ¹²⁵. Maria das Angústias tentou encostar ao menos as portadas. Tinha deixado o candeeiro numa mesinha de jogo ¹²⁶, ao pé do rolo de fio que os homens que andavam reparando a instalação eléctrica tinham encostado a um pacote de fios e túlipas de vidro ¹²⁷. Era na «sala grande», de tecto em pernas-de-asna, com tribuna para a ermida. Uma escada de mão mal encostada escacou o candeeiro e ¹²⁸ Maria das Angústias deu um grito. Com as mãos a escorrerem ¹²⁹ petróleo lutava contra as

¹¹¹ «num anel cinzento, como uma fôlha de piteira sêca e estendida.»

¹¹² «doça».

¹¹³ «pescadores do Pasteleiro que se entretêm no caranguejo.»

¹¹⁴ «sob a tira de luz baça que se estendia de lá.»

¹¹⁵ «— Parece gente... — disse Margarida afirmando-se.»

¹¹⁶ «perfeitamente».

¹¹⁷ «com os cabeções do capote revirados pelo vento. A lâmpada bailava.»

¹¹⁸ «— É o Pai! — disse Margarida apanhando a saia que o vento encovava como um lenço a enxugar ainda carregado de água.— »

¹¹⁹ «céu picada».

¹²⁰ «Mas, meu Deus, nem se pode dar um passo!»

¹²¹ «— Ai, não, não! Perde-se tempo se voltas atrás.»

¹²² «cair...».

¹²³ «depois enfiou pelo caminho velho».

¹²⁴ «Já não se via».

¹²⁵ «Um estreloço. Acabara de se partir uma vidraça aberta na casa da quinta dos Dulmos;»

¹²⁶ «Deixara o candeeiro numa mesa de pano verde.»

¹²⁷ «fazendo a instalação eléctrica tinham encostado a um pacote de tulipas de vidro.»

¹²⁸ «candeeiro, e».

¹²⁹ «a escorrer de».

portadas. Esfrangalhou-se o pacote, algumas tulipas partiram-se, a riça de ráfia roçou pela parede¹³⁰ e saiu pela janela.

— Isto vai tudo pelos ares, madrinha!¹³¹
— Chama-se a Chica!...¹³²

Mas a criada da cozinha lembrara-se de meter o nariz no pátio, a ver para onde corriam as nuvens;¹³³ e agora, de xaile desfraldado, encarniçava-se em vão contra a porta. D. Catarina correu lá de dentro embrulhada no cachiné:¹³⁴

— ¹³⁵ Chica! Acuda à Maria das Angústias, que partiu o candeeiro! Que temporal é este?!...¹³⁶ Foi à sala grande fechar a janela!...¹³⁷ Vosse-
mecê deixa-a toda a noite aberta!

— Ajude a empurrar, minha senhora!...

— Não oiço, mulher! Na sala grande...!¹³⁸ — Mas a criada não saía de trás da porta, com um ombro metido às travessas. — Então vossemecê que queria¹³⁹ do pátio, com um temporal destes?! E o senhor Clark a precisar de água quente! Onde está o Manuel?...¹⁴⁰ O senhor Dulmo anda fora¹⁴¹ e a menina sem aparecer! Sabe para onde se meteu?!
A candeia de cima do lar, embora abrigada pelo arco¹⁴² da chaminé, tremelicou e consumiu-se; só iluminava a cozinha um fogo de achas mortijas engolido pela fornalha. D. Catarina meteu finalmente o ombro à porta. No escuro daquele canto sentia-se-lhe a respiração ofegante do esforço e da cólera. Facilmente exaltada, enchia a casa de uma presença desabrida, fazendo num minuto coisas que levariam horas a pessoas trabalhando em conjunto;¹⁴³ depois caía numa das imensas poltronas do quarto do pai, e ora chorava, ora ria, ficava ofendida e envergonhada no bioco do cachiné¹⁴⁴.

Mas os seus repentés, ali, não serviam de nada¹⁴⁵. A porta ficara entalada pela tranca de sucupira:¹⁴⁶ parecia uma parede da quinta ou a chapa do cofre do Granel¹⁴⁷, na manhã em que, aberta desastrosamente por Januário Garcia (supunha-se), emperrara que nem a cacete...!¹⁴⁸ Viera um serralheiro forçá-la. «Então, Januário?... o senhor já nem conhece as letras do cadeado!...»¹⁴⁹

¹³⁰ «Esfandangou-se o pacote, as tulipas partiram-se, a riça de ráfia roçou pelas paredes».

¹³¹ «Madrinha!»

¹³² «Rosa!»

¹³³ «nuvens»

¹³⁴ «cache-nez».

¹³⁵ «Rosa! Rosa!»

¹³⁶ «Que tempo é éste?!...»

¹³⁷ «a janela...»

¹³⁸ «Na sala grande!...»

¹³⁹ «vossemecê o que queria».

¹⁴⁰ «Manuel?»

¹⁴¹ «O sr. Dulmo ainda fora».

¹⁴² «pelo profundo arco».

¹⁴³ «em conjunto».

¹⁴⁴ «cache-nez».

¹⁴⁵ «não serviam para nada».

¹⁴⁶ «pela tranqueta de pau-prêto».

¹⁴⁷ «cofre do Clark».

¹⁴⁸ «a cacete».

¹⁴⁹ «Veamos, Januário, o senhor já nem conhece as letras do cadeado'...

Infelizmente o velho é que estava agora a entrar no grande e último segrêdo...».

D. Catarina correu a chamar o Manuel Bana, o criado da quinta. Estava na banquetta do «saguão»¹, sentado a fumar. Costumava esperar ali que o patrão desse fundo em casa, para¹⁵⁰ o meter discretamente pela sala grande, se houvesse novidade. (Havia muitas vezes «novidade»¹⁵¹).

— Vá ver se fecha a porta da cozinha, que a ventania não deixa! Isto é um grande ciclone! E a menina?

— Vou em cata dela.

— Primeiro a porta. Mas que grande ciclone!

— Estamos à conta de Deus! — disse o criado¹⁵².

D. Catarina entrou para o quarto do pai, a acautelar as portadas antigas, de gonzo e postigos. O velho Clark estava quase deitado na sua *voltaire* de juta, com uma mesinha de jogo¹⁵³ ao alcance da mão, de lado, coberta de remédios, de caixas de charutos, a garrafa do uísque¹⁵⁴ para ter a ilusão do beberico, uma pilha de *Times* intacta. Mal se lhe viam as feições comidas pela barba em leque, branca de neve, sobre que dava em cheio a luz do candeeiro de petróleo velada de *abat-jour* verde¹⁵⁵. Há dias que quase não falava; e, de quando em quando, vinha Maria das Angústias:¹⁵⁶ pegava de um lado, D. Catarina do outro, mudando-o de posição e batendo a almofada¹⁵⁷. O velho virou vagamente para a filha os seus olhinhos vidrados¹⁵⁸ e fez um esboço de gesto com a mão na manta escocesa¹⁵⁹ que tinha pelos joelhos. As pernas corriam-lhe em rampa sobre uma montanha de coxins¹⁶⁰.

— Um ciclone, pai...¹⁶¹ A casa parece ir pelos ares!

Clark desfez o gesto. Quando se mexia melhor, teria movido a mão como quem diz:¹⁶² «Entre mortos e feridos alguém há-de escapar.» Era doente crónico, rijo de ânimo, a quem se podiam mostrar a título de curiosidade as vigas devoradas¹⁶³ pelo incêndio do quarto em que desse a alma a Deus; o Dr. Nunes¹⁶⁴ invejava-lhe a resistência¹⁶⁵ do coração.

¹⁵⁰ «em casa para».

¹⁵¹ «sala de visitas, 'se houvesse novidade'. Havia muitas vezes 'novidade'.

— Minha ama!»

¹⁵² «— Estamos à conta de Deus e de S. João Baptista Machado...».

¹⁵³ «*voltaire* de estôfo desfiado, com uma grande secretária».

¹⁵⁴ «uma botija de genebra».

¹⁵⁵ «candeeiro de petróleo de *abat-jour* de loiça verde».

¹⁵⁶ «e de quando em quando vinha a Maria das Angústias.».

¹⁵⁷ «mudando-lhe o cantil ligado à algália.»

¹⁵⁸ «Virou vagamente os seus olhinhos de vidrilho para a filha».

¹⁵⁹ «no chale escossês».

¹⁶⁰ «de almofadas».

¹⁶¹ «Pai».

¹⁶² «teria trazido a mão pelo alto com a seguinte significação:»

¹⁶³ «lavradas».

¹⁶⁴ «Mesquita».

¹⁶⁵ «o funcionamento».

¹ Chama-se «saguão», nos Açores, ao vestibulo das casas a que dá entrada a porta principal: o portão. O «saguão» das casas antigas é lajeado ou empedrado. [Nota do autor. Vem só no *Mau Tempo no Canal*].

A porta que dava do quarto do velho ¹⁶⁶ para a saleta rangeu; era Maria ¹⁶⁷ das Angústias:

— Não fui capaz de encostar ¹⁶⁸ as portadas; vim às cegas pelo corredor! ¹⁶⁹ Na ermida, até ¹⁷⁰ parecem pessoas a rolar não sei quê!... ¹⁷¹

— Há-de ser a pipa — disse Manuel Bana, espedado à porta que dava do quarto do «senhor» ¹⁷² para o vestibulo.

D. Catarina nem dera por ele ali; voltou-se na poltrona ¹⁷³, aflo-
rando ao cachiné ¹⁷⁴:

— Homem, qual pipa? ¹⁷⁵

— A pipa que tem a falta de uma aduela.

— Na ermida?! Então vossemecê guarda as pipas na ermida?...

Ouviu-se um estrondo brutal, mas embaçado, absorvido pela casa estremecida desde o telhado ¹⁷⁶ aos alicerces. As traves de cedro deram de si. Depois outro pegão mais baço, que parecia entender-se só com as paredes, como se passasse na estrada a draga da Doca ¹⁷⁷ numa zorra. Seguiu-se um breve ¹⁷⁸ silêncio marcado pelo tremor fugitivo de um espelho ¹⁷⁹. Em cima do tremó — a Vénus de bronze, firme ¹⁸⁰.

— Jesus! — D. Catarina pusera-se de pé, pálida; o velho arcou um suspiro difícil, como se o tivessem perturbado ¹⁸¹ no fundo da sepultura. — Parece um tremor de terra! Manuel, a menina?...

O criado não pôde responder. ¹⁸² De mão ¹⁸³ no batente da porta, encolheu-se como quem dá passagem a um animal perseguido ¹⁸⁴. Margarida rompeu, atropelou Maria ¹⁸⁵ das Angústias, que lhe barrava o caminho, abriu a porta da saleta e perdeu-se no escuro da casa. Com o casaco cinzento que lhe caíra dos ombros deixara um rasto de caçada. D. Catarina apanhou inconscientemente aquele volume do chão, como se tal pormenor fosse absolutamente indispensável para ir atrás da filha. O casaco cheirava a ervas e a ressalga ¹⁸⁶. Mas na porta da saleta, sem que tivesse sentido ¹⁸⁷ passos, o marido agarrou-a por um ombro e arredou-a quase com calma, como se deitasse a mão a uma cancela de molas ¹⁸⁸. Ia cego, de capote de cavalaria, com uma verdasca na mão.

¹⁶⁶ «quarto do Clark».

¹⁶⁷ «era a Maria».

¹⁶⁸ «Não consegui encostar».

¹⁶⁹ «corredor.»

¹⁷⁰ «ermida até».

¹⁷¹ «quê...».

¹⁷² «senhor».

¹⁷³ «sôbre o braço da poltrona».

¹⁷⁴ «cache-nez».

¹⁷⁵ «pipa?!»

¹⁷⁶ «estremecida do telhado».

¹⁷⁷ «doca».

¹⁷⁸ «curto».

¹⁷⁹ «tremor do espelho mareado do tremó D. Maria II.»

¹⁸⁰ «bronze firme».

¹⁸¹ «incomodado».

¹⁸² «não teve tempo de responder;»

¹⁸³ «com a mão».

¹⁸⁴ «fugido».

¹⁸⁵ «a Maria».

¹⁸⁶ «cheirava a ressalga e a leituga.»

¹⁸⁷ «sem que se tivessem sentido».

¹⁸⁸ «como se dispusesse da mola de um portilhão automático.»

— Diogo! Diogo!...
A porta foi de encontro a D. Catarina ¹⁸⁹ com a mesma força opaca que o vento opusera aos esforços de Manuel Bana para fechar a da cozinha. Ouviram-se então gritos abafados pelo vergar da verdasca nos vestidos de Margarida:
— Oh pai ¹⁹⁰, pela sua saúde! Oh pai ¹⁹¹, pelo amor de Deus!
— Abre, Diogo! Abre!
A verdasca zunia. Sentiram-se cadeiras arrastadas e um arquejar sem soluços, pura expiração de quem luta em inferioridade consentida, numa defensiva cheia de razões e de reservas braçais:
— Não me bata mais! — A verdasca vibrava. — O pai ¹⁹² não me toque, pelo amor de Deus! — Mais verdascadas. As cadeiras tornavam ¹⁹³ a dançar, como se houvesse uma barricada ao fundo dos salões. — Deix-me, pai ¹⁹⁴! Deixe-me, senhor!

189 «Mas a porta empatou D. Catarina».
190 «Pai».
191 «Pai».
192 «Pai».
193 «tornaram».
194 «Pai».

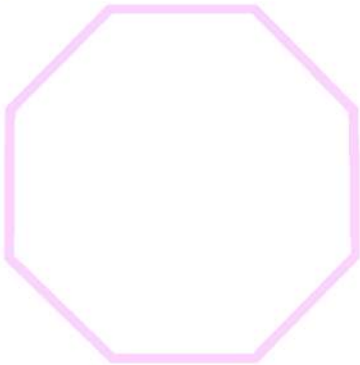
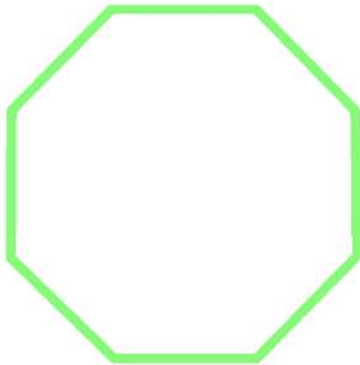
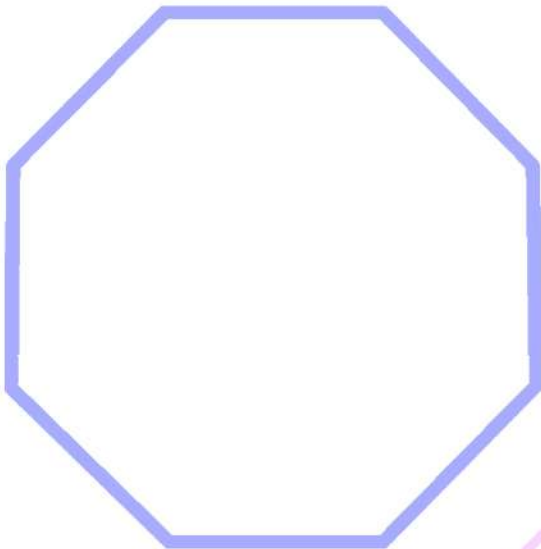
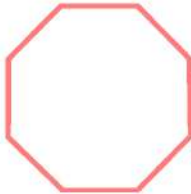
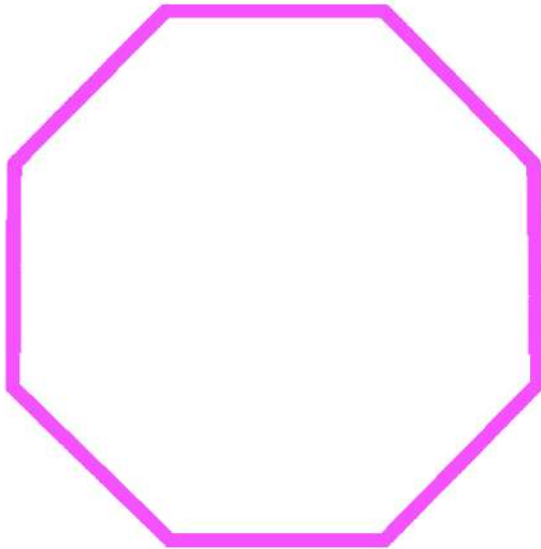
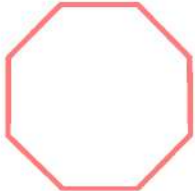
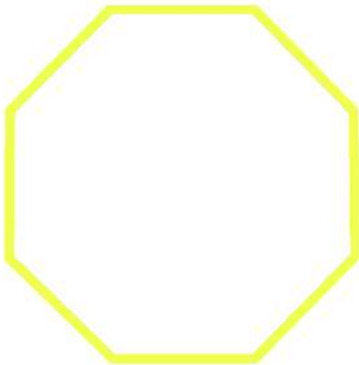
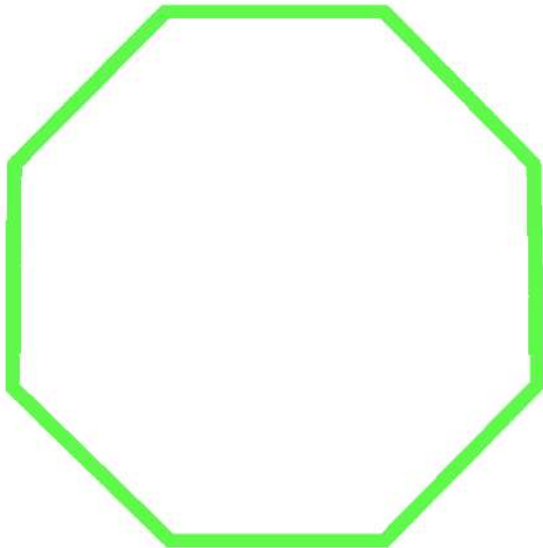
OBJETIVO

- Trabalhar em grupo para realizar uma rádio novela

MÉTODO

- Levar um vídeo curto de como é uma rádio novela. A turma será dividida em 5 grupos e o texto em cinco partes, após, pedir para reescreverem a obra de Nemésio em rádio novela e apresentar.

2º ANO



2

Ariano Suassuna

Auto da Compadecida é uma peça teatral escrita por Ariano em 1955. É, sem dúvidas, sua obra mais conhecida, pois além de ter sido encenada várias vezes em teatros, também virou produção de cinema. A história da peça narra, em três atos, as aventuras de João Grilo e Chicó, dois sertanejos que vivem assolados pela fome, seca e pobreza, e usam de sua criatividade para sobreviver.



A história acontece na região do Nordeste e é marcada pelos seguintes elementos:

- ⇒ Literatura de Cordel;
- ⇒ Traços do barroco católico brasileiro;
- ⇒ Mescla entre cultura popular e tradição religiosa;
- ⇒ A escrita é caracterizada por preservar a linguagem oral;
- ⇒ Regionalismo;
- ⇒ Diferença de classes.

O período barroco é marcado pelas antíteses, isto é, marca os conflitos vividos pelas pessoas de sua época. Exemplos: extravagância e simplicidade, bem e mal, etc.

O que será que aconteceu nessa história?



Sugere-se que o docente trabalhe com uma adaptação da história. Disponível na íntegra em: SUASSUNA, Ariano. **Auto da Compadecida**. – 26° ed. – Rio de Janeiro: Agir, 1993.

Aqui encontra-se uma adaptação correspondente ao ato do Julgamento.

JOÃO GRILO

Jesus?

MANUEL

Sim.

JOÃO GRILO

Aquele Jesus a quem chamavam Cristo?

JESUS

A quem chamavam, não, que era Cristo. Sou, por quê?

JOÃO GRILO

Porque... não é lhe faltando com o respeito não, mas eu pensava que o senhor era muito menos queimado.

BISPO

Cale-se, atrevido.

MANUEL

Cale-se você. Com que autoridade está repreendendo os outros? Você foi um bispo indigno de minha Igreja, mundano, autoritário, soberbo. Seu tempo já passou.

JOÃO GRILO

Muito bem. Falou pouco mas falou bonito. A cor pode não ser das melhores, mas o senhor fala bem que faz gosto.

MANUEL

Muito obrigado, João, mas agora é sua vez. Você é cheio de preconceitos de raça. Vim hoje assim de propósito, porque sabia que isso ia despertar comentários. Que vergonha!

PADRE

Eu, por mim, nunca soube o que era preconceito de raça.

ENCOURADO, sempre de costas para Manuel

É mentira. Só batizava os meninos pretos depois dos brancos.

PADRE

Mentira! Eu muitas vezes batizei os pretos na frente.

ENCOURADO

Muitas vezes, não, poucas vezes, e mesmo essas poucas quando os pretos eram ricos.

PADRE

Prova de que eu não me importava com cor, de que o que me interessava...

MANUEL

Era a posição social e o dinheiro, não é, Padre João? Mas deixemos isso, sua vez há de chegar. Faça a acusação do padeiro.

ENCOURADO O padeiro e a mulher foram os piores patrões que Taperoá já viu.

JOÃO GRILO É não, é verdade. Três dias passei...

MANUEL Em cima de uma cama, com febre, e nem um copo d'água lhe mandaram. Já sei, João, todo mundo já sabe dessa história, de tanto ouvir você contar.

JOÃO GRILO Mas eu posso? Me diga mesmo se eu posso! Bife passado na manteiga para o cachorro e fome para João Grilo. É demais!

PROPOSTA DE ATIVIDADE

CHARGE



A charge é um gênero jornalístico que se utiliza da imagem para expressar à coletividade o posicionamento editorial do veículo. É uma crítica carregada de ironia e que reflete situações do cotidiano. Principais características:

- ⇒ Conter uma fonte (quem as escreveu, quando e em qual jornal) e um título chamativo para causar curiosidade e despertar o interesse nos leitores.
- ⇒ Caráter Cômico, Satírico e irônico;
- ⇒ Narrativa Efêmera;
- ⇒ Não verbais ou sincréticas.



Com base na adaptação apresentada, propor aos alunos criarem suas próprias charges com os personagens da história contendo as seguintes temáticas da obra:

- ⇒ Racismo
- ⇒ Injustiça social (ex. “bife passado na manteiga para o cachorro e fome para João Grilo”).

Canteiros

Quando penso em você, fecho os olhos de saudade

Tenho tido muita coisa, menos a felicidade

Correm os meus dedos longos, em versos tristes que invento

Nem aquilo a que me entrego já me traz contentamento

Pode ser até manhã, cedo claro feito dia

Mas nada do que me dizem me faz sentir alegria

Eu só queria ter no mato um gosto de framboesa

Prá correr entre os canteiros e esconder minha tristeza

Que eu ainda sou bem moço pra tanta tristeza

E deixemos de coisa, cuidemos da vida,

Pois se não chega à morte ou coisa parecida

E nos arrasta moço, sem ter visto a vida.

(Cecília Meireles)

Em “Canteiros”, o eu lírico cita a falta sentida por alguém querido que não se faz mais presente. Analisando o poema, qual verso/estrofe cita essa saudade e mostra azedume com as novas pessoas inseridas em sua vida? Seria este um poema atemporal? Quanto à parte grifada, como ela pode ser uma lição específica para nossas vidas?

AS EPIFANIAS CLARICEANAS

Clarice Lispector produziu diversos contos, sendo que a maioria deles possuem algo que marcou a escrita da autora: as epifanias.

A epifania pode ser notada no conto *Amor*, que conta a história de Ana, uma dona de casa de classe média que ter todo o seu tempo tomado pelas tarefas domésticas e cuidado com os filhos, sendo que, quando fica sem afazeres e as crianças estão na escola, surge então a “hora perigosa do dia” em que ela pode pensar em outras coisas. Mas, um dia, há a quebra dessa rotina, quando, sentada em um bonde depois de fazer compras, se depara com algo que para ela era impensável: um cego mascando chicles.

Esta visão acarretou em uma epifania, uma revelação, que mudará a maneira como a personagem enxerga o mundo em que vive, e seu comportamento.

Segue abaixo, o trecho do conto onde a epifania é desencadeada:

O bonde vacilava nos trilhos, entrava em ruas largas. Logo um vento mais úmido soprava anunciando, mais que o fim da tarde, o fim da hora instável. Ana respirou profundamente e uma grande aceitação deu a seu rosto um ar de mulher.

O bonde se arrastava, em seguida estacava. Até Humaitá tinha tempo de descansar. Foi então que olhou para o homem parado no ponto.

A diferença entre ele e os outros é que ele estava realmente parado. De pé, suas mãos se mantinham avançadas. Era um cego.

O que havia mais que fizesse Ana se apurmar em desconfiança? Alguma coisa intranquila estava sucedendo. Então ela viu: o cego mascava chicles... Um homem cego mascava chicles.

Ana ainda teve tempo de pensar por um segundo que os irmãos viriam jantar — o coração batia-lhe violento, espaçado. Inclinação, olhava o cego profundamente, como se olha o que não nos vê. Ele mascava goma na escuridão. Sem sofrimento, com os olhos abertos. O movimento da mastigação fazia-o parecer sorrir e de repente deixar de sorrir, sorrir e deixar de sorrir — como se ele a tivesse insultado, Ana olhava-o. E quem a visse teria a impressão de

uma mulher com ódio. Mas continuava a olhá-lo, cada vez mais inclinada — o bonde deu uma arrancada súbita jogando-a desprevenida para trás, o pesado saco de tricô despencou-se do colo, ruiu no chão — Ana deu um grito, o condutor deu ordem de parada antes de saber do que se tratava — o bonde estacou, os passageiros olharam assustados.

Incapaz de se mover para apanhar suas compras, Ana se apurmava pálida. Uma expressão de rosto, há muito não usada, ressurgia-lhe com dificuldade, ainda incerta, incompreensível. O moleque dos jornais ria entregando-lhe o volume. Mas os ovos se haviam quebrado no embrulho de jornal. Gemas amarelas e viscosas pingavam entre os fios da rede. O cego interrompera a mastigação e avançava as mãos inseguras, tentando inutilmente pegar o que acontecia. O embrulho dos ovos foi jogado fora da rede e, entre os sorrisos dos passageiros e o sinal do condutor, o bonde deu a nova arrancada de partida.

Poucos instantes depois já não a olhavam mais. O bonde se sacudia nos trilhos e o cego mascando goma ficara atrás para sempre. Mas o mal estava feito

LISPECTOR, Clarice. *Amor*. Disponível em > <http://contobrasileiro.com.br/amor-conto-de-clarice-lispector/>



EPIFANIA: Na literatura, diz respeito a uma revelação, uma descoberta que proporciona a compreensão da essência, ou da totalidade de algo. Na escrita Clariceana, essa descoberta acontece a partir de algo cotidiano na vida das personagens.

Disponível em: <http://notaterapia.com.br/2015/12/06/as-15-melhores-caricaturas-de-clarice-lispector/>

Essa epifania acarretou em um desnorreamento e em um “descobrimento” cada vez maior do mundo que estava ao redor da protagonista, que até o momento estava preocupada somente com seu ambiente familiar. Nesse momento, ela passa a enxergar o mundo de outra forma, e acaba descendo do bonde na estação errada, perto do Jardim Botânico.

Só então percebeu que há muito passara do seu ponto de descida. Na fraqueza em que estava, tudo a atingia com um susto; desceu do bonde com pernas débeis, olhou em torno de si, segurando a rede suja de ovo. Por um momento não conseguia orientar-se. Parecia ter saltado no meio da noite.

Era uma rua comprida, com muros altos, amarelos. Seu coração batia de medo, ela procurava inutilmente reconhecer os arredores, enquanto a vida que descobrira continuava a pulsar e um vento mais morno e mais misterioso rodeava-lhe o rosto. Ficou parada olhando o muro. Enfim pôde localizar-se. Andando um pouco mais ao longo de uma sebe, atravessou os portões do Jardim Botânico.

Andava pesadamente pela alameda central, entre os coqueiros. Não havia ninguém no Jardim. Depositou os embrulhos na terra, sentou-se no banco de um atalho e ali ficou muito tempo.

A vastidão parecia acalmá-la, o silêncio regulava sua respiração. Ela adormecia dentro de si.

[...] Inquieta, olhou em torno. Os ramos se balançavam, as sombras vacilavam no chão. Um pardal ciscava na terra. E de repente, com mal-estar, pareceu-lhe ter caído numa emboscada. Fazia-se no Jardim um trabalho secreto do qual ela começava a se aperceber.

Nas árvores as frutas eram pretas, doces como mel. Havia no chão caroços secos cheios de circunvoluções, como pequenos cérebros apodrecidos. O banco estava manchado de sucos roxos. Com suavidade intensa rumorejavam as águas. No tronco da árvore pregavam-se as luxuosas patas de uma aranha. A crueza do mundo era tranquila. O assassinato era profundo. E a morte não era o que pensávamos.

Ao mesmo tempo que imaginário — era um mundo

de se comer com os dentes, um mundo de volumosas dalias e tulipas. Os troncos eram percorridos por parasitas folhudas, o abraço era macio, colado. Como a repulsa que precedesse uma entrega — era fascinante, a mulher tinha nojo, e era fascinante.

As árvores estavam carregadas, o mundo era tão rico que apodrecia. Quando Ana pensou que havia crianças e homens grandes com fome, a náusea subiu-lhe à garganta, como se ela estivesse grávida e abandonada. A moral do Jardim era outra. Agora que o cego a guiara até ele, estremecia nos primeiros passos de um mundo faiscante, sombrio, onde vitórias-régias boiavam monstruosas. As pequenas flores espalhadas na relva não lhe pareciam amarelas ou rosadas, mas cor de mau ouro e escarlates. A decomposição era profunda, perfumada... Mas todas as pesadas coisas, ela via com a cabeça rodeada por um enxame de insetos enviados pela vida mais fina do mundo. A brisa se insinuava entre as flores. Ana mais adivinhava que sentia o seu cheiro adocicado... O Jardim era tão bonito que ela teve medo do Inferno.

Era quase noite agora e tudo parecia cheio, pesado, um esquilo voou na sombra. Sob os pés a terra estava fofa, Ana aspirava-a com delícia. Era fascinante, e ela sentia nojo.

Mas quando se lembrou das crianças, diante das quais se tornara culpada, ergueu-se com uma exclamação de dor. Agarrou o embrulho, avançou pelo atalho obscuro, atingiu a alameda. Quase corria — e via o Jardim em torno de si, com sua impersonalidade soberba. Sacudiu os portões fechados, sacudia-os segurando a madeira áspera. O vigia apareceu espantado de não a ter visto.

Esta passagem do conto em que Ana adentra no Jardim Botânico, que pode ser entendido como uma metáfora, que exemplifica como a epifania muda o comportamento da personagem a fazendo perceber o mundo que estava a sua volta de uma maneira diferente, dando, de repente, importância a coisas fora da sua realidade, como a fome.

Neste momento, a personagem percebe que ama o cego por ter lhe mostrado essa nova perspectiva da realidade.

Porém, há uma quebra neste fluxo de pensamento quando a protagonista lembra de seus filhos.

Humilhada, sabia que o cego preferiria um amor mais pobre. E, estremecendo, também sabia por quê. A vida do Jardim Botânico chamava-a como um lobisomem é chamado pelo luar. Oh! mas ela amava o cego! pensou com os olhos molhados. No entanto não era com este sentimento que se iria a uma igreja. Estou com medo, disse sozinha na sala. Levantou-se e foi para a cozinha ajudar a empregada a preparar o jantar.

[...] Depois o marido veio, vieram os irmãos e suas mulheres, vieram os filhos dos irmãos.

Jantaram com as janelas todas abertas, no nono andar. Um avião estremecia, ameaçando no calor do céu. Apesar de ter usado poucos ovos, o jantar estava bom. Também suas crianças ficaram acordadas, brincando no tapete com as outras. Era verão, seria inútil obrigá-las a dormir. Ana estava um pouco pálida e ria suavemente com os outros. Depois do jantar, enfim, a primeira brisa mais fresca entrou pelas janelas. Eles rodeavam a mesa, a família. Cansados do dia, felizes em não discordar, tão dispostos a não ver defeitos. Riam-se de tudo, com o coração bom e humano. As crianças cresciam admiravelmente em torno deles. E como a uma borboleta, Ana prendeu o instante entre os dedos antes que ele nunca mais fosse seu.

Depois, quando todos foram embora e as crianças já estavam deitadas, ela era uma mulher bruta que olhava pela janela. A cidade estava adormecida e quente. O que o cego desencadeara caberia nos seus dias? Quantos anos levaria até envelhecer de novo? Qualquer movimento seu e pisaria nu-

ma das crianças. Mas com uma maldade de amante, parecia aceitar que da flor saísse o mosquito, que as vitórias-régias boiassem no escuro do lago. O cego pendia entre os frutos do Jardim Botânico.

Se fora um estouro do fogão, o fogo já teria pegado em toda a casa! pensou correndo para a cozinha e deparando com o seu marido diante do café derramado.

— O que foi?! gritou vibrando toda.

Ele se assustou com o medo da mulher. E de repente riu entendendo:

— Não foi nada, disse, sou um desajeitado. Ele parecia cansado, com olheiras.

Mas diante do estranho rosto de Ana, espiou-a com maior atenção. Depois atraiu-a a si, em rápido afago.

— Não quero que lhe aconteça nada, nunca! disse ela.

— Deixe que pelo menos me aconteça o fogão dar um estouro, respondeu ele sorrindo.

Ela continuou sem força nos seus braços. Hoje de tarde alguma coisa tranquila se rebentara, e na casa toda havia um tom humorístico, triste. É hora de dormir, disse ele, é tarde. Num gesto que não era seu, mas que pareceu natural, segurou a mão da mulher, levando-a consigo sem olhar para trás, afastando-a do perigo de viver.

Acabara-se a vertigem de bondade.

E, se atravessara o amor e o seu inferno, penteava-se agora diante do espelho, por um instante sem nenhum mundo no coração. Antes de se deitar, como se apagasse uma vela, soprou a pequena flama do dia

Quando a mulher volta para casa, ela ainda está dividida entre o mundo que descobriu, e sua família, sua vida cotidiana afastada das outras realidades do mundo, porém, quando ela dá a mão para seu marido a epifania se acaba totalmente, e Ana volta a sua rotina, acabando-se a bondade e o sentimento de incomodo com a realidade que a pouco lhe era presente, encerrando, assim, a narrativa.

ATIVIDADE

Após os alunos compreenderem as epifanias, que tal propor a escrita de um miniconto que possua uma epifania?

Miniconto:

Uma narrativa brevíssima, em que a história é contada com a utilização de o mínimo de palavras.

Exemplo:

A velha insônia tossiu três da manhã.

TREVISAN, Dalton. *A velha insônia tossiu três da manhã*. In: **Ah, é?**, 1994

Orientações para a produção textual

- * Deve possuir no máximo 150 caracteres;
- * Esse tipo de texto pode conter todos os elementos de uma narrativa como personagens, narrador, tempo, espaço, etc. Porém, por ser muito pequeno, não deve conter descrições detalhadas;
- * Outra característica desse gênero é que o mais importante em seu enredo é sugerir algo, e não contar diretamente.



Fernando Sabino

Este conto de Fernando Sabino desvela uma de suas grandes características: Aborda um fato trivial, com tom irônico e engraçado, mas que traz uma mensagem crítica com sua leitura. Por isso, vamos a ela!

O Homem Nu

Ao acordar, disse para a mulher:

— Escuta, minha filha: hoje é dia de pagar a prestação da televisão, vem aí o sujeito com a conta, na certa. Mas acontece que ontem eu não trouxe dinheiro da cidade, estou a nenhum.

— Explique isso ao homem — ponderou a mulher.

— Não gosto dessas coisas. Dá um ar de vigarice, gosto de cumprir rigorosamente as minhas obrigações. Escuta: quando ele vier a gente fica quieto aqui dentro, não faz barulho, para ele pensar que não tem ninguém. Deixa ele bater até cansar — amanhã eu pago.

Pouco depois, tendo despido o pijama, dirigiu-se ao banheiro para tomar um banho, mas a mulher já se trancara lá dentro. Enquanto esperava, resolveu fazer um café. Pôs a água a ferver e abriu a porta de serviço para apanhar o pão. Como estivesse completamente nu, olhou com cautela para um lado e para outro antes de arriscar-se a dar dois passos até o embrulhinho deixado pelo padeiro sobre o mármore do parapeito. Ainda era muito cedo, não poderia aparecer ninguém. Mal seus dedos, porém, tocavam o pão, a porta atrás de si fechou-se com estrondo, impulsionada pelo vento.

Aterrorizado, precipitou-se até a campainha e, depois de tocá-la, ficou à espera, olhando ansiosamente ao redor. Ouviu lá dentro o ruído da água do chuveiro interromper-se de súbito, mas ninguém veio abrir. Na certa a mulher pensava que já era o sujeito da televisão. Bateu com o nó dos dedos:

— Maria! Abre aí, Maria. Sou eu — chamou, em voz baixa.

Quanto mais batia, mais silêncio fazia lá dentro.

Enquanto isso, ouvia lá embaixo a porta do elevador fechar-se, viu o ponteiro subir lentamente os andares... Desta vez, era o homem da televisão!

Não era. Refugiado no lanço da escada entre os andares, esperou que o elevador passasse, e voltou para a porta de seu apartamento, sempre a segurar nas mãos nervosas o embrulho de pão:

— Maria, por favor! Sou eu!

Desta vez não teve tempo de insistir: ouviu passos na escada, lentos, regulares, vindos lá de baixo... Tomado de pânico, olhou ao redor, fazendo uma pirueta, e assim despido, embrulho na mão, parecia executar um ballet grotesco e mal ensaiado. Os passos na escada se aproximavam, e ele sem onde se esconder. Correu para o elevador, apertou o botão. Foi o tempo de abrir a porta e

entrar, e a empregada passava, vagarosa, encetando a subida de mais um lanço de escada. Ele respirou aliviado, enxugando o suor da testa com o embrulho do pão.

Mas eis que a porta interna do elevador se fecha e ele começa a descer.

— Ah, isso é que não! — fez o homem nu, sobressaltado.

E agora? Alguém lá embaixo abriria a porta do elevador e daria com ele ali, em pêlo, podia mesmo ser algum vizinho conhecido... Percebeu, desorientado, que estava sendo levado cada vez para mais longe de seu apartamento, começava a viver um verdadeiro pesadelo de Kafka, instaurava-se naquele momento o mais autêntico e desvairado Regime do Terror!

— Isso é que não — repetiu, furioso.

Agarrou-se à porta do elevador e abriu-a com força entre os andares, obrigando-o a parar. Respirou fundo, fechando os olhos, para ter a momentânea ilusão de que sonhava. Depois experimentou apertar o botão do seu andar. Lá embaixo continuavam a chamar o elevador. Antes de mais nada: "Emergência: parar". Muito bem. E agora? Iria subir ou descer? Com cautela desligou a parada de emergência, largou a porta, enquanto insistia em fazer o elevador subir. O elevador subiu.

— Maria! Abre esta porta! — gritava, desta vez esmurrando a porta, já sem nenhuma cautela. Ouviu que outra porta se abria atrás de si.

Voltou-se, acuado, apoiando o traseiro no batente e tentando inutilmente cobrir-se com o embrulho de pão. Era a velha do apartamento vizinho:

— Bom dia, minha senhora — disse ele, confuso. — Imagine que eu...

A velha, estarecida, atirou os braços para cima, soltou um grito:

— Valha-me Deus! O padeiro está nu!

E correu ao telefone para chamar a radiopatrulha:

— Tem um homem pelado aqui na porta!

Outros vizinhos, ouvindo a gritaria, vieram ver o que se passava:

— É um tarado!

— Olha, que horror!

— Não olha não! Já pra dentro, minha filha!

Maria, a esposa do infeliz, abriu finalmente a porta para ver o que era. Ele entrou como um foguete e vestiu-se precipitadamente, sem nem se lembrar do banho. Poucos minutos depois, restabelecida a calma lá fora, bateram na porta.

— Deve ser a polícia — disse ele, ainda ofegante, indo abrir.

Não era: era o cobrador da televisão.

Após a leitura do texto, é importante fazer-se uma conversa sobre o conto e ir anotando os principais pontos como:

- 1) Conta a história de um casal que estava em dívida com um vendedor de televisão;
- 2) O homem fica trancado para fora de seu apartamento completamente nu;
- 3) Ele fica para cima e para baixo desviando-se dos olhares das pessoas;
- 4) Uma senhora o vê e grita, até que sua mulher abre a porta;
- 5) Tocasse a campainha e não é a polícia e sim o cobrador.

É importante ressaltar a crítica que Fernando Sabino traz com este conto: O fato de que não adianta querer lograr outras pessoas, que no final das contas você não se livrará de suas obrigações.

Após essa discussão a volta do conto, propõe-se que os alunos produzam uma paródia que aborde não necessariamente a história em si, mas a mensagem crítica que ela traz.

2

Jorge Amado

O trecho que você vai ler, é retirado do livro *Mar Morto* de Jorge Amado, publicado em 1936. O romance acontece no cais da Bahia e relata a história de amor, vivida pelos personagens principais Livia e Gu-ma. No decorrer do livro, percebe-se uma grande veneração a Deusa das águas, Iemanjá.

O texto I, trata um pouco da visão que os marinheiros tem sobre Iemanjá e o texto II, é um conto de ficção, de um marinheiro que a viu nas águas.

Texto I:

Iemanjá dos cinco nomes

[...]

Ninguém no cais tem um nome só. Todos têm também um apelido ou abreviam o nome, ou o aumentam, ou lhe acrescentam qualquer coisa que recorde uma história, uma luta, um amor. Iemanjá, que é dona do cais, dos saveiros, da vida deles todos, tem cinco nomes, cinco nomes doces que todo o mundo sabe. Ela se chama Iemanjá, sempre foi chamada assim e esse é seu verdadeiro nome, de dona das águas, de senhora dos oceanos. No entanto os canoeiros amam chamá-la de D. Janaína, e os pretos, que são seus filhos mais diletos, que dançam para ela e mais que todos a temem, a chamam de Inaê, com devoção, ou fazem suas súplicas à Princesa de Alocá, rainha dessas terras misteriosas que se escondem na linha azul que as separa das outras terras. Porém, as mulheres do cais, que são simples e valentes, Rosa Palmeirão, as mulheres da vida, as mulheres casadas, as moças que esperam noivos, a tratam de D. Maria, que Maria é um nome bonito, é mesmo o mais bonito de todos, o mais venerado, e assim o dão a Iemanjá como um presente, como se lhe levassem uma caixa de sabonetes à sua pedra no Dique. Ela é sereia, é a mãe-d'água, a dona do mar, Iemanjá, D. Janaína, D. Maria, Inaê, Princesa de Alocá. Ela domina esses mares, ela adora a Lua, que vem ver as noites sem nuvens, ela ama as músicas dos negros. Todo o ano se faz a festa de Iemanjá, no Dique e em Monte Serrat. Então a chamam por todos seus cinco nomes, dão-lhe todos os seus títulos, levam-lhe presentes, cantam para ela.

O oceano é muito grande, o mar é uma estrada sem fim, as águas são muito mais que metade do mundo, são três, quartas partes, e tudo isso é de Iemanjá. No entanto, ela mora é na pedra do Dique do cais da Bahia ou na sua loca em Monte Serrat. Podia morar nas cidades do Mediterrâneo, nos mares da China, na Califórnia, no mar Egeu, no golfo do México. Antigamente ela morava nas costas da África, que dizem que é perto das terras de Alocá. Mas veio para a Bahia ver as águas do rio Paragua-

çu. E ficou morando no cais, perto do Dique, numa pedra que é sagrada. Lá ela penteia os cabelos (vêm mucamas lindas com pentes de prata e marfim), ela ouve as preces das mulheres marítimas, desencadeia as tempestades, escolhe os homens que há de levar para o passeio infundável do fundo do mar. E é ali que se realiza a sua festa, mais bonita que todas as procissões da Bahia, mais bonita que todas as macumbas, que ela é dos orixás mais poderosos, ela é dos primeiros, daqueles de onde os outros vieram. Se não fosse perigoso de mais, poder-se-ia mesmo dizer que a sua festa é mais bela que a de Oxolufã. Oxalá velho, o maior e mais poderoso dos orixás. Porque é uma beleza na noite da festa de Iemanjá. Nessas noites o mar fica de uma cor entre azul e verde, a Lua está sempre no céu, as estrelas acompanham as lanternas dos saveiros, Iemanjá estira preguiçosamente os cabelos pelo mar e não há no mundo nada mais bonito (os marinheiros dos grandes navios que viajam todas as terras sempre dizem) que a cor que sai da mistura dos cabelos de Iemanjá com o mar.

O pai-de-santo Anselmo era o porta-voz dos marítimos perante Iemanjá. Macumbeiro da beira do cais, antes fora marinheiro, andara pelas terras da África aprendendo a língua verdadeira deles, o significado daquelas festas e daqueles santos. Quando voltara, deixara o navio de uma vez, e se detivera no cais em substituição a Agostinho, que morrera. Era agora ele quem fazia as festas de Iemanjá, quem presidia as macumbas do Monte Serrat, quem com ordem de D. Janaína curava doenças, dava bons ventos aos saveiros, mandava para longe as tempestades freqüentes. Não havia naquela beira de cais e naquele mundão de água quem não respeitasse o Anselmo, que já andara na África e rezava em nagô. Sua carapinha branca fazia com que se descobrissem as cabeças dos homens do cais e das canoas.

Não era tão fácil assim ser da macumba de pai Anselmo e era preciso ser bom marítimo para um negro se sentar entre os ogãs de Iemanjá cerca-

do pelas feitas que dançavam. Guma, mulato claro, de cabelos longos e morenos, se sentaria em breve numa das cadeiras que ficavam em volta do pai santo, na sala do candomblé. Desde que trouxera o “Canavieiras” na noite do temporal sua fama corria de boca em boca, e estava provado que lemanjá o favorecia. Não demoraria assim a se sentar entre os ogãs das feitas. Na próxima festa de lemanjá ele já usaria sua pedra (que é verde e se vai buscar no fundo do mar) e assistiria entre os ogãs à iniciação das feitas, das iôs, que são as sacerdotisas negras. E, como ele, o negro Rufino também usaria a pedra de lemanjá. Se consagrariam de uma vez à dona do mar, à mulher de cinco nomes, mãe deles todos, que um dia, somente um dia em toda a vida, é também esposa.

[...]

Fonte: AMADO, Jorge. Mar morto. Rio de Janeiro: Record, 1980. p.67-69.



Texto II:

Conto de Iemanjá

Era o fim de uma tarde de verão. O céu estava claro e o Sol enviava seus últimos raios, banhando as águas límpidas e mornas; na areia, agora coberta de sombras, encontrava-se o repouso convidativo; no ar sentia-se o aroma da natureza.

Na praia semideserta, um homem vestido de branco, descalço, caminhava a passos lentos, porém firmes. Notava-se a seriedade que o envolvia, o olhar fixo nas águas do mar, como se algo estivesse buscando. De repente parou e retirou do pescoço uma guia, na qual as cores azul e branca se alternavam; fazendo uma ligeira reverência, caminhou para o mar, com a água lhe chegando até a cintura.

Olhando para o céu, já agora não tão claro quanto antes, permanecia imóvel, dando a perceber que seus pensamentos estavam voltados para o astral; curvou-se lentamente e deixou que a guia fosse envolvida pela espuma branca.

Nesse momento sentiu um tremor, todo seu corpo vibrou, como se um raio o tivesse atingido. As águas tornaram-se revoltas, cânticos dos mais suaves começaram a ser entoados, odores agradabilíssimos inundaram o ambiente; e eis que surge sobre as ondas uma figura onipotente:

Iemanjá, Rainha do Mar !

A emoção tomou conta do filho; suas preces haviam sido atendidas e, por mais que quisesse dizer alguma coisa, não conseguiu falar. Apenas, com muita dificuldade, entre os lábios trêmulos, murmurou:

“Minha mãe!”

Momentos depois, quando voltou a si, encontrava-se deitado na areia, com a guia em torno do pescoço.

Levantando-se, pôs-se a caminhar e, no silêncio daquela praia, tinha um só pensamento:

“Eu vi a Rainha do Mar! Eu vi Mamãe Iemanjá!”.

Babalarixá Paulo Newton de Almeida

Atividades:

- 1) Descreva a semelhança que há entre o texto I e o texto II.
- 2) No cais da Bahia todos tem mais de um nome. Esse segundo nome faz referência ao quê?
- 3) Quais são os nomes dados a Iemanjá nos dois textos?
- 4) O conto é um texto curto que pertence ao grupo de gêneros ficcionais. São caracterizados por ser uma narrativa curta, que apresenta poucos personagens, ações e espaço reduzido, essas características constituem o **enredo** que é a *sequência dos principais acontecimentos e ações de uma narrativa*.
 - A) Identifique os itens anteriores no texto II e descreva.
 - B) O **conflito** é o momento de tensão da narrativa, em que prende a atenção do leitor. No “*Conto de Iemanjá*”, qual é o momento do conflito.
 - C) Segundo o dicionário Michaelis, **clímax** é a parte mais interessante, importante ou emocionante do enredo que precede o desfecho; ápice. Qual o clímax do texto II.
 - D) De acordo com o dicionário Michaelis, **desfecho** é a solução de uma situação problemática, parte final de uma trama, em que se apresenta a solução de uma situação. Identifique o desfecho do texto I.
- 5) Depois de ler e responder as questões anteriores, crie um conto fictício sobre Iemanjá.



José Saramago

JOSÉ SARAMAGO

A BAGAGEM DO VIAJANTE

Crônicas

Estas crônicas foram publicadas, pela primeira vez, no diário A Capital (1969) e no semanário Jornal do Fundão (1971-2)

NÃO SABIA QUE ERA PRECISO

Ao contrário do que afirmam os ingênuos (todos o somos uma vez por outra), não basta dizer a verdade. De pouco ela servirá ao trato das pessoas se não for crível, e talvez até devesse ser essa a sua primeira qualidade. A verdade é apenas meio caminho, a outra metade chama-se credibilidade. Por isso há mentiras que passam por verdades, e verdades que são tidas por mentiras. Esta introdução, pelo seu tom de sermão da quaresma, prometeria uma grave e aguda definição de verdades relativamente absolutas e de mentiras absolutamente relativas. Não é tal. É apenas um modo de me sangrar em saúde, de esquivar acusações, pois, desde já o anuncio, a verdade que hoje trago não é crível. Ora vejamos se isto é história para acreditar. O caso passa-se num sanatório. Abro um parênteses: o escritor português que escolhesse para tema de um romance a vida de sanatório, talvez não viesse a escrever A Montanha Mágica ou O Pavilhão dos Cancerosos, mas deixaria um documento que nos afastaria da interminável ruminação de dois ou três assuntos erótico-sentimentalo-burgueses. Adiante, porém, que esta crônica não é lugar de torneios ou justas literárias. Aqui só se fala de simplezas quotidianas, pequenos acontecimentos, leves fantasias - e hoje, para variar, de verdades que parecem mentiras. (Verdade, por exemplo, é o doente que entrava para o chuveiro, punha a água a correr, e não se lavava. Durante meses e meses não se lavou. E outras verdades igualmente sujas, rasteiras, monótonas, degradantes.) Mas vamos à história. Lá no sanatório, dizia-me aquele amigo, havia um doente, homem de uns cinquenta anos, que tinha grande dificuldade em andar. A doença pulmonar de que padecia nada tinha que ver com o sofrimento que lhe arrepanhava a cara toda, nem com os suspiros de dor, nem com os trejeitos do corpo. Um dia até apareceu com duas bengalas toscas, a que se amparava, como um inválido. Mas sempre em ais, em gemidos, a queixar-se dos pés, que aquilo era um martírio, que já não podia aguentar. O meu amigo deu-lhe o óbvio conselho: mostrasse os pés ao médico, talvez fosse reumatismo. O outro abanava a cabeça, quase a chorar, cheio de dó de si mesmo, como se pedisse colo. Então o meu amigo, que lá tinha as suas caladas amarguras e com elas vivia, impacientou-se e foi áspero. A atitude deu resultado. Daí a dois dias, o doente dos pés chamou-o e anunciou-lhe que ia mostrá-los ao médico. Mas que antes disso gostaria que o seu bom conselheiro os visse. E mostrou. As unhas, amarelas, encurvavam-se para baixo, contornavam a cabeça dos dedos e prolongavam-se para dentro, como biqueiras ou dedais córneos. O espectáculo metia nojo, revolvía o estômago. E quando perguntaram a este homem adulto por que não cortava ele as unhas, que o mal era só esse, respondeu: "Não sabia que era preciso." As unhas foram cortadas. Cortadas a alicate. Entre elas e cascos de animais a diferença não era grande. No fim de contas (pois não é verdade?), é preciso muito trabalho para manter as diferenças todas, para alargá-las aos poucos, a ver se a gente atinge enfim a humanidade. Mas de repente acontece uma coisa destas, e vemo-nos diante de um nosso semelhante que não sabe que é preciso defendermo-nos todos os dias da degradação. E neste momento não é em unhas que estou a pensar.

A Bagagem do viajante reúne inúmeras crônicas do escritor português José Saramago, onde o autor percorre boa parte do país, visitando lugares e experimentando a culinária, e conhecendo a cultura local dos nativos dessa exploração e vivenciada pelo autor em que suas experiências são retradas nas crônicas reunida no livro. Então vamos embarcar nesta viagem através da crônica “Não sabia que era preciso” respondendo algumas perguntas de como se constitui uma crônica, Quais ferramentas linguísticas é possível usa para fazer uma boa crônica, Qual a diferença entre crônica é conto, Estas são algumas perguntas que vamos usar como base para desenvolver nosso raciocínio a respeito do gênero crônica.

“Crônica é uma narrativa histórica que expõe os fatos seguindo uma ordem cronológica. A palavra crônica deriva do grego "chronos" que significa "tempo". Nos jornais e revistas, a crônica é uma narração curta escrita pelo mesmo autor e publicada em uma seção habitual do periódico, na qual são relatados fatos do cotidiano e outros assuntos relacionados a arte, esporte, ciência etc.[...] A crônica argumentativa consiste em um tipo mais moderno de crônica, no qual o cronista expressa o seu ponto de vista em relação a uma problemática da sociedade. Neste caso específico, a ironia e o sarcasmo são frequentemente usados como instrumento para transmitir uma opinião e abordar um determinado assunto. Na crônica humorística, o cronista escreve o texto apresentando uma visão irônica e bem humorada dos acontecimentos. Na literatura brasileira, escritores brasileiros que se destacam neste tipo de narrativa são Fernando Sabino, Luis Fernando Verissimo, Millôr Fernandes. Alguns outros famosos cronistas são Arnaldo Jabor, Martha Medeiros, Rubem Braga, entre outros.” (<https://www.significados.com.br/cronica/>)

“Para produzir uma boa crônica, é necessário estar atento ao cotidiano. Buscar os assuntos que, potencialmente, podem tornar-se motivo de escrita é o primeiro passo para escrever. Além disso, lembrar-se de usar uma linguagem leve, com tons de coloquialidade e, se for o caso, construir discursos humorísticos para ampliar a leveza da crônica.”(<https://mundoeducacao.bol.uol.com.br/redacao/cronica.htm>)

“O conto é uma narrativa curta, que envolve todos os elementos. A história trazida no conto deve ter início, meio e fim, e envolver um grupo específico de personagens, incluído aí também o narrador. [...] Já a crônica traz uma reflexão crítica sobre assuntos do cotidiano. Pode não envolver personagens ou acontecimentos em si, mas é um gênero textual muito explorado. A crônica também pode trabalhar com humor, propondo uma análise crítica de alguma situação por meio da ironia.”(<https://www.portaleducacao.com.br/conteudo/artigos/educacao/significado-de-conto-e-cronica/28393>)

Aplicando Atividades

Estimular o lado crítico, social e humorístico dos alunos é uma tarefa não muito fácil porém se faz necessário para as tarefas a seguir:

Com base no gênero crônica, estimule o aluno a ser um escritor em potencial, desenvolve com o educando crônicas que remetam a sua vida cotidiana, seus ambientes, seus sonhos, e desejos.

Dica de aplicação:

Dica 1: traga vários tipos de crônicas e vários tipos de escritores, crie grupos com finalidade de replicar as crônicas escritas por ela nesse atividade e interessante que o aluno demonstre o interesse por vários tipos porem deve-se respeitar o seu estilo.

Dica 2: vivendo como o autor, objetivo e mergulhar no universo do autor, e expor varias obras incluindo a crônica, e bom relatar a vida e obras, e o tempo cronológico em que as obras foram escritas

Dica 3: exposição de obras literárias gênero crônica , estimule os alunos a produzirem suas próprias crônicas e ao final fazer uma breve exposição em sala de aula ou no ambiente aberto para que outras pessoas possam vê, e ler essas obras.

Aplicando Atividades

Estimular o lado crítico, social e humorístico dos alunos é uma tarefa não muito fácil porém se faz necessário para as tarefas a seguir:

Com base no gênero crônica, estimule o aluno a ser um escritor impotencial, desenvolva com o educando crônicas que remetam a sua vida cotidiana, seus ambientes, seus sonhos, e desejos.

Dica de aplicação:

Dica 1: traga vários tipos de crônicas e vários tipos de escritores, crie grupos com finalidade de replicar as crônicas escritas por ela nesse atividade e interessante que o aluno demonstre o interesse por vários tipos porém deve-se respeitar o seu estilo.

Dica 2: vivendo como o autor, objetivo e mergulhar no universo do autor, e expor várias obras incluindo a crônica, e bom relatar a vida e obras, e o tempo cronológico em que as obras foram escritas

Dica 3: exposição de obras literárias gênero crônica, estimule os alunos a produzirem suas próprias crônicas e ao final fazer uma breve exposição em sala de aula ou no ambiente aberto para que outras pessoas possam vê, e ler essas obras.



Luís Fernando Veríssimo

Conhecer o gênero drama associado à prática, em que o professor, a partir da crônica “O Lixo”, propor a atividade, visando que todos participem de alguma forma, não sendo necessário participar como personagem, mas com a organização do teatro, por exemplo, providenciar o figurino, arrumar o cenário, dirigindo o teatro, etc.

O Lixo

Encontram-se na área de serviço. Cada um com seu pacote de lixo. É a primeira vez que se falam.

- Bom dia...
- Bom dia.
- A senhora é do 610.
- E o senhor do 612
- É.
- Eu ainda não lhe conhecia pessoalmente...
- Pois é...
- Desculpe a minha indiscrição, mas tenho visto o seu lixo...
- O meu quê?
- O seu lixo.
- Ah...
- Reparei que nunca é muito. Sua família deve ser pequena...
- Na verdade sou só eu.
- Mmmm. Notei também que o senhor usa muito comida em lata.
- É que eu tenho que fazer minha própria comida. E como não sei cozinhar...
- Entendo.
- A senhora também...
- Me chame de você.
- Você também perdoe a minha indiscrição, mas tenho visto alguns restos de comida em seu lixo. Champignons, coisas assim...
- É que eu gosto muito de cozinhar. Fazer pratos diferentes. Mas, como moro sozinha, às vezes sobra...
- A senhora... Você não tem família?
- Tenho, mas não aqui.
- No Espírito Santo.
- Como é que você sabe?
- Vejo uns envelopes no seu lixo. Do Espírito Santo.
- É. Mamãe escreve todas as semanas.
- Ela é professora?
- Isso é incrível! Como foi que você adivinhou?
- Pela letra no envelope. Achei que era letra de professora.
- O senhor não recebe muitas cartas. A julgar pelo seu lixo.

- Pois é...
- No outro dia tinha um envelope de telegrama amassado.
- É.
- Más notícias?
- Meu pai. Morreu.
- Sinto muito.
- Ele já estava bem velhinho. Lá no Sul. Há tempos não nos víamos.
- Foi por isso que você recomeçou a fumar?
- Como é que você sabe?
- De um dia para o outro começaram a aparecer carteiras de cigarro amassadas no seu lixo.
- É verdade. Mas consegui parar outra vez.
- Eu, graças a Deus, nunca fumei.
- Eu sei. Mas tenho visto uns vidrinhos de comprimido no seu lixo...
- Tranquilizantes. Foi uma fase. Já passou.
- Você brigou com o namorado, certo?
- Isso você também descobriu no lixo?
- Primeiro o buquê de flores, com o cartãozinho, jogado fora. Depois, muito lenço de papel.
- É, chorei bastante, mas já passou.
- Mas hoje ainda tem uns lencinhos...
- É que eu estou com um pouco de coriza.
- Ah.
- Vejo muita revista de palavras cruzadas no seu lixo.
- É. Sim. Bem. Eu fico muito em casa. Não saio muito. Sabe como é.
- Namorada?
- Não.
- Mas há uns dias tinha uma fotografia de mulher no seu lixo. Até bonitinha.
- Eu estava limpando umas gavetas. Coisa antiga.
- Você não rasgou a fotografia. Isso significa que, no fundo, você quer que ela volte.
- Você já está analisando o meu lixo!
- Não posso negar que o seu lixo me interessou.
- Engraçado. Quando examinei o seu lixo, decidi que gostaria de conhecê-la. Acho que foi a poesia.
- Não! Você viu meus poemas?
- Vi e gostei muito.
- Mas são muito ruins!
- Se você achasse eles ruins mesmo, teria rasgado. Eles só estavam dobrados.
- Se eu soubesse que você ia ler...
- Só não fiquei com eles porque, afinal, estaria roubando. Se bem que, não sei: o lixo da pessoa ainda é propriedade dela?
- Acho que não. Lixo é domínio público.
- Você tem razão. Através do lixo, o particular se torna público. O que sobra da nossa vida privada se integra com a sobra dos outros. O lixo é comunitário. É a nossa parte mais social. Será isso?
- Bom, aí você já está indo fundo demais no lixo. Acho que...
- Ontem, no seu lixo...
- O quê?

- Me enganei, ou eram cascas de camarão?
- Acertou. Comprei uns camarões graúdos e descasquei.
- Eu adoro camarão.
- Descasquei, mas ainda não comi. Quem sabe a gente pode...
- Jantar juntos?
- É.
- Não quero dar trabalho.
- Trabalho nenhum.
- Vai sujar a sua cozinha?
- Nada. Num instante se limpa tudo e põe os restos fora.
- No seu lixo ou no meu?

2

Lygia Fagundes Telles

“As Formigas” de Lygia Fagundes Telles

“As formigas” conta a história de duas amigas, primas e universitárias que se mudam para uma pensão, um ambiente decadente, velho e sombrio. As garotas vão se instalar num quarto da pensão e descobrem que o antigo morador deixou lá um caixote com uns ossos guardados. Durante a noite, o quarto é tomado por um cheiro de bolor e por uma invasão de formigas que não se sabe de onde vem e que tomam o recipiente onde está guardado os ossos, embaixo da cama da garota. O que deixa a narrativa mais intrigante é que quando vão investigar o que teria atraído as formigas na caixa percebem que a posição dos ossos havia se mexido.

Disponível na íntegra em: TELLES, Lygia Fagundes. **Seminário dos ratos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009 [1977].



Fonte: <https://artesanato.culturamix.com/blog/wp-content/gallery/baus-de-madeira-sao-importantes-aliados-na-decoracao-3/Baus-de-Madeira-na-Decoracao-7.jpg>

Após a leitura, iniciar uma análise do texto, perguntando que elementos que a autora emprega para construir a atmosfera de suspense, a fim de despertar a sensação de desconforto e repulsa, o sentimento de medo e, ao mesmo tempo, a curiosidade do leitor.

“O MORCEGO” DE AUGUSTO DOS ANJOS

Meia noite. Ao meu quarto me recolho.

Meu Deus! E este morcego! E, agora, vêde:

Na bruta ardência orgânica da sede,

Morde-me a goela ígneo e escaldante molho.

"Vou mandar levantar outra parede..."

— Digo. Ergo-me a tremer. Fecho o ferrolho

E olho o tecto. E vejo-o ainda, igual a um olho,

Circularmente sobre a minha rede!

Para fazer uma intertextualidade com o conto acima descrito trazer o poema “O Morcego” de Augusto dos Anjos:

Restante do poema

Pego de um pau. Esforços faço. Chego

A tocá-lo. Minh'alma se concentra.

Que ventre produziu tão feio parto?!

A Consciência Humana é este morcego!

Por mais que a gente faça, à noite, ele entra

Imperceptivelmente em nosso quarto!

Fonte: ANJOS, Augusto. Eu e Outras Poesias. Rio de Janeiro:

Civilização Brasileira, 1998.)

Analisar conjuntamente o poema e propor uma discussão acerca da temática presente, objetivando levar o aluno a perceber, por meio de seus conhecimentos prévios de mundo, linguístico, textual e pessoais, que o poema e o conto abordam a temática do medo, seja do desconhecido (do inexplicável racionalmente), seja das consequências dos próprios atos.

Atividade proposta

A atividade proposta possibilita ao aluno perceber quais recursos poéticos, o poeta empregou para construir uma atmosfera de aprisionamento e revelar, por conseguinte, o sentimento de medo.

Com base na discussão acerca da temática envolvida em ambos os gêneros literários, propor aos alunos que criem sua própria poesia, abordando principalmente as temáticas do medo e do suspense.

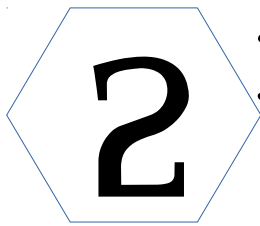
E com objetivo de estimular a imaginação dos alunos acerca da temática proposta projetar o poema “O corvo” de Edgar Allan Poe, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=zrgOqAsST3c> .



Fonte:

<https://www.netmundi.org/home/wp-content/uploads/2017/08/o-corvo.png>

Depois, criar um varal de poesias com os trabalhos expostos.



Machado de Assis

Atividade de pesquisa para ser apresentado. Usa-se o laboratório de informática.

Deve-se explicar sobre as curiosidades da vida de Machado, sua origem pobre, negro, foi criado no Morro dos Livramentos, carioca, perdeu sua mãe muito cedo, mas conseguiu vencer por mérito próprio e muito esforço. Pode-se comentar sobre as obras e estrutura dela (fala-se sobre o narrador, sobre as digressões, sondagem psicológicas dos personagens, metalinguagem, intertextualidade). Logo após se inicia um dialogo sobre suas fases, uma romântica (com traços realistas) e a fase realista.

Divide-se os alunos em pequenos grupos e distribua os tópicos

- biografia
- período literário
- contos
- fábulas
- romances (estrutura e resumo da história, apenas pesquisa)
- poesia
- Conclusão sobre o autor e suas contribuições para a atualidade, citando as obras adaptadas para a televisão.

A atividade deve ser no próximo dia de aula, para melhor organização dos alunos. Pode ser apresentada em slides e estipule um tempo para ser apresentado, podendo ser de 15 a 20 minutos. A atividade pode ser considerada como um trabalho avaliativo.

Dentre as várias especificidades esperadas dos estudantes do nível Médio da Educação Básica encontra-se o diálogo crítico-reflexivo em torno de assuntos cotidianos.

É no sentido da promoção deste que pensou-se em trabalhar o autor Mia Couto, característico por tratar de temas cotidianos como a violência, o preconceito, o contexto histórico, entre outros aspectos.

Assim, para início de conversa apresenta-se o autor aos alunos. Após, apresenta-se o conto “A guerra dos palhaços”.

A guerra dos palhaços

Um vez dois palhaços se puseram a discutir. As pessoas paravam, divertidas, a vê-los.

– É o quê?, perguntavam

– Ora, são apenas dois palhaços discutindo.

Quem os podia levar a sério? Ridículos, os dois cómicos ripostavam. Os argumentos eram simples disparates, o tema era uma ninharice. E passou-se um inteiro dia. Na manhã seguinte, os dois permaneciam, excessivos e excedendo-se.

Parecia que, entre eles, se azedava a mandioca. Na via pública, no entanto, os presentes se alegravam com a mascarada. Os bobos foram agravando os insultos, em afiadas e afinadas maldades. Acreditando tratar-se de um espectáculo, os transeuntes deixavam moedinhas no passeio.

No terceiro dia, porém, os palhaços chegavam a vias de facto. As chapadas se desajeitavam, os pontapés zumbiam mais no ar que nos corpos. A ruidagem se divertia, imitando os golpes dos saltimbancos. E riam-se dos disparatados, os corpos em si mesmos se tropeçando. E os meninos queriam retribuir a gostosa bondade dos palhaços.

– Pai, me dê as moedinhas para eu deitar no passeio.

No quarto dia, os golpes e murros se agravaram. Por baixo das pinturas, o rosto dos bobos começava a sangrar. Alguns meninos se assustaram. Aquilo era verdadeiro sangue?

– Não é a sério, não se aflijam, sossegaram os pais. Em falha de trajectória houve quem apanhasse um tabefe sem direcção. Mas era coisa ligeira, só servindo para aumentar os risos. Mais e mais gente se ia juntando.

– O que se passa?

Nada. Um ligeiro desajuste de contas. Nem vale a pena separá-los. Eles se cansarão, não passa o caso de uma palhaçada.

No quinto dia, contudo, um dos palhaços se munuiu de ‘um pau. E avançando sobre o adversário lhe desfechou um golpe que lhe arrancou a cabeleira postiça. O outro, furioso, se apetrechou de simétrica matraca e respondeu na mesma desmedida. Os varapaus assobiaram no ar, em tonturas e volteios. Um dos espectadores, inadvertidamente, foi atingido. O homem caiu, esparramorto.

Levantou-se certa confusão. Os ânimos se dividiram.

Aos poucos, dois campos de batalha se foram criando. Vários grupos cruzavam pancadarias. Mais uns tantos ficaram caídos.

Entrava-se na segunda semana e os bairros em redor ouviram dizer que uma tonta zaragata se instalara em redor de dois palhaços. E que a coisa escarainuçara toda a praça. E a vizinhança achou graça. Alguns foram visitar a praça para confirmar os ditos. Voltavam com contraditórias e acaloradas versões. A vizinhança se foi dividindo, em opostas opiniões. Em alguns bairros se iniciaram conflitos.

No vigésimo dia se começaram a escutar tiros. Ninguém sabia exactamente de onde provinham. Podia ser de qualquer ponto da cidade. Aterrorizados, os habitantes se arma-



ram. Qualquer movimento lhes parecia suspeito. Os disparos se generalizaram.

Corpos de gente morta começaram a se acumular nas ruas. O terror dominava toda a cidade. Em breve, começaram os massacres.

No princípio do mês, todos os habitantes da cidade haviam morrido. Todos excepto os dois palhaços. Nessa manhã, os cómicos se sentaram cada um em seu canto e se livraram das vestes ridículas. Olharam-se, cansados. Depois, se levantaram e se abraçaram, rindo-se a bandeiras despregadas. De braço dado, recolheram as moedas nas bermas do passeio. Juntos atravessaram a cidade destruída, cuidando não pisar os cadáveres. E foram à busca de uma outra cidade.

(Mia Couto)



A partir da leitura, pergunta-se aos alunos:

O que você entendeu da história?
Como o aspecto da violência é apresentado?

Ainda, com base nas imagens abaixo apresentadas pergunta-se: qual a relação estabelecida entre o conto e as imagens?



Após a contribuição dos alunos, propõe-se a aproximação ao gênero textual fanfic. Justifica-se o trabalho com tal gênero devido a proximidade dos jovens e adolescentes com tal perspectiva.

O gênero fanfic é originário do termo fanfiction, que significa ficção de fã, podendo ser escrito com base em diferentes produtos midiáticos como filmes, histórias em quadrinhos, jogos, séries, celebridades, entre outros.

Sugere-se que em atividade de sondagem, pergunte-se aos alunos se conhecem o gênero e em caso positivo quais características observam como determinantes de tal gênero textual.

Após, apresenta-se a parte inicial da fanfic abaixo:

Lobo mau?



Naya entrou na casa ofegante e sua mãe levantou uma sobrancelha quando viu a bagunça que era a sua filha: seu cabelo estava grudado em seu rosto por causa do suor que escorria. Seus braços e pernas estavam salpicados com lama e poeira. Sua roupa até que estava relativamente limpa. Ou tão limpa quanto uma criança de doze anos poderia conseguir brincando na rua. Sua mãe suspirou e balançou a cabeça. Aquela menina não tinha jeito.

- Vai se limpar. - ela desdenhou com a mão e depois apontou para a fôrma que estava sobre o batente da janela - Você vai levar essa torta para sua avó, então não demore muito.

Naya concordou e se virou. Ela foi até o pequeno riacho perto da sua casa e mergulhou os tornozelos, começando a tirar a lama de seu corpo magricela. Ela chiou quando cutucou um arranhão particularmente feio. Era isso o que acontecia quando se tentava escalar uma mangueira. A árvore era lisa e tinha poucos galhos perto da base para se segurar adequadamente. Não que isso fosse motivo para desistir.

- Ei, Naya, - um garoto gritou e balançou os braços no alto - estamos indo brincar no barranco, quer vir?

- Dessa vez não, Seyn. - Naya respondeu esfregando os braços - Vou visitar minha avó hoje.

Seyn suspirou desanimado.

- Você visita ela todos os dias. Que tal só dessa vez você brincar um pouco com a gente?

- Só dessa vez? Acabei de brincar com vocês. - ela retrucou saindo do riacho - Além de que mamãe está preocupada. Ela disse que minha avó está perto do fim da vida então tenho que aproveitar mais meu tempo com ela.

Seyn riu cético.

- Não se preocupe, sua avó é osso duro de roer! - ele disse - Não duvido que ela vai enterrar nossos filhos e dançar nas suas sepulturas.

Naya revirou os olhos, mas teve que concordar com Seyn. Sua avó era a mulher mais velha e resistente da vila. Já tinha passado por muita coisa e provavelmente ia passar por mais coisa ainda até o final da vida. Mas isso não a tornava imortal. E, como ela mesma gostava de falar, o fim vem para todos.

- Mesmo assim, vou visitar ela hoje... Além de que eu rasguei meu capuz e vou pedir para ela me ajudar a remendar.

- Oh! A chapeuzinho vermelho está sem seu capuz? O que será do mundo agora?

- Não sei por que vocês continuam me chamando assim. - ela resmungou.

- Bem! Tire aquele capuz para lavar qualquer dia desses e eu penso em mudar seu apelido - Naya espirrou água no rosto dele.

- Ei! - ele gritou - Vai molhar sua -

- Quer fazer alguma coisa amanhã?

- Maneira de mudar de assunto. - ele resmungou - Fazer o que?

- Sei lá. Qualquer coisa. – deu de ombros – Mas eu ainda quero subir naquela árvore.

- Você vai acabar quebrando um braço sabia?

- Sim, eu sei – ela riu. Ele revirou os olhos.

Eles se despediram e Naya foi para sua casa. Sobre a mesa uma cesta de seixos estava esperando por ela, cheia frutas, alguns docinhos, a torta que sua mãe tinha feito e uma margarida – flor que tinha o mesmo nome que sua avó. Naya chegou a flor cantarolando e foi pegar seu capuz.

Ela tinha ganhado ele de presente há vários anos e, mesmo remendado e meio desbotado pelo tempo, ainda era sua peça de roupa preferida.

Ela gritou um "Estou indo, Mamãe" e saiu da casa. Enquanto andava pela aldeia ela acenava e sorria para todos.

Era uma aldeia pequena, simples, tanto que nem estava no mapa do reino. Lá todos se conheciam, todos conversavam, e todos eram amigos. Naya amava aquela vila. Quando chegou no começo da estrada ela cobriu o rosto com o capuz e seguiu andando.

Ela começou a cantarolar uma antiga música que seu pai cantava para ela. A cantiga era sobre uma mulher rebelde de vestido vermelho que entrou na parte mais obscura da floresta contra todos os avisos e foi devorada por um lobo selvagem. Mesmo sendo um assunto um tanto sério todas as crianças cantavam essa música, provavelmente para nunca irem para a floresta sozinhas.

Não demorou muito para ela ver a casa da sua avó. Uma estrutura de madeira rústica com um jardim florido na frente. O cheiro cítrico das flores invadiu o nariz de Naya e ela sorriu. Pelo menos até escutar vozes dentro da casa.

Não era inédito sua avó receber visitas. Ela era uma das mulheres mais velhas da vila e praticamente ajudou a fundá-la. Todos a conheciam e gostavam dela. Mas geralmente era ela quem ia visitar as pessoas da vila, não o contrário. Poucos ousariam perturbar seu belo santuário de paz e sossego com conversas frívolas e papo furado.

Naya olhou pela janela, curiosa. Ela não reconhecia as vozes e, bem, ela literalmente conversava e conhecia todos da vila.

Dentro da casa três vultos – obviamente homens, e bem musculosos e volumosos – andavam de um lado para o outro, revirando os móveis e bagunçando as coisas. Ladrões.

Naya se abaixou na janela saindo de vista. Sua avó deve estar visitando alguém e tinham se esquecido de avisar sua mãe. Se Naya chegasse à vila rápido o suficiente talvez ela conseguisse reunir um grupo e eles prenderiam esses ladrões. Ela se virou para voltar para a aldeia quando a voz gritou:

- ONDE ESTÁ O DINHEIRO? – As outras vozes se calaram. Alguém fungou.

- Já falei que não tenho nada!

Naya congelou. Seu coração pareceu para e o tempo pausou. Aquela era a voz da sua avó.

- Não acredito que viemos até aqui por nada. – uma voz diferente resmungou irritada.

Cracc! Algum vidro se quebrou. O barulho ressoou pelas paredes de madeira. Sua pobre avó soluçou de medo.

- Pare de quebrar as coisas! – A primeira voz repreendeu - Vai chamar atenção.

- Atenção de quem? Das árvores? – uma terceira voz zombou rindo - Não há ninguém à quilômetros daqui. Não tem porque ter medo.

Pow! Um soco na mesa fez a risada sumir.

- Não cheguei na liderança com negligência. - a primeira voz grunhiu. - Chega de conversa! Therion, pegue aquelas cerâmicas, elas devem valer alguma coisa. Dhörmin, busque os cavalos, iremos embora. As vozes ecoaram um "sim, Senhor" desanimado.

Naya ouviu um relinchar e virou a cabeça. Três cavalos e um pônei pastando pacificamente ao lado da casa, alheio ao que seus donos faziam com uma senhora de idade. Os cavalos eram belos e fortes, prontos para correr grandes distâncias. O mais belo era um corcel de pelos tão negros que chegavam a reluzir, ao seu lado estava um belo alazão com patas fortes e focinho alongado, e o último era uma incrível quarto-de-milha malhada entre as cores marrom, dourado e branco.

Naya não tinha percebido eles antes.

A porta se abriu e Naya se desesperou. Ela se jogou atrás de um monte de lenha para a lareira e o fo-

gão e esperou. Dhörmin era um homem alto com pele bronzeada. Ele tinha cabelo loiro e olhos castanhos claros. Sua roupa era colorida - verde, vermelha, roxa e dourada -, ao estilo de Raorsab, o reino bárbaro que se encontrava ao sudoeste, depois do Mar de Caldas.

Um calafrio percorreu a espinha de Naya quando ela se lembrou da reputação que os moradores de Raorsab tinham. *Violentos, machistas e nojentos*. Era o que diziam deles.

Assim que Dhörmin terminou de buscar os cavalos e ajeitar as correias os dois outros homens saíram da casa. O mais alto, de pele escura e cabelo cacheado preso em um rabo de cavalo baixo, carregava uma sacola cheia de cerâmicas, talheres de prata e um espelho ornamentado em ouro. Provavelmente as únicas coisas de valor que encontraram.

O outro homem era o mais baixo dos três, mas não menos aterrorizante. Sua pele era parda e seu cabelo negro e liso estava cortado de forma desleixada, provavelmente por uma faca de caça. Seu corpo era musculoso e seu rosto, rústico.

Em seus braços, se debatendo e soluçando, estava sua avó, Dona Margarida. Suas roupas estavam banguçadas e amassadas, seu cabelo branco estava despenteado. Seus olhos negros estavam vermelhos das lágrimas.

Naya sentiu seu sangue ferver.

Com um movimento rápido ela pegou um pedaço de lenha e pulou, acertando as costas do homem. Ele ofegou.

- Ah! – sua avó gritou quando caiu no chão.

Dessa vez Naya acertou as costelas. Quando ela levantou a madeira e mirou na cabeça braços ásperos levantaram ela pela axila.

- ME SOLTA! - ela gritou desesperada. Era a vida da sua avó que estava em jogo.

[...]

Após ambas leituras, sugere-se que se instigue os alunos a relacionar os personagens e comentar suas impressões a respeito de ambos textos e da releitura feita a partir da figura cômica do palhaço e da personagem Chapeuzinho Vermelho, de Charles Perrault.

Por fim, como produto originário das reflexões feitas propõe-se a criação de uma fanfic de modo individual ou em duplas. Para a composição do texto, pede-se que os alunos adequem a escrita ao meio de divulgação posterior— a instituição de ensino onde estão inseridos—, usem de personagens comuns, proporcionem ao leitor sensações como mistério ou suspense e que adequem a história a um cenário da cidade.

Aproveitando o gancho...

Com base nas tipologias suspense, mistério e terror, sugere-se a identificação das partes de um conto de mistério. A estrutura pode ser mantida na fanfic.



<https://www.youtube.com/watch?v=qdPOs->



Millôr Fernandes

Saudação aos que Vão Ficar

Como será o Brasil
no ano dois mil?
As crianças de hoje,
já velhinhas então,
lembrarão com saudade
deste antigo país,
desta velha cidade?
Que emoção, que saudade,
terá a juventude,
acabada a gravidade?
Respeitarão os papais
cheios de mocidade?
Que diferença haverá
entre o avô e o neto?
Que novas relações e enganos
inventarão entre si
os seres desumanos?
Que lei impedirá,
libertada a molécula
que o homem, cheio de ardor,
atravesse paredes,
buscando seu amor?
Que lei de tráfego impedirá um inquilino
- ante o lugar que vence -
de voar para lugar distante
na casa que não lhe pertence?
Haverá mais lágrimas
ou mais sorrisos?
Mais loucura ou mais juízo?
E o que será loucura? E o que será juízo?
A propriedade, será um roubo?
O roubo, o que será?
Poderemos crescer todos bonitos?
E o belo não passará então a ser feiura?
Haverá entre os povos uma proibição
de criar pessoas com mais de um metro e oitenta?
Mas a Rússia (vá lá, os Estados Unidos)
não farão às ocultas, homens especiais
que, de repente,
possam duplicar o próprio tamanho?
Quem morará no Brasil,
no ano dois mil?

Que pensará o imbecil
no ano dois mil?
Haverá imbecis?
Militares ou civis?
Que restará a sonhar
para o ano três mil?
ao ano dois mil?

Publicado em 1964 na revista “Pif-Paf” de Millôr Fernandes.

O poema “Saudações aos que vão ficar” pode auxiliar no momento de trabalhar o gênero poema, pois, traz uma nova forma de pensar sobre poema e poesia, o que pode ser considerado o que, qual a função da poesia em um poema e levar o aluno a pensar “Esse poema tem poesia?” dadas as definições literárias de Poema e Poesia, nesse sentido, é indicado a obra “O arco e a lira” de Octávio Paz, para auxiliar nesse momento.

Atividades:

- 1) Qual o tema central do poema?
- 2) Como é a visão de Millôr sobre o futuro do Brasil, conforme as perguntas feitas?
- 3) Responda essas perguntas, tendo em vista que já está inserido no futuro que Millôr questionou no poema
- 4) Produza um poema, conforme as respostas dadas.

Sintetizando...

É necessário esclarecer ao aluno a data de publicação do poema e o contexto inserido, de modo que fique claro o sentimento de preocupação em relação ao futuro com a perspectivas daquele momento presente.

2

Monteiro Lobato

Sítio do Picapau Amarelo é uma série de 23 volumes de literatura fantástica, Reinações de Narizinho foi o livro propulsor à série de Sítio do Picapau Amarelo. Precedentemente, Lobato já havia publicado os volumes O Saci(1921), Fábulas(1922), As aventuras de Hans Staden (1927) e Peter Pan (1930).

Sítio também tem sido adaptado diversas vezes desde os anos 1950, para filmes em live-action e séries de televisão, sendo as produções da Rede Globo de 1977-1986 e 2001-2007 as mais populares. Globo detém os direitos de Sítio do Picapau Amarelo e é a última editora dos livros, por meio de sua divisão editorial da Editora Globo.

O cenário principal é um sítio, batizado com o nome de Picapau Amarelo, de onde vem o título da série, onde mora Dona Benta, uma idosa de mais de sessenta anos que vive em companhia de sua neta Lúcia, ou Narizinho como todos dizem e a empregada, Tia Nastácia. Narizinho tem como amiga inseparável uma boneca de pano velho chamada Emília, feita por Tia Nastácia. Em um dos capítulos de Reinações de Narizinho, Emília começa a falar graças à pílula falante do Doutor Caramujo, um médico afamado do Reino das águas claras, um palácio que fica no fundo do ribeirão do sítio. Durante as férias escolares, Pedrinho, primo de Narizinho, passa uma temporada de aventuras no Sítio. Juntos, eles desfrutam de aventuras explorando fantasia, descoberta e aprendizagem. Em várias ocasiões eles deixam o sítio para explorar outros mundos, como a Terra do Nunca, a mitológica da Grécia Antiga, um mundo subaquático conhecido como Reino das Águas Claras, e o espaço exterior.

Sugestão de atividade:

A partir do texto trazido acima organize com a turma a construção de um teatro, baseando-se na obra do sítio do picapau amarelo, desse modo os alunos iram produzir o enredo e as falas para a realização do teatro e administrar quem vai fazer o papel de determinados personagens.



Teatro

É uma forma de arte em que um ator ou conjunto de atores, interpreta uma história ou atividades para o público em um determinado lugar. Com o auxílio de dramaturgos ou de situações improvisadas, de diretores e técnicos, o espetáculo tem como objetivo apresentar uma situação e despertar sentimentos no público.

2

Paulo Leminski

Paulo Leminski, nascido em Curitiba, foi escritor, poeta, professor e uma importante referência da literatura brasileira. Leminski também contribuiu para a música brasileira, com letras/poemas musicados por grandes nomes de nossa música. A primeira canção que lhe tornou um compositor popular chama-se “Verdura”, gravada em 1981 por Caetano Veloso no disco “Outras Palavras”.

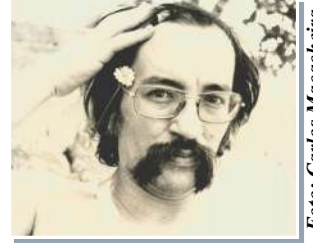


Foto: Carlos Macacheira.

Com um tom lírico e sarcástico o assunto tratado nos versos dessa composição refere-se à imposição sociocultural dos Estados Unidos no Brasil. Veja abaixo:

Verdura

*de repente
me lembro do verde
da cor verde
a mais verde que existe
a cor mais alegre
a cor mais triste
o verde que vestes
o verde que vestiste
o dia em que te vi
o dia em que me viste*

*de repente
vendi meus filhos
a uma família americana
eles têm carro
eles têm grana
eles têm casa
a grama é bacana
só assim eles podem voltar
e pegar um sol em Copacabana*

Letra e música: Paulo Leminski [Curitiba 24/8/1944 - 7/6/1989] 1980

DISCO “OUTRAS PALAVRAS”:



1981 - CAETANO VELOSO
6129 2427 / 3:55
Álbum "Outras Palavras"
Philips LP 6328 303, B-5. Lan-
çamento: Março de 1981
CD 838.465-2, Track 11. [1989]



<https://www.ebiografia.com/>

Caetano Veloso nasceu dia 07/08/1942, um dos músicos brasileiros mais influentes do país, e também fez parte da criação do Movimento Tropicalista no Brasil. Ele que interpretou a composição de Paulo Leminski. Em 1981 gravou a composição “Verdura” de Paulo Leminski no disco “Outras Palavras”. Também compôs e cantou canções de destaque como “Sozinho” (intérprete), “Leãozinho”, “Você é Linda” e “Sampa”.

DEFINIÇÃO DE MPB:

A **Música Popular Brasileira** (mais conhecida como **MPB**) é um gênero musical brasileiro. A MPB surgiu a partir de 1966, com a segunda geração da Bossa Nova. Na prática, a sigla MPB anunciou uma fusão de dois movimentos musicais até então divergentes: a Bossa Nova e o engajamento folclórico dos Centros Populares de Cultura da União Nacional dos Estudantes, os primeiros defendendo a sofisticação musical e os segundos a fidelidade à música de raiz brasileira. Seus propósitos se misturaram e, com o golpe de 1964, os dois movimentos se tornaram uma frente ampla cultural contra o regime militar, adotando a sigla MPB na sua bandeira de luta.

Depois, a MPB passou a abranger outras misturas de ritmos – como a rock, soul e samba, dando origem a um estilo conhecido como samba-rock, a do música pop e do Samba, tendo como artistas famosos Gilberto Gil, Chico Buarque e outros, e no fim da década de 1990 a mistura da música latina, influenciada pelo reggae e o samba, dando origem a um gênero conhecido como Samba reggae.

Apesar de abrangente, a MPB não deve ser confundida com Música do Brasil, a qual abarca diversos gêneros da música nacional dentre os quais o baião, a bossa nova, o choro, o frevo, o samba-rock, o forró, o Swingue e a própria MPB.

<https://famecosmusic.wordpress.com/2012/06/23/mpb-origem-e-historia-7/>

CURIOSIDADES DA MÚSICA POPULAR BRASILEIRA:

Som comercial : Apesar de ser uma música do povo e para o povo, fica inviável pensá-la sem uma divulgação midiática. Ela tem objetivo de ultrapassar fronteiras, diferente da regional música folclórica, e ser cantada do Norte ao Sul do país.

Canções eternizadas: E os clássicos da música popular brasileira? Quem não tem uma dessas músicas eternizando momentos pessoais? Uma formatura, um casamento, a música da formatura? O som está diretamente ligado às lembranças importantes.

Reconhecimento: São inúmeros nomes a serem citados aqui. Com trajetórias de vida e de música riquíssimas, lembramos com orgulho de Chico Buarque, Gilberto Gil, Chiquinha Gonzaga, Heitor Villa-Lobos, Roberto Carlos, Dorival Caymmi, Milton Nascimento, Caetano Veloso, Tom Jobim e tantos outros! Foram eternizados em nossos ouvidos e nossos corações.

Sem limite de idade: Para ouvir não tem idade indicada. Desde os mais novos aos mais maduros, a música popular agrada. Veja o exemplo do próprio Braguinha que foi o músico responsável por versões brasileiras de filmes da Disney. Os pequenos reconhecem de longe quando escutam o som de Dumbo, Pinóquio, Branca de Neve e os Sete Anões e Bambi.

<https://belas.art.br/curiosidades-sobre-a-musica-popular-brasileira/>

ATIVIDADE:

Na música estão presentes três elementos: a harmonia, o ritmo e as palavras. Ela possui grande importância na cultura da humanidade, sendo reconhecida por muitos pesquisadores como um gênero que amplia a consciência humana, estimula a estabilidade emocional promovendo um estado de tranquilidade. Com base no que estudamos anteriormente sobre o estilo MPB e como exemplo a música de Leminski; Em grupos, produzam um cartaz auto-explicativo comparando A Influência da Música Popular Brasileira nos anos de 1964 a 1972 e aos dias atuais. A sala será dividida em dois grupos, cada um ficará responsável por uma época (antigamente e atualmente). Após a produção, apresentem seus cartazes para a turma e faça uma exposição no ambiente escolar.

(OBS: o cartaz deve conter fotos, textos e curiosidades do período).

2

Rachel de Queiroz

O Primeiro romance de Rachel de Queiroz, “O Quinze”, foi publicado em 1930, possuindo uma temática social, regionalista da realidade nordestina. O título, assim como o desenrolar da estória, faz referencia a terrível seca no Ceará em 1915, onde a própria família de Queiroz foi obrigada a fugir.



O livro traz uma linguagem simples e apresenta dois planos, o primeiro foca no vaqueiro Chico Bento e sua família, que perderem seu sustento com a seca e partem para a capital; o segundo a relação de Vicente, proprietário e criador de gado, que luta contra a seca e Conceição, sua prima professora, que mora em Fortaleza.



Chico Bento, Conceição Vicente, Cordulina, Josias, Pedro, Manuel, Mocinha, Dona Inácia Major, Luís Bezerra são alguns dos personagens da obra, cada um é composto por uma personalidade marcante para o decorrer e conclusão da estória.

“O Quinze” foi escrito por Rachel em 1928, quando tinha apenas 18 anos.

Relação entre obra e animação

Primeira Aula:

Apresentar a escritora Rachel de Queiroz, e a obra “O Quinze”, realizar a leitura do primeiro capítulo, questionar os alunos sobre o que pode acontecer nos próximos capítulos do livro, o que acharam da temática, e do modo de escrever da autora.

Segunda Aula:

Mostrar para os alunos a animação baseada no livro (somente do primeiro capítulo que foi lido), questioná-los sobre as diferenças do livro para a animação. Prosseguir para outros capítulos, realizando a mesma sequência (leitura de capítulos mais na metade do livro, e após mais para o final, acompanhado da animação, para incentivar a leitura dos alunos, doa capítulos pulados.

Terceira Aula:

Propor a escrita de um texto dissertativo, sobre as comparações entre o livro e a animação (cenas cortadas, falas, cenário).

Tempo : 3 aulas

Animação disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?v=Uu1i1U4EiPc>



“O Quinze” é o romance que figura na literatura regionalista brasileira como um dos mais lidos, deu a autora, o Prêmio Graça Aranha. A obra é muito bem estruturada e extremamente rica, sendo que podemos refletir sobre a própria condição humana.



Vinicius de Moraes

Em cada soneto de Vinicius de Moraes percebe-se que foi escrito com sentimentos diferentes e para cada momento de sua vida.

Com base nos sonetos que vão ser lidos questione os alunos com as perguntas que serão disponibilizadas logo abaixo.

1. Que sentimentos são apresentados em cada um dos poemas?
2. Qual soneto lhe chamou mais atenção? Por que?
3. Escolha um dos poemas e explique.
4. Em grupo ou duplas os alunos deveram criar um Soneto com as seguintes palavras: Amizade, Sonho, Vida, Flor, Nuvem e Sol.

Soneto do amor total

Amo-te tanto, meu amor... não cante
O humano coração com mais verdade...
Amo-te como amigo e como amante
Numa sempre diversa realidade

Amo-te afim, de um calmo amor prestante,
E te amo além, presente na saudade.
Amo-te, enfim, com grande liberdade
Dentro da eternidade e a cada instante.

Amo-te como um bicho, simplesmente,
De um amor sem mistério e sem virtude
Com um desejo maciço e permanente.

E de te amar assim muito e amiúde,
É que um dia em teu corpo de repente
Hei de morrer de amar mais do que pude.

Soneto de fidelidade

De tudo ao meu amor serei atento
Antes, e com tal zelo, e sempre, e tanto
Que mesmo em face do maior encanto
Dele se encante mais meu pensamento.

Quero vivê-lo em cada vão momento
E em seu louvor hei de espalhar meu canto
E rir meu riso e derramar meu pranto
Ao seu pesar ou seu contentamento

E assim, quando mais tarde me procure
Quem sabe a morte, angústia de quem vive
Quem sabe a solidão, fim de quem ama

Eu possa me dizer do amor (que tive):
Que não seja imortal, posto que é chama
Mas que seja infinito enquanto dure.

Soneto de separação

De repente do riso fez-se o pranto
Silencioso e branco como a bruma
E das bocas unidas fez-se a espuma
E das mãos espalmadas fez-se o espanto.

De repente da calma fez-se o vento
Que dos olhos desfez a última chama
E da paixão fez-se o pressentimento
E do momento imóvel fez-se o drama.

De repente, não mais que de repente
Fez-se de triste o que se fez amante
E de sozinho o que se fez contente.

Fez-se do amigo próximo o distante
Fez-se da vida uma aventura errante
De repente, não mais que de repente.

2

Vitorino Nemésio

As obras de Vitorino Nemésio refletem inequivocamente a vivência açoriana imbuída de religiosidade irónica e de pitoresco costumbrista. Nas crónicas, Nemésio viaja no espaço e no tempo, dentro e fora de si próprio, com alusões eruditas, referências inesperadas, vastíssimos conhecimentos de geografia física, geografia humana e história, por vezes em busca de correspondências entre o que vê pela primeira vez e o que conhece da sua terra ou da sua infância.

V

AS RUAS DESERTAS

O ALEIJADINHO, OU O SEGREDO DE OURO PRETO bem podia ser o título de um livro a escrever sobre a antiga capital mineira, obra de um desses fervorosos rapazes de 1915, de uma geração antes da minha, que em Coimbra e Lisboa (e certamente no Rio, no Recife, em São Paulo) compunham a sua visão sentimental do mundo à leitura do GRECO OU LE SECRET DE TOLEDO, de Barrès. Porque Ouro Preto é realmente uma cidade íntegra morta, e, se não tem a profundidade histórica de Toledo nem os seus tesouros de arte, é, como Toledo em relação à cultura hispânica, um mundo abreviado do barroquismo religioso e minerador luso-brasileiro.

Uma civilização dividida entre a salvação e a cupidez cristalizou ali no lapso de pouco mais de um século. Para ter a fundura e a radiação de Lima ou de Cuzco faltou a Ouro Preto a tragédia de uma civilização magnificente e vencida sobre cujas ruínas o europeu ibérico edificou muros de tributação e de domínio. Mas as proporções, a bitola com rica desvanecem-se perante aquele verdadeiro cristal de um certo tempo, de uma dada atitude diante do mundo e da vida. Atitude «extractiva» que tenta abençoar o ouro com uma dedicação cultural que transmuta o bezerro idolátrico. Compromisso da avidez com um certo sentido da incorporação das classes ávidas ao lado das classes servís, referindo o espiritual a Deus enquanto o temporal se regista nos «contos» dos «quintos».

Mas hoje, abrindo os meus cadernos de viagem ouro-pretana, embrenho-me mais nas páginas em que pulsam as minhas impressões provincianas de Ouro Preto do que nas notas em que a genuína voz do século XVIII se levanta. No esquema urbano da capital abandonada das Minas perdurou uma população resignada, de ofícios arcaizados e de ocupações sedativas, que vive de guarda ao passado com uma vaga mão estendida ao futuro. É essa nota dos vivos que velam os mortos a tónica do acorde de Ouro Preto.

Só com oito ou dez dias de demora não se pode aqui perder tempo. Saio de manhã à noite. Hoje percorro a cumeada da cidade que leva a S. Francisco de Paula. Oigo um sino ao crepúsculo. O vértice da ansa é a ponte sobre um enrugamento onde corre o ribeiro que molha os espigões da Casa dos Contos. Do alto, a cidade encova as pinhas do seu casario de Épinal. Lá está o Palácio dos Governadores e o Carmo aristocrático; o crepúsculo vai dourando a cumeeira em redondo até se quebrar no anteparo escuro do Itacolomi. O perfume da aragem nocturna rocega a ondulação dos montes que engastam Ouro Preto.

Estamos a mil e cem metros de altitude, e é daqui que Vila Rica, a morta, lembra uma vaga Toledo rebatida e olhada das nuvens.

Desço às ruelas da Baixa para me impregnar do viver deste gente abolida, e até porque vão sendo horas de me recolher também. Num bilhar da rua de S. José, nervo da terra, previne-se que só podem entrar «maiores de 18 anos»; mas, embora esteja nos casos, prefiro levar a imagem do pano verde ao passar. No CAFÉ FAMILIAR servem sorvete e picole; a tabuleta de LEMOS ALFAIATE tranquiliza-me quanto a algum improvável percalço de bragal.

De tal modo a vida antiga aqui deixou o seu selo que os escapates cintados prudentemente de ferro, ao fechar dos armários, parecem capelas de Passos à espera do dia da procissão. Vem gente de toda a parte à Semana Santa de Ouro Preto, pequena Sevilha brasileira, e uma das fontes de receita das lojas de recordações locais é precisamente a da venda de fotos das ruas pelo tempo da Paixão.

Um mínimo de modernidade polvilha os baixos das casas setecentistas da terra: Há uma «*brasserie*», o SALÃO VILA RICA para o cinema, a CHAPELARIA IPIRANGA e o BAR SANTA EFIGÊNIA, com pequenos letreiros luminosos. E tudo isto, é claro, sonorizado à rádio. Para acertar o passo com o civismo brasileiro de hoje, a Rua de S. José passou à égide do Presidente Getúlio Vargas, que andou por aqui nos dias da sua mocidade. Mas toda a modernização de Ouro Preto esbarra com o insidioso despotismo dos tempos que foram, e nem o Grande Hotel, castiça e confortavelmente gizado pelo arquitecto Niemeyer, conseguiu desterrar o HOTEL TOFFOLO com a sua vendola em baixo. Camilo Abdo — um sírio talvez — é A MAIS BARATEIRA, e em frente da velha hospedaria abre-se A GARAPINHA ou tenda de caldo de cana com as suas duas grandes porteiros e cadeirinhas austríacas que o dono pintou de branco para convidar ao bate-papo. A PENSÃO OURO PRETO é outra sobrevivência da antiga arte de albergar e, assim, outro protesto da cidade contra o excesso de cómodos.

Vou muito bem acompanhado por quem dedilha a cidade como se um violino fosse: um pernambucano que viveu largamente em Paris e que, assim, lê na alma de Ouro Preto com olhos ao mesmo tempo brasileiros e cosmopolitas. É o meu amigo Pedro Correia de Araújo, perito do Serviço do Património que estende até aqui o calor da conservação e do restauro das coisas veneráveis, que são a cidade inteira. Rodrigo de Melo Franco de Andrade — outra boa amizade feita no Rio de Janeiro ao sabor do seu fino tacto de historiador da arte — sente tanto este mundo mineiro e barroco que aqui tem casa e aqui se refugia nas suas raras horas vagas da direcção do Património e aqui instalou a delegação do Serviço na casa dos Barões de Camargo.

A sede, por si só, é um monumento, apesar da sua modéstia de sobrado colonial apenas mais vasto que os vizinhos da Praça do Palácio. D. Pedro — como familiarmente chamam a Pedro Correia de Araújo — faz gemer as couceiras do portão venerável, e a sua capa espanhola de colchetes de prata, o seu cachimbo aceso como um lança-perfumes povoam o vestibulo lajeado, as escadas, os quartos, como uma família inteira do tempo de D. Pedro II. Os restauradores da talha e das pinturas do Carmo vivem aqui como estudantes. As portas azuis esverdeadas

avivam-se com um rodapé de almagre; os postigos das janelas ostentam os seus ferrolhos práticos. Há bufetes do século XVIII, uma imagem do Salvador com uma auréola-dossel e quatro cravos pregados, sendo um de orelha a orelha. É o patetismo icónico do barroco luso-brasileiro no seu frenesim colonial. Um anjo está suspenso num dos raios da santa auréola.

Presidindo aos manes da casa, o velho Barão de Camargo em efígie, de barba passa-queixo, parece que quer sentar-se na preguiçeira de palhinha do casarão provincial. Uma pequena galeria dá para um pátio interior onde se ouviriam escarvar as patas dos pangaréus. De uns quartos para outros há às vezes degraus. O mobiliário aqui reunido já é certamente colectício, mas o sabor antigo naturaliza-se ainda no ambiente morto, intacto.

Assomamos às janelas do terreiro do Paço, que celebra o Tiradentes, e aos bastiões e guaritas da alcáçova setecentista só falta o chapeú e o bacamarte dos vigias e roldas passeando. A pressão do passado destinge aqui já tanto sobre a melancolia, que estou a ver que a excurção acaba no cinemazinho de loja da rua de S. José, que anuncia o FILHO DO ZORRO com Jorge Turner, MALVADA com Bette Davis e Ana Baxter, além de QUANDO EU TE AMEI... Em Ouro Preto é preciso cortar o copo de água do Letes com algum guaraná ou com um pouco de caldo de cana.

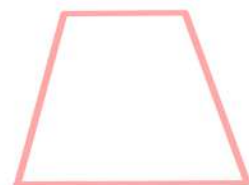
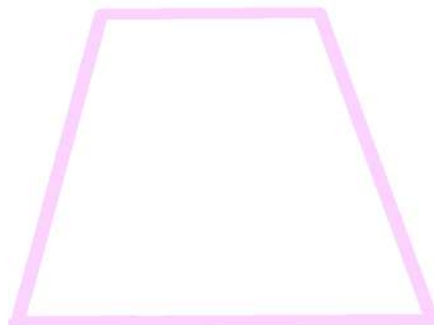
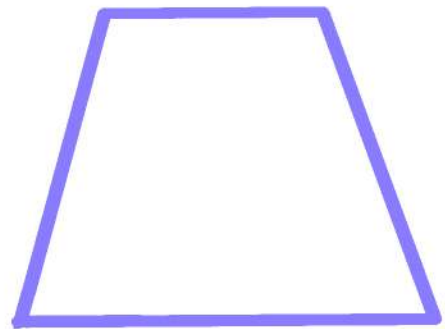
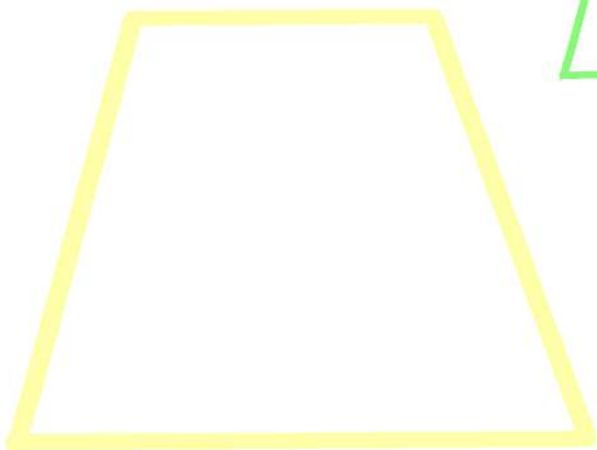
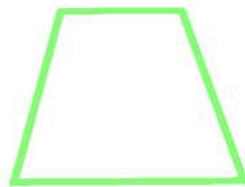
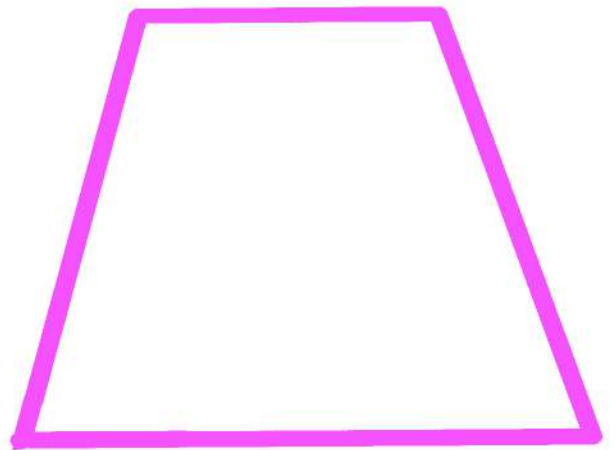
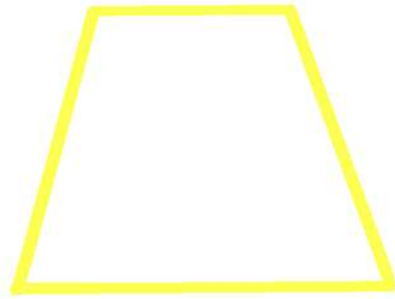
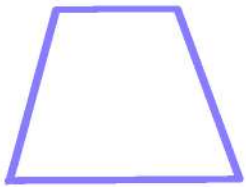
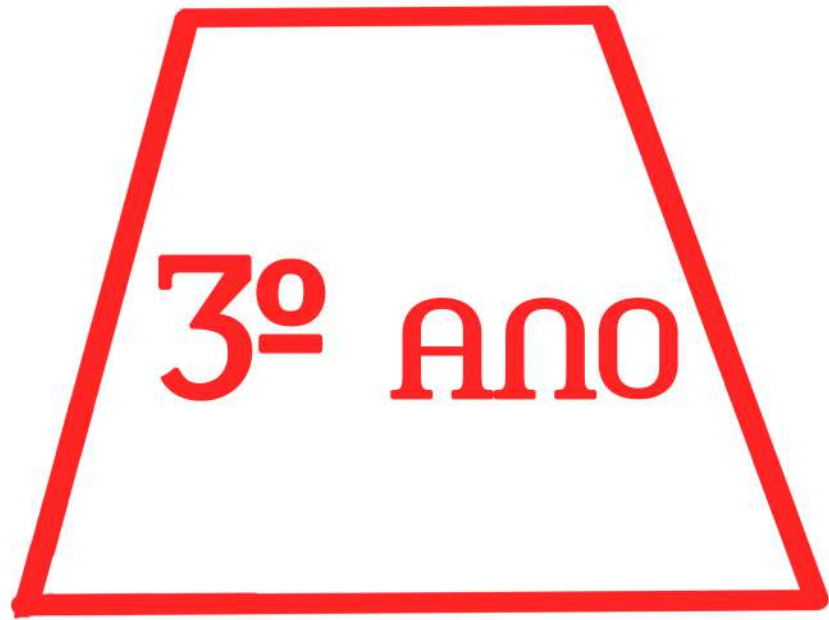
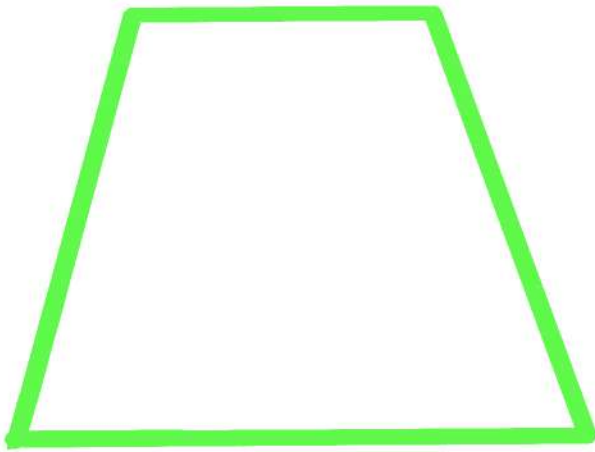
Ouvimos em silêncio os nossos próprios passos nas lajes das rampas ermas. A capa espanhola embuça D. Pedro recortado pela lua-cheia no chão.

OBJETIVO

- Trabalhar as características da crônica.

MÉTODO

- Passar o texto para os alunos, falar sobre as características das crônicas e fazer algumas perguntas a respeito.
1. Do que se trata a crônica?
 2. Por que o texto está em 1ª pessoa?
 3. Quais são as características de uma crônica?
 4. O texto de Nemésio está conforme essas características? Justifique sua resposta.



3

Ariano Suassuna

Auto da Compadecida é uma peça teatral escrita por Ariano em 1955. É, sem dúvidas, sua obra mais conhecida, pois além de ter sido encenada várias vezes em teatros, também virou produção de cinema. A história da peça narra, em três atos, as aventuras de João Grilo e Chicó, dois sertanejos que vivem assolados pela fome, seca e pobreza, e usam de sua criatividade para sobreviver.



A história acontece na região do Nordeste e é marcada pelos seguintes elementos:

- ⇒ Literatura de Cordel;
- ⇒ Traços do barroco católico brasileiro;
- ⇒ Mescla entre cultura popular e tradição religiosa;
- ⇒ A escrita é caracterizada por preservar a linguagem oral;
- ⇒ Regionalismo;
- ⇒ Diferença de classes.

O que será que aconteceu nessa história?



Sugere-se que o docente trabalhe com uma adaptação da história. Disponível na íntegra em: SUASSUNA, Ariano. **Auto da Compadecida**. – 26° ed. – Rio de Janeiro: Agir, 1993.

Aqui encontra-se uma adaptação correspondente ao ato do Julgamento.

JOÃO GRILO

Jesus?

MANUEL

Sim.

JOÃO GRILO

Aquele Jesus a quem chamavam Cristo?

JESUS

A quem chamavam, não, que era Cristo. Sou, por quê?

JOÃO GRILO

Porque... não é lhe faltando com o respeito não, mas eu pensava que o senhor era muito menos queimado.

BISPO

Cale-se, atrevido.

MANUEL

Cale-se você. Com que autoridade está repreendendo os outros? Você foi um bispo indigno de minha Igreja, mundano, autoritário, soberbo. Seu tempo já passou.

JOÃO GRILO

Muito bem. Falou pouco mas falou bonito. A cor pode não ser das melhores, mas o senhor fala bem que faz gosto.

MANUEL

Muito obrigado, João, mas agora é sua vez. Você é cheio de preconceitos de raça. Vim hoje assim de propósito, porque sabia que isso ia despertar comentários. Que vergonha!

PADRE

Eu, por mim, nunca soube o que era preconceito de raça.

ENCOURADO, sempre de costas para Manuel

É mentira. Só batizava os meninos pretos depois dos brancos.

PADRE

Mentira! Eu muitas vezes batizei os pretos na frente.

ENCOURADO

Muitas vezes, não, poucas vezes, e mesmo essas poucas quando os pretos eram ricos.

PADRE

Prova de que eu não me importava com cor, de que o que me interessava...

MANUEL

Era a posição social e o dinheiro, não é, Padre João? Mas deixemos isso, sua vez há de chegar. Pela ordem, cabe a vez ao bispo. (Ao Encourado.) Faça seu relatório.

ENCOURADO

Simonia: negociou com o cargo, aprovando o enterro de um cachorro em latim, porque o dono lhe deu seis contos.

Falso testemunho: citou levemente o Código Canônico, primeiro para condenar o ato do padre e contentar o ricoço Antônio Moraes, depois para justificar o enterro. Arrogância e falta de humildade no desempenho de suas funções: esse bispo, falando com um pequeno, tinha uma soberba só comparável à subserviência que usava para tratar com os grandes.

PROPOSTA DE ATIVIDADE

DEBATE



A modalidade de debate que abordaremos aqui é o debate de oposição. Essa modalidade consiste em dois grupos, com argumentos contrários, dialogarem na tentativa de persuadirem um ao outro sobre a validade de suas opiniões. É importante lembrar que debater não é discutir ou brigar. O debate deve promover o espaço para ambos os lados poderem falar e articular seus argumentos. Dessa forma saber ouvir é uma característica de um bom debatedor, isso pois os argumentos do lado contrário podem ajudar na construção do seu pensamento, afinal no debate é exigida rapidez de raciocínio. Portanto lembre-se, no debate é permitido: argumentos sólidos, perspectivas inteligentes e muito diálogo.



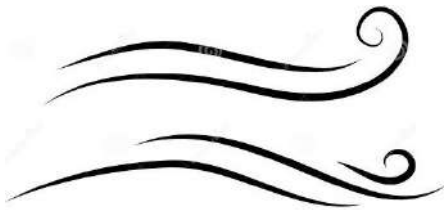
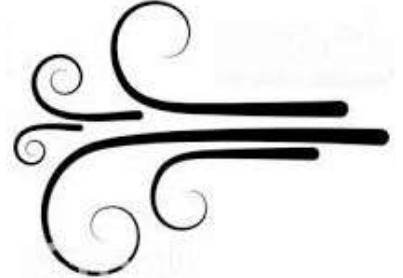
Tendo o docente como mediador, propor um debate de oposições em que a sala se dividirá em dois grupos:

Grupo 1 (defesa): Buscará argumentos que defenda a absolvição de todos os personagens que estão sendo julgados no ato lido.

Grupo 2 (acusação): Buscará argumentos que defenda a condenação de todos os personagens que estão sendo julgados no ato lido.

O vento

O cipreste inclina-se em fina reverência
E as margaridas estremecem, sobressaltadas.
A grande amendoeira consente que balancem
Suas largas folhas transparentes ao sol.
Misturam-se uns aos outros, rápidos e frágeis,
Os longos fios da relva, lustrosos, lisos cílios verdes.
Frondes rendadas de acácias palpitam inquietamente
Com o mesmo tremor das samambaias
Debruçadas nos vasos.
Fremem os bambus sem sossego,
Num insistente ritmo breve.
O vento é o mesmo:
Mas sua resposta é diferente, em cada folha.
Somente a árvore seca fica imóvel,
Entre borboletas e pássaros.
Como a escada e as colunas de pedra,
Ela pertence agora a outro reino.
Se o movimento secou também, num desdenho inerte.
Jaz perfeita, em sua escultura de cinza densa.
O vento percorre o jardim
Pode subir e descer por seus galhos inúmeros:
Ela não responderá mais nada
Hirte e surda, naquele verde mundo sussurrante.



(Cecília Meireles)

Um dos aspectos mais característicos da obra de Cecília Meireles é o uso de fenômenos naturais para dar face aos sentimentos que deseja expor. Em “O Vento” fica evidente outra vez este costume da autora. Você conhece todas as palavras do poema? Grife aquelas cujas você não sabe o que querem dizer e, com a ajuda de ferramentas (dicionário, internet...), pesquise o significado das quais não se tinha conhecimento. Após isso, substitua no texto e discorra sobre o que o poema fala. Lembre-se de que a interpretação de um poema é, muitas vezes, subjetiva.

3

Clarice Lispector

ESTUDO DO GÊNERO TEXTUAL ENTREVISTA A PARTIR DA TEMÁTICA DAS RELAÇÕES FAMILIARES, PRESENTES NOS CONTOS DE CLARICE LISPECTOR

Os contos de Clarice Lispector tem como pano de fundo o cotidiano, principalmente no que se refere a família. Por conseguinte, as relações familiares são algo muito presente em sua escrita, sendo que as relações mais presentes são entre pais e filhos e relações amorosas, a partir dessa temática, se pode construir discussões a cerca disso e conhecimentos sobre o gênero entrevista.

Conto:

LAÇOS DE FAMÍLIA

Enredo

Esse conto fala sobre Catarina, que vai até a estação de trem levar sua mãe, que iria embora depois de haver passado as férias em sua casa, contudo, durante o trajeto de taxi para a estação, depois de o carro frear elas acabam esbarrando uma na outra, tendo uma proximidade que a tempos não possuíam, isso faz com que algo mudasse nas personagens, como se relembassem do amor que sentem uma pela outra.

Quando Catarina volta para casa, acaba vendo as coisas de uma maneira diferente, o que é visto pela surpresa expressa pela personagem quando o filho a chama de mãe. Então, fazendo algo que não era de seu costume, pois deixa seu marido desconcertado, vai passear com seu filho.

Abaixo, seguem trechos do conto em que aparecem essas relações familiares:

Relações entre pais e filhos:

Catarina e sua mãe, Severina:

*– Não esqueci de nada..., recomeçou a mãe, quando uma freada súbita do carro lançou-as uma contra a outra e fez despencarem as malas. – Ah! ah! – exclamou a mãe como a um desastre irremediável, ah! dizia balançando a cabeça em surpresa, de repente envelhecida e pobre. E Catarina?

Catarina olhava a mãe, e a mãe olhava a filha, e também a Catarina acontecera um desastre? seus olhos piscaram surpresendidos, ela ajeitava depressa as malas, a bolsa, procurando o mais rapidamente possível remediar a catástrofe. Porque de fato sucedera alguma coisa, seria inútil esconder: Catarina fora lançada contra Severina, numa intimidade de corpo há muito esquecida, vinda do tempo em que se tem pai e mãe. Apesar de que nunca se haviam realmente abraçado ou beijado. Do pai, sim. Catarina sempre fora mais amiga. Quando a mãe enchia-lhes os pratos obrigando-os a comer demais, os dois se olhavam piscando em cumplicidade e a mãe nem notava. Mas depois do choque no táxi e depois de se ajeitarem, não tinham o que falar – por que não chegavam logo à Estação?

Nesse conto, é possível perceber que a relação entre mãe e filha não é muito próxima, sendo que Catarina demonstra que quer que sua mãe vá embora e o narrador também revela que ela não a amava.

Porém, sua mãe, quando pergunta se esqueceu de algo, parece não se referir a algo material, mas sim a algo que ela esqueceu de dizer.

Depois da aproximação no carro, esse sentimento de amor entre as duas parece ser reavivado, porém elas não tem tempo o suficiente para reatar verdadeiramente seu relacionamento.

* Este e os demais fragmentos textuais apresentados nesta atividade, são parte do conto *Laços de família* que pode ser encontrado, integralmente, no seguinte endereço eletrônico: <http://contobrasileiro.com.br/os-lacos-de-familia-conto-de-clarice-lispector/>

3

Fernando Sabino

A crônica retrata uma realidade de muitas pessoas em nosso país e, por isso é de suma importância tratar desse tema em sala de aula. Para isso, propomos a leitura da crônica “Conversa de Motorista” de Fernando Sabino e a reflexão dela em sala, que pode ser baseada nas seguintes questões:

Conversa de Motorista

- Nem bem o homem entrou no táxi, senti uma coisa fria me espetar o pescoço, aqui do lado direito. Olhei com o rabo do olho e vi que era uma faca, comprida e fina. Eu mal havia prestado atenção no homem, para mim era um passageiro como outro qualquer. Agora, olhando pelo espelho, podia ver a cara dele, também comprida e fina, mas de sofrimento e miséria. Não reage não que eu te mato, ele falou, com voz trêmula: me passa todos o dinheiro.

- Apesar da faca no meu pescoço, ou por cauda dela, eu pensava rápido uma maneira de sair daquela: lá se ia todo o meu rico dinheirinho, que era a fêria daquele dia. Uma fêria das boas, pra quem mal tem feito pra pagar a gasolina. Então, apesar do medo todo, procurei ganhar tempo: calma, companheiro, eu falei mansinho pra ele, cuidado com essa faca que você me machuca, eu vou te dar tudo, não precisa de violência.

- E como ele ficasse quieto esperando, continuei: tanta gente por aí nadando em dinheiro e você tomar de outro pobre feito eu. Por que fazer isso logo comigo, companheiro? E já apalpando o bolso pra tirar o dinheiro e passar pra ele, eu a ponta da faca já estava me machucando o pescoço.

- Foi quando de repente ele me responde: faço isso porque estou desesperado, não sou ladrão, nunca roubei, mas tenho cinco filhos em casa morrendo de fome.

- Então eu respirei fundo e continuei: entendo a sua situação, a vida está dura mesmo, vou te dar tudo, já disse, mas cuidado com essa faca, não é preciso de matar, também tenho filho pra sustentar. E propus, ali na marra: olha, vamos fazer uma coisa. Isto aqui é toda a fêria de hoje. Se você concordar, fico com uma parte pra gasolina e te dou o resto. Mas se é verdade mesmo o que você está me dizendo, então larga essa faca e vamos juntos comprar com esse dinheiro mantimento pros seus meninos. Pela felicidade da minha mulher e dos meus filhos que estou falando a verdade, e acredito que você também está. Mas primeiro larga essa faca.

- Então, pra surpresa minha, ele atirou a faca no banco da frente. E ficamos os dois no táxi em movimento, ele sentado na ponta do banco e debruçado no da frente, eu dirigindo como se ele fosse um simples passageiro de conversa comigo. Mas a minha cabeça ia no meio de uma nuvem: sem faca, eu podia acabar com ele, fácil, fácil.

- Em vez disso, pra encurtar conversa: parei em frente do primeiro supermercado e desce-mos os dois pra comprar mantimento, ele escolhendo e eu fazendo as contas. Só comprou coisa de comer e de primeira necessidade: era um sujeito com cara aflita e encardida de pobreza, agora eu podia reparar. Não tinha mesmo jeito de assaltante e teve um momento que até me pareceu mais tranquilo, como se fosse um companheiro meu ali fazendo compras. Paguei, levamos tudo pro carro, perguntei onde é que ele morava. Era uma favela, ele foi me indicando o caminho.

- Quando chegamos, fez questão que eu subisse até lá, pra ir olhar no barraco a verdade do que havia dito. E era mesmo, pude ver com estes olhos: uma escadinha de cinco meninos maltrapilhos e famintos, amontoados naquele barraco com bichos, uma miséria danada. E tudo morrendo de fome. A mulher dele nos olhava com aquele jeito parado de quem já acostumou a sofrer. Fiquei revoltado, mas que é que se pode fazer? Só mesmo assaltando. É uma panela de pressão, os ricos não estão ligando, mas isso mais dia menos dia vai estourar.

- Quando saí de lá, vi que ele estava com vergonha de me olhar. Não tive nem coragem de me despedir, fui embora sem me virar pra trás. Olha aí, estamos em Copacabana, onde é mesmo que o senhor quer ficar?

Do que trata a crônica?

(O taxista foi assaltado por um homem que dizia fazer aquilo para poder dar o que comer aos seus cinco filhos.)

Qual o grande problema apresentado que ocorre com muitas pessoas em nosso país?

(A questão de uma pessoa precisar recorrer a um ato ilegal e imoral para dar o que comer aos seus filhos. Trata também da fome que, para muitos, não existe no país.)

Por que, em sua opinião, o homem decidiu assaltar o taxista?

(Provavelmente por ser “uma presa fácil”, ou seja, seria para ele uma maneira mais fácil e menos exposta de se conseguir algum dinheiro.)

O que você achou da atitude do motorista? Você faria o mesmo?

(Resposta pessoal dos alunos, fazer com que eles reflitam sobre.)

E se você estivesse no lugar do homem, você faria o mesmo por seus filhos?

(Resposta pessoal dos alunos, fazer com que eles reflitam sobre.)

O que retrata a última frase da crônica?

(O taxista volta ao seu trabalho de rotina, em que, provavelmente, seu passageiro é um senhor rico. Retrata a nítida desigualdade social.)

Outros questionamentos podem ser feitos. Em seguida propõe-se ao aluno a produção de um texto dissertativo-argumentativo e que aborde a questão tratada na crônica, tendo consciência de questionamentos como:

Por que muitas pessoas precisam sujeitar-se a tal situação para poder sobreviver?

Fome no Brasil existe?

Pai de grande família desempregado, o que fazer?

Qual a proporção que tomou a desigualdade social?

O professor pode sugerir outros questionamentos. A produção pode ajudar os alunos nas redações dos vestibulares que muitos farão, como o Enem, por exemplo, que segue este modelo de texto.

Florbela espanca, nasceu em 8 de dezembro de 1895, em Vila Viçosa, foi uma poetisa portuguesa a qual deixou suas marcas no mundo através de versos e obras repletas de nostalgia, dor e um desejo de alcançar a felicidade. Sua saudade teve inspiração na realidade de seus matrimônios fracassados, na perda de seus entes queridos e em sua saúde frágil, acompanhada da depressão. Foi precursora do movimento de emancipação feminina de seu país, escreveu em seu último ano um diário no qual se despede, assim, se suicidando no dia de seu aniversário, em 8 de dezembro de 1930.

À MARGEM DE UM SONETO

A poetisa, vestida de veludo branco e negro como uma andorinha, estendeu a mão delgada, onde as unhas punham um reflexo de joias, ao visitante que surgia à porta da salinha iluminada.

As grandes flores dos cretones claros davam ao pequeno aposento um ar alegre de festa íntima. O irradiador aceso espalhava por todo ele uma temperatura deliciosa. Nas paredes, pratos da China preciosos; uma praça de aldeia cheia de sol, de Alberto Sousa. Aqui e ali, espalhados por colunas e mesinhas, os sorrisos amigos de meia dúzia de fotografias. Três jarras enormes, ajoujadas de camélias brancas, puríssimas, lembrando, na sua gelada perfeição, exangues flores de cera.

Lá fora, a tarde de Novembro desdobrava-se em véus lutuosos, encostava-se às vidraças como cortinados de burel pardo, opacos e pesados. O mugido das sirenas rasgava as sombras do crepúsculo em gemidos lamentosos, carregados de desolação e tristeza.

— Sabe? Fechei hoje o meu livro de versos...

E num sorriso radioso:

— Com um belo soneto!

O sorriso dele tornou-se mais caridoso, deu-lhe maior luminosidade aos olhos sérios, distendeu-lhe as linhas duras da boca de lábios finamente desenhados.

Sentou-se na cadeira que ela lhe indicava, circunvagou pela salinha, acolhedora e íntima, um olhar satisfeito e murmurou:

— Diga.

A poetisa concentrou-se, fixou os olhos num ponto do espaço, num olhar já vago como afogado em sonho e, docemente, numa doce voz macia e triste, começou, enquanto desfiava num gesto inconsciente as grandes contas

do seu colar cor-de-rosa:

*Tudo cai! Tudo tomba! Derrocada
Pavorosa! Não sei onde era dantes
O meu solar, meus palácios, meus mirantes!
Não sei de nada, Deus, não sei de nada!*

*Passa em tropel febril a cavalgada
Das paixões e loucuras triunfantes!
Rasgam-se as sedas, quebram-se os diamantes!
Não tenho nada, Deus, não tenho nada!*

*Pesadelos de insónia ébrios de anseio!
Loucura a esboçar-se, a anoitecer
Cada vez mais as trevas do meu seio!*

*Ó pavoroso mal de ser sozinha!
Ó pavoroso e atroz mal de trazer
Tantas almas a rir dentro da minha!...*

Um longo silêncio... As sirenas mugiam lá fora, cada vez mais lamentosas e mais tristes. Uma camélia desabou de repente, numa chuva de pétalas sobre o tapete.

— Então? — pronunciou a poetisa, baixinho.

E a voz dele, comovidamente, murmurou:

— Como você é dolorosa! Dir-lhe-ia bem o nome de irmãzinha das dores. Nos seus olhos parece caber toda a tristeza deste mundo, a sua boca é já um belo verso doloroso e a sua voz é a própria dor em música...

Fragmento retirado do livro "Máscaras do Destino"

A seguinte atividade tem como objetivo trabalhar a leitura interpretativa dos alunos, bem como o conhecimento e escrita do gênero crônica. Sendo esta, produzida em quantas aulas o professor desejar.

1. Primeiramente, sugere-se a apresentação da biografia da autora (a localizando historicamente), para então realizar uma leitura reflexiva do conto.

2. Logo após, o gênero conto pode ser apresentado, seguido de perguntas que reflitam sobre o texto. Sugere-se que as questões liguem os acontecimentos do conto aos dias atuais de forma reflexiva.
3. Ademais, recomenda-se que perguntas sobre intertextualidade sejam feitas, para que assim o gênero crônica possa ser apresentado e haja ligação com o texto anterior, esclarecendo a diferença entre ambos gêneros.
4. Por fim, deve ser apresentada a atividade de escrita de uma crônica com base na leitura do conto e sua interpretação.



3

Jorge Amado



“*A morte e a morte de Quincas Berro D’água*”, de Jorge Amado, foi publicada na segunda fase do modernismo brasileiro, no ano de 1959.

Joaquim Soares da Cunha, era um homem respeitado, funcionário público que seguiu sua carreira de trabalhador honesto até os 50 anos de idade, quando decidiu viver outra vida com bebedeiras e prostitutas, por isso recebeu o apelido de Quincas Berro D’água.

O livro busca desvendar as possíveis mortes de Quincas, a primeira ao abandonar a família, que seria sua morte moral, a segunda quando promete ervas a uma amiga, cuja passa em seu quarto e o encontra estirado no chão e a terceira é no dia do velório, quando os melhores amigos decidem dar uma volta com o defunto e acontece algo inesperado.

Proposta:

A partir do pequeno esboço, ler a obra completa, dividir a turma em doze grupos, ou seja, cada grupo com um capítulo, ao qual devem apresentar em sequência o desenrolar da história.

Essa apresentação deve ser feita em forma de dramatização ao vivo ou gravada com no máximo 15 minutos de duração.



José Saramago

AS PALAVRAS DE SARAMAGO

Catálogo de reflexões pessoais, literárias e políticas

Elaborado a partir de declarações do autor recolhidas na imprensa escrita

Organização e seleção de FERNANDO GÓMEZ AGUILERA

Neste componente, iremos explorar o universo do escritor através de suas palavras, que ao longo de sua carreira literária, percorreu por várias vertentes no meio acadêmico, está coleção reúne reflexões pessoais, literárias e política, vivida pelo escritor que deixou um vasto legado escrito na imprensa escrita, este é um trabalho do escritor Fernando Gómez Aguilera que catalogou e organizou estas obras e o fez em forma de livro, em decorrência deste, iremos nos debruçar no capítulo 3, no que diz respeito de quem é este como cidadão, intitulado “O CIDADÃO QUE SOU,“ que irá abordar vários assuntos como por exemplo: Compromisso, Comunismo, Cidadania, Não, Democracia, Iberismo, América Latina, Europa, Política, Meios de comunicação, Direitos humanos, Pensamento crítico. Assuntos hoje muito pertinente e contemporâneos o que nos força a trazer para os educandos, uma forma coerente a criticidade de sua existência como cidadãos, incentivando a criar analogias com seu cotidiano e meio social em que vive.

Eu sou uma pessoa pacífica, sem demagogia nem estratégia. Digo exatamente o que penso. E o faço de forma simples, sem retórica. As pessoas que se reúnem para me ouvir, e com sua independência concordam ou não com o que penso, sabem que sou honesto, que não procuro conquistar nem convencer ninguém. Parece que a honestidade não é muito usada nos tempos atuais. Elas vêm, ouvem e se vão contentes como quem tem necessidade de um copo de água fresca e o encontra ali. Eu não tenho nenhuma ideia do que vou dizer quando estou diante das pessoas. Mas sempre digo o que penso. Ninguém nunca poderá dizer que eu o enganei. As pessoas têm a necessidade de que se fale com elas com honestidade.

José Saramago, 2003

Comunismo: Saramago se filiou ao Partido Comunista Português (pcp) em 1969 — embora fosse seu colaborador desde antes disso — e, a partir de então, foi militante ativo até o começo dos anos 1990. Seu vínculo continuou vivo até os últimos dias de vida, passando por cima das idas e vindas sofridas pelo marxismo no século xx [...] “O meu partido tem as suas ideias e eu tenho as ideias do meu partido, mas não necessariamente da mesma maneira.” “A facilidade de ser ibérico”, Expresso, Lisboa, 8 de novembro de 1986 [Entrevista a Clara Ferreira Alves, Francisco Belard e Augusto M. Seabra].

Cidadania: Saramago diagnosticava e ao mesmo tempo combatia as doenças que acometem a democracia identificando como um dos germes patogênicos desta a contração dos cidadãos e o abandono das responsabilidades cívicas, substituídos pelo desvio consumista, o individualismo e a preguiça não solidária da sociedade do bem-estar. Por isso, não hesitava na hora de colocar a cidadania no centro de uma administração pública apropriada e, conseqüentemente, na perspectiva da regeneração política. [...]”Falta, então, desenvolver a participação como cultura, por forma a lutar contra o espírito do “Quem vier atrás que feche a porta”. E quando deixar de haver porta para fechar!?” “José Saramago defende Ensaio sobre a cegueira: “Não usamos racionalmente a razão que temos” A Capital, Lisboa, 4 de novembro de 1995 [Entrevista a António Rodrigues].

América Latina: Saramago se tornou um firme defensor dos direitos dos povos nativos, expondo a exclusão e a desigualdade de que são vítimas, reivindicando o respeito à sua dignidade e instando as autoridades do continente a “solucionarem a questão indígena”, do Rio Grande à Patagônia. Na sua avaliação, essa causa deveria constar como prioritária na agenda dos governantes da América Latina. [...] “Vejo [o continente americano] como um todo. Claro que existem os países — Argentina, Chile, Paraguai, Peru e outros —, mas vejo o continente como um território que deveria ser considerado como um todo.” “En busca de un nombre”, La Jornada (Suplemento La Jornada Semanal), Cidade do México, 8 de março de 1998 [Entrevista a Juan Manuel Villalobos].

Direitos Humanos : No dia 10 de dezembro, por ocasião do banquete oferecido aos prêmios Nobel de 1998, após a entrega oficial da medalha, o escritor dedicou seu discurso à denúncia da falta de cumprimento da Declaração Universal dos Direitos Humanos por parte dos governos, coincidindo com o quinquagésimo aniversário da Carta. [...] Para Saramago, os direitos humanos constituíam um binômio inseparável dos deveres humanos e representavam a outra face da moeda da democracia [...] “Os direitos humanos não são cumpridos em lugar algum. O direito à vida, a uma existência honrosa, o direito de comer e trabalhar, de ter saúde e educação. O grande combate da cidadania deve ser o combate pelos direitos humanos.” “En Colombia no hay guerrillas sino bandas armadas”, El Tiempo, Bogotá, 28 de novembro de 2004 [Entrevista a Yamid Amat]. Aqui alguns pensamentos e fala do escritor que se propôs a defender seu ponto de vista suas teses suas filosofias e crenças que era coerente ao opinar e debater os mais variados assuntos.

Eu sei o que é, sei o que digo, sei por que o digo e prevejo, normalmente, as conseqüências daquilo que digo. Mas não é por um desejo gratuito de provocar as pessoas ou as instituições. Pode ser que se sintam provocadas, mas aí o problema já é delas. A pergunta que faço é por que é que eu me hei de calar quando acontece alguma coisa que mereceria um comentário mais ou menos ácido ou mais ou menos violento. Se andássemos por aí a dizer exatamente o que pensamos — quando valesse a pena —, teríamos outra forma de viver. Estamos numa apatia que parece que se tornou congênita e sinto-me obrigado a dizer o que penso sobre aquilo que me parece importante.

José Saramago, 2008

Aplicando as atividades

Como vimos anteriormente nos textos do escritor FERNANDO GÓMEZ AGUILERA que reuniu varias falas do escritor José Saramago, pensando que o alunos foi estimulado a pensar o seu lado critico em “o cidadão que sou” baseado nos experimentos do autor, incentive seu aluno a criar a parti de sua experiencia de mundo, a Trabalhar com elaboração de texto de opinião individuais, e no final da atividade produzir em grupo um artigo, baseado no texto.

Elaborar debates é sempre um desafios porém em certos casos ainda é uma boa ferramenta de aprendizagem. exemplo de debates crie vários grupos com os temas levantados pelo autor em que o aluno ou grupo iram defender seus argumentos em replica e treplica, confrontando os grupos entre si, estipule o tempo para cada grupo e não esqueça do mediador que neste caso a figura do professor é a mais indicada.

Dizem-me que as entrevistas valeram a pena. Eu, como de costume, duvido, talvez porque esteja cansado de me ouvir. O que para outros ainda pode ser novidade, para mim se transformou, com o passar do tempo, em comida requentada. Ou coisa pior, amarga-me a boca a certeza de que umas tantas coisas sensatas que pude dizer durante a vida não terão, no fim das contas, nenhuma importância. E por que haveriam de ter? Que significado tem o zumbido das abelhas dentro da colmeia? Acaso lhes serve para se comunicarem umas com as outras?

José Saramago, 2008

3

Lygia Fagundes Telles

Propõe-se fazer a leitura do Conto “As Formigas”, em voz alta, até parte onde as personagens percebem a mudança de lugar dos ossos do anão, momento em que o suspense se inicia. Entregar então, a parte final do Conto para que todos leiam o clímax e o desfecho da história.

As Formigas” de Lygia Fagundes Telles

“As formigas” conta a história de duas amigas, primas e universitárias que se mudam para uma pensão, um ambiente decadente, velho e sombrio. As garotas vão se instalar num quarto da pensão e descobrem que o antigo morador deixou lá um caixote com uns ossos guardados. Durante a noite, o quarto é tomado por um cheiro de bolor e por uma invasão de formigas que não se sabe de onde vem e que tomam o recipiente onde está guardado os ossos, embaixo da cama da garota.

O que deixa a narrativa mais intrigante é que quando vão investigar o que teria atraído as formigas na caixa percebem que a posição dos ossos havia se mexido.

Disponível na íntegra em: TELLES, Lygia Fagundes. **Seminário dos ratos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009 [1977].

Após a leitura, iniciar uma análise do texto, destacando as atitudes dos personagens e do ambiente da narrativa. Trabalhar a estrutura do texto, destacando-se que trata de um texto narrativo, que apresenta um início harmônico, uma situação conflitante no meio da narrativa e um desfecho que é a solução do conflito.

Buscando uma intertextualidade com o Conto acima lido será apresentado o curta-metragem, “Vincent” do diretor Tim Burton.

Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=W_1IEZlj8g.



Instigar os alunos a fazerem uma análise dos personagens na narrativa fílmica e também estabelecer relações com as do texto narrativo da Lygia, quais os pontos comuns presentes em ambas as narrativas.

Explicar brevemente o conteúdo temático presentes tanto no conto, quanto no curta-metragem, que é os Gêneros Fantástico, Maravilhoso e Estranho.

Fonte: <https://static.todamateria.com.br/upload/co/nt/contofantasticoimagem.jpg>



Atividade proposta:

Com base no conto e no curta-metragem, dividir em dois grupos a turma, e propor a criação de um conto conjuntamente.

Para tal atividade, o professor irá distribuir imagens impressas de quadros famosos para que observem as figuras e criem seus personagens (características físicas e psicológicas), bem como, a ambientação e o tempo histórico (aproximadamente) onde irá se desenrolar a história.

Com a ajuda de um projetor, criar um conto conjuntamente com as ideias dos alunos. A ideia de projetar o conto é para que todos visualizem a história sendo escrita.

Um dica de pinturas para aguçar a imaginação dos alunos são as obras de René Magritte.

Disponível em: <https://www.culturagenial.com/obras-magritte/>

3

Machado de Assis

Missa do galo é um conto narrado por Nogueira, em primeira pessoa, sendo uma recordação de quando tinha dezessete anos, e estava hospedado na casa de um escrivão, chamado Meneses o qual foi casado em primeiras nupcias com uma prima dele. Agora Meneses era casado com uma mulher de 30 anos, chamada Conceição. Na casa vivem Meneses, Conceição e sua mãe, e duas escravas, com mais o hóspede Nogueira o qual está ali para cumprir com seus estudos. Meneses uma noite por semana dormia fora, falando que ia para o cinema, mas na realidade traia sua esposa, todos sabiam, mas mantinham silêncio.

Certa noite, enquanto Meneses dormia fora, Nogueira ficaria até a meia-noite acordado para ir a missa do galo, o qual tinha marcado com seu vizinho de irem juntos. Perto de dar o horário Conceição chegou do quarto e começaram uma conversa, o que fez Nogueira admirar Conceição, pois o que via antes era apenas uma mulher infeliz e quieta. O horário se passou e a conversa prosseguiu com alegria, até que o vizinho o chamou, avisando que já era horário da missa que tanto esperavam. No outro dia Conceição estava calada como no restante dos dias. Nogueira partiu de férias e sua antiga cidade e recebeu a notícia que Meneses havia falecido, e Conceição se casara novamente, depois disso, nunca mais a encontrou.

ATIVIDADE: dividir a turma em 2 ou 3 grupos e passar o conto a cada um. A ideia é que eles apresentem o conto. O conto pode ser dividido em fases e os alunos podem fazer um revezamento para a apresentação. O narrador deve sempre dar ênfase aos detalhes que devem ser narrados e pode usar do improvisado. Os alunos devem usar a criatividade para montar um diálogo entre os personagens.

Chegamos por fim ao último ano da Educação Básica. Etapa decisiva para a vida de nossos jovens e adultos. E digo assim, nossos jovens e adultos, pois é ainda que não legalmente mas moralmente, atribuído aos educadores o apoio e incentivo aos estudantes nesta fase. É nesta fase sobretudo que a autonomia do pensamento crítico-reflexivo precisa surgir ou ao menos, gatinhar.

Assim, propõe-se o trabalho com a seguinte obra do autor moçambicano :

Nas águas do tempo

Meu avô, nesses dias, me levava rio abaixo, enfilado em seu pequeno concho. Ele remava, devagaroso, somente raspando o remo na correnteza. O barquito cabecinhava, onda cá, onda lá, parecendo ir mais sozinho que um tronco desabandonado.

— Mas vocês vão aonde?

Era a aflição de minha mãe. O velho sorria. Os dentes, nele, eram um artigo indefinido. Vovô era dos que se calam por saber e conversam mesmo sem nada falarem.

— Voltamos antes de um agorinha, respondia.

Nem eu sabia o que ele perseguia. Peixe não era. Porque a rede ficava amolecendo o assento. Garantido era que, chegada a incerta hora, o dia já crepusculando, ele me segurava a mão e me puxava para a margem. A maneira como me apertava era a de um cego desbengalado. No entanto, era ele quem me conduzia, um passo à frente de mim. Eu me admirava da sua magreza direita, todo ele musculíneo. O avô era um homem em flagrante infância, sempre arrebatado pela novidade de viver.

Entrávamos no barquinho, nossos pés pareciam bater na barriga de um tambor. A canoa solavanqueava, ensonada. Antes de partir, o velho se debruçava sobre um dos lados e recolhia uma aguinha com sua mão em concha. E eu lhe imitava.

— Sempre em favor da água, nunca esqueça!

Era sua advertência. Tirar água no sentido contrário ao da corrente pode trazer desgraça. Não se pode contrariar os espíritos que fluem.

Depois viajávamos até ao grande lago onde nosso pequeno rio desaguava. Aquele era o lugar das interditas criaturas. Tudo o que ali se exibia, afinal, se inventava de existir. Pois, naquele lugar se perdia a fronteira entre água e terra. Naquelas inquietas calmarias, sobre as águas nenufaralhudas, nós éramos os únicos que preponderávamos. Nosso barquito ficava ali, quieto, sonecendo no suave embalo. O avô, calado, espia as longínquas margens. Tudo em volta mergulhava em cacimbações, sombras feitas da própria luz, fosse ali a manhã eternamente ensonada. Ficávamos assim, como em reza, tão quietos que parecíamos perfeitos.

De repente, meu avô se erguia no concho. Com o balanço quase o barco nos deitava fora. O velho, excitado, acenava. Tirava seu pano vermelho e agitava-o com decisão. A quem acenava ele? Talvez era a ninguém. Nunca, nem por instante, vislumbrei por ali alma deste ou de outro mundo. Mas o avô acenava seu pano.

— Você não vê lá, na margem? Por trás do cacimbo?

Eu não via. Mas ele insistia, desabotoando os nervos.

— Não é lá. É láááá. Não vê o pano branco, a dançar-se?

Para mim havia era a completa neblina e os receáveis aléns, onde o horizonte se perde. Meu velho, depois, perdia a miragem e se recolhia, encolhido no seu silêncio. E regressávamos, viajando sem companhia de palavra.

Em casa, minha mãe nos recebia com azedura. E muito me proibia, nos próximos futuros. Não queria que fôssemos para o lago, temia as ameaças que ali moravam. Primeiro, se zangava com o avô, desconfiando dos seus não propósitos. Mas depois, já amolecida pela nossa chegada, ela ensaiava a brincadeira:

— Ao menos vissem o namwetxo moha! Ainda ganhávamos vantagem de uma boa sorte...

O namwetxo moha era o fantasma que surgia à noite, feito só de metades: um olho, uma perna, um braço. Nós éramos miúdos e saíamos, aventureiros, procurando o moha. Mas nunca nos foi visto tal monstro. Meu avô nos apoucava. Dizia ele que, ainda em juventude, se tinha entrevisto com o tal semifulano. Invenção dele, avisava minha mãe. Mas a nós, miudagens, nem nos passava desejo de duvidar.

Certa vez, no lago proibido, eu e vovô aguardávamos o habitual surgimento dos ditos panos. Estávamos na margem onde os verdes se encaniçam, aflautinados. Dizem: o primeiro homem nasceu de uma dessas canas. O primeiro homem? Para mim não podia haver homem mais antigo que meu avô. Acontece que, dessa vez, me apeteceu espreitar os pântanos. Queria subir à margem, colocar pé em terra não firme.

— Nunca! Nunca faça isso!

O ar dele era de maiores gravidades. Eu jamais assistira a um semblante tão bravio em meu velho. Desculpei-me: que estava descendo do barco mas era só um pedacito de tempo. Mas ele ripostou:

— Neste lugar, não há pedacitos. Todo o tempo, a partir daqui, são eternidades.

Eu tinha um pé meio-fora do barco, procurando o fundo lodoso da margem. Decidi me equilibrar, busquei chão para assentar o pé. Sucedeu-me então que não encontrei nenhum fundo, minha perna descia engolida pelo abismo. O velho acorreu-me e me puxou. Mas a força que me sugava era maior que o nosso esforço. Com a agitação, o barco virou e fomos dar com as costas posteriores na água. Ficámos assim, lutando dentro do lago, agarrados às abas da canoa. De repente, meu avô retirou o seu pano do barco e começou a agitá-lo sobre a cabeça.

— Cumprimenta também, você!

Olhei a margem e não vi ninguém. Mas obedeci ao avô, acenando sem convicções. Então, deu-se o espantável: subitamente, deixámos de ser puxados para o fundo. O remoinho que nos abismava se desfez em imediata calmaria. Voltámos ao barco e respirámos os alívios gerais. Em silêncio, dividimos o trabalho do regresso. Ao amarrar o barco, o velho me pediu:

— Não conte nada o que se passou. Nem a ninguém, ouviu?

Nessa noite, ele me explicou suas escondidas razões. Meus ouvidos se arregalavam para lhe decifrar a voz rouca. Nem tudo entendi. No mais ou menos, ele falou assim: nós temos olhos que se abrem para dentro, esses que usamos para ver os sonhos. O que acontece, meu filho, é que quase todos estão cegos, deixaram de ver esses outros que nos visitam. Os outros? Sim, esses que nos acenam da outra margem. E assim lhes causamos uma total tristeza. Eu levo-lhe lá nos pântanos para que você aprenda a ver. Não posso ser o último a ser visitado pelos panos.

— Me entende?

Menti que sim. Na tarde seguinte, o avô me levou uma vez mais ao lago. Chegados à beira do poente ele ficou a espreitar. Mas o tempo passou em desabitual demora. O avô se inquietava, erguido na proa do barco, palma da mão apurando as vistas. Do outro lado, havia menos que ninguém. Desta vez, também o avô não via mais que a enevoada solidão dos pântanos. De súbito, ele interrompeu o nada:

— Fique aqui!

E saltou para a margem, me roubando o peito no susto. O avô pisava os interditos territórios? Sim, frente ao meu espanto, ele seguia em passo sabido. A canoa ficou balançando, em desequilíbrio com meu peso ímpar. Presenciei o velho a alonjar-se com a discrição de uma nuvem. Até que, entre a neblina, ele se declinou em sonho, na margem da miragem. Fiquei ali, com muito espanto, tremendo de um frio arrepiado. Me lembro de ver uma garça de enorme brancura atravessar o céu.

Parecia uma seta trespassando os flancos da tarde, fazendo sangrar todo o firmamento. Foi então que deparei na margem, do outro lado do mundo, o pano branco.

Pela primeira vez, eu coincidia com meu avô na visão do pano. Enquanto ainda me duvidava foi surgindo, mesmo ao lado da aparição, o aceno do pano vermelho do meu avô. Fiquei indeciso, barafundado. Então, lentamente, tirei a camisa e agitei-a nos ares. E vi: o vermelho do pano dele se branqueando, em desmaio de cor. Meus olhos se neblinaram até que se poentaram as visões.

Enquanto remava um demorado regresso, me vinham à lembrança as velhas palavras de meu velho avô: a água e o tempo são irmãos gêmeos, nascidos do mesmo ventre. E eu acabava de descobrir em mim um rio que não haveria nunca de morrer. A esse rio volto agora a conduzir meu filho, lhe ensinando a vislumbrar os brancos panos da outra margem.

Mia Couto

Após a apresentação do conto, sugere-se a apresentação do autor aos alunos e a contextualização de que Mia Couto escreve muitas vezes usando de metáforas para expressar críticas sociais ou análise da situação histórica e econômica de seu país. A contextualização pode ser oral, tendo em vista o teor dialógico que sugere-se desenvolver com a turma.

Em seguida, pergunta-se aos alunos:

Você observou a linguagem poética existente no texto?

O que aconteceu com o avô do menino?

Com base nas contribuições dos discentes, problematiza-se o final: o avô foi para o outro lado da margem do rio viver ou morreu?

Para a discussão, pode-se dividir os alunos em duas equipes, propondo a formulação de argumentos com base no texto e nas características debatidas anteriormente.

Feito isto, propõe-se o estabelecimento de algumas regras e conceitos:

Debate é um gênero textual desenvolvido na oralidade e o qual tem por objetivo a apresentação e defesa de argumentos acerca de um determinado assunto.

Regras:

- Em equipes, organizar argumentos em torno do final apresentado na obra para o personagem ancião.
- Cada equipe iniciará três turnos de apresentação de argumentos.
- O argumento deve ser apresentado em até três minutos. A equipe contrária terá direito de réplica em até dois minutos. A equipe inicial fará a tréplica em até um minuto.
- O professor /a professora mediará as discussões, observando o respeito ao tempo.

Por fim, organizam-se os argumentos apresentados e propõe-se a criação de mural coletivo com os argumentos apresentados e exposição da obra literária na íntegra, para acesso e consulta dos demais.

3

Millôr Fernandes

Millôr Fernandes, ao longo de sua vida, não se limitou à literatura, produziu obras provocativas tanto para o sistema político e globalização, quanto para os poderes, em teoria, imparciais da sociedade, mas que têm, ainda hoje, grande notoriedade e importância para moldar o pensamento das pessoas em prol de uma causa, comportamento ou corrente política. O texto a seguir, mostra um pouco do seu pensamento e, ademais, sua preocupação com poder midiático.

Os donos da comunicação Os presidentes, os ditadores e os reis da Espanha que se cuidem porque os donos da comunicação duram muito mais. Os ditadores abrem e fecham a imprensa, os presidentes xingam a TV e os reis da Espanha cassam o rádio, mas, quando a gente soma tudo, os donos da comunicação ainda tão por cima. Mandam na economia, mandam nos intelectuais, mandam nas moças fofinhas que querem aparecer nos shows dos horários nobres e mandam no society que morre se o nome não aparecer nas colunas. Todo mundo fala mal dos donos da comunicação, mas só de longe. E ninguém fala mal deles por escrito porque quem fala mal deles por escrito nunca mais vê seu nome e sua cara nos “veículos” deles. Isso é assim aqui, na Bessarábia e na Baixa Betuanalândia. Parece que é a lei. O que também é muito justo porque os donos da comunicação são seres lá em cima. Basta ver o seguinte: nós, pra sabermos umas coisinhas, só sabemos delas pela mídia deles, não é mesmo? Agora vocês já imaginaram o que sabem os donos da comunicação que só deixam sair 10% do que sabem? Pois é; tem gente que faz greve, faz revolução, faz terrorismo, todas essas besteiras. Corajoso mesmo, eu acho, é falar mal de dono de comunicação. Aí tua revolução fica xinfim, teu terrorismo sai em corpo 6 e se você morre vai lá pro fundo do jornal em quatro linhas. (Millôr Fernandes. Que país é este?, 1978.)

Atividades:

- 1) Quem são os “donos da comunicação?” Cite exemplos do texto conforme a sua resposta.
- 2) Qual a visão do autor sobre os “donos da comunicação”?
- 3) Qual é a sua opinião a respeito? Por quê?
- 4) Como se pode perceber o poder da mídia no cotidiano das pessoas?
- 5) Disserte sobre imparcialidade, existe mídia imparcial?

3

Monteiro Lobato

VELHA PRAGA de Monteiro Lobato publicado em URUPÊS, de 1918 (inicialmente, publicado avulso no jornal “O Estado de S. Paulo”, em 1914). Nesse texto, o autor denuncia as queimadas praticadas pelos caboclos nômades na Serra da Mantiqueira e os problemas por elas causados. Ao mesmo tempo, mostra o descaso em que essas pessoas vivem.

Andam todos em nossa terra por tal forma estonteados com as proezas infernais dos belacíssimos “vons” alemães, que não sobram olhos para enxergar males caseiros.

Venha, pois, uma voz do sertão dizer às gentes da cidade que se lá fora o fogo da guerra lavra implacável, fogo não menos destruidor devasta nossas matas, com furor não menos germânico.

Em agosto, por força do excessivo prolongamento do inverno, “von Fogo” lambeu montes e vales, sem um momento de tréguas, durante o mês inteiro.

Vieram em começos de setembro chuvinhas de apagar poeira e, breve, novo “verão de sol” se estirou por outubro a dentro, dando azo a que se torrasse tudo quanto escapara à sanha de agosto.

A serra da Mantiqueira ardeu como ardem aldeias na Europa, e é hoje um cinzeiro imenso, entremeadado aqui e acolá, de manchas de verdura – as restingas úmidas, as grotas frias, as nesgas salvas a tempo pela cautela dos aceiros. Tudo mais é crepe negro.

À hora em que escrevemos, fins de outubro, chove. Mas que chuva caíinha! Que miséria d’água! Enquanto caem do céu pingos homeopáticos, medidos a conta-gotas, o fogo, amortecido mas não dominado, amoita-se insidioso nas piúcas a fumegar imperceptivelmente, pronto para rebentar em chamas mal se limpe o céu e o sol lhe dê a mão.

Preocupa à nossa gente civilizada o conhecer em quanto fica na Europa por dia, em francos e cêntimos, um soldado em guerra; mas ninguém cuida de calcular os prejuízos de toda sorte advindos de uma assombrosa queima destas. As velhas camadas de humus destruídas; os sais preciosos que, breve, as enxurradas deitarão fora, rio abaixo, via oceano; o rejuvenescimento florestal do solo paralizado e retrogradado; a destruição das aves silvestres e o possível advento de pragas insetiformes; a alteração para piora do clima com a agravação crescente das secas; os vedos e aramados perdidos; o gado morto ou depreciado pela falta de pastos; as cento e uma particularidades que dizem respeito a esta ou aquela zona e, dentro delas, a esta ou aquela “situação” agrícola.

Isto, bem somado, daria algarismos de apavorar; infelizmente no Brasil subtrai-se; somar ninguém soma...

É peculiar de agosto, e típica, esta desastrosa queima de matas; nunca, porém, assumiu tamanha violência, nem alcançou tal extensão, como neste tortíssimo 1914 que, benza-o Deus, parece aparentado de perto com o célebre ano 1000 de macabra memória. Tudo nele culmina, vai logo às do cabo, sem conta nem medida. As queimas não fugiram à regra.

Razão sobeja para, desta feita, encarnarmos a sério o problema. Do contrário a Mantiqueira será em pouco tempo toda um sapezeiro sem fim, erisipelado de samambaias – esses dois términos à uberdade das terras montanhosas.

Qual a causa da renitente calamidade?

E mister um rodeio para chegar lá.

A nossa montanha é vítima de um parasita, um piolho da terra, peculiar ao solo brasileiro como o “Argas” o é aos galinheiros ou o “Sarcoptes mutans” à perna das aves domésticas. Poderíamos, analogicamente, classificá-lo entre as variedades do “Porrigo decalvans”, o parasita do couro cabeludo produtor da “pelada”, pois que onde ele assiste se vai despojando a terra de sua coma vegetal até cair em morna decrepitude, nua e descalvada. Em quatro anos, a mais ubertosa região se despe dos jequitibás magníficos e das perobeiras milenárias – seu orgulho e grandeza, para, em achincalhe crescente, cair em capoeira, passar desta à humildade da vassourinha e, descendo sempre, encruar definitivamente na desdita do sapezeiro – sua tortura e vergonha.

Este funesto parasita da terra é o CABOCLO, espécie de homem baldio, semi-nômade, inadaptável à civilização, mas que vive à beira dela na penumbra das zonas fronteiriças. À medida que o progresso vem chegando com a via férrea, o italiano, o arado, a valorização da propriedade, vai ele refugindo em silêncio,

com o seu cachorro, o seu pilão, a picapau e o isqueiro, de modo a sempre conservar-se fronteiriço, mudo e sorna. Encoscorado numa rotina de pedra, recua para não adaptar-se.

É de vê-lo surgir a um sítio novo para nele armar a sua arapuca de “agregado; nômade por força de vago atavismos, não se liga à terra, como o campônio europeu “agrega-se”, tal qual o “sarcopte”, pelo tempo necessário à completa sucção da seiva convizinha; feito o que, salta para diante com a mesma bagagem com que ali chegou.

Vem de um sapezeiro para criar outro. Coexistem em íntima simbiose: sapé e caboclo são vidas associadas. Este inventou aquele e lhe dilata os domínios; em troca o sapé lhe cobre a choça e lhe fornece fachos para queimar a colméia das pobres abelhas.

Chegam silenciosamente, ele e a “sarcopta” fêmea, esta com um filhote no útero, outro ao peito, outro de sete anos à orela da saia – este já de pitinho na boca e faca à cinta. Completam o rancho um cachorro sarnento – Brinquinho, a foice, a enxada, a picapau, o pilãozinho de sal, a panela de barro, um santo encardido, três galinhas pévas e um galo índio. Com estes simpes ingredientes, o fazedor de sapezeiros perpetua a espécie e a obra de esterilização iniciada com os remotíssimos avós.

Acampam.

Em três dias uma choça, que por eufemismo chamam casa, brota da terra como um urupê. Tiram tudo do lugar, os esteios, os caibros, as ripas, os barrotes, o cipó que os liga, o barro das paredes e a palha do teto. Tão íntima é a comunhão dessas palhoças com a terra local, que dariam idéia de coisa nascida do chão por obra espontânea da natureza – se a natureza fosse capaz de criar coisas tão feias.

Barreada a casa, pendurado o santo, está lavrada a sentença de morte daquela paragem.

Começam as requisições. Com a picapau o caboclo limpa a floresta das aves incautas. Pólvora e chumbo adquire-os vendendo palmitos no povoado vizinho. É este um traço curioso da vida do caboclo e explica o seu largo dispêndio de pólvora; quando o palmito escasseia, raream os tiros, só a caça grande merecendo sua carga de chumbo; se o palmital se extingue, exultam as pacas: está encerrada a estação venatória.

Depois ataca a floresta. Roça e derruba, não perdoando ao mais belo pau. Árvores diante de cuja majestosa beleza Ruskin choraria de comoção, ele as derriba, impassível, para extrair um mel-depau escondido num ôco.

Pronto o roçado, e chegado o tempo da queima, entra em funções o isqueiro. Mas aqui o “sarcopte” se faz raposa. Como não ignora que a lei impõe aos roçados um aceiro de dimensões suficientes à circunscrição do fogo, urde traças para iludir a lei, cocando dest’arte a insigne preguiça e a velha malignidade.

Cisma o caboclo à porta da cabana.

Cisma, de fato, não devaneios líricos, mas jeitos de transgredir as posturas com a responsabilidade a salvo. E consegue-o. Arranja sempre um álibi demonstrativo de que não esteve lá no dia do fogo.

Onze horas.

O sol quase a pino queima como chama. Um “sarcopte” anda por ali, ressabiado. Minutos após crepita a labareda inicial, medrosa, numa touça mais seca; oscila incerta; ondeia ao vento; mas logo encorpa, cresce, avulta, tumultua infrene e, senhora do campo, estruge fragorosa com infernal violência, devorando as tranqueiras, estorricando as mais altas frondes, despejando para o céu golfões de fumo estrelejado de faíscas.

É o fogo-de-mato!

E como não o detém nenhum aceiro, esse fogo invade a floresta e caminha por ela a dentro, ora frouxo, nas capetingas ralas, ora maciço, aos estouros, nas moitas de taquaruçú; caminha sem tréguas, moroso e túbio quando a noite fecha, insolente se o sol o ajuda.

E vai galgando montes em arrancadas furiosas, ou descendo encostas a passo lento e traiçoeiro até que o detenha a barragem natural dum rio, estrada ou grotta noruega.

Barrado, inflete para os flancos, ladeia o obstáculo, deixa-o para trás, esgueira-se para os lados – e lá continua o abrasamento implacável. Amordaçado por uma chuva repentina, alapa-se nas piúcas, quieto e invisível, para no dia seguinte, ao esquentar do sol, prosseguir na faina carbonizante.

Quem foi o incendiário? Donde partiu o fogo?

Indaga-se, descobre-se o Nero: é um urumbeva qualquer, de barba rala, amoitado num litro de terra litigiosa.

E agora? Que fazer? Processá-lo?

Não há recurso legal contra ele. A única pena possível, barata, fácil e já estabelecida como praxe, é “tocá-lo”.

Curioso este preceito: “ao caboclo, toca-se”.

Toca-se, como se toca um cachorro importuno, ou uma galinha que vareja pela sala. E tão afeito anda ele a isso, que é comum ouvi-lo dizer: “Se eu fizer tal coisa o senhor não me toca?”

Justiça sumária – que não pune, entretanto, dado o nomadismo do paciente.

Enquanto a mata arde, o caboclo regala-se.

- Éta fogo bonito!

No vazio de sua vida semi-selvagem, em que os incidentes são um jacú abatido, uma paca fígada n'água ou o filho novimensal, a queimada é o grande espetáculo do ano, supremo regalo dos olhos e dos ouvidos.

Entrado setembro, começo das "águas", o caboclo planta na terra em cinzas um bocado de milho, feijão e arroz; mas o valor da sua produção é nenhum diante dos males que para preparar uma quarta de chão ele semeou.

O caboclo é uma quantidade negativa. Tala cinquenta alqueires de terra para extrair deles o com que passar fome e frio durante o ano. Calcula as sementeiras pelo máximo da sua resistência às privações. Nem mais, nem menos. "Dando para passar fome", sem virem a morrer disso, ele, a mulher e o cachorro – está tudo muito bem; assim fez o pai, o avô; assim fará a prole empanzinada que naquele momento brinca nua no terreiro.

Quando se exaure a terra, o agregado muda de sítio. No lugar fica a tapera e o sapezeiro. Um ano que passe e só este atestará a sua estada ali; o mais se apaga como por encanto. A terra reabsorve os frágeis materiais da choça e, como nem sequer uma laranjeira ele plantou, nada mais lembra a passagem por ali do Manoel Peroba, do Chico Marimbondo, do Jéca Tatú ou outros sons ignaros, de dolorosa memória para a natureza circunvizinha.

A obra **Urupês**, de Monteiro Lobato, nasceu da revolta do autor contra os sertanejos brasileiros, responsáveis, segundo ele, pelo constante incêndio nos campos, através dos quais limpam os terrenos, as famosas queimadas, cometidas em demasia e, portanto, prejudiciais para um proprietário de terras como ele. As histórias que nele estão presentes retratam basicamente a rotina do caipira que habita a região rural de São Paulo, e revelam suas opiniões, hábitos, memórias e símbolos. Elas têm algo mais em comum, um fim dramático e surpreendente. Estes contos nascem, quase sempre, da vivência do autor na vida campestre, como fazendeiro.

Principais contos da obra:

A colcha de retalhos;
Velha praga;
Urupês;

O conto

É uma obra de ficção, um texto ficcional. Cria um universo de seres e acontecimentos de ficção, de fantasia ou imaginação. O conto apresenta um narrador, personagens, ponto de vista e enredo.

Mais curto que a novela ou o romance, o conto tem uma estrutura fechada, desenvolve uma história e tem apenas um clímax. Num romance, a trama desdobra-se em conflitos secundários, o que não acontece com o conto.

Depois de o conto ser lido poderá ocorrer uma análise em sala de aula, deixando livre as opiniões de cada participante e gerando assim uma discussão acerca do assunto tratado na obra. Desse modo também observando a estrutura do conto e como ele foi produzido, sua história e o mais importante o clímax. Trazendo assim como atividade sugerida a produção de um conto, o assunto pode ser livre, do gosto de cada um, utilizando como exemplo o conto de Monteiro Lobato

3

Paulo Leminski

No ano de 2016, fez 40 anos da publicação do “fotolivro” de literatura “*Quarenta clics em Curitiba*” produzida na década de 1970, os autores dessa obra foi Paulo Leminski (curitibano), sendo ele um dos poetas mais expressivos de sua geração em que sua escrita é marcada pela descontração e irreverência poética, e Jack Pires, um fotógrafo reconhecido nacionalmente, nasceu em São Paulo, após lutar na II Guerra Mundial dedicou-se a fotografia, suas obras fazem parte do acervo do Museu de Imagem e do Som.



foto: google imagens

Em 1976, Pires recebeu um convite de Leminski para que ele ilustrasse com fotos os haicais produzidos pelo poeta. As fotografias são de parques, ruas e praças de Curitiba (capital paranaense).

Este trabalho de fotolivro intitulado como “*Quarenta clics em Curitiba*” que teve uma tiragem de apenas 300 cópias, foi primeira bagagem de Leminski como hacaísta (gênero poético de origem japonesa), sendo também o seu único exemplar de “fotolivro”. Com base nisso, Paulo Leminski argumenta:

*“Como pode haver tanta afinidade entre uma velha forma da poesia japonesa e a mais jovem das artes? Os parentescos íntimos entre o haicai e a fotografia me intrigam, desde que, por voltas de 1965, comecei a me interessar por essa estrutura poética mínima que os japoneses praticam há, pelo menos, quatrocentos anos. [...] A certeza desse parentesco me levou a realizar o *Quarenta clics em Curitiba*, com fotos de Jack Pires, mais poemas breves, álbum editado em 1976, em Curitiba, numa caixa com pranchas soltas, uma foto, um haicai.” (Leminski, 2011, p. 139, grifo nosso)*



Fotolivro *Quarenta clics em Curitiba* (Leminski e Pires, 1990).

No *Quarenta clics*, as pranchas funcionam como “recortes” do cotidiano. Que estão embasados em cenas comuns, os haicais representam momentos como: refeições servidas em determinados horários e em lugares tradicionais da cidade, frutas amadurecendo depois de colhidas, a hora do café, etc. Ou seja, as coisas “normais” que acontecem ou que fazem parte do dia a dia.

Na prancha a seguir, foto e haicai capturam um desses instantes, trivial e tipicamente citadino: uma senhora de pé, um balcão ou banca de jornais, um jovem sentado ao lado. Haicai e foto comportam-se como índices de coincidências tempo-espaciais, de acontecimentos aparentemente independentes e sem. O poema fotográfico barthesiano acoplado ao haicai de fim de expediente (“seis horas”).



Reprodução da prancha com o haikai: ruas cheias de gente. / Seis horas. / Comida quente. / Caçarolas (Leminski e Pires, 1990).

Na próxima prancha reproduzida, é notável o “acoplamento” dos sistemas. A imagem está organizada de acordo com um sutil balanço de correspondências sintáticas e de relações entre luzes e sombras. A composição de “claros” e “escuros”, tanto no primeiro quanto no segundo planos, encontra-se bastante equilibrada; a mancha gráfica formada pelo senhor de pé divide o quadro ao meio, produz uma duplicação ou espelhamento de cena. O poema, bastante estruturado, especialmente em termos rítmicos, possui um paralelismo sonoro entre o terceiro e quarto versos (/ar/). Intersemioticamente, o haikai atua como uma questão, ou uma indagação, sobre as qualidades da fotografia, em uma descrição quase direta da cena, um exemplo de metalinguagem enfatizada pela interrogação ao fim do haikai.

<http://www.scielo.br/>



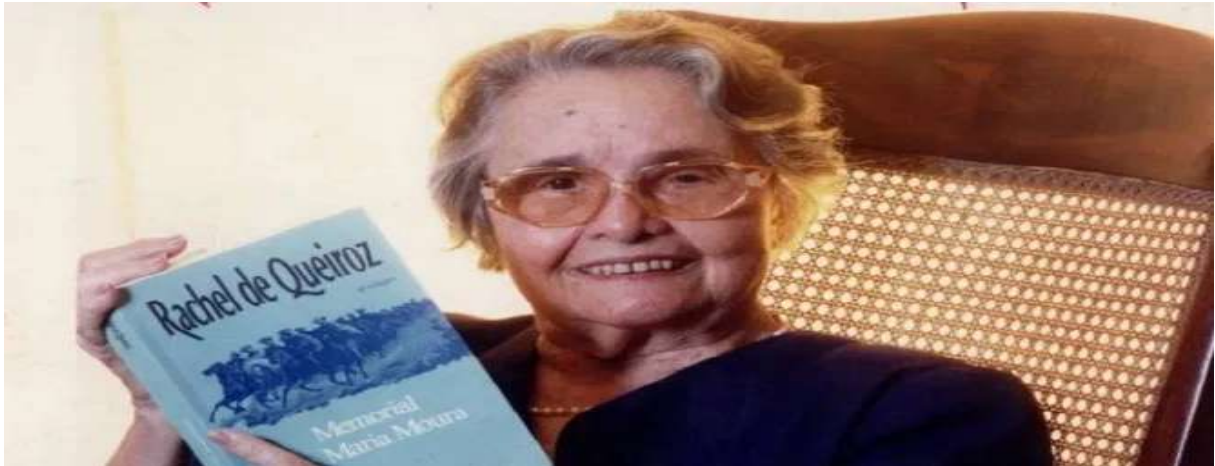
Reprodução da prancha com o haikai: isso aqui / acaso / é lugar / para jogar sombras? (Leminski e Pires, 1990).

ATIVIDADE

Como visto anteriormente, os haicais e fotografias são índices de eventos e também ícones um do outro. Assim, podemos observar suas conformidades estruturais como: elementos visuais e verbais, sua organização rítmica, tanto sonora (haikai) quanto gráfica (foto). Com isso, podemos dizer que a fotografia é o modo mais perfeito de gravar e reproduzir momentos que já aconteceram, ela foi responsável por criar o cinema e a televisão, possuindo uma grande importância na comunicação. A partir do que foi estudado até aqui, é a sua vez de você fotografar! Fotografe um lugar ou um objeto que faz parte de seu cotidiano e que nunca tenha prestado atenção antes, Após isso traga essas fotografias para a sala de aula reveladas ou impressas, e apresente aos seus colegas qual foi o seu objetivo de sua fotografia e o que lhe chamou mais atenção .

3

Rachel de Queiroz



“Memorial de Maria Moura” romance de Queiroz publicado em 1992, porém, a trama situa-se em meados de 1850 no sertão nordestino, na obra são retomados alguns dos temas básicos de Rachel; o Nordeste, a preocupação social, a força da autora como criadora de figuras femininas. A obra foi adaptada para uma minissérie brasileira exibida pela Rede Globo 1994, em 19 capítulos.



Primeira Aula

Apresentar a escritora Rachel de Queiroz e o romance “Memorial de Maria Moura”, realizar a leitura do primeiro capítulo e logo após mostrar a minissérie baseada no livro (somente do capítulo lido).

Segunda Aula

Questionar os alunos sobre as semelhanças e diferenças do livro para a minissérie. Ler e mostrar outros capítulos.

Terceira Aula

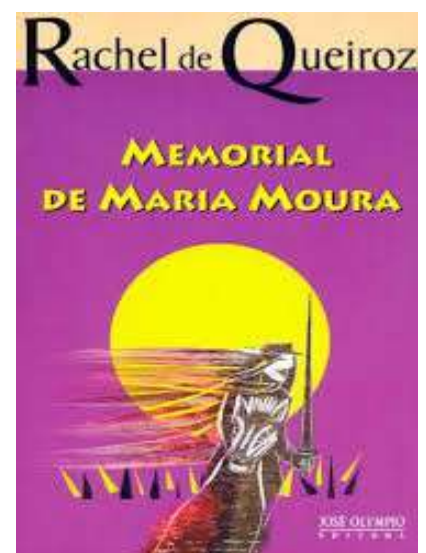
Propor a escrita de um texto dissertativo, sobre as comparações entre o livro e a animação (cenas cortadas, falas, cenário). Trabalhando com a intertextualidade.



Intertextualidade: relação entre dois ou mais textos, sendo que essa relação pode ser notada de formas explícitas ou implícitas. A intertextualidade enriquece o texto por explorar o tema de diferentes formas, neste caso, um romance para uma minissérie de televisão.

O que pode ser analisado: a fidelidade com o texto original (semelhanças e diferenças), do livro para o roteiro; do escritor para o diretor; personagens para atores; as ideias que temos ao ler do cenário e como ele é posto e até mesmo dos personagens. No livro criamos algo homogêneo, é individual de cada um e já uma minissérie é heterogênea, uma massa de pessoas “vêm” da mesma forma.

Minissérie disponível em:
https://www.youtube.com/watch?v=bN9fnNzrjAU&has_verified=1





Vinicius de Moraes

A rosa de Hiroshima

Pensem nas crianças
Mudas telepáticas
Pensem nas meninas
Cegas inexatas
Pensem nas mulheres
Rotas alteradas
Pensem nas feridas
Como rosas cálidas
Mas oh não se esqueçam
Da rosa da rosa
Da rosa de Hiroxima
A rosa hereditária
A rosa radioativa
Estúpida e inválida.
A rosa com cirrose
A antirrosa atômica
Sem cor sem perfume
Sem rosa sem nada.

Embora tenha ficado mais conhecido pela sua lírica amorosa, Vinicius de Moraes também cantou versos dedicados a outros temas. A rosa de Hiroshima é um exemplo de poema engajado, profundamente preocupado com o futuro do mundo e da sociedade.

Assim como Vinicius de Moraes escolha uma notícia e descreva ela em forma de poema.

3

Vitorino Nemésio

As obras de Vitorino Nemésio refletem inequivocamente a vivência açoriana imbuída ou mergulhada de religiosidade irônica e de pitoresco costumbrista que são para melhor entender maneirismos e costumes locais. Nas poesias percebe-se uma procura incessante da palavra e do sujeito. É fundamental o papel da memória e da saudade, assim como a obsessão da morte, a qual vai evoluindo de uma angústia profunda até uma aceitação pacífica e desassombrada.

ACORIANIDADE *

Não sei se chego a tempo com a minha colaboração para a *Insula* no V centenário do descobrimento dos Açores. É uma colaboração estritamente sentimental, uma espécie de minuto de recolhimento em meia dúzia de linhas.

Entendo que uma comemoração deste vulto deve ser, mesmo quanto a palavras, rigorosamente *monumental*, feita de estudos e reflexões que ajudem a consciência açoriana a tomar conta de si mesma e contribuam para que os Açores, como corpo autónomo de terras portuguesas (um autêntico viveiro de lusitanidade quatrocentista), entrem numa fase de actividade renovada, de reconstrução, de esforço humano e cívico. E neste momento, é-me impossível dar a mínima contribuição nesse sentido.

Quisera poder enfeixar nesta página emotiva o essencial da minha consciência de ilhéu. Em primeiro lugar o apêgo à terra, este amor elementar que não conhece razões, mas impulsos; — e logo o sentimento de uma herança étnica que se relaciona intimamente com a grandeza do mar.

Um espírito nada tradicionalista, mas humaníssimo nas suas tradições com um temperamento e uma forma literária cépticos, — o basco espanhol Baroja, — escreveu um livro chamado *Juventud, Ego-latría*: «O ter nascido junto do mar agrada-me, parece-me como um augúrio de liberdade e de câmbio». Escreveu a verdade. E muito mais quando se nasce mais do que junto ao mar, no próprio seio e infinitude do mar, como as medusas e os peixes. Era este orgulho feito de singularidade e solidão que levava Antero a chamar aos portugueses da metrópole os seus «quási patricios».

Uma espécie de embriaguez do isolamento impregna a alma e os actos de todo o ilhéu, estrutura-lhe o espírito e procura uma fórmula quase religiosa de convívio com quem não teve a fortuna de nascer, como o *logos*, na água. Daqui partiria o fio das reflexões que me agradaria desenvolver.

Meio milénio de existência sobre tufos vulcânicos, por baixo de nuvens que são asas e de bicharocos que são nuvens, é já uma carga respeitável de tempo, — e o tempo é espírito em *fieri*. Mais outro tanto, e apenas tocaremos metade da memorialidade de Vergílio.

Somos, portanto, gente nova. Mas a vida açoriana não data espiritualmente da colonização das ilhas: antes se projecta num passado telúrico que os geólogos reduzirão a tempo, se quiserem... Como homens, estamos soldados historicamente ao povo de onde viemos e enraizados pelo *habitat* a uns montes de lava que soltam da própria entranha uma substância que nos penetra. A geografia, para nós, vale outro tanto

* In *Insula*, n.º 7-8, Ponta Delgada, 1932.

como a história, e não é de balde que as nossas recordações escritas inserem uns cinquenta por cento de relatos de sismos e enchentes. Como as sereias temos uma dupla natureza: somos de carne e pedra. Os nossos ossos mergulham no mar.

Mas este simbolismo está muito longe de aludir com clareza aos segredos do ser açoriano, e mais parece um entretenimento literário do que um sério propósito de pôr o problema da nossa alma. Um dia, se me puder fechar nas minhas quatro paredes da Terceira, sem obrigações para com o mundo e com a vida civil já cumprida, tentarei um ensaio sobre a minha açorianidade subjacente que o desterro afina e exacerba. Antes desse dia de libertação íntima mal poderei fazer-me entender dos outros. Um aceno de ternura, um vago protesto de solidariedade insular a distância é o muito que estas linhas podem significar.

Coimbra (Cruz de Celas),

19 de Julho de 1932.

OBJETIVO

- Trabalhar o gênero artigo.

MÉTODO

- Explicar o que é artigo de opinião, levar o texto de Nemésio para fazer uma leitura e pedir para os alunos elaborarem um artigo.